



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

ALESSANDRA CAROLINE LUCIANO VITAL MONTEIRO DE OLIVEIRA

IDENTIDADES E ESPACIALIDADES DO CARIRI:
UM ESTUDO SOBRE O PODCAST BUDEJO

FORTALEZA
2024

ALESSANDRA CAROLINE LUCIANO VITAL MONTEIRO DE OLIVEIRA

IDENTIDADES E ESPACIALIDADES DO CARIRI:
UM ESTUDO SOBRE O PODCAST BUDEJO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito à obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Meios e Processos Comunicacionais.

Orientador: Prof. Dr. Ismar Capistrano Costa Filho.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- O45i Oliveira, Alessandra Caroline Luciano Vital Monteiro de.
Identidades e espacialidades do Cariri: um estudo sobre o podcast Budejo / Alessandra Caroline Luciano Vital Monteiro de Oliveira. – 2024.
235 f.: il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de PósGraduação em Comunicação, Fortaleza, 2024.
Orientação: Prof. Dr. Ismar Capistrano Costa Filho.
1. Podcast. 2. Mediações. 3. Identidade. 4. Cariri. 5. Budejo. I. Título.

CDD 302.23

ALESSANDRA CAROLINE LUCIANO VITAL MONTEIRO DE OLIVEIRA

IDENTIDADES E ESPACIALIDADES DO CARIRI:
UM ESTUDO SOBRE O PODCAST BUDEJO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito à obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Meios e Processos Comunicacionais.

Aprovada em: 28/08/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ismar Capistrano Costa Filho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Maria Érica de Oliveira Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Luana Viana e Silva
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Para Gilmar de Carvalho, mestre eterno, por ter
expandido o Cariri em mim, afetiva e
academicamente.

E para Maria de Lourdes Cândido, mestra dos
temas de barro, que hoje enfeita o céu.

AGRADECIMENTOS

A Deus - amor, energia e inteligência suprema.

A minha mãe, Marize, pela força inspiradora (lembro quando você fez mestrado e doutorado tanto para se qualificar, quando para proporcionar mais qualidade de vida para nós).

A Maria Luiza, minha filha, que chegou aos cinco de março de 2023 (no dia do aniversário do poeta Patativa do Assaré), no meio desta jornada acadêmica, mostrando que a vida não para. Minha força renovada, minha razão, meu caminho e destino, meu amor incondicional. Tudo por você.

A Serginho, pelo amor e companheirismo e por me proporcionar o máximo de conforto para conseguir concluir esta etapa.

Aos meus irmãos, pelo amor fraterno e leal.

Ao meu doce sobrinho Luquinhas.

Ao meu pai, saudade maior.

Às amigas Marcia Ximenes e Luana Amorim, que acompanham essa jornada desde a seleção, sempre me encorajando e sendo escuta afetiva para meus relatos agoniados.

Às babás de Maria, Márcia e Nikary, por cuidarem com tanto amor do meu bem mais precioso, me dando segurança para desconectar de casa e concentrar na escrita.

À família Aragão, em especial à cunhada Pricila, por sua consultoria acadêmica qualificada e gentil.

Ao Prof. Ismar, por ter me orientado com precisão, acolhendo minhas angústias e mudanças no projeto, e pela compreensão e encorajamento no turbilhão final.

Aos produtores do Budejo e aos ouvintes do grupo Budelovers, por serem inspiração para este projeto.

À equipe da Secretaria de Comunicação da UFC, meu porto seguro como servidora nesta tão amada Universidade.

Ao PPGCOM-UFC, em especial à secretária Alexandrina Oliveira, pela acolhida a esta servidora-acadêmica por quase quatro anos.

Ao Cariri, o centro do universo!

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar como o *podcast* Budejo apresenta o Cariri aos seus ouvintes através de episódios temáticos do programa sobre a região. O marco teórico se sustenta nas propostas sobre mediações de Jesús Martín-Barbero (2008), tomando especificamente em conta as noções de tecnicidades, identidades e espacialidades envolvidas na produção e produto do processo comunicativo estabelecido a partir do *podcast* em questão. Fazendo uma abordagem histórica dos *podcasts*, apoiamo-nos em autores como Luiz e Assis (2010); Vicente (2018); Avelar, Prata e Martins (2018); Viana (2020); e Bonini (2020). No desenvolvimento das propostas de mediações adotadas para a pesquisa, recorreremos a Maffesoli (2004); Martín-Barbero (2006; 2008; 2009; 2018); Santos (2006); Orozco Gómez (2006); Haesbert (2007); Ronsini (2010); Escosteguy e Sifuentes (2016); Bufarah (2020); Viana e Chagas (2021). O processo metodológico sustenta a perspectiva teórico-metodológica da teoria das mediações e adota os modos de endereçamento como o conceito metodológico (Ellsworth, 2001), utilizando os operadores de análise de organização temática, mediadores, papel social e recursos técnicos. Ao longo dos episódios analisados, demonstramos como o Budejo explora aspectos vinculados às identidades em sua diversidade religiosa, política, social, cultural, econômica, natural, entre outras – e às espacialidades, especialmente relativas ao espaço habitado (Martín-Barbero, 2018).

Palavras-chave: podcast; mediações; identidade; Cariri; Budejo.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo analizar cómo el podcast Budejo presenta la región Cariri en sus canciones a través de episodios temáticos del programa sobre esa región. El marco teórico se sustenta en las propuestas sobre medios de Jesús Martín-Barbero (2008), tomando específicamente en cuenta las nociones de tecnicismos, identidades y espacialidades involucradas en la producción y producto del proceso comunicativo establecido a partir del podcast en búsqueda. Haciendo una aproximación histórica a los podcasts, nos apoyamos en autores como Berry (2006); Luiz y Assis (2010); Luis (2014); Vicente (2018); Avelar, Prata y Martins (2018); Couto y Martino (2018); Medeiros y Prata (2019); Silva y Santos (2020); Viana (2020); Bonini (2020); Falcão y Temer (2021); Cardoso y Villaça (2022). Para desarrollar propuestas de investigación sobre medios recurrimos a Maffesoli (2004); Martín-Barbero (2006; 2008; 2009; 2018); Santos (2006); Orozco Gómez (2006); Haesbert (2007); Rezende (2007); Ronsini (2010); Carvalho (2011); Escosteguy y Sifuentes (2016); Kischinhevsky (2016); López (2018); Janay (2018, 2021); Salón (2019); Rincón, Jacks, Schimitz, Wottrich (2019); Bufara (2020); Viana (2021); Viana y Chagas (2021). El proceso metodológico el concepto de modos de abordaje (Ellswoarth, 2001), utilizando dos operadores de análisis de organización temática, mediadores, rol social y recursos técnicos. A lo largo de los episodios analizados, demostramos cómo Budejo explora aspectos vinculados a las identidades en su diversidad religiosa, política, social, cultural, económica, natural, entre otras –y a las espacialidades, especialmente las relativas al espacio habitado (Martín-Barbero, 2018).

Palabras clave: pódcast; mediaciones; identidad; Cariri; Budejo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Primeiro mapa metodológico das mediações (1987)	25
Figura 2 - Segundo mapa metodológico das mediações (1998/2003)	26
Figura 3 - Terceiro mapa metodológico das mediações (2009) – Mutações Culturais e Comunicativas Contemporâneas 1	27
Figura 4 - Quarto Mapa Metodológico das Mediações – 2017 – Mutações Culturais e Comunicativas Contemporâneas – 2	28
Figura 5 - Métricas do Budejo no Spotify	62
Figura 6 - Capa do episódio nº 8 – Pau da Bandeira: as tradições, o sagrado e o profano	65
Figura 7 - Capa do episódio nº 47 – Um passeio pelo Cariri, com Xico Sá	65
Figura 8 - Capa do episódio nº 77 – Padre Cícero: Entre o Cajado e o Bacamarte	66
Figura 9 - Capa do episódio nº 114 – Na despedida de Pedro voltamos a falar sobre o Cariri	66
Figura 10 - Capa do episódio nº 2 – Nas Asas do Sertão (Série Mestres do Vale Encantando: Tesouros Vivos do Cariri)	67

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	PODCASTS: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA	14
2.1	Os investimentos de um mercado em expansão	14
2.2	Do início em nichos à participação dos grandes conglomerados	17
3	MEDIAÇÕES: REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO	23
3.1	Os mapas de Martín-Barbero e as escolhas da pesquisa	23
3.2	Notas sobre um percurso metodológico	29
3.2.1	<i>Modos de endereçamento como operador metodológico</i>	30
4	TECNICIDADES E PODCASTS	34
4.1	Tecnicidades: evolução no pensamento de Martín-Barbero	34
4.2	Um olhar sobre as tecnicidades nos <i>podcasts</i>	38
5	IDENTIDADES E ESPACIALIDADES DO CARIRI	46
5.1	Identidades e espacialidades em uma micromídia	46
5.2	Que Budejo é esse? Apresentando o <i>podcast</i>	54
5.3	O Cariri no/do Budejo: operadores de análise de endereçamento nos episódios temáticos	64
5.3.1	<i>Organização temática</i>	67
5.3.2	<i>Mediadores</i>	84
5.3.3	<i>Papéis Sociais</i>	95
5.3.4	<i>Recursos Técnicos</i>	99
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
	REFERÊNCIAS	106
	APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA COM PRODUTORES DO BUDEJO	116
	APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES EPISÓDIOS TEMÁTICOS	143

1 INTRODUÇÃO

“Aqui... máscara é careta, chicote é macaca, bobagem é fiotagem, estilingue é baladeira, malcriado é maluvido, uniforme é farda, **quintal é terreiro**, verde é verdim, bolinha de gude é bila, e menino é cabinha.” (Trecho de Sou cabinha¹, de Gabriela Romeu)

São 29 municípios², 1.010.588 habitantes³, 17.390,30 quilômetros quadrados no sul do Ceará. E, subjetivamente falando, a mais longínqua lembrança resume-se a um terreiro de terra batida, em frente à casa de avós maternos, na zona rural da cidade de Jardim. Foi no Sítio Cotovelo, desde os poucos meses de vida que contava na primeira viagem, que o Cariri fez morada em mim. Não nascida, mas batizada na região, sinto-me parte dela, assim como carrego a certeza de que ela é uma parte – significativa e feliz – do que sou.

Entendo, deste modo, que o Cariri cearense pode “nascer”, para cada pessoa com quem guarda relação, de um pedaço de chão diferente. E pode também, nas infinitas possibilidades proporcionadas pelos meios de comunicação, fazer-se chegar mesmo à distância.

É a partir desta inquietação que se ergue a pergunta de pesquisa deste trabalho: Como o Cariri é apresentado pelo *podcast* Budejo aos seus ouvintes? O objetivo é de contribuir, a partir de uma experiência local, para as análises desta mídia relativamente recente, que experimenta um amplo crescimento no País e vem despertando esforços investigativos em diferentes áreas do conhecimento.

O *podcast* Budejo é composto por quatro integrantes de origem caririense: Ana Carolina Torres, professora de Sociologia da rede estadual de ensino; Luan Alencar, advogado

¹ Do livro Terra de cabinha – Pequeno inventário da vida de meninos e meninas do sertão.

² Conforme a Lei Estadual Complementar nº154, de 20 de outubro de 2015, a Região do Cariri é composta pelos seguintes municípios: Abaiara, Altaneira, Antonina do Norte, Araripe, Assaré, Aurora, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Campos Sales, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Lavras da Mangabeira, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi, Salitre, Santana do Cariri, Tarrafas e Várzea Alegre.

³ Conforme dados do Censo do IBGE de 2022. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2022/Previa_da_Populacao/POP2022_Municipios_2023062_2.pdf. Acesso em julho de 2024.

que hoje trabalha com edição de *podcasts*; Pedro Philippe e Vamille Furtado, jornalistas. Depois de exibir episódios semanais de março de 2019 a abril de 2024 sobre temas relacionados a cultura, política e questões sociais, o Budejo, com veiculação quinzenal desde maio, conta com a participação de convidados locais ou de reconhecimento nacional e traz discussões a partir das vivências e visões de seus produtores no Cariri.

Aos cinco anos e cinco meses de existência e com 200 episódios (até 25 de julho de 2024) acessíveis ao público nas principais plataformas de *streaming*, o destaque alcançado pela produção cearense é expresso inclusive em várias matérias da imprensa eletrônica (Guimarães, 2019; Farias, 2020; Carvalho, 2020; Cajueira, 2021; Nosso Meio, 2021; Lima, 2021; Vasconcelos, 2021). O contexto da criação e desenvolvimento do *podcast* caririense atravessa a evolução da própria mídia, cuja consolidação vem sendo reafirmada nos últimos anos através número crescente de produções, além de pesquisas de mercado e estudos acadêmicos.

Resultados do levantamento “A influência da publicidade digital no universo dos podcasts”⁴, desenvolvido pelo Instituto Advertising Brasil (IAB) em parceria com a Offerwise, mostram que, em 2021, 76% dos brasileiros ouviram *podcasts*. A referida pesquisa atualiza os dados de um estudo feito em 2019 pela IAB com a Ibope Inteligência⁵ e apresentado na Maratona Piauí CBN de *Podcasts*⁶ no mesmo ano, quando a proporção era de 40% dos brasileiros. No intervalo de dois anos foi registrado um aumento de 36 pontos percentuais entre os ouvintes do formato e, paralelamente, também a diferença na proporção entre pessoas que não conhecem *podcasts* no Brasil se mostrou significativa: em 2019, o número era de 32%; em 2021, baixou para 10%.

No âmbito acadêmico, uma raspagem de dados do Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) empreendida por Lopez et al. (2023) referente ao período de 2004 a 2021 revelou que foram realizadas 196 pesquisas sobre *podcasting* em diversas áreas do conhecimento nos cursos de pós-graduação brasileiros, sendo 182 dissertações e 14 teses doutorais.

Levantamento de Couto e Martino (2018) também partiu de busca realizada no Banco de Teses e Dissertações da Capes e mostrou que das 35 produções defendidas no período

⁴ Disponível em A influência da publicidade digital no universo dos podcasts (iabbrasil.com.br). Acesso em 20 de junho de 2022.

⁵ Disponível em Guia - Podcast Advertising - (iabbrasil.com.br). Acesso em 21 de junho de 2022.

⁶ Um detalhamento da pesquisa foi divulgado em matéria do site da Revista Piauí (QUATRO, 2019).

de 2006 a 2017, 14 foram desenvolvidas em programas de pós-graduação em Comunicação ou áreas afins.

Outra importante investigação, empreendida por Viana (2020), traçou um panorama do estado da arte sobre *podcasts* em pesquisas relacionadas aos estudos de rádio e mídia sonora em eventos nacionais da área de Comunicação. A autora identificou 34 trabalhos no período de 2004 – ano em que surge o primeiro *podcast* – até 2019. Em sistematização sobre características dos *podcasts* citadas pelos autores, Viana (2020) dividiu as aparições em três categorias: audiência, produção e transmissão.

Em coleta realizada na base de pesquisa Web of Science, Avelar, Prata e Martins (2018) contabilizaram 669 produções que traziam o termo *podcast* no período de 2005 a 2017. Entre artigos, trabalhos de congressos, materiais editoriais, resumos expandidos, novos itens, revisões e cartas, as pesquisas foram agrupadas por áreas científicas. Educação (34%), Ciências da Computação (12%) e Engenharia (7,7%) ocuparam as três primeiras posições entre os campos que mais publicaram trabalhos sobre *podcasts*. A Comunicação, com 4,9% das publicações, dividiu o sétimo lugar com a Saúde Ocupacional.

Os resultados do estudo empreendido por Avelar, Prata e Martins (2018), em plataforma que abrange dados globais, dialogam com os elementos apresentados por Couto e Martino (2018), que se dedicaram a investigar as produções acadêmicas sobre *podcasts* no Banco de Teses e Dissertações da Capes no intervalo compreendido entre os anos de 2006 e 2017.

Das pesquisas encontradas, 15 foram desenvolvidas em programas de pós-graduação com área de concentração em Educação e nove em Letras e Linguística. Enfermagem, Química Biológica, Engenharia e Gestão Social, Educação e Desenvolvimento foram representadas com um trabalho cada. Para o campo da Comunicação, que reuniu 15 trabalhos, os autores agruparam programas de áreas afins, como Imagem e Som, Mídias e Tecnologia da Inteligência.

O local de produção da maior parte das teses e dissertações sobre *podcast* levantadas chamou a atenção dos autores, que avaliaram que os Programas de Pós-Graduação em Comunicação ou de áreas afins seriam “lugar – na falta de palavra melhor – ‘esperado’” para o desenvolvimento das pesquisas (Couto e Martino, 2018, p. 51). A ocorrência de trabalhos em espaços relativamente distantes dos “estudos de mídia”, no entanto, também foi ponderada criticamente. Para os autores, a questão não diz respeito à indicação “mais ou menos arbitrária que este ou aquele objeto específico pertence ou não a um campo de estudos, mas delinear como cada área procura olhar os objetos e temas a partir de um modo específico de compreendê-lo”.

Deste modo, não haveria temas preliminarmente entendidos como “de Comunicação”, mas com possibilidade de serem desenvolvidos a partir de apropriações e análises da referida área (Couto e Martino, 2018, p. 52)

No artigo de Avelar, Prata e Martins (2018) a relação dos *podcasts* com diferentes áreas também foi estabelecida a partir da elaboração, por meio do software CitNetExplorer, de *clusters* que reuniram trabalhos com as 100 publicações mais citadas sobre a mídia. Nomeados de acordo com os assuntos aos quais os estudos se relacionaram, foram constituídos, em ordem decrescente em número de trabalhos, os clusters de Tecnologia e Educação; *Podcast* e Saúde; e *Podcast* e Rádio.

Temas emergentes sobre a mídia também foram apontados pelos pesquisadores. Nesse âmbito, os termos “mídia social” e “participação política” foram também representados em *clusters* que indicaram, no primeiro caso, a ligação íntima dos *podcasts* com redes sociais e novas formas de educação e comunicação; e, no segundo, a proximidade entre participação política, mídia móvel e rádio.

Diante deste cenário, consideramos importante empreender um estudo numa perspectiva que contemple o *podcast*, na área da Comunicação, a partir de um olhar regional. Neste sentido, empreendemos esta pesquisa na intenção de analisar, como objetivo geral, o desenvolvimento temático do Budejo sobre a região do Cariri. Para alcançar tal propósito, delimitamos os objetivos específicos no propósito de compreender a importância do *podcast* enquanto micromídia e de examinar a evolução técnica do *podcast* Budejo.

O referencial teórico é apoiado nas propostas sobre mediações elaboradas por Jesús Martín-Barbero (2008) através de sua produção mais célebre, *Dos meios às mediações* – lançada originalmente em 1987 –, das constantes atualizações realizadas em introduções às novas edições da obra e em outros artigos e entrevistas do autor que se debruçam sobre as relações entre comunicação, cultura e política.

Já para a metodologia, recorreremos à perspectiva teórico-metodológica dos modos de endereçamento, que podem ser compreendidos como "interpelações e convites dos meios aos receptores para gerar um pertencimento entre produto e audiência" (Costa Filho; Marques, 2015, p. 221). Delimitou-se para a pesquisa cinco episódios temáticos do Budejo sobre o Cariri, compreendendo cada ano do *podcast* no período de 2019 a 2023, e trabalhando-os a partir de quatro operadores de análise, a saber: organização temática, mediadores, papéis sociais e recursos técnicos.

A apresentação dos capítulos que dão sequência a esta introdução é iniciada com o de título “*Podcasts: uma abordagem histórica*”, no qual é explorada uma trajetória da mídia a

partir do reconhecimento dos investimentos do mercado de *podcasts* e de um surgimento marcadamente delimitado em nichos até a exploração por grandes conglomerados midiáticos.

Em “Mediações: referencial teórico e metodológico”, detemo-nos na apresentação dos mapas de Jesús Martín-Barbero para, em seguida, justificar as escolhas da pesquisa, expondo o percurso metodológico adotado com base no conceito de modos de endereçamento.

No capítulo “Técnicas nos *podcasts*”, exploramos a mediação de técnicas proposta pelo autor hispano-colombiano a partir de diálogo com outros autores. A abordagem também apresenta o *podcast* a partir de tal mediação e passa, sobretudo, pelos usos da mídia no âmbito de sua história no contexto do rádio expandido (Kischinhevsky, 2016), pelo processo de digitalização e pela oralidade como operador perceptivo dos *podcasts*.

Chegamos ao último capítulo, “Identidades e espacialidades do Cariri”, para explorar as mediações de identidades e espacialidades numa relação com o *podcast* enquanto micromídia. A partir de tal contexto, apresentamos o Budejo, expondo dados sobre criação e produção do *podcast* a partir de entrevista realizada com produtores do programa. Por fim, parte-se para a análise do Cariri nos episódios temáticos do Budejo sobre a região, utilizando-se dos operadores de organização temática, mediadores, papéis sociais e recursos técnicos.

2 PODCASTS: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

O presente capítulo se dispõe a articular uma abordagem histórica sobre *podcasts*, com destaque para o cenário brasileiro. Para isso, são traçadas referências temporais à mídia tomando-se como ponto de partida não-cronológico o ano de 2019. A escolha deu-se em referência ao ano de estreia do objeto da presente pesquisa, o *podcast* Budejo, criado por jovens da região do Cariri, no sul do Ceará. Tal ano – apesar de não ser o único – também foi apontado por muitos produtores do formato como “ano do *podcast* no Brasil”.

Os dados aqui apresentados, longe de abarcar toda a complexidade dos primeiros anos da história da mídia, serão desenvolvidos a partir de dois contextos: a trajetória de investimentos no mercado de *podcasts*; e a evolução do *podcast* como meio de nicho a produto explorado por grandes conglomerados de mídia.

No primeiro tópico, considerando a conjuntura brasileira no mercado – evidenciada por alcançar destaque entre os países que mais consomem a mídia – serão apresentados, entre outros dados, os renovados investimentos no formato por empresas de tecnologia e plataformas de *streaming*.

Já o segundo contexto vai abordar o desenvolvimento da produção de *podcasts* no Brasil através da identificação de um percurso que parte de uma produção marcadamente independente e nichada até a exploração do formato por grandes empresas de comunicação brasileiras.

2.1 Os investimentos de um mercado em expansão

A chamada *podosfera* brasileira – como se convencionou nomear o ambiente criado em torno da produção nacional de *podcasts* – experimentou um aumento da expectativa de crescimento e popularização do formato desde o lançamento e do relevante sucesso da produção norte-americana *Serial*⁷, em 2014. Apesar de não haver registro preciso sobre quando e quem passou a anunciar “o ano do *podcast* no Brasil”, a “brincadeira” entre *podcasters* adquiriu

⁷ Apresentado pela jornalista Sarah Koenig, *Serial* estreou em outubro de 2014. No ano seguinte, alcançou 75 milhões de downloads (Bonini, 2020). Ao longo de três temporadas, tratou sobre casos reais de crimes e estreou com a história de Adnan Sayd, condenado, aos 17 anos, a prisão perpétua pela morte da ex-namorada, ocorrida em 1999. Neste ano, *Serial* – que apontou inconsistências na condenação de Sayd na primeira temporada, lançou, em 20 de setembro, o episódio “Adnan is out”, que trata sobre a anulação da condenação do mulçumano (Luca, 2022). Contabilizando mais de 300 milhões de downloads, a produção já ganhou diversos prêmios de jornalismo, como DuPont-Columbia, Scripps Howard, Edward R. Murrow e Peabody.

relevos consistentes em 2019, quando alguns fatores sinalizaram o fortalecimento da mídia no País (Souza, Fort, Bolfe, 2020; Janay, 2021; Falcão, Temer, 2021). Nesta pesquisa, associamos este marco temporal à escolha do próprio objeto de estudo em questão: o Budejo foi criado em 2019 e, por isso, além do que se segue, é que exploramos o ano de 2019 como de exponencial destaque para esta mídia.

Um dos exemplos da relevância do cenário nacional naquele ano foi a escolha, pela plataforma de *streaming*, originada na Suécia, Spotify, em promover, no Brasil, o primeiro evento da empresa voltado exclusivamente para *podcasts*. Realizado nos dias 1º e 2 de novembro de 2019, em São Paulo, o *Spotify for Podcasters Summit* reuniu cerca de mil pessoas – entre produtores, marcas e público em geral – para discutir temas relacionados ao processo de criação, produção e monetização do formato (Spotify, 2019).

A decisão da sede do evento inédito não foi à toa: atrás somente dos Estados Unidos, o Brasil figurava em segundo lugar no ranking mundial de consumo de *podcasts* revelado pela pesquisa *Podcast Stats Soundbites*, apresentada na ocasião. Executivos do Spotify também divulgaram dados que apontaram crescimento médio de 21% ao mês do consumo da mídia na ferramenta em território nacional desde janeiro de 2018 (Fonseca, 2019).

No mesmo ano, a empresa sueca já tinha feito outras apostas para reforçar os investimentos no formato: em fevereiro, adquiriu a Gimlet Media – empresa com foco em criação de conteúdo – e a Anchor, dedicada à tecnologia e publicação, e, em agosto, anunciou o *Spotify for Podcasters*, ferramenta que permite aos produtores saberem, dentre outras informações, sobre perfil do público e episódios mais populares (Merigo, 2019; Trindade; 2019).

Ainda em 2019, a Voxnest, empresa de tecnologia de áudio especializada em soluções para *podcasts*, divulgou o levantamento *State of the Podcast Universe Report* (2019), no qual apresentou um ranking com os dez países onde a criação de *podcasts* cresceu de forma significativa numa comparação dos resultados de janeiro e novembro de 2019. O Brasil apareceu em segundo lugar nesta lista, com um crescimento de 85,45%, atrás somente da Argentina. O mesmo relatório indicou, ainda, que o português foi o idioma que mais cresceu na mídia (com 91,13%), numa relação direta com a posição brasileira entre os países que registraram maior aumento na produção de conteúdo e no número de ouvintes.

Atento ao exponencial desenvolvimento do formato, outras companhias de tecnologia e *streaming* demonstraram interesse nos *podcasts* através de investimentos concretos. A Google, por exemplo, anunciou, em 2019, a indexação de *podcasts* nos seus resultados de busca (Mongon, 2019). No mesmo ano, a empresa desenvolveu o *Google*

Podcasts Program Creators, um “programa de criadores” cuja seleção foi lançada mundialmente em dezembro de 2018 com o objetivo de oferecer a produtores da mídia mentoria, financiamento e um treinamento de 20 semanas. A primeira turma, que contou com seis projetos selecionados, teve a participação do brasileiro 37 Graus, que teve sete temporadas, de outubro de 2018 a julho de 2023, e abordava temas diversos a partir de uma perspectiva científica e era produzido pela jornalista Bia Guimarães e pela bióloga Sarah Azoubel (Autran, 2018; 37 Graus, 2019; Trindade, 2019).

Em 2020, a Amazon estabeleceu os primeiros movimentos para adentrar o mercado de *podcasts*: em setembro passou a disponibilizar *podcasts* na plataforma *Amazon Music* para Alemanha, Estados Unidos, Japão e Reino Unido. A novidade chegaria aos usuários do serviço de *streaming* do Brasil e do México em novembro (Blasi, 2020). No mesmo ano, em dezembro, a empresa anunciou a compra da rede de *podcasts* Wondery numa tentativa de competir diretamente com o Spotify na produção de conteúdos originais (Silva, 2020).

O serviço de *streaming* sueco, por sua vez, seguiu demonstrando, ano após ano, que o interesse em liderar o mercado de *podcasts* era uma prioridade. Os esforços traduziram-se numa sequência de aquisições de empresas do ramo. Em 2020, o serviço de *streaming* comprou a Megaphone, especialista no desenvolvimento de tecnologia para inserção publicitária direcionada em *podcasts* (Lavado, 2020). Em 2021, foram adquiridas quatro companhias da área: Whooshkaa, Podz, Findaway e Locker Room (Coutinho, 2022).

Até outubro de 2022, além da compra de outras três organizações⁸, o Spotify anunciou, em abril, a disponibilização do recurso de *podcast* com vídeo para criadores de conteúdo dos Estados Unidos, Canadá, Nova Zelândia, Austrália e Reino Unido e a expansão, em julho, para *podcasters* do Brasil, Alemanha, França, Itália, Espanha e México (Coutinho, 2022; Huertas, 2022; Medeiros, 2022). O ano também marcou a criação de um conselho consultivo de segurança da plataforma, com o objetivo de analisar o comportamento de criadores de conteúdo⁹.

Importa também demarcar o cenário de concorrência direta do Spotify com a Apple, companhia precursora no mercado de *podcasts* no mundo. No Brasil, diante de um mercado em que 86% dos usuários de celular utilizam o sistema Android, 62,4% das reproduções de

⁸ Em fevereiro, foram adquiridas as empresas Podsigns e Chartable (Coutinho, 2022), voltadas, respectivamente, para medição de publicidade por anunciantes e conhecimento e aumento do público por produtores. A Kizen, comprada em outubro, já era parceira da plataforma de streaming desde 2020 para análise de conteúdo danoso e discurso de ódio em podcasts.

⁹ A decisão foi resultado da repercussão do caso do podcast de Joe Rogan, que divulgou fake News sobre o potencial das vacinas de covid-19 no início de 2022 (Medeiros, 2022).

podcasts foram feitas no Spotify, enquanto 19,7% se deram no Apple Podcasts (Voxnest, 2019). Diante dos contínuos investimentos do Spotify, projeções apontavam que, em 2021, a plataforma sueca deveria ultrapassar a líder Apple em número de ouvintes nos Estados Unidos (Poder360, 2021). Pesquisa realizada on-line entre os dias 29 e 31 de outubro de 2022 no país (Morning Consult, 2022)¹⁰ comprovou a previsão: dos 2202 respondentes, 24% apontaram o Spotify como plataforma usada para escutar *podcasts* – figurando em segundo lugar na preferência dos ouvintes, enquanto a Apple Podcasts registrou 12% da preferência, ficando na terceira colocação. O YouTube é o líder em audiência para a mídia, com 33% de público. Demais plataformas, como Pandora e Amazon Music, concentram os demais ouvintes.

No Brasil, o Spotify continuou demonstrando interesse nos investimentos na mídia e, em novembro de 2023, realizou o primeiro Spotify *Podcast Festival*, em São Paulo, evento de apresentações ao vivo de *podcasts* de destaque, como os exclusivos da plataforma Mano a Mano – de Mano Brown – e Café da Manhã – em parceria com o grupo Folha de São Paulo; e outros de grande audiência, como Nerdcast, PodDelas e Modus Operandi (Spotify, 2023).

Tais ações demonstram estar intimamente conectadas à significativa audiência brasileira de *podcasts*. Dados do levantamento Global Overview Report¹¹ (2023) mostram que, com uma população de 215,8 milhões de pessoas, o Brasil tem 181,8 milhões de usuários de internet, o que representa 84.3% de sua população. Destes usuários, 42,9% com idade entre 16 e 64 anos revelam ouvir *podcasts* a cada semana. Os números colocam o País na primeira colocação em número de ouvintes, à frente da Indonésia, México, Suécia, África do Sul, Irlanda, Noruega, Dinamarca e Estados Unidos, que aparecem na sequência.

O destacado interesse do mercado aponta, na perspectiva desta pesquisa, para um necessário levantamento sobre o desenvolvimento dos *podcasts* desde sua criação, como se apresenta a seguir.

2.2 Do início em nichos à participação dos grandes conglomerados

Quando o jornalista e consultor de tecnologia Ben Hammersley teve o artigo *Audible Revolution* publicado no jornal britânico *The Guardian*, em fevereiro de 2004, e sugeriu o uso do termo “*podcasting*”, para o um “novo *boom* do rádio amador” (Hammersley, 2004)

¹⁰ Disponível em: https://assets.morningconsult.com/wp-uploads/2023/01/10153744/2210197_crosstabs_MC_SPORTS_PODCAST_PREFERENCES_Adults.pdf, acesso em 12 de março de 2024.

¹¹ Disponível em <https://datareportal.com/reports/digital-2023-global-overview-report>. Acesso em 20 de março de 2024.

que se anunciava a partir da combinação dos tocadores de MP3 – como o iPod da Apple, softwares acessíveis de gravação e edição de áudio e os já consolidados blogs na Internet, talvez não previsse a utilização da expressão para designar um processo que surgiria, de fato, em agosto do mesmo ano (Berry, 2006; Vicente, 2018).

Passados seis meses da previsão do britânico, foi um ex-VJ da MTV norte-americana que inovaria a distribuição de arquivos de áudio pela Internet. Adam Curry lançou o *Daily Source Code*, produção pioneira do processo de *podcasting*, a partir da parceria com Dave Winer (Berry, 2006). Através do software Really Simple Syndication (RSS), a distribuição do programa de Curry era feita por meio de uma assinatura pelo iTunes, aplicativo vinculado ao player da Apple que inspirou a nomenclatura preconizada por Hammersley. “É essa prática da assinatura de conteúdos de mídia por meio do RSS para posterior download que recebeu a denominação de *podcasting*” (Vicente, 2018, p. 90).

Como mostraram Luiz e Assis (2010), o Brasil não demorou a aderir à novidade. Os autores apontaram o Digital Minds, surgido a partir do blog homônimo de Danilo Medeiros, como o primeiro *podcast* brasileiro, iniciado em 20 de outubro de 2004. No mesmo ano, surgiram ainda o *Podcast* do Gui Leite, em novembro; e os *podcasts* Perhappiness e Código Livre, em dezembro.

O ano seguinte foi marcado, inicialmente, pela estreia de mais programas, no entanto também testemunhou o que os autores chamaram de “*podfade*”, o fim de vários projetos no Brasil e no mundo (Luiz e Assis, 2010). Ainda assim, produtores brasileiros da mídia promoveram, em dezembro, a primeira edição da Conferência Brasileira de *Podcast* (PodCon Brasil), em Curitiba. No evento, foi constituída a Associação Brasileira de *Podcasters* (ABPod), ainda em atividade.

Entre o chamado “*podfade*”, que durou até meados de 2006, e o ano de 2008, a *podosfera* brasileira deu indícios de uma etapa de retomada de crescimento. Além do surgimento de novos programas, outros exemplos que sinalizaram essa fase foram a realização da primeira edição do Prêmio *Podcast* e a inclusão da categoria “*podcast*” nos prêmios iBest e Best Blogs Brazil (Luiz e Assis, 2010).

Em outro texto, Luiz (2014) aponta um importante dado complementar na reconstituição do percurso inicial da mídia em cenário nacional: “a ausência, com poucas exceções, de grandes empresas de mídia produzindo *podcasts* no Brasil” (Luiz, 2014, p. 13). Para o pesquisador, as referências a *podcast* pelas empresas não costumavam representar o que ele defende como conceito básico da prática de *podcasting*, uma vez que os programas de áudio

disponibilizados não apresentavam regularidade e nem poderiam ser baixados por RSS ou download¹². Neste sentido, ele argumentou que

O fato de a maioria dos podcasts brasileiros surgir por iniciativas pessoais e voltadas a nichos não valorizados pela “mídia de massa” faz com que dê suporte para o acesso à comunicação de setores que outrora eram marginalizados nesse contexto. Esse espírito faz com que a “*podosfera*” brasileira possua diversas iniciativas de suporte mútuo, inclusive entre programas que poderiam ser considerados como “concorrentes”. (Luiz, 2014, p. 13)

Os primeiros anos do *podcast* no Brasil podem ser localizados mais fortemente em uma das perspectivas que o estudioso italiano Bonini (2020) identifica desde o surgimento da mídia. Para o autor, a evolução do *podcast*, desde sua criação, segue duas direções: amadora, sem fins lucrativos, e comercial, com fins lucrativos. As primeiras produções nacionais podem ser aludidas, como se viu por meio de Luiz (2014), na primeira opção.

Sobre esta trajetória, Bonini (2020) argumentou ainda que os *podcasts* passaram de uma fase introdutória marcada, desde seu surgimento, por uma complementaridade ao rádio para, numa “segunda era do *podcasting*”, firmar-se como “um mercado alternativo, que caminha para a profissionalização da produção e a normalização do consumo” (Bonini, 2020, p. 15). Para o autor, o marco para o desenvolvimento deste novo tempo para a mídia remete ao ano de 2012, nos Estados Unidos, com a decisiva atuação de produtores de rádios públicas e a partir do lançamento de modelos de negócio, especialmente por meio de financiamento coletivo entre os ouvintes.

Neste ambiente, a referência é o podcast *Serial*, uma produção de 12 episódios da ex-produtora do programa *This American Life* (da rádio pública NPR), Sarah Koenig. Lançado em 2014, o programa já contava com 72 milhões de downloads em 2015. Os números do alcance de *Serial* representam, para Bonini (2020, p. 25), a transformação da tecnologia de distribuição de áudio em *mainstream*, tornando-o um “meio de massa”.

O que está acontecendo com o *podcasting*, 11 anos após sua invenção, é a sua transformação de um meio de nicho, amador, “faça-você-mesmo”, para um meio comercial massivo: do *narrowcasting* ao *broadcasting*. Esta invenção, que tem sido adotada por cidadãos como uma ferramenta de expressão e por serviços públicos como um canal adicional para atender os contribuintes e doadores, agora definitivamente entrou no mercado, seguindo a mesma história do rádio, quando a radiodifusão em ondas hertzianas foi adotada pelas corporações americanas, transformando-se numa atividade comercial. (Bonini, 2020, p. 28,29)

¹² Faz-se importante demarcar que, na época de produção do texto de Luiz (2014), a prática de escuta a partir de plataformas de streaming ainda não era consolidada no Brasil.

Ao impacto de *Serial*, somou-se o *podcast* diário de notícias do jornal norte-americano New York Times. *The Daily*, que estreou em 2017, alcançou, em 2019, uma audiência de 2 milhões de ouvintes diários. No Brasil, a influência das duas produções estadunidenses afetou, sobretudo, a movimentação de grandes empresas de mídia. Em 2017, o Estadão Notícias foi o primeiro programa jornalístico diário a estreiar na “*podosfera*”. Outros *podcasts* jornalísticos (não diários) de empresas consolidadas surgiram em 2018: o Foro de Teresina, ligado à revista Piauí, e O Presidente da Semana, do grupo Folha de São Paulo, também são apontados como importantes para o cenário que proporcionaria, a 2019, a alcunha de “o ano do *podcast* no Brasil” (Falcão e Temer, 2021).

Um dos lançamentos expressivos teve estreia em 1º de janeiro de 2019: numa parceria com o Spotify, a Folha lançou seu *podcast* jornalístico que vai ao ar de segunda a sexta-feira. O Café da Manhã, disponível exclusivamente na plataforma de *streaming* sueca e no site da Folha, tornou-se sucesso de audiência, figurando entre os mais ouvidos do ano (Silva e Santos, 2020). O crescente interesse do grupo na mídia expressou-se também na criação, também em 2019, de uma editoria de *podcasts*¹³ e, na constatação – numa referência à expressão chistosa dos *podcasters* – de que aquele teria sido “o ano do *podcast* na Folha” (Vizeu, 2019). Com outros títulos no portfólio, o último grande sucesso do grupo ficou a cargo do *podcast* A Mulher da Casa Abandona, série de 7 episódios que foi ao ar nos meses de junho e julho de 2022. Escrita e apresentada pelo jornalista Chico Felitti, a produção registrou quase 7 milhões de downloads de seus seis primeiros episódios¹⁴ (Folha de São Paulo, 2022).

Numa ação que parecia indicar a busca de recuperação de um tempo perdido, o grupo Globo lançou, em agosto de 2019, nove *podcasts* ligados ao site G1, à GloboNews e ao Jornalismo da Globo¹⁵ (G1, 2019). Primeiro a abrir a série de estreias, O Assunto, conduzido primeiramente pela jornalista Renata Lo Prete e desde novembro de 2022 por Natuza Nery, foi ao ar a partir de 26 de agosto, com episódios de segunda a sexta-feira. Supostamente tardio, o debute da produção não impediu que o *podcast* também se destacasse em listas de mais ouvidos de 2019 (Silva e Santos, 2020).

¹³ Podcasts produzidos pela Editoria de Podcasts da Folha: Café da Manhã, Boletim Folha; A Mulher da Casa Abandonada; Sufrágio; Deus te ouça; Expresso Ilustrada; Rádio Folhinha; Ilustríssima Conversa; Minhas vagas, minhas regras; Meu Inconsciente Coletivo; Eleições 2022; Presidente da Semana, Habitat; Folha na Sala; As Modas e Comportamentos; Do Lado Direito do Peito; Cara Pessoa (Folha de São Paulo).

¹⁴ Os números de downloads do referido *podcast* foram divulgados em matéria da Folha de São Paulo em julho de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/07/podcast-a-mulher-da-casa-abandonada-lidera-rankings-e-acumula-milhoes-de-downloads.shtml>. Acesso em: setembro de 2022.

¹⁵ O Assunto foi o primeiro a estreiar, em 26 de agosto. Também estrearam, na sequência, Isso é Fantástico; Hub GloboNews; Bem Estar; Papo de Política; Desenrola, Rio; Resumão; GloboNews Internacional; O Tema É (G1, 2019).

A conjuntura brasileira dos últimos anos evidencia a concentração de esforços de grandes conglomerados midiáticos no sentido de tornar massivo o consumo de *podcasts*. Para Cardoso e Villaça (2022, p. 123) “parece inevitável o contínuo crescimento de *podcasts* vinculados às tradicionais empresas de comunicação que contam com megaestruturas para divulgar e arregimentar ouvintes”.

Em outra frente, os *podcasts* independentes apostam na segmentação de conteúdos para conquistar e fidelizar ouvintes e, deste modo, garantir sustentabilidade aos projetos. Medeiros e Prata (2019) indicam o atendimento a demandas específicas do público como um dos fatores para o estabelecimento da “relação de proximidade” entre os programas e suas audiências. Neste sentido, os autores traçam um paralelo com a própria história do rádio, que, em sua origem, registrava a formação de clubes de ouvintes filiados que pagavam mensalidades para a manutenção das emissoras pioneiras.

Os *podcasts* parecem retomar essa prática graças à vinculação construída com seus ouvintes. A busca por alternativas de arrecadação, que passa, por exemplo, pelas plataformas de financiamento coletivo, mostra-se imprescindível “para viabilizar o aperfeiçoamento nas técnicas e distanciamento do amadorismo inicial sem perder a independência criativa” (Medeiros; Prata, 2019, p. 13 e 14).

É nesta perspectiva que se acredita – mesmo frente à desproporcional investida da grande mídia, que

talvez sempre haja espaço para criativos e diferentes modelos de produção e de distribuição de *podcasts*, como o mercado já demonstrou. Citam-se neste contexto *podcasts* desenvolvidos por instituições acadêmicas ou mesmo aqueles adotados pelos amadores independentes e que terão plataformas gratuitas e espaços delimitados pela própria audiência, mas manterão características de mídia alternativa. (Cardoso e Villaça, 2022, p. 123)

É o que se identifica, exemplificativamente, numa sondagem sobre o perfil de ouvintes de *podcast* no Brasil, divulgado em março de 2020, pela Associação Brasileira de *Podcasters* – ABPOD (2020). Num levantamento que registrou 16.713 respostas válidas colhidas através de formulário eletrônico no período de 21 de outubro a 15 de dezembro de 2019, a PodPesquisa apontou, entre outros elementos, a relação dos programas mais ouvidos pelos brasileiros. Entre os 100 primeiros, foram identificadas quatro produções cearenses independentes: em atividade desde 2006, o Rapaduracast figurou na 16ª posição; Chá com Rapadura, criado em 2016, ocupou a 44ª colocação; Indo e Voltando integrou a 49ª; e, por fim, o Budejo – tema desta pesquisa – surgiu na 99ª posição.

A presença de um então recém-criado *podcast* do Cariri cearense na lista dos mais ouvidos do ano chama a atenção para o potencial desta mídia para produtores independentes e aponta o trajeto teórico-metodológico da presente pesquisa, o qual apresentamos a seguir.

3 MEDIAÇÕES

Apresentaremos, neste capítulo, a proposta de mediações de Jesús Martín-Barbero (2008) ao longo de sua produção intelectual no intuito de sublinhar as escolhas teóricas e metodológicas da presente pesquisa. Fundamentamos, ainda, o caráter qualitativo da investigação, além de apontar os delineamentos necessários para a análise do objeto em questão através da exposição de conceitos, procedimentos e ferramentas metodológicas adotados para o estudo.

3.1 Os mapas de Martín-Barbero e as escolhas da pesquisa

A publicação da obra mais célebre do pesquisador Jesús Martín-Barbero – *Dos Meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia* –, em 1987, inscreve-se na produção intelectual da América Latina como um marco para consolidar um movimento que anunciava uma ruptura: já não era possível pensar a comunicação enquanto um processo restrito a estratégias de dominação. Limitado, o panorama se confinava à relação entre emissores dominantes e receptores dominados, “sem o menor indício de sedução nem resistência, e na qual, pela estrutura da mensagem, não atravessavam os conflitos nem as contradições e muito menos as lutas” (Martín-Barbero, 2008, p. 27).

Em processo “intuitivo”, o autor já sinalizava uma resistência à visão hegemônica, protagonizada pelas pesquisas funcionalistas norte-americanas, de estudos dos efeitos dos meios. Para o filósofo espanhol naturalizado colombiano, não seria possível falar em influência sem colocar em relevo a relação das pessoas com as mídias, ou seja, de que modo se configuravam os usos sociais dos meios (Martín-Barbero, 2000, p. 154). É neste sentido que ele apresenta a metáfora de “perder” o objeto para encontrar o caminho “do movimento social na comunicação, a comunicação em processo” (Martín-Barbero, 2008, p. 280) e aponta:

Assim a comunicação se tornou para nós questão de mediações mais do que de meios, questão de cultura e, portanto, não só de conhecimentos mas de reconhecimento. Um reconhecimento que foi, de início, operação de deslocamento metodológico para rever o processo inteiro da comunicação a partir de seu outro lado, o da recepção, o das resistências que aí têm seu lugar, o da apropriação a partir de seus usos. (Martín-Barbero, 2008, p. 28)

Ainda que os primeiros estudos baseados em *Dos Meios às Mediações* tenham privilegiado, como se vê no trecho acima demarcado – de rever o processo comunicativo a

partir da recepção – há de se destacar, no entanto, que a perspectiva teórica de Martín-Barbero não se restringe somente a esta etapa: ela comporta o processo inteiro de comunicação. Como observa Lopes (2018), como noção movente e plural, mediação abarca tanto os processos da produção, do produto, como o da recepção.

Como sintetiza o próprio pensador, “mediação significava que entre estímulo e resposta há um espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana” (Martín-Barbero, 2000, p. 154). Por meio deste entendimento, o autor defende que não há como medir a importância dos meios em si mesmos sem considerar “toda essa bagagem de mundo, da vida, da gente” (Martín-Barbero, 2000, p. 154).

A proposta é compreender a natureza comunicativa da cultura, capaz de constituir-se enquanto processo produtor de significações. Deste modo, não poderia haver apenas circulação de informações: a partir de suas vivências, o receptor não seria “um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor” (Martín-Barbero, 2008, p. 289). Conforme reforça Jacks (1996, p. 17), “os ‘usos’, portanto, são inalienáveis da situação sociocultural dos receptores, que reelaboram, ressignificam, ressemantizam os conteúdos massivos conforme sua experiência cultural, suporte das apropriações”.

Martín-Barbero (2008) propõe, com o propósito de “questionar as mesmas coisas – dominação, produção e trabalho – mas a partir do outro lado: as brechas, o consumo e o prazer”, a metáfora de um mapa noturno “que não sirva para a fuga, e sim para o reconhecimento da situação a partir das mediações e dos sujeitos” (2008, p. 290). O autor aponta, no mapa noturno elaborado em 1987, tomando como “objeto” a televisão na América Latina, três lugares de mediação: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural.

A partir do texto de introdução de 1987 de *De los medios a las mediaciones*, Lopes (2018) desenha o “primeiro mapa metodológico das mediações”, que propõe uma abordagem epistemológica da comunicação a partir da cultura, ou o estudo das mediações culturais da comunicação. Conforme a autora, neste mapa (Figura 1), as “mediações fundantes” (comunicação, cultura e política) remetem a dois eixos, um diacrônico, articulando matrizes culturais e formatos industriais, e um sincrônico, entre lógicas da produção e competências de recepção:

Figura 1 - Primeiro mapa metodológico das mediações (1987).



Fonte: Lopes (2018).

Conforme Sifuentes e Escosteguy (2016), Martín-Barbero apresenta, em 1990, três novas mediações no artigo *De los medios a las practicas: socialidade, ritualidade e tecnicidade*.

A primeira delas, a socialidade, o autor define como aquilo que excede à razão institucional na sociedade, “é a trama formada pelos sujeitos e atores em suas lutas para redesenhar a ordem, mas também suas negociações cotidianas com o poder e as instituições”. Com a segunda, o autor avalia que as práticas sociais duradouras necessitam de forma, ou seja, de uma rotina que regularize sua ocorrência, a que chama de ritualidade. Essa seria, então, a repetição das práticas sociais, impondo regras ao jogo da significação por meio de uma gramaticalidade. A terceira mediação é a tecnicidade, um “organizador perceptivo”, que articula a inovação tecnológica à discursividade. O autor considera que as inovações da técnica teriam consequências na transformação do sensorium, ou seja, dos modos de percepção e de experiência social. Desse modo, a tecnicidade é mais do que artefato, é uma “competência da linguagem”. (Sifuentes e Escosteguy, 2016, p. 6)

Em 1998, no prefácio à quinta edição castelhana de *De los medios a las mediaciones* – traduzido para o português na edição de 2003, Martín-Barbero acrescenta uma nova mediação: a institucionalidade. Conforme o autor, trata-se de uma mediação “densa de interesses e poderes contrapostos, que tem afetado, e continua afetando, especialmente a regulação dos discursos” (Martín-Barbero, 2018, p. 17). Tais discursos operam em duas frentes: através do Estado, “buscam dar estabilidade à ordem constituída, da parte dos cidadãos – maiorias e minorias – buscam defender seus direitos e se fazer reconhecer, isto é, re-constituir permanentemente o social” (2018, p. 17).

Neste contexto, é apresentado o segundo mapa metodológico das mediações, que registra o deslocamento das “mediações culturais da comunicação” para as “mediações comunicativas da cultura”, registrando uma passagem do foco nas práticas dos sujeitos a partir dos diferentes contextos da vida em sociedade para o reconhecimento da comunicação como mediadora da vida cultural. Com o intuito de conferir mais densidade ao que vem da comunicação, a nova proposta (Figura 2) é responsável pela possibilidade, através da pesquisa empírica, de integrar os espaços da produção e da recepção (Sifuentes; Escosteguy, 2016; Lopes, 2018).

Figura 2 - Segundo mapa metodológico das mediações (1998/2003).



Fonte: Lopes (2018).

No então novo desenho das mediações, são preservados os eixos do mapa anterior. O diacrônico ou histórico, entre Matrizes Culturais (MC) e Formatos Industriais (FI); e o sincrônico, entre Lógicas de Produção (LP) e Competências de Recepção (CR). Mediam as MC e as LP diversos regimes de institucionalidade; já entre MC e CR, estão as várias formas de socialidade. LP e FI são mediados pelas tecnicidades e, entre FI e CR operam as ritualidades (Martín-Barbero, 2018).

Em 2009, quando o autor apresenta uma nova proposta, estava em evidência um contexto marcado pela expansão da Internet. Os usos do ambiente digital indicariam um mapa voltado para as mutações culturais contemporâneas, no qual seriam acrescentadas novas mediações na cartografia barberiana: o tempo e o espaço, articulados a partir de dois eixos – migrações e fluxos.

De um lado, grandes migrações de população, como jamais visto. De outro, os fluxos virtuais. Temos que pensá-los conjuntamente. Os fluxos de imagens, a informação, vão do norte ao sul, as migrações vão do sul ao norte. E há a compressão do tempo, a compressão do espaço e é aí que eu recomponho as duas mediações fundamentais hoje: a identidade e a tecnicidade. (Martín-Barbero, 2009, p. 14)

Para o autor, a contemporaneidade marcava, naquela conjuntura, uma transformação da identidade cultural, a partir da identidade subjetiva: o próprio “eu” era o campo de experimentação. Os modelos dos jovens deixavam de ser os pais para ser, a partir da televisão, por exemplo, seus pares contemporâneos: atletas, cantores, atrizes. “Então eu junto em meu mapa tecnicidade e identidade, ponho ritualidade ao lado de cognitividade. Retiro dele as duas mediações que eram mais sociais, institucionalidade e socialidade, para colocar a transformação” (Martín-Barbero, 2009, p.14). O esquema é retratado na Figura 3.

Figura 3 - Terceiro mapa metodológico das mediações (2009) – Mutações Culturais e Comunicativas Contemporâneas 1.



Fonte: Lopes (2018).

Em livre interpretação a partir de uma entrevista concedida por Martín-Barbero em 2017, o pesquisador Omar Rincón estrutura o mapa mais recente do pensador (Figura 4). O desenho segue explorando um contexto de mutação cultural, no qual se configura um novo ecossistema comunicativo. A “nova civilização” que habita o cenário de tal mutação “produz de outros modos os sentidos e habita de outros modos a experiência: mais digital, fluida, hipertextual, caótica” (Rincón, 2019, p. 17).

O esquema marca o “adensamento teórico dado às mediações da tecnicidade e da sensorialidade é representado no seu novo estatuto de mediações básicas a que são alçadas no quarto mapa” (Lopes, 2018, p. 24). Surgem ainda novas mediações: narrativas, redes, cidadanias, representadas na Figura 4:

Figura 4 – Quarto Mapa Metodológico das Mediações – 2017 - Mutações Culturais e Comunicativas Contemporâneas – 2.



Fonte: Entrevista de JMB a Omar Rincón, 2017 (Lopes, 2018).

A produção de Jesús Martín-Barbero, falecido em 2021, deixa ao campo científico o exemplo imperecível da proposta de “categorias possivelmente transitórias para dar conta de uma realidade mutável e suscetível de intervenção” (Lopes, 2018, p. 26). A cartografia barberiana não exclui: seus mapas dialogam entre si de modo a não serem superados pelos subsequentes, mas sim apropriados, num processo de reinterpretações e acréscimos por parte de quem reconhece as dinâmicas culturais.

A potência do legado do pesquisador consiste, entre outros aspectos, na possibilidade de constituição de diferentes lugares metodológicos. A diversidade das pesquisas empíricas – assinaladas também pelas diferentes possibilidades de estratégias metodológicas – permite aos pesquisadores a escolha de determinado mapa ou mediação/mediações.

Neste trabalho, reconhecemos que o diálogo pode ser desenvolvido com os mapas mais recentes do autor, das mutações culturais, uma vez que nos detemos na análise do *podcast* enquanto fenômeno que se articula no ambiente digital, mas insere-se, como linguagem, no contexto do rádio expandido¹⁶ (Kischinhevsky, 2016).

Não seguimos, no entanto, o traçado dos mapas em questão. Optou-se, graças a já manifestada diversidade de abordagens possíveis a partir da teoria barberiana, para este estudo, pelo enfoque em determinadas mediações para a compreensão de um dado processo comunicativo. Tomando como base a investigação sobre um *podcast* da região do Cariri cearense, detivemo-nos no enfoque das técnicas relacionadas a esta mídia em expansão; e das identidades e espacialidades manifestadas no processo comunicativo, contemplando as dimensões da produção e do produto, para responder aos objetivos geral – analisar o desenvolvimento temático do Budejo sobre o Cariri – e específicos – compreender a importância do *podcast* enquanto micromídia e examinar a evolução técnica do *podcast* Budejo. Neste sentido, articulamos, a seguir, a proposta metodológica para alcançar este fim.

3.2 Notas sobre o percurso metodológico

Os esforços da presente pesquisa são concentrados na proposta de compreender como o Cariri cearense é apresentado através de um *podcast* originário da região. O Budejo, produzido desde 2019, é conduzido atualmente pela professora Ana Carolina Torres; pelo editor de áudio Luan Alencar; e pelos jornalistas Pedro Philippe e Vamille Furtado – última integrante a se unir ao grupo, em 2020.

Este estudo assume o caráter de pesquisa qualitativa, optando por entender o objeto e os sujeitos de acordo com sua centralidade para a pesquisa. Os caminhos que levaram à proposta deste trabalho acadêmico passaram por uma relação de subjetividade que, em pesquisas qualitativas, também estão imbricadas nas motivações de pesquisadoras e

¹⁶ O termo “rádio expandido”, utilizado pelo pesquisador Marcelo Kischinhevsky primeiramente em 2011, reflete o reconhecimento do rádio como meio que extrapola as transmissões via ondas hertzianas, transbordando-se para as mídias sociais, celulares, TVs por assinatura, sites de jornais, portais de música, antenas parabólicas, etc. (Kischinhevsky, 2016).

pesquisadores. Como defende Martinelli (1999), o interesse genuíno de quem empreende estudos qualitativos em “vivenciar a experiência da pesquisa” será capaz de superar a mera descrição de objetos para dedicar-se ao conhecimento de trajetórias de vida e experiências sociais dos sujeitos envolvidos. A partir disso, a autora considera: “(...) a pesquisa qualitativa é, de modo geral, participante, nós também somos sujeitos da pesquisa” (Martinelli, 1999, p. 27).

O envolvimento da autora do presente trabalho no grupo *Budelovers*¹⁷ desde setembro de 2019 vai ao encontro do pensamento de Martinelli (1999) e corrobora com outra distinção das investigações qualitativas: para além da visão do pesquisador sobre o problema em questão, deve-se notabilizar o que os participantes do estudo pensam sobre o que está sendo pesquisado. Evidencia-se, assim, o que também é destacado por Martino (2018): “A pesquisa qualitativa lida com o universo da subjetividade, das motivações e elementos pessoais de alguém que, naquele momento, participa da pesquisa” (2018, p. 132).

Nesta dissertação interessa, pois, o que também é reconhecido como atributo das metodologias qualitativas. Apontada com clareza por Martins (2004), a análise de microprocessos, através do conhecimento acerca das ações sociais individuais e grupais, traduz-se, nesta pesquisa, na identificação dos produtores do *podcast* Budejo como sujeitos em evidência, inferindo, como também é do entendimento de Martinelli (1999), que não são privilegiados, em análises qualitativas, fatos épicos ou de grande dimensão, “mas aqueles que estão mais próximos do sujeito e que repercutem diretamente na sua vida”(Martinelli, 1999, p. 24). Neste sentido, buscou-se a identificação com um conceito que pudesse contribuir no direcionamento metodológico da pesquisa. Assim, chegou-se à perspectiva dos modos de endereçamento, como expõe-se a seguir.

3.2.1 Modos de endereçamento como operador metodológico

Se uma das marcas do trabalho intelectual de Jesús Martín-Barbero traduz-se no diálogo com uma abordagem “integrada e holística da produção, circulação e recepção/consumo cultural que não se deixa enclausurar nas fronteiras de uma única disciplina”, também é dever destacar, como o fez Escosteguy (2018, p. 108), o olhar sensível

¹⁷ O grupo *Budelovers*, disponível no aplicativo de mensagens *Telegram*, reúne ouvintes do Budejo desde 2019 como recompensa pelo apoio financeiro que dão ao *podcast* através de companhia de financiamento coletivo ativa por meio de plataformas como Orelo e Apoia.se.

do pesquisador hispano-colombiano para “objetos e problemáticas que, tradicionalmente desqualificados, adquirem estatuto científico: a telenovela, as mestiçagens entre cultura popular e cultura de massa, o reconhecimento do prazer e do ócio na vida social” (Escosteguy, 2018, p. 108). O exemplo barberiano, que considerou particularidades do cenário latino-americano em suas análises, reverbera, nesta pesquisa, quando se opta pela escolha de uma realização local e dos sujeitos nela envolvidos como objetos de estudo.

Adotou-se como operador metodológico o de modos de endereçamento, entendendo-os como instrumentos para trabalhar materiais empíricos e que, em sua origem, remetem ao interesse numa análise cultural – pautada na centralidade do sujeito – “como processo ativo de produção de sentido na cultura” (Gomes, 2011, p. 27). Este operador adere à perspectiva das mediações de Martín-Barbero porque busca compreender a relação entre emissores e receptores a partir do conteúdo produzido.

Originário dos estudos de cinema, o conceito de modos de endereçamento passa por uma evolução, assim apresentada pela autora Elizabeth Ellsworth:

Esta leitura seletiva começa com o "modo de endereçamento" como um conceito que se refere a algo que está no texto do filme e que, então, age, de alguma forma, sobre seus espectadores imaginados ou reais, ou sobre ambos. Existe, depois, um momento, na lógica da teoria do cinema, em que os teóricos do cinema começam a ver o modo de endereçamento menos como algo que está em um filme e mais como um evento que ocorre em algum lugar entre o social e o individual. Aqui, o evento do endereçamento ocorre, num espaço que é social, psíquico, ou ambos, entre o texto do filme e os usos que o espectador faz dele. (Ellsworth, 2001, p. 13)

Num deslocamento para análises que não se restrinjam ao texto do cinema, os modos de endereçamento podem ser compreendidos como “interpelações e convites dos meios aos receptores para gerar um pertencimento entre o produto e a audiência” (Costa Filho; Marques, 2015, p. 221).

Ellsworth (2001), Costa Filho e Marques (2015) e Gomes (2011) destacam, por sua vez, que as apropriações e leituras dos endereçamentos de filmes e outros produtos pelos receptores podem diferir da proposta original embutida no texto midiático. Haveria, portanto, em tais casos, “uma negociação dos significados dos textos entre meios (modos de produção) e audiências” (Costa Filho; Marques, 2015, p. 222). Ellsworth (2001) argumenta, então, “que o fato de não existir um ajuste exato entre endereçamento e resposta torna possível ver endereçamento de um texto como um evento poderoso, mas paradoxal, cujo poder advém precisamente da diferença entre endereçamento e resposta” (Ellsworth, 2001, p.42).

Para buscar a identificação dos endereçamentos nesta pesquisa, parte-se, primeiramente, da escuta, transcrição e análise de episódios temáticos do Budejo sobre o Cariri que trazem em seus títulos elementos que identifiquem a região, como o próprio nome dela, personagens, festas ou outros aspectos culturais caririenses. O delineamento da pesquisa considerou também um marco temporal para a análise, com a escolha de um episódio por ano do período de 2019 a 2023, totalizando cinco programas. O recorte foi necessário para delimitar um corpus possível para a dissertação, já que há, segundo levantamento da autora no perfil do Budejo no Spotify, dos 183 episódios do podcast de 2019 a 2023, 19 episódios são sobre o Cariri – a partir da identificação do tema em seus respectivos títulos no período citado, não significando, no entanto, que a região não seja citada em outros episódios. A delimitação também considerou a diversidade de formatos dos programas, abrangendo documentário, episódio de uma série temática (Mestres do Vale Encantado: Tesouros Vivos do Cariri, exibida em cinco episódios em agosto de 2023), conversa entre os integrantes e entrevista com convidados, apresentados, a seguir, em ordem cronológica de publicação:

- a) 2019: Ep 08 - Pau da Bandeira: as tradições, o sagrado e o profano (29 de maio, 90 minutos);
- b) 2020: Ep. 47 – Um passeio pelo Cariri, com Xico Sá (16 de abril, 58 minutos);
- c) 2021: Ep 77 – Padre Cícero: Entre o Cajado e o Bacamarte (24 de março, 92 minutos);
- d) 2022: Ep 114 – Na despedida de Pedro voltamos a falar do Cariri (10 de março, 42 minutos);
- e) 2023: Nas asas do sertão – Episódio 2 da Série Mestres do Vale Encantado (10 de agosto, 47 minutos).

Entende-se, a partir desta amostra, que se pode inferir como a região é retratada ao longo dos anos de existência do *podcast*. Para estabelecer uma proposta de observação, partiu-se das contribuições de Gomes (2011), que se dedicou à construção de operadores de análise dos modos de endereçamento de programas telejornalísticos. Costa Filho e Marques (2015), em pesquisa sobre a Rádio Rebelde Zapatista, também apontaram elementos para avaliar os endereçamentos construídos pelos textos dos programas em relação com as articulações da mensagem com os receptores.

Numa combinação das duas propostas, considerou-se examinar, no corpus de episódios da pesquisa, os seguintes operadores: Mediadores (produtores do podcast e convidados); Organização Temática (assuntos abordados sobre o Cariri); Papéis sociais (informação, entretenimento, memória); e Recursos técnicos (efeitos sonoros, trilhas, vinhetas).

Na complementação da análise, também foi realizada uma entrevista com a participação de três dos quatro produtores do *podcast*. A partir da entrevista realizada com Ana Carolina Torres, Luan Alencar e Pedro Phillipe no dia 23 de novembro de 2022, de forma remota, através da plataforma Zencaster, pudemos levantar questões relacionadas à concepção do programa, às etapas de produção, linha editorial e especificidades da abordagem do Cariri no *podcast*. Entende-se que a adoção desta ferramenta metodológica parte da compreensão de que “a entrevista é utilizada, em geral, quando o objeto de pesquisa são opiniões, vivências ou experiências de pessoas a respeito de um tema ou uma situação” (Martino, 2018, p. 149). Optou-se pela aplicação de entrevista semiaberta (ou semiestruturada), entendendo que o formato permite que não se perca o foco, mas abre espaço para acréscimos não definidos previamente. Através desta modalidade

As perguntas deixam espaço para a entrevistada desenvolver ideias e mesmo propor tópicos paralelos. Com isso, a riqueza de informações aumenta – assim como o trabalho no momento de transcrever e analisar os dados. Entrevistas semiabertas são utilizadas quando o objetivo é conhecer o pensamento do entrevistado sobre determinado assunto, dando uma margem de liberdade para suas próprias considerações e mudanças de rumo, mas sem perder o recorte específico da pesquisa. (Martino, 2018, p. 151)

Uma entrevista complementar foi realizada em junho de 2024, através de e-mail, com Luan Alencar, no intuito de atualizar informações colhidas no primeiro diálogo com os produtores, em 2022.

Com este percurso, orientamos a busca pelos objetivos deste trabalho, enfatizando a produção e os atores do *podcast* Budejo, evidenciando que “a comunicação é esse espaço de ambiguidades, determinações e indeterminações” (Costa Filho; Marques, 2015, p. 220). A partir deste entendimento que compartilhamos com Costa Filho e Marques (2015), é que apontaremos a importância de discutir os *podcasts* – como integrantes do escopo da comunicação – na dimensão relacionada às técnicas da mídia, que trataremos no capítulo a seguir.

4 TECNICIDADES E PODCASTS

Este capítulo é dedicado à mediação de tecnicidades proposta por Jesús Martín-Barbero numa relação com outros autores. A abordagem aqui desenvolvida também apresenta o *podcast* a partir de tal mediação e passa, sobretudo, pelos usos da mídia no âmbito de sua história no contexto do rádio expandido (Kischinhevsky, 2016), pelo processo de digitalização e pela oralidade como operador perceptivo dos *podcasts*.

Trazemos, em seguida, a apresentação das apropriações que deram origem ao Budejo, expondo dados sobre criação e produção do *podcast* a partir de entrevista realizada com produtores do programa.

4.1 Tecnicidades: evolução no pensamento de Martín-Barbero

Questões relativas às tecnologias habitualmente são tratadas nos estudos da comunicação. A produção de Martín-Barbero não negligenciou este debate e, quando ele propôs a ideia em torno das tecnicidades em seu segundo mapa teórico-metodológico (1998/2003), a conjuntura da época apontava que “os avanços tecnológicos remodelam visivelmente as relações sociais e, logo, demandam um refinamento conceitual acerca da tecnologia”¹⁸ (Pieniz; Cenci, 2019, p. 137).

O entendimento inicial do autor sobre as tecnicidades localizou-as entre as Lógicas de Produção (LP) e os Formatos Industriais (FI), demarcando a competitividade tecnológica dos meios, que assinala em grande medida a capacidade de inovação nos FI. Distanciando-se da noção instrumentalista e do determinismo tecnológico, Martín-Barbero apresentava a tecnicidade como “espessura sociocultural das novas tecnologias” (2018, p. 24):

Porque a *tecnicidade* é menos assunto de aparatos que de *operadores perceptivos* e destrezas discursivas. Confundir a comunicação com as técnicas e os meios resulta tão deformador como pensar que eles sejam exteriores e acessórios à (verdade da) comunicação (Martín-Barbero, 2018, p. 18). Grifos do autor

A presença das tecnicidades na “teoria barberiana da comunicação”, como defende Lopes, passa, portanto, pelo entendimento de que tal mediação não se inscreve na ordem do instrumento, mas na “ordem dos saberes, da constituição de práticas produtoras de inovações

¹⁸ Em tradução livre do original: “los avances tecnológicos re- modelan visiblemente las relaciones sociales y, luego, demandan un refinamiento conceptual acerca de la tecnología”.

discursivas, dos modos de percepção social” (2018, p. 23). O filósofo recuperou, nesta dimensão, o sentido original do termo grego *téchne*: “algum tipo de arte, alguma manufatura, ou uma estratégia ou modo de realizar algo; também se refere a uma habilidade ou destreza”¹⁹ (Pieniz; Cenci, 2019, p. 140) e, numa referência ao antropólogo francês André Leroi-Gourhan, que, segundo o próprio Martín-Barbero, foi quem “primeiro usou a palavra ‘tecnicidade’ para se referir à técnica que forma sistema com todas as outras relações, como as relações de parentesco ou as que entrelaçam os mitos aos ritos e vice-versa” (2022, p.24, 25), defendeu que

É assim que a tecnologia hoje remete, muito mais que à novidade de certos aparelhos, a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e escritas. E a indagação pela técnica torna-se cada dia mais crucial para nós, na medida em que a diversidade cultural das técnicas, persistentemente testemunhada pelos antropólogos, se confronta hoje com uma tecnicidade-mundo que atua como conector universal no global. (Martín-Barbero, 2022, p. 25)

Funcionando como organizador perceptivo, a tecnicidade relaciona-se a aspectos textuais, narrativos ou discursivos da mídia, reportando-se “à construção de novas práticas através das diferentes linguagens midiáticas” e aos “modos como a tecnologia vai moldar a cultura e as práticas sociais” (Ronsini, 2010, p. 9). Para Ronsini, a centralidade do conceito de tecnicidade na organização social adquiriu um novo estatuto, para além de mediar, no mapa das mediações comunicativas da cultura, a relação entre Lógicas de Produção e Formatos Industriais. A autora defendeu que a tecnicidade “percorre o circuito inteiro, modelando a ritualidade, a socialidade e a institucionalidade, vale dizer, modela todas as relações porque se define como o estatuto social da técnica” (2010, p. 7).

Na relação entre temporalidades e fluxos, a tecnicidade permanece como mediação no terceiro mapa de Martín-Barbero (2009), o primeiro a se dedicar às mutações culturais contemporâneas. Em texto de 2006, o autor já sinalizava a permanente relevância da dimensão ao constatar que, junto à “revitalização das identidades”, a “revolução das tecnicidades integrava os processos responsáveis pela transformação radical do ‘lugar da cultura em nossas sociedades’” (Martín-Barbero, 2006, p. 54).

O que o cenário de revolução tecnológica introduziu nas sociedades, segundo o filósofo, não se tratava estritamente de uma quantidade insólita de novas máquinas. O que se revelava, sobretudo, era a constituição do cultural a partir de novas formas de relação entre os processos simbólicos para produção de bens e serviços. Estava-se diante de “um novo modo de produzir, confusamente associado a um novo modo de comunicar”, que “transforma o

¹⁹ Em tradução livre do original: “(...) algún tipo de arte, alguna manufatura, o uma estratégia o modo de realizar algo; también se refiere a una habilidade o destreza” (Pieniz; Cenci, 2019, p. 140)

conhecimento numa força produtiva direta” (Martín-Barbero, 2006, p. 54). Com a descentralização de saberes e suportes num ambiente marcadamente informacional possibilitado por novas práticas e tecnologias, o conhecimento, antes organizado em tornos da escola e do livro, é legitimado também por outras fontes (Martín-Barbero, 2006; Orozco Gómez, 2006).

É a partir deste contexto que evolui o pensamento do autor hispano-colombiano, evidenciando que

Toda esta contínua complexidade sobre as tecnologias fez com que quase uma década depois das primeiras reflexões sobre mutações culturais, em 2017, em uma entrevista a Omar Rincón, JMB realizasse novas reflexões, as quais permitiram o desenho de um novo mapa (...). Neste, a tecnicidade adquire o status de eixo, na horizontal, em oposição às “sensorialidades”, assim como as “temporalidades” e “espacialidades”, que se mantêm desde a versão anterior. Como submediações aparecem as narrativas, as redes e a “cidadanias”, e se mantêm as “identidades”²⁰ (Pieniz; Cenci, 2019, p. 153)

O reposicionamento das tecnicidades na cartografia barberiana marca o adensamento teórico e metodológico do conceito e a complexidade do contexto reflexivo, no reforço de que ele se consolida como “a forma como as mudanças-chave nos permeiam, é uma linguagem com a qual as mudanças são lidas, vistas, compreendidas e explicadas”²¹ (Martín-Barbero; Rincón, 2019, p. 20).

Na percepção de que tais mudanças-chaves também alcançam os meios de comunicação, recorremos a Orozco Gómez (2006) para localizar a relação entre novas mídias ou tecnologias e anteriores, compreendendo que elas constituem “ecossistemas comunicativos cada vez mais complexos” (Orozco Gómez, 2006, p. 84).

Neste sentido, o pesquisador mexicano apresenta uma série de argumentos para demonstrar que o surgimento de um novo meio ou tecnologia não implica necessariamente – ou imediatamente – a superação do anterior. O primeiro associa-se ao fato, como já demonstrado pelas ideias propostas a partir da noção de tecnicidades, de que a transformação

²⁰ Em tradução livre do original: “Toda esta continua complejidad acerca de las tecnologías hizo que casi una década después de las primeras reflexiones sobre mutaciones culturales, en 2017, en una entrevista con Omar Rincón, JMB realizara nuevas reflexiones, las cuales permitieron el diseño de un nuevo mapa, que se presentó en la introducción a esta obra. En este, la *tecnicidad* adquire el estatus de eje, en horizontal, en oposición a las “sensorialidades”, así como las “temporalidades” y “espacialidades” que si mantienen desde la versión anterior. Como submediaciones aparecen las narrativas, las redes y las “ciudadanías”, y se mantienen las “identidades” (Pieniz; Cenci, 2019, p. 153)

²¹ Em tradução livre do original: “La tecnicidad es mucho más amplio que la técnica, es la manera como nos impregnan los cambios claves, es un lenguaje com el que se lee, ve, comprende y explican los câmbios” (Martín-Barbero e Rincón, 2019, p. 20)

dos meios e tecnologias envolvem aspectos que escapam aos estritamente técnicos ou instrumentais.

O tempo demandado de aprendizagem e apropriação pelos usuários de cada tecnologia também é um dos elementos apontado pelo autor, na defesa de que “no momento de sua introdução e inicial aceitação, em geral, é usada de maneira parcial, desperdiçando seu cabal potencial e até sua principal contribuição” (Orozco Gómez, 2006, p. 85). A questão temporal acaba por influenciar outra justificativa do pesquisador, levando em conta que “as tecnologias demandam uma atenção diversificada para gratificar seus usuários” (Orozco Gómez, 2006, p. 85).

Diante desta última perspectiva, há de se considerar, ainda, que cada tecnologia ou meio pode satisfazer algumas necessidades não correspondidas pelas anteriores, mas não a totalidade delas. As antigas preservariam, portanto, “um grau de distinção insubstituível” (Orozco Gómez, 2006, p. 85).

Um quinto argumento acionado pelo estudioso evoca as apropriações, os reajustes, as reacomodações e as apropriações empreendidos pelos usuários a partir das mudanças trazidas por novas tecnologias, cujos custos implicam, por fim, a conclusão do argumento do pesquisador: não há previsão de poder aquisitivo suficiente para acompanhar o desenvolvimento tecnológico presente no mercado.

A complexidade deste ecossistema comunicativo expressa-se, pois, numa conjuntura que demonstra que

Cada vez mais setores vão sendo incorporados e, incorporando outras tecnologias, vão passando de um ambiente a outro, mas sem abandonar completamente o ponto de partida. Em todo esse trânsito, cheio de hibridações e motivado pelas mudanças tecnológicas, há de se destacar que os resultados não são imediatos, demoram a se manifestar justamente porque não só o instrumental está envolvido neles, mas sobretudo o sociocultural, e no caso que nos interessa, também e especialmente, o perceptivo. (Orozco Gómez, 2006, p. 85)

É neste contexto apresentado por Orozco Gómez que localizamos o surgimento e a evolução dos *podcasts*. Ele integra o “tecnocomunicativo”, identificado por Martín-Barbero (2009) como o novo “entorno” que habitamos. Entendemos, então, que “o entorno tecnocomunicativo é importante de ser considerado, porque os *podcasts*, assim como outros formatos comunicacionais, não estão separados desse contexto midiático, não são outra coisa, são parte” (Janay, 2018, p. 63).

Deste modo, consideramos importante entender como esta mídia recente insere-se

no ambiente comunicativo a partir das tecnicidades, especialmente porque, como enfatiza Martín-Barbero (2006), além de nos colocar diante de novos tipos de tecnicidades, o computador também proporciona textualidades que alcançam vários suportes e escritas que “encontram uma complexa e crescente cumplicidade entre a oralidade e a visualidade dos mais jovens” (2006, p. 74).

4.2 Um olhar sobre as tecnicidades dos *podcasts*

A percepção sobre aspectos relacionados às tecnicidades dos *podcasts* passa pelo reconhecimento que esta mídia faz parte de um sistema cultural que passa por processos históricos experimentados desde seu surgimento, em 2004. Neste sentido, apresentaremos as tecnicidades dos *podcasts* a partir de aspectos destacados pelos autores como de operador perceptivo, como mídia constituída no contexto do rádio expandido; da linguagem da oralidade e nas reacomodações e apropriações realizadas pelos ouvintes.

Um levantamento feito por Viana (2020), que pesquisou o conjunto de trabalhos ligados a estudos de rádio e mídia sonora apresentados nos principais encontros nacionais de Comunicação no período de 2004 a 2019²², mostra, por exemplo, que o percurso teórico dos artigos oscila entre as áreas da cibercultura e mídias digitais e do rádio e mídias sonoras. Este percurso colabora para entender algumas tecnicidades do *podcast*. Para Viana,

A interseção entre essas duas áreas justifica em partes a dificuldade encontrada pelos autores por uma definição única do que se compreende por *podcast*. A hibridização que compõe esse formato é característica dos meios digitais e suas constantes transformações reforçadas pela cultura da convergência, o que nos revela a um objeto plural. Sem que haja pretensão pela busca de uma única interpretação, o que reforçamos aqui são as variadas discussões geradas em torno dessa procura, o que resultam em uma gama de produções com olhares diversos e plurais para o *podcast*. (Viana, 2020, p. 14)

Diante da observação de múltiplas referências teóricas e metodológicas, a própria conceituação de *podcast* mostrou-se diversa ao longo dos anos. Viana (2020) apontou que autores de artigos ligados a estudos de rádio e mídia sonora tomaram como base os “primeiros pesquisadores a tratarem do tema, ou criam suas próprias delimitações do termo, sempre enfatizando as características desse fenômeno” (Viana, 2020, p. 4).

²² Foram analisadas as produções apresentadas no Encontro Nacional de História da Mídia (Alcar); Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós); Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom); e Encontro Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).

Neste sentido, a autora sistematizou, na análise dos 34 trabalhos do *corpus* em questão, as aparições de tais características em três categorias: audiência, produção e transmissão. As características mais citadas sobre a audiência foram autonomia, segmentada e recepção assíncrona. No tocante à produção, foram citadas como peculiaridades: descentralizada, autônoma, horizontalizada, fácil, assíncrona, diversificada e com linguagem radiofônica. A transmissão, por fim, foi caracterizada como assíncrona, automatizada, *on demand*, seriada, autônoma, descentralizada e gratuita.

Nesta pesquisa, compreende-se que o *podcast* tem, ao longo de sua história, um caráter marcadamente sonoro – por mais que reconheçamos a popularização de formatos que também contemplem o vídeo²³, e, neste sentido, adotamos esta característica como essencial dentro de uma possível delimitação da mídia, à qual também acrescentamos dimensões relacionadas à linguagem radiofônica e à audiência que serão desenvolvidas nas linhas que seguirem. Para esta pesquisa, *podcast* é, em termos gerais, uma mídia sonora que se utiliza de linguagem radiofônica e tem produção e recepção assíncrona.

Desta forma, é imperativo reiterar a dimensão da oralidade na mídia, compreendendo-a enquanto organizadora perceptiva ao moldar novas práticas a partir, neste caso, da linguagem radiofônica. Tal dimensão está inserida num contexto de “oralidade secundária”, ligada a “atual cultura de alta tecnologia, na qual se mantém uma nova oralidade mediante o telefone, a rádio, a televisão e outro aparatos eletrônicos que para sua existência e funcionamento dependem da escrita e da impressão”²⁴ (Ong, 2006, p. 20). A ideia de oralidade secundária opõe-se à de oralidade primária, que, conforme Ong (2006), refere-se às culturas sem escrita.

Se Ong (2006) advoga que “a condição oral básica da linguagem é permanente”²⁵ (p. 17), Rezende (2007) propõe que, na construção de uma nova estrutura de sentidos no campo da estruturação da linguagem possibilitada pelas mídias do ciberespaço, seria possível resgatar uma cultura da oralidade, “onde o modo como dizemos as coisas é tão importante na construção da significação quanto o que estamos dizendo” (2007, p 10). Para a

²³ Paula Cordeiro (2022) explora o tema no artigo *Podcast, Vodcast ou Podmedia: o vídeo enquanto podcast e o podcast que também é vídeo*. Precisamos de uma nova designação para o *podcast*?, disponível na publicação O podcast e as novas dinâmicas dos conteúdos sonoros no ambiente digital, da Universidade de Coimbra.

²⁴ Em tradução livre do original: Según se apuntó párrafos atrás, llamo “oralidade primaria” a la oralidade de una cultura que carece de todo conocimiento de la escritura o de la impresión. Es “primaria” por el contraste con la “oralidade secundaria” de la actual cultura de alta tecnología, en la cual se mantiene una nueva oralidad mediante el teléfono, la radio, la televisión y otros aparatos electrónicos que para su existencia y funcionamiento dependen de la escritura y la impresión (Ong, 2006, p. 20)

²⁵ Do original: La condición oral básica del lenguaje es permanente. (Ong, 2006, p. 17)

autora, o *podcast* poderia “ampliar” esse resgate, na medida em que “ao mesmo tempo que conserva características da oralidade do passado, constitui um novo sistema de representação, conhecimento e difusão cultural, com base nas novas tecnologias” (Rezende, 2007, p. 10,11).

O aspecto oral, ligado também a uma mídia anterior, traduz-se pelo marcante referencial da linguagem radiofônica na produção de *podcasts*, o que atesta as já mencionadas relações entre antigos e novos meios dimensionadas por Orozco Gómez (2006). Neste sentido, reconhecemos a localização do formato originado em 2004 como integrante do rádio expandido, que supera a transmissão hertziana e ocupa mídias sociais, TVs por assinatura, sites, celulares e outros suportes, num contexto marcado pela rápida expansão da Internet, com novas possibilidades de produção, circulação e hábitos de consumo de bens simbólicos (Kischinhevsky, 2016).

O que se observa é a superação de um debate que circunscrevia a definição de rádio como ligada ao nível técnico da transmissão por ondas hertzianas. Ferrareto e Kischinhevsky (2010) apontam, neste sentido, que, na atualidade, os caminhos se orientam para uma aceitação do rádio como “uma linguagem comunicacional específica”, recorrendo ao uso da voz, música, efeitos sonoros e silêncio, seja qual for o suporte ao qual estiver associada” (2010, p. 1010). Deste modo, o rádio experimenta, ao longo de seus mais de 100 anos, “uma constante evolução dentro do cenário midiático” (Viana, 2023, p. 169). Se são marcantes os diversos caminhos trilhados em termos de suporte – do tradicional e coletivo aparelho doméstico aos radinhos transistorizados, chegando às TVs por assinatura via satélite e aos computadores e celulares conectados à Internet (Ferrareto, 2014) – vislumbra-se, sobretudo, como já apontado, o entendimento de que a linguagem radiofônica pode estar presente em todas essas possibilidades tecnológicas:

Nesse atual cenário em que se encontra o rádio, há uma constante disputa de espaço com outros dispositivos de mídia, principalmente com as possibilidades oferecidas pelo meio digital. A partir disso, o rádio se coloca como meio híbrido, considerando a facilidade de adaptação em novos ambientes. (Viana, 2023, p. 170)

Ao reconhecer o *podcast* dentro das possibilidades empreendidas pelo rádio enquanto meio expandido – em termos de tecnologia e também de atualização de sua linguagem, e na perspectiva de identificar as inovações nos modos de produção e consumo sonoro encampadas pelos *podcasts*, também faz-se importante registrar distinções entre a mídia e o rádio, marcadamente representado pelas emissoras comerciais. Para isso, recorre-se a

Vicente (2018), que demarca especialmente as diferenças na relação com o tempo e com o ouvinte.

O padrão de transmissão ao vivo das rádios terrestres comerciais, que centraliza a produção e, em muitos casos, delega aos apresentadores a operação técnica nos estúdios, contrasta com a produção dos *podcasts*, cujo desenvolvimento pode ser mais elaborado e a edição mais complexa, com inclusão de efeitos sonoros, trilhas musicais e outros elementos. “Também por isso, o *podcast* está permitindo o resgate do gênero radiofônico ficcional e a produção de trabalhos jornalísticos e documentais mais sofisticados” (Vicente, 2018, p. 105).

Para o autor, o imediatismo e a instantaneidade característicos do rádio destoam da escuta por demanda possibilitada pelos *podcasts*, o que impacta diretamente na relação com os ouvintes. Se o rádio é referência para as audiências na transmissão ao vivo de notícias e informações sobre clima, trânsito e serviços; o *podcast* permite aos ouvintes uma “audição mais atenta e imersiva”.

Os episódios da mídia permitem inferir, inclusive, possibilidades de imersão a partir de estratégias sonoras. Foi o que demonstrou Viana (2021) ao analisar *podcasts* com conteúdo vinculado ao radiojornalismo narrativo. Em sua análise, a autora propôs sete perspectivas que acionam estratégias imersivas fundamentadas na estrutura narrativa do áudio: humanização do relato; narrativa em primeira pessoa; condução emocional; uso de sonoras; descrição de cenas e dos locais do acontecimento; ambientação do local; e metajornalismo.

Para Vicente (2018), as diferenças entre rádio e *podcast* podem estabelecer entre as mídias uma relação de complementariedade. Se o primeiro pode fazer parte do cotidiano da audiência com músicas e notícias, o *podcast*, como também demonstra a investigação de Viana (2021), encampa uma maior diversidade de programação e experimentação sonora, além de novas possibilidades de escuta.

As “facilidades” no processo de *podcasting* – que integra tanto produção quanto consumo – passam pela matriz tecnológica. Computador, microfone, softwares de edição – alguns gratuitos, inclusive – seriam suficientes para a produção de programas no formato, marcando um processo de descentralização e abertura para “uma maior pluralidade de vozes e diversidade de conteúdos” (Carvalho, 2007, p. 4). Para Herschmann e Kischinhevsky (2008, p. 104), trata-se de um processo de “apropriação dos meios de produção por parte dos usuários”. Numa referência a André Lemos – que discorrera sobre a liberação do polo de emissão – os autores advogam que os receptores/consumidores também assumiram o papel de emissores e “conseguiram criar fenômenos midiáticos, de repercussão variável” (Herschmann e Kischinhevsky, 2008, p. 104).

O desenvolvimento tecnológico também já rendeu aos *podcasts* ajustes nas formas de consumo: da prática inicial de assinatura dos conteúdos através do sistema RSS para posterior download em computadores e/ou tocadores de arquivos em MP3, a escuta passa hoje – especialmente diante do surgimento e expansão dos smartphones – pela audição on-line dos episódios, sobretudo nas plataformas de *streaming* e em agregadores do formato (Vicente, 2018).

A evolução do meio é vista, também, através das diferentes categorizações já propostas por alguns pesquisadores. Medeiros (2006) distinguiu quatro “modelos” de *podcasts*: “metáfora”, assim classificado por possuir elementos semelhantes aos de um programa de rádio – como apresentador, blocos musicais, vinhetas, entre outros; “editado”, que seriam programas de rádio veiculados pelas emissoras e depois disponibilizados nos sites institucionais para ouvintes que perderam a transmissão em tempo real; “registro”, marcado pela diversidade de temas e também conhecido como audioblog, este modelo inclui comentários, dicas e até desabafos; “educacional”, modelo que, através da disponibilização de aulas, se assemelharia aos fascículos vendidos em bancas de jornais e revistas.

Mais recentemente, Bufarah (2020) propôs uma ficha de classificação para podcasts jornalísticos que contemplaria os seguintes campos: dados gerais; aspectos formais; recursos de produção; variáveis temáticas; recursos narrativos; formato; tempo; autoria; finalidade; periodicidade; interatividade. Sem desprezar o desenvolvimento de uma linguagem própria de tais produções, o autor reconhece, por outro lado, a forte influência da linguagem radiofônica e do radiojornalismo nessas produções. Deste modo, o campo de recursos narrativos é subdividido em gêneros baseados nos alicerces do jornalismo desenvolvido no rádio, quais sejam: informativo, opinativo, interpretativo, utilitário e diversional.

Num levantamento mais atual, Viana e Chagas (2021) sistematizaram a observação dos 50 podcasts mais ouvidos no Brasil em 2019 por meio do Spotify, Google Podcasts e Apple Podcasts – plataformas mais utilizadas por consumidores de áudio no País depois do YouTube, de acordo com pesquisa divulgada pelo Ibope Inteligência²⁶. Para entender como os *podcasts* se organizam a partir do atual contexto de crescente expansão da mídia, os autores propuseram uma classificação a partir do que chamaram de “eixos estruturais ou estruturas da produção de *podcasts* no Brasil” (2021, p. 3). Sem ater-se a temáticas, assuntos, gêneros ou formatos, a investigação contemplou o exame das estruturas narrativas da mídia nos programas mais

²⁶ Disponível em: https://iabbrasil.com.br/wp-content/uploads/2019/08/Guia-IAB-Podcast_v2.pdf

populares em território nacional, o que pode ser apontado como forma de apropriação da mídia a partir de diferentes usos pelos produtores.

Em primeiro lugar, com 33,3% na preferência entre os ouvintes, predominam os *podcasts* com a estrutura “relato, crônica ou narração particular, voltada diretamente ao ouvinte, realizada por uma ou mais vozes, buscando promover uma reflexão sobre informações de interesse pessoal em temáticas de nicho”. Na sequência, aparece o “debate” (16,7%), no qual “predomina a troca ou exposição de ideias entre participantes com ou sem convidados externos com a ancoragem de um ‘apresentador’ ou ‘host’²⁷”. As “narrativas da realidade” (14,8%) trazem histórias reais com a utilização de personagens e “com enredo marcado por conflitos e arcos narrativos”. “Entrevista”, com registro de 9,3% na predileção da audiência, é “realizada pelo/a host do *podcast* com direcionamento de perguntas a um ou mais convidados com a finalidade de entender sobre um assunto específico”. A diferença em relação ao debate inscreve-se na quase inexistente “interação direta ou diálogo entre os entrevistados” (Viana; Chagas, 2021, p. 11).

“Instrutivo” (9,3%), quinto lugar em popularidade, seria o equivalente ao “educacional” identificado por Medeiros (2006) e tem o “objetivo desenvolver, aperfeiçoar ou exercitar algo de interesse do ouvinte”. “Narrativas ficcionais” (7,4%) trazem histórias inventadas com uso de personagens e enredos “marcados por conflitos”. Os “noticiosos” – que podem ser diários ou semanais – registraram apenas 5,6% de popularidade entre os ouvintes, o que pode ser explicado pela data da realização da pesquisa do Ibope Inteligência, em abril de 2019, período em que *podcasts* noticiosos com grande destaque hoje ou não tinham sido criados – como O Assunto, da Globo, ou tinham pouco tempo de existência, como o Café da Manhã, da Folha de São Paulo. A listagem é integralizada, por fim, com os *podcasts* de tipo “remediado” (3,7%), “produtos oriundos de outras mídias (Rádio, TV e Internet), inseridos na *podosfera* em forma de repositórios” (Viana; Chagas, 2021, p. 11).

Com a exposição de panorama que demonstra mais diversidade nas estruturas, Viana e Chagas acreditam que a esfera produtiva dos *podcasts* tem encampado mais experimentações e, deste modo, “essa busca é parte de uma caminhada para a construção de uma gramática própria, ainda que partindo de modelos já utilizados pelo rádio tradicional” (2021, p. 14).

²⁷ O termo “host” é designado para se referir ao apresentador do *podcast*. Um mesmo *podcast* pode ter um ou mais hosts ou, entre os participantes, ter um host principal. No caso do Budejo, esse papel cabe a Luan Alencar, também editor da produção.

Compreendendo que há interdependência entre as instâncias de produção e recepção, acreditamos haver uma relação mútua entre a pluralidade produtiva e o crescimento das audiências dos *podcasts*. Em vista disso, entender de que forma as técnicas dos *podcasts* também perpassam o consumo da mídia seria relevante para assimilar as particularidades deste processo comunicativo. Entendemos, portanto, que o papel das audiências também é primordial para a sustentabilidade dos *podcasts*. Sobre esse público, o pesquisador Richard Berry (2020) assinala alguns aspectos importantes:

Os ouvintes fazem muitas escolhas, desde assinar ou seguir um programa até selecionar quando (e onde) ouvi-lo. Os *podcasts* são um meio para “se jogar” não apenas por causa dessa tomada de decisão, mas por causa da natureza de nicho do conteúdo. Penso que isso significa que os ouvintes estão mais próximos e mais conectados aos *podcasts* que ouvem. Eles prestam mais atenção e acho que isso abre oportunidades para os produtores fazerem coisas diferentes. (Berry, 2020, p. 201)

A relevância desses personagens no então recente processo midiático já era apontada nos estudos pioneiros sobre *podcasts* por autores brasileiros. Alex Primo (2005), destacava que, graças à vinculação, em geral, da nova mídia a *blogs*, “a interação dialogal pode ocorrer entre todos os participantes do processo, borrando a tradicional separação entre as instâncias de produção e recepção no contexto massivo” (2005, p.1). No mesmo artigo, o autor reforça a importância das investigações para além da emissão, sinalizando, além das condições de produção e recepção, deve-se pesquisar “como esses atores interagem entre si e com a tecnologia que permite virtualização do tempo e do espaço, que outrora imporia barreiras para tal intercâmbio” (Primo, 2005, p. 6).

No contexto atual, reconhece-se, por outro lado, que o processo de plataformação também é determinante e constitui um desafio para os pequenos produtores na relação com a audiência, o que pode ser explorado em uma futura pesquisa, dada a complexidade do tema. Afinal, como afirma Canclini (2020): “As redes prometem horizontalidade e participação, mas tendem a gerar movimentos de alta intensidade e curta duração. Nossas opiniões e comportamentos, capturados por algoritmos, ficam subordinados a corporações globalizadas”²⁸ (2020, p.10).

Ainda assim, defende-se que as considerações de Primo (2005) e Berry (2020) colocam em evidência a dimensão dos comportamentos das audiências e parecem dialogar com a proposta de “ouvinte expandido”, de Nivaldo Ferraz (2019), numa referência ao “rádio

²⁸ Em livre tradução do original: “Las redes prometen horizontalidad y participación, pero suelen generar movimientos de alta intensidad y corta duración. Nuestras opiniones y comportamientos, capturados por algoritmos, quedan subordinados a corporaciones globalizadas” (Canclini, 2020, p.10).

expandido”, de Kischinhevsky (2016). Ferraz reivindica o conceito de ouvinte expandido a partir do reconhecimento desses sujeitos em suas individualidades e suas conexões em rede, e não mais como parte de uma “massa”, com pouca função reativa. Para o autor,

Esse *ouvinte expandido*, nos dias de hoje, passa a ser um elo fundamental da complexa rede interligada de comunicação que parte do apresentador – uma emissora de rádio formal ou um *podcast* que ele tenha ouvido – e caminha por intrincadas malhas comunicacionais que se interligam, formando possíveis milhares de pequenos grupos – *comunidades de ouvintes* – nos quais, a cada interação, o indivíduo sente-se parte do sistema de construção dos conteúdos transmitidos pelo rádio ou por um *podcast*. (Ferraz, 2019, p.290)

As considerações de Ferraz, que, no nosso entendimento, estabelecem diálogo com Martín-Barbero (2006) e estão relacionadas aos usos dos *podcasts* pelos ouvintes, são reforçadas por Janay (2021, p. 16), que fundamenta seus argumentos a partir da observação de que “o sentimento de comunidade entre os ouvintes é estimulado pelos produtores, mas também endossado por um jogo de autorreconhecimento, como, primeiro, ouvintes de *podcasts*, e, segundo ouvintes de um programa específico”. Nessa medida, a autora demarca que, ainda que a relação dos *podcasts* passe pelo âmbito da multitarefa, do deslocamento e de outras práticas de consumo usualmente reconhecidas como individualizadas, há o convívio com “a necessidade de contato, de reconhecimento e de partilhas (...) para definir a prática, o sentimento e a conexão que os ouvintes têm com seus *podcasts* preferidos” (Janay, 2021, p 17). Entende-se, portanto, que, conforme apreendemos a partir de Ronsini (2010), são estabelecidos também pelos *podcasts* novos modos de moldagem da cultura e das práticas sociais em relação à mídia.

Esta conexão passaria, portanto, pelos “usos que muitas minorias e comunidades marginalizadas fazem das tecnologias, introduzindo ruídos nas redes e distorções no discurso do global, através das quais emerge a palavra dos outros, de muitos outros” (Martín-Barbero, 2006, p. 69). Tais usos, no contexto desta pesquisa, circunscreve-se no âmbito de uma produção regional, na qual buscaremos compreender, a partir do capítulo que segue, como são apresentadas as identidades e espacialidades do Cariri cearense.

5 IDENTIDADES E ESPACIALIDADES DO CARIRI

Em continuidade ao escopo sobre mediações proposto para esta pesquisa, exploramos, neste capítulo, a apresentação de identidades e espacialidades propostas por Martín-Barbero numa articulação com pesquisadores que desenvolvem conceitos relacionados a tais dimensões e em diálogo com o *podcast* enquanto micromídia. Por isso, inicialmente, será apresentado o Budejo para entender os espaços e identidades envolvidos.

Em seguida, parte-se para a análise de cinco episódios do Budejo apontados na delimitação metodológica sob a perspectiva dos modos de endereçamento, contemplando, como operadores de análise, a organização temática, os mediadores, os papéis sociais e os recursos técnicos.

5.1 Identidades e espacialidades em uma micromídia

As potencialidades do processo de *podcasting* são apresentadas, nesta pesquisa, através da análise de uma produção local a partir de um debate que envolve a proposta das mediações de Martín-Barbero. Num delineamento necessário – diante das infinitas abordagens possibilitadas pelo pensamento do filósofo hispano-colombiano e das particularidades de um objeto específico – desenvolve-se, neste item, questões relativas às identidades e às espacialidades que mediam o formato.

No que concerne às identidades, partimos da defesa de que elas atravessam o processo comunicativo e deixam marcas na produção, produto e recepção. Diante de tal proposta, tentaremos elencar, com a contribuição de alguns autores, pontos que dialoguem com esta argumentação e que, no recorte aqui delineado, possam ser vislumbrados nos episódios a serem analisados.

Para Martín-Barbero (2006, p. 61), identidade significa costumes, territórios e memórias que criam laços sociais.

Mas falar de identidade hoje implica também se não quisermos condená-la ao limbo de uma tradição desconectada das mutações perceptivas e expressivas do presente falar das migrações e mobilidades, de redes e de fluxos, de instantaneidade e de fluidez (Martín-Barbero, 2006, p. 61).

Nesta perspectiva, o *podcast* é uma mídia inserida neste contexto de fluxos e migrações. Como sinalizou Primo (2005) em um dos artigos seminais – e ainda atual – sobre *podcasts* no Brasil, entende-se que o potencial emissor deste meio deva ser compreendido num contexto

comunicacional a partir da estrutura contemporânea da mídia. Com este intuito, ele trouxe as contribuições de Thornton (1996) para distinguir três níveis midiáticos. A autora apontou, além da mídia de massa, a micromídia e a mídia de nicho.

Com particular valia para subculturas, a micromídia contempla, segundo Thornton, meios de reduzida circulação voltados a pequenos públicos, desde impressos como o fanzine a arquivos distribuídos pela internet. Já a mídia de nicho é caracterizada pela busca de um público específico, com maior alcance e “sofisticação” que a micromídia, uma vez que trabalha com materiais segmentados e pautados por pesquisas de mercado.

Para Primo (2005), o *podcast* pode assumir as duas classificações. Os que atingem pequenos públicos e são produzidos por grupos ou indivíduos sem vinculação com grandes corporações midiáticas seriam exemplos de micromídia. Já *podcasts* segmentados produzidos por empresas que atuam na mídia de massa são considerados pelo pesquisador mídias de nicho.

Localizamos, assim, o *podcast* Budejo, produzido no Cariri cearense por um grupo sem vínculos com a mídia de massa, como um exemplo de micromídia. Neste sentido, reconhecemos que seu potencial de emissão é atravessado pelas várias instâncias que compõem as identidades que conformam as vivências de seus realizadores. Para Primo (2005), um “sujeito falante é sempre parcialmente sobredeterminado pelos saberes, crenças e valores que circulam no grupo social ao qual pertence ou ao qual se refere” (2005, p. 7). O autor defende, ainda, que os dispositivos de comunicação nos quais o sujeito está inserido também podem impor “certos lugares, certos papéis e comportamentos” (2005, p. 7).

No caso de um produto independente, acreditamos no potencial libertador para a geração de conteúdos através da “revitalização das identidades” apontada por Martín-Barbero (2006) – junto à “revolução das tecnicidades” – como processo que está “transformando radicalmente o lugar da cultura em nossas sociedades” (2006, p. 54):

Na experiência de desenraizamento que vivem muitos de nossos povos, a meio caminho entre o universo rural e um mundo urbano cuja racionalidade econômica e informativa dissolve seus saberes e sua moral, desvaloriza sua memória e seus rituais, falar de reconhecimento implica um campo básico, duplo, de direitos a impulsionar: o direito à participação quanto à capacidade das comunidades e dos cidadãos à intervenção nas decisões que afetam seu viver, capacidade que se encontra, hoje, estreitamente relacionada a uma informação veraz e na qual predomine o interesse comum sobre o negócio; e segundo, o direito à expressão nas mídias de massa e comunitárias de todas aquelas culturas e sensibilidades majoritárias ou minoritárias, através das quais passa a ampla e rica diversidade da qual são feitos nossos países. (Martín-Barbero, 2006, p. 67)

A diversidade destacada por Martín-Barbero se manifesta nas diferentes identidades presentes nas sociedades, as quais não podem ser definidas “sem considerar sua

situacionalidade empírica no tempo e no espaço, onde, quando, como e entre quem se processa” (Sifuentes; Zanini, 2019, p. 241)²⁹. Isto porque, conforme as autoras, além dos pertencimentos que nos são atribuídos pelo nascimento – no grupo em que nascemos e fomos socializados –, deve-se considerar ainda aqueles aos quais nos filiamos “em virtude de afinidades e trajetórias de vida mais particularizadas”³⁰ (2019, p. 244).

Neste contexto, a memória também desempenha importante papel nos processos de construções de identidade, uma vez que, através da socialidade, invoca pertencimentos e estruturas de significado, que, compartilhados, passam a integrar a experiência coletiva de um dado grupo com “gostos, valores, costumes, práticas, saberes”³¹ (Sifuentes; Zanini, 2019, p. 244).

O desafio que se impõe às identidades hoje passa pelo reconhecimento de que elas estão envolvidas em processos de “poder e disputa em reconhecer-se e fazer-se reconhecer, seja individual, seja coletivamente”³² (Sifuentes; Zanini, 2019, p. 242). É neste sentido que localizamos os argumentos de Martín-Barbero (2006) e Hall (2019) de que, no contexto de globalização, “um novo interesse pelo local” surge a partir de uma lógica mercadológica (Hall, 2019, p. 45). As estratégias que atravessam a exploração da identidade local passam pela condução para transformá-la “em uma representação da diferença que a faça comercializável, isto é, submetida a maquiagens que reforçam seu exotismo e a hibridizações que neutralizem suas classes mais conflitivas” (Martín-Barbero, 2006, p. 61).

O contexto de fragmentação, descentramento ou deslocamento das identidades nas sociedades pós-modernas associado ao processo de globalização (Hall, 2019) também vislumbra, por outro lado, exemplos de resistência. É deste modo que, como aponta Martín-Barbero (2006), é possível assistir a “alternativas, comunitárias e libertárias, capazes, inclusive, de reverter o sentido majoritariamente excludente que as redes tecnológicas têm para as maiorias, transformando-as em potencial de enriquecimento social e pessoal” (2006, p. 61, 62).

Os usos sociais dos meios por grupos independentes – como são vários *podcasts*, por exemplo – podem protagonizar processos de valorização das identidades, pois

²⁹ Em tradução livre do original: “(...) sin considerar su situacionalidad empírica en el tiempo y en el espacio, en donde, cuando, como y entre quienes se processa” (Sifuentes e Zanini, 2019, p. 241).

³⁰ Em tradução livre do original: “(...) en virtud de afinidades y trayectorias de vida más particularizadas” (Sifuentes e Zanini, 2019, p. 244)

³¹ Em tradução livre do original: “(...) gustos, valores, costumbres, prácticas, saberes” (Sifuentes e Zanini, 2019, p. 244)

³² Em tradução livre do original: “(...) poder y disputa sobre la legitimidad em reconocerse y hacerse reconocer sea individual, sea colectivamente” (Sifuentes e Zanini, 2019, p. 242)

para que a pluralidade das culturas do mundo seja politicamente levada em conta, é indispensável que a diversidade de identidades nos possa ser contada. Narrada em cada um dos idiomas e ao mesmo tempo na linguagem multimídia em que hoje se realiza o movimento das traduções – do oral ao escrito, ao audiovisual, ao informático –, e, nesse outro, ainda mais complexo e ambíguo: o das apropriações e das miscigenações. (Martín-Barbero, 2006, p. 63)

Se os meios, no contexto de globalização e em suas diferentes linguagens e suportes, podem desempenhar o importante papel de disseminação das identidades, também cumprem – num movimento de mão dupla e em paralelo a outras instâncias – a função de constituir o sujeito pós-moderno, “conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (Hall, 2019, p. 11). Definida historicamente, a identidade torna-se, conforme Hall (1987) uma ““celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2019, p. 11, 12).

Conforme assinala Jacks (1999), destacar as identidades como mediações passa pela compreensão de que elas são essenciais nas interações entre sujeitos e as realidades ao redor deles, “mediando os processos de produção e de apropriação dos bens culturais. É essa mediação que garante o significado da produção cultural e o sentido do consumo de bens simbólicos”³³ (*apud* Sifuentes; Zanini, 2019, p. 252).

Se podemos considerar superada a discussão de identidade como inscrita estritamente às “raízes, costumes e territórios, tempo longo e de memória simbolicamente densa”, entendemos que – considerando a complexidade atual que inclui, no processo de constituição das identidades, “as migrações e mobilidades, de redes e fluxos, de instantaneidade e fluidez” (Martín-Barbero, 2006, p. 61) –, é possível, no contexto de uma pesquisa que coloca em evidência uma produção geograficamente localizada no Cariri cearense, que, entre outras pautas, explora temas relativos à própria região, trazer também para o debate a mediação das espacialidades.

É em 2009, no terceiro mapa do pensador (Figura 3, p. 27) – dedicado às mutações culturais contemporâneas – que é formalizada, como uma das mediações de um eixo associado às temporalidades, a noção de espacialidades. O desenho também apresentou a articulação entre mobilidades e fluxos.

³³ Em tradução livre do original: “(...) mediando los procesos de producción y de apropiación de los bienes culturales. Es esa mediación que garantiza el significado de la producción cultural y el sentido del consumo de bienes simbólicos”(Jacks *apud* Sifuentes e Zanini, 2019, p. 252)

Naquele contexto, o autor apresentou diferentes noções do espaço: como “espaço habitado”, Martín-Barbero atribui ao que se configura como “nicho-lar”, aquele que estabelece uma relação com o tempo do cotidiano: dos “ritmos do dia”, das “estações do ano”, das “etapas vida”. Vincula-se à noção de território, marcado pela “proximidade e pertença”. Já o “espaço produzido” é aquele que estabelece conexões entre diferentes territórios. Representado por “vias”, “caminhos”, “calçadas”, relaciona-se atualmente também ao papel dos meios de comunicação, que “produzem um novo tipo de espaço compartilhado, capaz de oferecer maneiras de se contrapor ao isolamento de indivíduos e famílias, permitindo-lhes mínimos laços socioculturais”. O “espaço imaginado” aponta para relações entre nação e identidade, enquanto o “espaço praticado” relaciona a cidade moderna e os usos e práticas que os sujeitos fazem dela (Martín-Barbero, 2018, p. 27).

O segundo mapa das Mutações Culturais Contemporâneas (Figura 4, p. 28), de 2017, também preservou a noção de espacialidades, que, como apontam Felippi, Villela e Silveira (2019), percorreu o pensamento de Barbero desde a primeira publicação de *Dos meios às mediações* (1987):

Assim, a espacialidade ganhou um lugar de destaque na teoria das mediações de JMB na última década. No entanto, embora o autor utilize referências ao espaço da edição original do livro *Dos meios às mediações*, ele o faz sem trazer sua âncora conceitual (Fragoso, 2012). É recorrente o uso dos termos “território”, “lugares” (de onde se pensa e se escreve); “cartografia”, “encruzilhada” (do saber); de “fronteiras”, “descentro”, “ver-de-longe”; “pontos” (de equilíbrio), “deslocamento”, “mapa”, sem contar as expressões usadas em sua literalidade: “casa”, “feira”, “bairro”, “cidade”. Ao fazer uso da polissemia da palavra espaço e termos correlatos, muitas vezes ele os toma metaforicamente³⁴. (Felippi, Villela e Silveira, 2019, p. 101, 102)

Ao atravessar sua cartografia, a noção de espacialidades em Martín-Barbero ganha destaque. Para buscar estabelecer um diálogo com esta mediação, recorre-se a pensadores que contribuem, em diferentes termos, para o levantamento de conceitos e abordagens que consideramos relevantes nesta investigação: o sociólogo Michel Maffesoli (2004); os geógrafos Milton Santos (2006) e Rogério Haesbaert (2007); e as pesquisadoras de Comunicação Daniela Zanetti e Ruth Reis (2017).

³⁴ Em tradução livre do original: “La espacialidad gana, así, un lugar destacado en la teoría de las mediaciones de JMB en la última década. No obstante, aunque el autor recurre a referencias sobre espacio desde la edición original del libro *De los medios a las mediaciones*, lo hace sin traer su anclaje conceptual (Fragoso, 2012). Es recurrente el uso de los términos “territorio”, “lugares” (desde donde se piensa y se escribe); “cartografía”, “encruzilhada” (de saberes); de “fronteras”, “des-centra”, “ver-desde-lejos”; “puntos” (de equilibrio), “desplazamiento”, “mapa”, sin mencionar las expresiones accionadas en su literalidad: “casa”, “feira”, “barrio”, “ciudad”. Al valerse de la polissemia de la palabra espacio y de los términos relacionados, las toma muchas veces metaforicamente”. (Felippi, Villela e Silveira, 2019, p. 101, 102)

Maffesoli (2004) assevera a capilaridade da “temática do espaço” em diversas instâncias – sejam elas jornalísticas, acadêmicas ou políticas – e esclarece que a “conjunção entre o natural e o social é, certamente, um dos sinais distintivos da pós-modernidade” (2004, p. 47). As manifestações dessa relação estariam expressas em ideias “como o espaço, o território, a urbanidade e o localismo, que desempenham um papel cada vez mais importante no debate contemporâneo” (Maffesoli, 2004, p. 47).

Como expressão de uma dessas ideias, em Milton Santos (2006) faz-se importante examinar a noção de espaço – o objeto de estudo da geografia – como “conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ação” (2006, p. 39). O primeiro sistema comportaria os “objetos naturais” (a partir da natureza selvagem) e os “objetos fabricados, técnicos, mecanizados”. Já o sistema de ações se materializa através de necessidades “naturais ou criadas” pelo homem. A expressão mais próxima do espaço seria expressa pelo lugar. Conforme aponta Santos, “cada lugar é, à sua maneira, o mundo. (...) Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais” (2006, p. 213).

No lugar - um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições - cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (Santos, 2006, p. 218)

Esta percepção de comunhão expressa por Milton Santos também conversa com a observação de Maffesoli (2004), para quem a “lição do espírito do lugar” passa pela acentuação do ethos ligado a um espaço (2004, p. 64): “Através dos pequenos rituais da vida cotidiana, assim como no que concerne aos grandes acontecimentos que pontuam a vida pública, sou de um mundo que compartilho com os outros” (Maffesoli, 2004, p. 64,65). É no compartilhamento dessas vivências entre os mais diversos grupos (e sob os mais diversos “cultos”) que, para o autor, “o lugar faz o elo” (2004, p. 57).

Além das perspectivas trazidas pelos pensamentos de Santos (2006) e Maffesoli (2004), e na dimensão proposta de compreender as potencialidades de uma mídia nativa do espaço digital na construção de uma percepção cultural sobre uma determinada região, toma-se como fundamental também as discussões sobre multiterritorialidade problematizadas por Haesbaert (2007). Numa abordagem que contesta a noção de “desterritorialização” defendida

por muitos autores, Haesbaert (2007) traz a proposta de multiterritorialidade como reconhecimento de que, mais do que perder ou destruir "nossos territórios, ou melhor, nossos processos de territorialização (para enfatizar a ação, a dinâmica), estamos na maior parte das vezes vivenciando a intensificação e complexificação de um processo de (re)territorialização muito mais múltiplo, 'multiterritorial' " (2007, p. 19).

A experimentação dessa multiterritorialidade passaria, segundo o pesquisador, por diversos processos. E, no contexto desse estudo, interessa-nos o que se inscreve no âmbito da "mobilidade virtual" ou "multiterritorialidade simultânea", expressas por conexões informacionais. Numa autorreferência, Haesbaert (2004a:344) aponta que:

A principal novidade é que hoje temos uma diversidade ou um conjunto de opções muito maior de territórios/territorialidades com os/as quais podemos "jogar", uma velocidade (ou facilidade, via Internet, por exemplo) muito maior (e mais múltipla) de acesso e trânsito por essas territorialidades – elas próprias muito mais instáveis e móveis - e, dependendo de nossa condição social, também muito mais opções para desfazer e refazer constantemente essa multiterritorialidade (*apud* Haesbaert, 2007, p. 39)

Voltando a Martín-Barbero (2006), apreendemos que, a partir dos usos das tecnologias empreendidos pelas minorias e comunidades marginalizadas, são introduzidos "ruídos nas redes e distorções no discurso do global, através das quais emerge a palavra dos outros, de muitos outros" (2006, P. 69). E, em paralelo com o que foi apontado por Haesbert (2007) no trecho anterior, vislumbramos, também, um efeito inverso: "essa reviravolta evidencia nas grandes cidades o uso das redes eletrônicas para constituir grupos que, virtuais em seu nascimento, acabam territorializando-se, passando da conexão ao encontro, e do encontro à ação" (Martín-Barbero, 2006, p. 69).

Acreditamos, com isso, que um *podcast* como o Budejo pode elaborar-se nos dois sentidos apontados pelos autores: se, por um lado, expressa uma multiterritorialização da região do Cariri por meio do espaço digital, por outro, territorializa os grupos de produtores e ouvintes que formam redes a partir dos usos sociais deste meio.

Neste sentido, a comunicação expressa-se, entre outras dimensões, também como instância formadora de territórios, uma vez que o território se inscreve, conforme Santos (2005), como espaço em uso. Reis e Zanetti (2017) nos lembram que conceitos de comunicação e informação estão presentes em estudos que discutem questões relativas ao território e à territorialidade, especialmente quando os debates superam uma compreensão estritamente geográfica. As pesquisadoras também recorrem ao geógrafo Milton Santos para sublinhar que "além da técnica informacional que cria novas formas de conexão e organização espacial, Santos (2005) destaca a importância histórica dos meios de comunicação no processo de

construção das territorialidades e da percepção que cada um tem dos territórios que habita” (Reis e Zanetti, 2017, p. 17).

As mídias, enquanto “conjunto de linguagens e equipamentos destinados a dar corpo e movimento às narrativas na contemporaneidade”, tornam-se, assim, imprescindíveis para o que Reis (2017) chama de “estar neste mundo ampliado da contemporaneidade”. A autora destaca o papel da comunicação como formadora de uma territorialidade que incide sobre outras e também sobre o nosso cotidiano. Estaríamos, assim, inseridos num “jogo de pertencimento” a dois mundos: um global – amplo, midiaticizado e acessível; e outro local – imediato e delimitado:

Nossos corpos, como territórios primordiais, contêm esses registros e essa diferença: hoje podemos ser locais e globais ao mesmo tempo. Se era na casa, na rua, nas cidades que se encontravam estes corpos locais, hoje não é necessário nem possível se limitar a esse território. Este estar no mundo global propõe uma experiência que não prescinde totalmente da mecânica dos corpos, mas acrescenta-lhe a tecnologia, como transcendência, prolongamento do humano no inumano. Propõe um lançar-se na amplitude do espaço que encolhe aos nossos olhos contemporâneos, e cujas fronteiras entre conhecido e desconhecido são movidas a todo momento, desde aquela que nos permite ultrapassar para um mundo virtual sem que nossos corpos se coloquem em movimento à que nos conduz materialmente para outros lugares (Reis, 2017, p. 25)

Para Zanetti (2017), obras audiovisuais podem estar intimamente ligadas ao processo descrito por Reis (2017), uma vez que, ao considerarmos aspectos ligados à forma e ao conteúdo de tais produções, é possível vislumbrar a identificação de modos de representação de territorialidades em determinado contexto por meio da linguagem audiovisual. Num paralelo com o *podcast*, que aqui tomamos em sua apresentação sonora, mas que reconhecemos também em sua dimensão audiovisual, vez que muitas produções também contemplam o vídeo – entendemos que o formato também tem potencialidades para construir representações sobre territórios e estabelecer elos entre diferentes territórios.

Entendemos, recorrendo novamente a Martín-Barbero (2018), que o espaço habitado – que se vincula ao território e relaciona-se ao tempo cotidiano – pode ser objeto de tais representações, como, nesta pesquisa, vislumbramos o Cariri através do Budejo. O *podcast* em si, assim como outros meios de comunicação, podem ser identificados, segundo o autor, como espaço-produzido, capaz de representar e estabelecer conexões entre diferentes territórios. Por isso, é necessário conhecer o contexto do *podcast* pesquisado, para analisarmos as relações do Budejo com as identidades e espacialidades do Cariri.

5.2 Que Budejo é esse? Apresentando o *podcast*

Depois de cinco anos de veiculação semanal, com algumas exceções, irradia-se pela Internet, desde 3 de maio de 2024, quinzenalmente às quintas-feiras, o Budejo. Vem de “bodejo” (com “o” na primeira sílaba) – a voz do bode ou ato ou efeito de bodejar³⁵ – o sonoro nome do *podcast* realizado por quatro amigos caririenses que debatem – ou simplesmente “budejam” – sobre uma diversidade de temas culturais, sociais e políticos, com a presença ou não com convidados.

A formação do grupo remete, porém, a um caminho inverso: para se fazer chegar ao público, os realizadores “territorializaram-se”: saíram das redes para o encontro presencial. Era início da tarde do dia 7 de fevereiro de 2019 quando o jornalista Felipe Azevedo³⁶ (2019) publicava uma espécie de convite aberto em seu perfil no antigo Twitter – atual X –, conclamando pessoas do Cariri a “começar um projeto sério de um *podcast* com assuntos regionais e, lógico, de relevância nacional!!”. Ao final do *post*, ele concluía: “Tem público, falta quem faça!”.

Depois de uma reunião presencial, com um grupo que chegou a reunir seis pessoas³⁷, seria lançado, em março daquele ano, o primeiro episódio do *podcast*, à época com veiculação semanal. A articulação também passou pela casualidade. Se Luan Alencar foi cogitado porque já ter experiência anterior com *podcasts* e tinha em Pedro Phillipe um “crush de amizade”, Ana Carolina Torres – ou Carol Aninha, como se apresenta no programa – estava apenas acompanhando uma amiga no encontro inicial:

Eu me senti convidada e eu fico bem orgulhosa disso... eu não participei do primeiro episódio do Budejo, porque eu fiquei meio envergonhada, pensei assim: "não, isso ali foi coisa de bar, não vão nem lembrar de mim", só que me colocaram no grupo do WhatsApp, me chamaram pra uma gravação e eu fui. Achei a galera legal, gostei e decidi ficar (Carol Aninha, 2022, s/p).

A situação relatada por Carol Aninha demonstra a espontaneidade característica da formação de vários *podcasts*. Sem experiência de produção no formato antes do Budejo, seu contato com a linguagem sonora se dava como ouvinte de rádio: “Em uma época muito feliz da minha vida, sempre tava escutando rádio e tenho o costume, inclusive, de escutar rádio até hoje”

³⁵ Acreditamos que, neste contexto, vale trazer a definição do dicionário para contextualizar leitores que desconheçam o termo.

Fonte: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1

³⁶ O jornalista integrou o *podcast* de março de 2019 a dezembro de 2020.

³⁷ Além de Felipe Azevedo, a formação original do Budejo reuniu Amanda Souza, Élide Gomes, Isaac Macedo – que também já deixaram a produção –, Ana Carolina Torres, Luan Alencar e Pedro Phillipe.

(Torres, 2022). Ela contou, no entanto, que a frequência de escuta diminuiu com a chegada das plataformas de *streaming*, por meio das quais costuma escutar *podcasts*. Antes do Budejo, a escuta da mídia criada em 2004, porém, ainda era bem restrita. Ela relatou ter tido contato com um *podcast* específico, o Meteoro Brasil³⁸, numa época que o acesso ainda se dava através dos sites. Para Aninha, o Budejo teve papel importante no seu contato com o mundo dos *podcasts*:

O Budejo, além de me apresentar mais ao *podcast* a partir dos serviços de *streaming*, me fez realmente consumir, começar a consumir, porque eu ia pras reuniões, pras gravações e os meninos sempre me davam dicas: "ah, escuta esse"... Então, todos esses que os *podcasts* famosinhos, Mamilos e tal, quem me indicou foram os meninos: "esse é legal". Aí eu fui realmente descobrindo o que era, fui vendo vários formatos (...). Então, tipo, eu realmente me iniciei no *podcast* com o Budejo, eu realmente desci, caí de paraquedas, como se diz, e realmente me sinto muito grata porque abriu um mundo de possibilidades pra mim em relação a muita coisa (Carol Aninha, 2022, s/p)

Já o caminho de Luan Alencar foi inverso: teve primeiro contato com *podcasts*, em meados de 2008 ou 2009, "lá na pré-história do *podcast*", quando, a exemplo do relato de Carol Aninha, o processo consistia em acessar um site para baixar arquivos em mp3 e, em seguida, transferir para um mp3 *player*. Desta época, ele descreveu, em nível pessoal, parte da cronologia do *podcast* no Brasil que trouxemos anteriormente neste texto: "era um negócio super restrito a pequenos nichos, não tinha muito *podcast* gigante que todo mundo conhece hoje em dia, como a Globo tem, a CNN... As grandes marcas vão todas pro *podcast*, na época não era bem assim" (Alencar, 2022, s/p). A escuta de Luan começa com o *podcast* de Cinema da MTV:

O primeiro que eu ouvi, que até hoje é o meu *podcast* favorito, é o *podcast* de cinema da MTV, porque eu assistia MTV na época, eu era viciado na MTV, na parabólica, e tinha um programa, acho que era Acesso MTV, e toda quinta-feira ia um cara lá participar pra falar da estreia da semana do cinema e aí ele terminava o quadro dele dizendo: "ah, se você quiser ouvir mais sobre o filme, vai lá no site da MTV e ouve nosso *podcast* de cinema da MTV". Esse era o nome do *podcast* e eu sempre via isso e ficava "caralho, o que será isso? que conteúdo é esse e tal?". Aí fui lá e acessei e vi que era só áudio e já achei super estranho, né, porque, sei lá, parecia um retrocesso ser só em áudio. Você estranha a ausência de vídeo quando é seu primeiro contato, mas aí quando, sei lá, quando você entende o que é, você coloca no seu mp3 *player* e que você começa a ouvir e tem essa coisa de que toda semana eles tavam de volta, aí você começa a se apegar a cada participante, você começa a entender a personalidade de cada um e, quando você vê, parece que você é amigo de todos eles. (Luan Alencar, 2022, s/p)

Sobre a relação com o rádio, Luan apontou um período específico da vida: o primeiro estágio da faculdade, num cartório, onde era responsável pela digitalização de livros de registros antigos. Solitário, o trabalho, com duração de seis horas diárias, foi amenizado com

³⁸ Em busca no Spotify, só foi encontrado um episódio do referido *podcast*. No entanto, existe um canal no YouTube que é periodicamente atualizado e conta com mais de um milhão de inscritos: https://www.youtube.com/channel/UCk5BcU1rOy6hepflk7_q_Pw

a companhia do rádio e de *podcasts*: “se eu não estivesse ouvindo alguma coisa, eu endoidava... aí eu criei toda uma rotina, porque eu abria um aplicativo de rádio e quando acabava a programação (que escutava), eu começava a ouvir os *podcasts*” (Alencar, 2022, s/p). Neste sentido, o *podcast* também compartilha o papel que McLeish (2005) atribui ao rádio, que “reduz sentimentos de solidão, criando uma sensação de companhia”³⁹ (2005, p. 10).

De consumidor, Luan Alencar passou, em 2017, a produtor. Junto a amigos da escola e da faculdade, criou o Esquentando Bancos⁴⁰, programa que, até 2020 – quando foi encerrado – era dedicado a pautas sobre futebol, e no qual o atual participante do Budejo permaneceu até abril de 2019, pouco depois de passar a integrar o então novo projeto. A trajetória do *podcaster* é exemplo do que Viana (2022) aponta:

Por seu caráter independente, o *podcast* também rompe com as barreiras consolidadas que separavam os emissores dos receptores. Os ouvintes ganharam espaço para produzir e difundir conteúdo: o que antes era definido pela lógica de transmissão em para muitos agora é centrada na produção muitos-para-muitos (Viana, 2022, P. 36)

Com o passar do tempo, o Budejo chegou a dezembro de 2020 com a formação que permanece até hoje. Do grupo original, continuam Carol Aninha, juazeirense de 34 anos, branca, professora de Sociologia do Estado em Juazeiro do Norte; Luan Alencar, 29 anos, branco, “apenas” nascido em Barbalha, mas residente de Juazeiro do Norte “desde sempre”, formado em direito, hoje é editor de *podcasts* freelancer⁴¹ e na produtora Maremoto, de São Paulo; e Pedro Phillipe, barbalhense de 34 anos, negro, jornalista e atual residente do Rio de Janeiro. Vamille Furtado, que entrou para o *podcast* no início de 2020, tem 31 anos, é juazeirense, parda, formada em Jornalismo e ainda moradora da cidade natal.

A organização do *podcast* é horizontal no que diz respeito às sugestões de pauta e produção, ainda que Pedro Phillipe tenha assumido formalmente a função de produtor durante a pandemia, quando estava desempregado. A edição é feita exclusivamente⁴² por Luan nos programas Adobe Audition, que usa para sonorização, e Audacity, usado para decupagem. O editor também é reconhecido pelo grupo como host – ou apresentador – do Budejo. O que se

³⁹ Tradução livre do original: It reduces feelings of loneliness, creating a sense of companionship (McLeish, 2005, p. 10)

⁴⁰ <https://open.spotify.com/show/7qNCipMjJinHoe8430y4rT>

⁴¹ Luan Alencar foi responsável, por exemplo, pela edição de som do podcast A mulher da casa abandonada, da Folha de São Paulo. Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/a-mulher-da-casa-abandonada/>

⁴² Na entrevista realizada em 23 de novembro de 2020 para a coleta destes dados, Luan revelou que a edição foi terceirizada em apenas duas ou três ocasiões, quando precisou viajar e não pôde cumprir a função. A informação foi confirmada em entrevista realizada por e-mail em junho de 2024, reforçando que, entre os membros do podcast, ele continua sendo o único a editá-lo.

observa, a partir dos relatos dos integrantes, é que os temas escolhidos direcionam a produção dos episódios:

Carol Aninha: Hoje quem tá mais a frente da produção mesmo dos episódios é Pedro, até mesmo porque Pedro tem muitos links com pessoas assim bastante variadas. A gente fala que ele é nosso link com a Globo (risos). Ele tem amizade, tem parceria..

Luan Alencar: É nosso correspondente Choquei⁴³ (risos)

Carol Aninha: Exato, então assim, ele consegue muita coisa pra gente e sempre foi Pedro que conseguiu esses sonhos. Porque, pra mim, fazer um (episódio sobre) Auto da Compadecida da vida foi realizar um sonho. Só foi possível graças aos links que o Pedro tinha, entendeu? Talvez a gente não tivesse chegado tão longe sem esses links. Então hoje Pedro tá mais à frente produzindo, mas a gente sempre se ajuda na hora de fazer um roteiro, de fazer as perguntas, é sempre um trabalho bem coletivo, sabe? E também depende muito do tema, né? Quando é um tema que apetece mais a mim ou a Vamille ou a Luan ou a Pedro, que fica mais à frente.

Luan Alencar: Eu acho tipo assim, se fosse pra responder como fosse uma prova, seria: Pedro em regra é quem produz, só que, sempre que um de nós tem uma ideia e tem vontade da gente produzir, a gente muda. Então, tipo, Aninha já produziu vários episódios. Eu recentemente produzi um porque eu já tinha os contatos (...) Mas geralmente é Pedro justamente por isso: pelos contatos que ele tem e pelas ideias, quem mais fica quebrando a cabeça de pensar "pô, bora falar sobre isso bora falar sobre aquilo, vamo procurar tal pessoa pra tal tema e tal"....

Pedro Phillipe: E pra ter alguém responsável, né? Ter a pessoa que tem obrigação de "ó, vai ter episódio essa semana, é tal tema, qual o dia que vocês podem, apareçam..." porque, se não, ia ficar naquela no grupo "e aí minha gente, qual é o episódio dessa semana?" como já foi né, por muito tempo no começo...

Luan Alencar: Foi, foi...

Pedro Phillipe: Chegava quarta-feira a gente ficava no grupo "sim minha gente, tem episódio essa semana, vai ser sobre o quê?" (risos) (2022, s/p)

Em entrevista realizada por e-mail com Luan Alencar em junho de 2024, o tempo médio de produção para cada episódio foi relatado. Entre cinco e oito dias, as atividades se dividem entre “pensar no convidado, conseguir agenda, gravar e editar”. O editor acrescentou, ainda, que “se for um convidado com uma agenda mais apertada, esse prazo se estica” (Alencar, 2024). É de responsabilidade da Central 3, produtora de podcasts à qual o Budejo está vinculado desde abril de 2021⁴⁴, a atualização dos episódios nas plataformas de *streaming* e tocadores de *podcasts*. Conforme Luan, a atribuição desta etapa deve-se ou fato de utilização do servidor da produtora: “isso é bom porque nem a gente gasta com servidor, nem temos esse trabalho de subir o episódio nas plataformas. Eu subo num drive e mando pra eles” (Alencar, 2024), informou. O host acrescentou, ainda, que a produtora não interfere no processo produtivo do

⁴³ Brincadeira de Luan Alencar em alusão ao canal de fofocas Choquei, criado pelo fotógrafo goiano Raphael Sousa e presente no Instagram e Twitter.

⁴⁴ A Central 3 é um estúdio profissional de *podcasts* que conta com produções autorais, além de desenvolver serviços de locação do estúdio, produção e edição para *podcasts* externos. A empresa conta com mais de 30 programas ativos, como Xadrez Verbal e Medo e delírio em Brasília, e de podcasts parceiros, como o Budejo, que antes, de janeiro de 2020 a junho de 2021, esteve vinculado à Rádio Guarda-Chuva, selo de podcasts jornalísticos que reuniu, entre outras produções, a Rádio Escafandro e o Vida de Jornalista.

grupo. “A Central 3 não dá nenhuma orientação sobre edição nem tempo dos episódios. A gente tem total liberdade de escolher tema, duração, periodicidade, tudo”, contou Luan Alencar.

A dinâmica observada no Budejo traduz, pois, uma característica “essencialmente colaborativa” dos *podcasts* destacada por Bonassoli (2014, p. 16). Para a autora – e também *podcaster* –, a produção do formato pode ser “particionada em várias outras atividades menores”, de modo que os integrantes assumam, à sua maneira, um determinado perfil:

(...) assim temos aquele que é mais crítico quanto ao desenvolvimento de pautas, temos aquele que edita, temos aquele que tem uma presença mais carismática ou uma grande influência e poder de engajamento, ou então, um grupo que compartilha de habilidades e de talentos, trocando experiências e aprendizagem que resultam na evolução do todo (Bonassoli, 2014, p. 16)

Em meio a uma articulação cooperativa que pode ser reconhecida no Budejo, seus integrantes apontam, por outro lado, o que seria a “grande deficiência” a ser reparada pelo grupo: o processo de divulgação do *podcast*. Perguntados sobre as definições de estratégias para este processo, Luan respondeu, em tom de brincadeira: “É torcer pro Dengo do Budejo⁴⁵ tuitar alguma coisa”, referindo-se ao perfil anônimo representado por um bode, no Twitter, que se denomina como “Primeiro bode oficialmente fã do Budejo *Podcast* porque representatividade importa!”. Em paralelo, Pedro Phillipe completou: “Eu ia dizer: rezar pras pessoas divulgarem”.

Para Carol Aninha, a perspectiva de reparar a situação passar pela possibilidade de “terceirizar” essa função. Luan Alencar acredita que essa dificuldade é uma das desvantagens inerentes aos produtores de conteúdo independente:

Essa é uma das desvantagens da produção de conteúdo independente. Quando cada integrante tem outra profissão, outra ocupação, a gente não consegue o tempo suficiente. Tanto tempo, quanto a cabeça, assim, porque não é só tempo, é a gente estar disposto assim, a gente ter, sabe, disposição mesmo pra “pô, vou parar aqui pra pensar numa estratégia de divulgação”. Então o que a gente faz ultimamente é: publica o episódio, espera ele sair nas plataformas e aí geralmente ou eu ou Pedro faz um tuítezinho dizendo que o episódio saiu, os links pra cada plataforma, Pedro faz uns stories também como Aninha falou, meio que explicando o que foi o episódio e chamando o pessoal pra ouvir, mas se restringe muito a isso. Tipo, eu acho um milagre a gente ter os números que a gente tem no Instagram como no Twitter porque a gente tem muito seguidor⁴⁶. (Luan Alencar, 2022, s/p)

Diante da impossibilidade de garantir uma divulgação nos termos que os integrantes consideram ser ideal, observamos que, assim como eles mesmos indicaram, o fato de ser um

⁴⁵ <https://x.com/dengodobudejo>.

⁴⁶ Conforme observado no dia 18 de junho de 2024, o Budejo tem 6.329 seguidores no X (<https://x.com/budejopodcast>) e 8.618 no Instagram (<https://www.instagram.com/budejopodcast/>).

projeto independente garante, por outro lado, uma liberdade dos conteúdos que, em geral, não se vê na mídia tradicional ou em iniciativas não ligadas a grandes empresas de comunicação.

Neste sentido, a evolução temática do Budejo pode ser constatada ao longo do tempo. Ainda que tenha surgido com a pretensão de ser “o *podcast* que leva o Cariri aos seus ouvidos”⁴⁷ e que episódios sobre a região ainda se mantenham no escopo do programa – constituindo-se o foco deste estudo –, a diversidade dos assuntos foi consolidada em abordagens políticas, culturais, sociais e ou em temas mais livres, observados nos episódios gravados sem convidados, apenas com os integrantes do projeto. Sobre a questão, Pedro Phillipe explicou que

A gente deixou de ser "o *podcast* que leva o Cariri aos seus ouvidos" porque nisso que a gente começou, a gente começou como *podcast* pra pessoas do Cariri, até que nossos primeiros episódios, a gente falando muito sobre pessoas de lá, lugares de lá e a gente pensava mais nisso até que se tornou uma coisa completamente diferente. Então, assim, todo o nosso pensamento a respeito do *podcast* foi mudando ao longo do tempo. E tudo o que a gente fazia de especial, o Auto da Compadecida, Luiz Gonzaga, Padre Cícero, a gente quer continuar fazendo isso. A gente quer fazer um especial Nova Olinda⁴⁸, com Espedito Seleiro, com Casa Grande, e tal, mas já não é muito o nosso foco, ficar pensando apenas no Cariri. (Pedro Phillipe, 2022, s/p)

O pensamento de Pedro Philippe reverbera em Luan Alencar, que levanta outro argumento no que concerne à produção de episódios temáticos sobre a região:

Tem uma outra coisa também que é acho mais técnica do que filosófica, que é sobre a questão da gente hoje falar um pouco menos sobre o Cariri porque assim, tem temas específicos do Cariri que, pelo menos pra mim, seria muito decepcionante se a gente fizesse, por exemplo, um episódio sobre Seu Espedito Seleiro e ele fosse pruma mesa de bar da gente conversando sobre Espedito, ou fosse meramente uma entrevista com o Seu Expedito. A gente queria fazer uma coisa massa, sabe? Como foi com Luiz Gonzaga assim, viajar pra lá, fazer um episódio legal e tal, só que aí entra o negócio lá do tempo, do dinheiro, do financiamento, da gente ter os nossos trabalhos, então esse tipo de episódio ele demora muito tempo pra ser feito, né? Um trabalho desgraçado assim pra fazer, o do Luiz Gonzaga foi uns dois meses fazendo e tal e ficou muito massa, é um dos episódios que eu mais gosto, mas é isso, assim, pra fazer demanda uma estrutura que a gente não tem, né? infelizmente, então acho que talvez por isso também hoje a gente faz menos episódios assim porque a gente quer, quando for fazer, sobre o Cariri, né, que é o nosso tema do coração, sempre, enfim, dedicar mais e mais da nossa força de trabalho, assim, pra fazer coisas diferentes, sabe? A gente não podia fazer esses episódios como qualquer outro que a gente faz semanalmente assim, que demanda menos trabalho e é mais rápido, sabe? (Luan Alencar, 2022, s/p)

Nas possibilidades desta autonomia, o Budejo já produziu, entre outros episódios, a série *Mestres do Vale Encantado*– sobre mestras e mestres da cultura do Cariri, que inclui o

⁴⁷ Este slogan era falado por Luan Alencar na abertura dos episódios (Sejam bem-vindas e bem-vindos a mais uma edição do Budejo, o *podcast* que leva o Cariri aos seus ouvidos) até o de número 91, de 8 de julho de 2021.

⁴⁸ Nova Olinda é um município que faz parte da região do Cariri onde estão localizadas a oficina do mestre de artigos de couro Espedito Seleiro e a Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri, Organização Não Governamental voltada à formação social e cultural de crianças e jovens da cidade.

citado Espedito Seileiro e tem um dos episódios analisados nesta pesquisa. Outros exemplos da diversidade temática do *podcast* são a série sobre a pandemia de covid-19⁴⁹ e também os denominados “Budejo Elegante”, em alusão ao Dia dos Namorados. A variedade da produção é expressa, ainda, em episódios como o de número “92 – O autoritarismo é sintoma de uma democracia frágil, com Fabiana Moraes” e o “100 – A pedagogia do chifre, com Xico Sá e Falcão”. Luan Alencar comentou o assunto, destacando que a

(...) vantagem de fazer o que a gente faz é liberdade. O fato da gente ser independente, a nossa fonte de renda ser os ouvintes, a gente se sente muito à vontade pra falar do que a gente quiser, do jeito que a gente quiser. Num final de semana, a gente tava de férias, quando saiu o negócio de que o Bolsonaro era corno e a gente correu pra juntar Falcão e Xico Sá e a gente fez um episódio sobre chifres. Tipo, em que veículo tradicional de imprensa você faria isso, né? Em uma semana tá falando que Bolsonaro é corno e na outra tá falando com uma médica sobre a covid, sabe? Um negócio meio maluco assim, mas que, enfim, é isso que eu acho que é o mais legal do Budejo e a mídia em si (o *podcast*) permite, né? Ela é muito versátil e acho que isso é muito bom porque a gente não se cansa do que a gente tá fazendo porque a gente sempre tá fazendo uma coisa nova. Isso vem junto com a desvantagem que é: essa liberdade toda tem um preço, né? Qual é a marca que vai querer pagar num programa que fala que o Bolsonaro é corno ou fala como a gente fala sobre política e tem um lado e que não se esquiva muito de nenhum assunto e tal? Porque marcas em geral tão mais interessadas em programas mais fechadinhos, que não se comprometam tanto com um lado ou com outro. (Luan Alencar, 2022, s/p)

Neste sentido, o apresentador aponta a questão do financiamento como “grande desafio de todo mundo que produz conteúdo de forma independente” (2022, s/p), já que muitos dos realizadores têm que se dividir entre seus projetos e o “trabalho de vida real”.

Conforme Luan Alencar (2024), parcerias com marcas para publicidade foram, ao longo dos cinco anos de *podcast*, pontuais. Somente duas ocasiões foram relatadas pelo editor: um apoio do Arajara Park⁵⁰ para a série *Mestres do Vale Encantado* e uma publicidade de Dia dos Namorados do shopping Riomar Fortaleza no episódio de número 166, de 1º de junho de 2023 (*Turistando pelo Cariri com ouvintes enquanto esperamos o Pau da Bandeira*). Desde o episódio 119 (de 22 de abril de 2022)⁵¹, porém, são veiculados anúncios no Spotify, incluídos pela Central 3. De acordo com Luan,

Até hoje não recebemos nenhum repasse financeiro pelos anúncios. Inclusive é algo que preciso ver com eles, porque já recebemos algumas reclamações desses anúncios. Foi uma atualização do contrato da gente a inclusão desses anúncios. Eles passaram a incluir em todos os *podcasts* da casa. Acaba que fica uma contrapartida pela hospedagem do Budejo nos servidores deles (Luan Alencar, 2024, s/p)

⁴⁹ De 23 de março a 6 de agosto de 2020, o Budejo veiculou a série “Pandemia: Outros Olhares”, num período em que manteve também os episódios convencionais. A série contou com 11 episódios.

⁵⁰ Parque aquático localizado na cidade de Barbalha.

⁵¹ O anúncio observado desde o mencionado episódio é da marca Lysoform.

No caso do Budejo, portanto, é a partir do apoio dos ouvintes que os investimentos no *podcast* são feitos. Pedro Phillipe relatou, na entrevista realizada em 23 de novembro de 2022, que a abertura ao financiamento foi motivada pela ideia de remunerar Luan como editor e pela interpelação de muitos ouvintes que chegavam a perguntar sobre o “*link do podcast no Catarse ou Apoia.se*”, plataformas de financiamento coletivo. Hoje, além do Apoia.se, a produção cariense também recebe apoio financeiro via Orelo – plataforma voltada para *podcasts* – e Pix. Os recursos também foram usados para a compra de equipamentos, como microfones e fones de ouvido, e para a remuneração também de Pedro Phillipe como produtor, pois ele ficou desempregado no período da pandemia.

Como demonstrado pela abordagem dos ouvintes do Budejo, entendemos que, com base no que apontaram Medeiros e Prata (2019) quando traçaram um paralelo com a história do rádio – cuja origem é marcada pela formação de clubes de ouvintes filiados que pagavam mensalidades para a manutenção das emissoras pioneiras, o financiamento coletivo recorrente constitui-se como uma possibilidade de modelo de negócios para *podcasts*, que atualizam a prática observada nos primeiros anos do rádio hertziano a partir da relação de proximidade construída com seus ouvintes: “Para viabilizar o aperfeiçoamento nas técnicas e distanciamento do amadorismo inicial sem perder a independência criativa, os podcasts precisaram buscar alternativas de arrecadação, chegando assim às plataformas de financiamento coletivo.” (Medeiros e Prata, 2019, p. 13, 14)

A relação de proximidade entre ouvintes e produtores pode ser apontada como um dos fatores para o estabelecimento do financiamento das produções. Acreditamos, por outro lado, que há uma espécie de retroalimentação deste vínculo a partir das recompensas destinadas ao público. No caso do Budejo, ouvintes apoiadores têm acesso a um grupo com os produtores do *podcast*, no aplicativo de mensagens Telegram, denominado *Budelovers*.

Desta relação, Pedro Phillipe ainda guarda uma curiosidade que pretende esclarecer com realizadores de outros *podcasts*, a de “ver se tem esse carinho, esse sentido de família, de amizade que é entre os ouvintes do Budejo, porque de início já veio isso, essa amizade, essa aproximação com o pessoal e dos ouvintes entre si” (2022, s/p). Nesta perspectiva, Luan Alencar indicou uma quebra de expectativa no que se refere à ideia inicial sobre a concepção do grupo:

A gente criou o grupo achando que a galera ia entrar meio que pra ficar ouvindo a gente falar do podcast, sei lá, foi uma coisa meio que "ah, gosto desse conteúdo, quero ver mais do que as pessoas que fazem o conteúdo têm a dizer sobre outras coisas e tal". Só que muito rapidamente virou outra coisa. Virou um ponto de encontro das pessoas que gostam do programa entre si também, não necessariamente com o nosso

intermédio. E eu acho que é isso o mais bonito daquele grupo. É ver encontros em lugares que a gente nem tá, mas que os ouvintes se juntaram e foram se encontrar em outro país, em outro estado e tal, e ver o grupo meio que começando a andar só (Luan Alencar, 2022, s/p).

Para além do grupo de apoiadores, o alcance do Budejo manifesta-se também em ocasiões nas quais os integrantes são reconhecidos por outros ouvintes em lugares da “vida real”, como relatou Luan. Para o *host*, os números do *podcast* não parecem traduzir esse tipo de situação, já que, em comparação com um “*youtuber* da vida”, ele os considera “*ínfimos*”. Na Figura 5, pode-se observar algumas métricas do *podcast*⁵² no Spotify:

Figura 5 - Métricas do Budejo no Spotify



Fonte: Budejo/Spotify – 23 de Novembro de 2022

Conforme a plataforma de *streaming*, os números de inicializações, que, no caso do Budejo, chegaram a 557.798, indicam quando um usuário ouve zero segundo ou mais de qualquer episódio do *podcast*. Já os *streamings* do *podcast* cariense alcançaram a marca de 433.233, indicando o número de vezes que usuários escutaram 60 segundos ou mais de qualquer episódio. O número de ouvintes (61.708) leva em conta a quantidade de usuários individuais do Spotify que iniciaram a reprodução de um episódio. Já os seguidores, em número de 17.728, são aqueles que clicaram no botão Seguir no perfil do *podcast* na plataforma.

Luan revelou ainda os dados de gênero da audiência no período de 31 de janeiro a 31 de dezembro de 2023: 64,7% identificam-se como do sexo feminino; 33,4% do masculino; 0,6% não binário e 1,4% não especificado. Quanto à faixa etária, a maior parte dos ouvintes do

⁵² As informações das métricas do Budejo no Spotify foram concedidas por Luan Alencar em novembro de 2022, através de entrevista realizada por meio do aplicativo de mensagens Telegram.

Budejo tem de 28 a 34 anos (34,5%). Na sequência, encontram-se os ouvintes de 35 a 44 anos (29,8%); de 23 a 27 anos (17,3%); de 45 a 59 anos (12%); de 18 a 22 anos (3,9%); e de 60 anos ou mais (2,4%). Já os cinco países com maior número de ouvintes do Budejo são, em ordem decrescente, Brasil, Estados Unidos, Portugal, Reino Unido e Alemanha.

O alcance do *podcast* demonstra, na nossa visão e a partir dos relatos dos realizadores, que, de fato, a relação estabelecida entre ouvintes e produtores do Budejo está além dos números e impacta diretamente na continuidade do projeto. Conforme relatado por Luan Alencar,

É muito gratificante porque é isso que gera a gente encontrar uma pessoa na rua e ela dizer tipo, eu ouvi lá em Recife a frase "o Budejo salvou a minha vida". Porra, ouvir isso na boca de uma pessoa na sua frente, que nunca lhe viu, que eu nunca vi a pessoa, e a pessoa foi lá encontrar só pra dizer isso assim, me abraçar e ir embora, sabe? Então acho que é essa troca que a gente tem é o que renova muito o nosso pique pra continuar fazendo e gerando esse tipo de repercussão, esse tipo de troca mesmo com os ouvintes. (Luan Alencar, 2022, s/p)

Nesta dimensão, e em complemento ao que Luan antecipou, Carol Aninha também asseverou a importância dos vínculos estabelecidos entre os integrantes do Budejo e com os ouvintes da produção:

Até em nossos piores momentos – quando eu falo em piores momentos geralmente são os momentos tanto pessoais como também de Brasil, doente de Brasil –, eu acho que vem uma força, sabe, seja partindo de Luan, ou de mim, ou de Vamis ou de Pedro, mas sempre um puxava o outro e sempre tem um assunto que a gente precisa falar, que não dá pra não falar. Então o Budejo é essa ferramenta que eu morro de orgulho, sabe? Óbvio que é pensando nos ouvintes, é pensando em levar informação, trazer debate, trazer pessoas qualificadas que falem para os nossos ouvintes e também nos expliquem. A gente aprende muito. Então, é tipo isso: quando tá tudo desabando, a gente pega um na mão do outro e dá continuidade. Tanto é que o Budejo nunca parou (Carol Aninha, 2022, s/p)

Os relatos dos produtores do Budejo demonstram que o caráter colaborativo desta mídia (Bonassoli, 2014) ultrapassa o âmbito da produção e, na audiência, materializa-se no apoio financeiro e/ou nas demonstrações afetivas dedicadas ao *podcast*, impactando, de forma decisiva, no seguimento do projeto. Diante dos desafios de uma iniciativa independente, parece-nos relevante que, de um lado, os produtores busquem a melhoria da qualidade de seus produtos e, de outro, que os ouvintes compreendam que também fazem parte desse processo.

Neste sentido, o público do Budejo, como sinaliza o depoimento de Pedro Philippe, esteve, desde os primeiros episódios, em ativa troca com os produtores do programa, chegando a motivar uma certa problematização de seus *feedbacks* entre eles:

A gente ficou se questionando quais os sentidos do regionalismo e a que serve, porque no começo a gente começou a cismar um pouco de gente que falava que ouvia por causa do nosso sotaque e a gente ficava "hum, mas por causa do nosso sotaque só?" (risos) né? Era uma coisa meio estranha, era como se tivesse um fetiche no sotaque ou era porque era uma coisa meio exótica, meio diferente, né? Mas muito interesse genuíno pela região do Cariri mas em tudo, até hoje, por mais que a gente ainda esteja trabalhando o que é que a gente acha sobre o regionalismo e sobre esse lugar no Budejo, é, não deixa de ser a visão do Cariri sobre tudo, sabe? (Pedro Philippe, 2022, s/p)

Depois de conhecer a sistemática de produção do podcast e como os integrantes do Budejo entendem sua relação com o Cariri a partir do trabalho com esta mídia, partimos, nos tópicos que se seguem, à análise dos episódios delineados para a pesquisa, na busca de identificar, através dos modos de endereçamento, a evolução técnica do Budejo e o desenvolvimento temático do *podcast* no intuito de demarcar identidades e espacialidades sobre o Cariri cearense.

5.3 O Cariri no/do Budejo: operadores de análise de endereçamento nos episódios temáticos

Como já exposto no tópico dedicado à metodologia da presente pesquisa, apresentamos, no item que segue, a análise de episódios do Budejo a partir de 2019, quando a produção estreou, até 2023, contemplando, assim, cinco anos do *podcast*. Delineou-se o recorte a fim de identificar e analisar aspectos relativos à sua evolução técnica e temática, numa demarcação que dialogue com o referencial teórico das mediações, circunscritas às tecnicidades do *podcast* e às identidades e espacialidades do Cariri presentes na produção.

Tal discussão será apresentada a partir dos modos de endereçamento como conceito metodológico, utilizando-se, para tal, operadores de análise delimitados através da combinação das propostas de Gomes (2011) e Costa Filho e Marques (2015), contemplando organização temática (assuntos abordados sobre o Cariri); mediadores (produtores do *podcast* e convidados); papel social (informação, entretenimento, memória); e recursos técnicos (efeitos sonoros, trilhas, vinhetas).

Considerando a diversidade de formatos dos programas (conversa entre os integrantes, entrevista com convidado, documentário, episódio de uma série temática), retomamos a apresentação dos episódios selecionados conforme as figuras abaixo, trazendo-os em ordem cronológica de publicação na plataforma de *streaming* Spotify:

Figura 6 - Ep 08 - Pau da Bandeira: as tradições, o sagrado e o profano (29 de maio de 2019, 90 minutos)



Fonte: Elaborada pela autora

Figura 7 - Ep. 47 – Um passeio pelo Cariri, com Xico Sá (16 de abril de 2020, 58 minutos)



Fonte: Elaborada pela autora

Figura 8 - Ep 77 – Padre Cícero: Entre o Cajado e o Bacamarte (24 de março de 2021, 92 minutos)



Fonte: Elaborada pela autora

Figura 9 - Ep 114 – Na despedida de Pedro voltamos a falar do Cariri (10 de março de 2022, 42 minutos)



Fonte: Elaborada pela autora

Figura 10 - Nas asas do sertão – Episódio 2 da Série Mestres do Vale Encantado (10 de agosto de 2023, 47 minutos)



Fonte: Elaborada pela autora

5.3.1 Organização Temática

Diferentes temas sobre o Cariri cearense são articulados em episódios – temáticos ou não – do Budejo, produção que, na sua origem, apresentou-se como “o *podcast* que leva o Cariri aos seus ouvidos” e hoje, com uma evolução marcada por um repertório abrangente de assuntos explorados, reconhece-se como “O olhar do Cariri sobre o mundo”⁵³ ou um programa que “leva aos seus ouvintes o sotaque desta região do sul do Ceará e a visão sertaneja sobre todos os temas que aborda”⁵⁴.

Nesta abordagem, estruturada na análise de cinco episódios temáticos sobre o Cariri, são muitas as perspectivas temáticas exploradas nos 329 minutos (ou quase cinco horas e meia) totais. Vislumbramos, aqui, o que entendemos como mais significativo para o estabelecimento de uma abordagem alinhada ao reconhecimento de marcas das identidades e

⁵³ Esta é a descrição que o Budejo usa nos seus perfis no Instagram e no X: “O olhar do Cariri sobre o mundo. Toda quinta-feira um episódio novo no seu tocador favorito”. Disponível respectivamente em: <https://www.instagram.com/budejopodcast/> e <https://x.com/budejopodcast>; acesso em 7 de julho de 2024.

⁵⁴ No Spotify, o campo “sobre” apresenta a seguinte descrição do Budejo: Criado em 2019 com a vontade de falar do estilo de vida e das tradições do Cariri, o Budejo hoje abrange os mais diversos temas, mas sempre sob o olhar de quatro caririenses. De política a entretenimento, de cultura nordestina a cultura pop, o programa leva aos seus ouvintes o sotaque desta região do sul do Ceará e a visão sertaneja sobre todos s temas que aborda. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/2xLiCmpfRqzDZkwvSpkC6O>; acesso em 7 de julho de 2024.

espacialidades do Cariri, compreendendo, inclusive, que tais dimensões articulam-se nos temas expostos para demarcar as características da região.

Em “Pau da Bandeira: as tradições, o sagrado e o profano”, a apresentação dos assuntos relacionados ao tema maior – a festa⁵⁵ que intitula o episódio – passa, primeiramente, pela demarcação geográfica do festejo: a cidade de Barbalha. É quando vemos expresso o “espaço habitado” de Martín-Barbero (2018) através do que os produtores do *podcast* expõem, nas suas concepções, como mais relevante para localizar o ouvinte que desconhece a região (ou para os que poderão relembra-la ao ouvir o episódio):

Luan Alencar: Eu acho que assim, como a gente já tava falando, vamo tentar explicar esse acontecimento dum jeito que quem não é do Cariri, que a gente percebeu que muitos ouvintes nossos não são do Cariri, entendam mais ou menos o que é, porque Barbalha ela é, pra quem assistiu *Twin Peaks*, eu e mais cinco pessoas no mundo, ela é o *Black Lodge*, ela é um lugar alternativo que você entra em um portal e sai em Barbalha, porque *ela parece um cenário cenográfico da globo da novela das seis, no meio do Cariri*, então assim

Carol Aninha: *A entrada da cidade é muito bonita, porque é bem marcada pelos verdes canaviais*, né, que é retratado nas músicas que falam sobre a cidade, então é uma cidade muito bonita e que vale a pena conhecer, a meu ver é uma das cidades mais fofinhas do Cariri, é Barbalha mesmo

Pedro Philippe: é, bem lembrado, Aninha, porque *só a entrada de Barbalha já é a coisa mais perfeita do mundo*, quando você entra ali

Amanda Souza: *Aquele paredão ali é demais*

Luan Alencar: é lindo

Pedro Philippe: entrando por Juazeiro, você pode ir por Missão Velha também ou pelo Arajara, mas *indo pelo Juazeiro à esquerda um canavial imenso e à direita mais um canavial até a Chapada do Araripe e na frente a cidade linda com a Matriz lá em cima*, é fofo demais

Amanda Souza: E aquela igreja é muito linda, muito maravilhosa

Pedro Philippe: *E ainda tem um rio Salamanca, você atravessa o rio e chega em Barbalha*

Luan Alencar: Pedro, explica um pouquinho, fala um pouquinho na verdade, sobre Barbalha assim, com todas as suas peculiaridades...

Pedro Philippe: *Barbalha, sim, é uma cidade peculiar mesmo*, parada no tempo, (risos)

Felipe Azevedo: Tem um tempo que ela é parada no tempo, né? (risos)

Pedro Philippe: ...tem um tempo que ela é parada no tempo, desde que foi criada a cidade (risos), Barbalha é uma cidade de 55 mil, 60mil habitantes⁵⁶, junto do Crato e Juazeiro que forma o triângulo Crajubar e todas juntas é como se fosse uma cidade só né, você não percebe assim, não tem uma divisão clara entre uma cidade e outra, então são três cidades coladas, mas ao mesmo tempo cidades muito distintas, e *Barbalha é uma cidade pequena, com mentalidade de cidade pequena, monarquista, integralista, um pouco nazista* (risos) (Budejo, 2019, s/p) (Grifos da autora)

⁵⁵ Celebração alusiva ao padroeiro do município de Barbalha, Santo Antônio, a Festa do Pau Bandeira, cuja origem remonta ao ano de 1928, é reconhecida como patrimônio imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Nacional (IPHAN). Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/cultura/audio/2015-09/festa-do-pau-da-bandeira-de-barbalha-vira-patrimonio>; acesso em 24 de julho de 2024.

⁵⁶ Conforme o Censo do IBGE de 2022, Barbalha tem atualmente 72.700 habitantes. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2022/Previa_da_Populacao/POP2022_Municipios_2023062_2.pdf; acesso em 7 de julho de 2024.

Situar espacialmente e contextualmente a cidade de Barbalha, conforme o último relato de Pedro Philippe no trecho acima, demarca um endereçamento ao ouvinte para o reconhecimento das identidades locais. Neste sentido, o público é convidado a se “transportar” para a cidade através da descrição feita pelos mediadores, que destacam detalhes da localização e de espaços físicos (paredão, igreja) e naturais (canavial, rio) e, ainda, de aspectos ligados à características sociais do povo barbalhense (mentalidade de cidade pequena, monarquista, integralista, um pouco nazista), demarcando, de forma irônica, a contradição entre as belezas da cidade e a crença civil de (parte de) seu povo.

No episódio em questão, a demarcação é ainda mais proeminente para destacar, como é mostrado no título, a presença de marcas supostamente contraditórias de uma mesma festividade – as tradições, o sagrado e o profano. São essas as vertentes ligadas à festa que são exploradas no episódio a partir da conversa dos integrantes do *podcast*. O reforço do imbricamento destas três dimensões é identificado, por exemplo, quando os integrantes discutem a masculinidade relacionada ao festejo, identificada tanto na “simbologia fálica” – como destaca Aninha – do Pau de Santo Antônio, padroeiro da cidade, como no ritual de corte da árvore, feito somente por homens, com as bênçãos da Igreja:

Felipe Azevedo: no único mercado que tem na cidade, eles vão lá, eles tomam o caldo às 6 da manhã pra reforçar, isso eles já tão bebendo, depois do caldo eles vão pra matriz de Santo Antônio, em Barbalha, e o padre benze todo mundo e canta uma música específica praquela dia. Aquela música é cantada naquele dia antes do corte do Pau, e aí, os cara já tão tudo bêbado dentro da igreja, inclusive com cachaça, assim, debaixo do braço, e o padre benze todo mundo, eles cantam esse hino do corte e sai todo mundo em marcha pra zona rural da cidade, onde já foi escolhido essa árvore centenária pra fazer o corte, e isso aí envolve umas brincadeiras entre eles, que eles começam a se bater e todo mundo acha que eles tão brigando de verdade. Apesar de ser realmente umas agressões bem pesadas, eles não estão brigando de verdade, aquilo ali acontece todo ano, é uma mística (Budejo, 2019, s/p)

A “mística” destacada por Felipe Azedo também se manifesta em outro assunto que integra a festa e é colocado no episódio: o cortejo de grupos tradicionais da região no dia do hasteamento do pau. Reisados, bandas cabaçais, quadrilhas juninas, brincantes de maneiro-pau percorrem a Rua do Vidéo – que também vê passar, obviamente, a árvore cortada e carregada por homens da cidade para ser hasteada – em desfile após a missa realizada na matriz de Santo Antônio na manhã do festejo. “A coisa mais linda do mundo” ou “a melhor parte”, como classificam Pedro Philippe e Aninha sobre este determinado momento da festa, sugere ao ouvinte um endereçamento para o reconhecimento de orgulho de tais tradições, assinalando a riqueza da diversidade cultural do Cariri.

O episódio menciona manifestações que atravessam gerações e também não se omite sobre “tradições” recentes, criadas como estratégia de sobrevivência para a Festa do Pau da Bandeira. Em tom jocosos, Pedro afirma que não ser coisas dos “índios” (como se fossem manifestação antiga), as “mandingas” ou simpatias que surgem em alusão ao “pau”. E, como exemplo, cita a chamada Noite das Solteironas, que integra o calendário da festa:

Pedro Philippe: Josafá Magalhães, (que) faleceu acho que tem 15 a 17 anos lá em Barbalha, foi uma pessoa que lutava muito por questões sociais dentro da cidade, foi um dos fundadores do PT aqui e se preocupava muito com a permanência da festa e foi ele que falou com Socorro Luna, que é a solteirona mais réa... ô, mais famosa do Brasil e disse "Socorro, você que é solteirona, se orgulha de ser solteirona, Santo Antônio é casamenteiro, vamo inventar alguma coisa", ela "marrapaz, a participação que eu gosto de ter nessa festa é me embriagar, a obrigação que eu quero ter é só essa". E ele disse "não, você vai ter uma, vamo fazer no sábado, que é a noite das solteironas, que é a noite do pré-pau e você vai fazer, vende a casca do pau, faz chá, faz um Santo Antônio de biscuit, vai inventando coisa, e aí o que arrecadar dá pra paróquia". E aí foi o que ela fez... foi fazendo, assim, uma coisa bem pequenininha, só de uns 10 anos pra cá sempre tem atenção da mídia, muita gente vai, assim, tornou-se um evento dentro desse evento que é a noite das solteironas no sábado antes do Pau da Bandeira (Budejo, 2019, s/p)

O relato de Pedro Philippe demonstra aos ouvintes que, além da origem tradicional da festa, é preciso entender que novos hábitos são introduzidos para permitir a sobrevivência do festejo, demonstrando que são necessárias tramas envolventes para permitir o a manutenção do interesse de antigos frequentadores e a atração de novos participantes para a Festa do Pau da Bandeira.

Em mais uma demonstração da incorporação de novos ritos, outro assunto é trazido pelo grupo na dimensão do sagrado: a realização de um casamento coletivo. Segundo conta Pedro Philippe, a ideia foi apresentada pelo cineasta caririense Rosemberg Cariry a partir de viagem a uma cidade portuguesa onde assistiu, num dia de Santo Antônio, 13 de junho, à celebração de um casamento com 13 casais. A integração de mais esta “novidade” sinaliza aos ouvintes uma permanente atualização do formato do festejo. Levado à festa caririense, o matrimônio comunitário teria passado por um ajuste no ano de 2018, quando foram realizadas eleições presidenciais e não quiseram associar o número ao do Partido dos Trabalhadores⁵⁷.

A política, deste modo, também é explorada no episódio através deste exemplo, que se junta a outras abordagens levadas pelos integrantes, como a presença de políticos na missa e no cortejo e de movimentos sociais, como o de mulheres, demonstrando ao público a

⁵⁷ Conforme relato dos integrantes, teriam sido 12 o número de casais contemplados no casamento. Uma pesquisa em matéria do site do jornal Diário do Nordeste, porém, aponta que foram 15 casais naquele ano. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/paywall-7.100?wall=0&aId=1.1944399>; acesso em 7 de julho de 2024.

diversidade e a abrangência alcançada pela festividade, usada, neste caso, para promoção de figuras com cargos ou pretensões político-partidárias.

Relatos de experiências pessoais dos integrantes na Festa do Pau da Bandeira também são assunto do episódio e mostram como um certo público (jovens adultos, como os integrantes do *podcast*) vivem a festa, demarcando um endereçamento testemunhal sobre o tema, o que possibilita aos ouvintes uma aproximação amparada na intimidade e na pessoalidade das narrativas dos produtores. O trecho abaixo destacado é um dos que ilustram tais vivências:

Pedro Philippe: Passou o caminhão de lixo limpando tudo, aí José vai pra casa em cima do caminhão de lixo e eu correndo atrás "desce daí, Zaqueu" (risos). Minha gente, é muito trabalho que esse povo me dá em Pau da Bandeira, pelo amor de Deus. E no dia do Pau, não contente, né? bebemos até cinco horas da manhã, dez horas a gente acordou pra ver o cortejo, aí a gente sempre lembra se arrastando. Teve uma vez que José virou bicho no pré-pau, queimou a largada, tava passando malzão. Foi aí que a gente criou um meme interno "porque ele vive eu posso crer no amanhã", aí José ressurgiu da casa dele aos trancos e barrancos e vai para o cortejo. A gente tá na Rua do Vidéo e aparece José com uma latinha (risos), eu: "fi duma mãe, tu num tava morrendo nesse instante? morrendo de vomitar, eu te dei um caldo, e tu vem com uma lata de Skol". "Não, Pedro Philippe, é só assim pra aguentar..." Aí, com um pouco, cara, José segura assim no meu braço, fazendo que ia desmaiar, pegando assim na cabeça, tendo um passamento e eu: "que foi, que foi?". Ele "cara, não sei, acho que eu respirei cultura demais, tô passando mal" (riso coletivo). Respirou cultura, né, f* duma m**? Ele não queria sustentar que tava muito tempo debaixo do sol, vendo esse monte de cultura passando nessa rua (risos). Foi cultura demais. (Budejo, 2019, s/p)

Também é a cultura do Cariri, vivida em múltiplos aspectos e na diversidade de seus personagens e territórios, que marca a abordagem temática do episódio "Um passeio pelo Cariri, com Xico Sá". Destacado na própria apresentação que faz de si, como veremos no tópico sobre mediadores, o entrevistado realmente "passeia" por diferentes espaços do Cariri e, à medida que refaz caminhos, igualmente os apresenta para os ouvintes que desconhecem a região, evidenciando ao público, além das numerosas possibilidades de espaços constituidores de tal território, a ampla vivência que experimentou na região caririense. Neste sentido, os espaços habitados embrincam-se nas falas e reforçam a associação ao território, demarcando proximidade e pertencimento, como Xico o faz ao falar do Pontal de Santa Cruz, localizado em sua cidade natal, Santana do Cariri, "a visão mais bonita" do Cariri e a "melhor panorâmica que você tem" da região (Xico Sá, 2020, s/p).

O pertencimento também é reforçado quando o convidado discorre sobre a influência do Cariri na sua trajetória profissional, assinalando, portanto, a identificação com aspectos relevantes da cultura local. Neste âmbito, são destacadas como formadoras da escrita de Xico "a oralidade, a bagunça dos grandes 'fuleragens' das feiras, essa oralidade mesmo das

ruas, dos violeiros, (...) essa bagunça toda, esse bodejo todo que você escuta”. O cratense ainda salienta:

Xico Sá: Isso é muito formador inclusive do ritmo que você escreve... mesmo quando não é uma coisa mais literária, quando é, sei lá, uma coluna no El País, nos lugares que eu colaboro, mesma coisa de quando o assunto de quando é aparentemente sério, eu acabo escrevendo muito com essa prosódia, esse ritmo de quem, de quem é nasceu nesse lugar, de quem é do Cariri, eu acho que isso não se separa da sua vida assim, sabe? Eu podia tá aqui citando James Joyce, Machado de Assis, os gênios, o Tólstói, mas acho que antes disso quem forma seu ritmo de escrita, seu ritmo de vida, é o lugar que você nasceu..

Para os ouvintes, sugere-se, pelo relato do entrevistado, a importância da dimensão do Cariri como formador basal da intelectualidade característica de sua personalidade profissional, que, no trecho acima mencionado, supera, por exemplo, nomes referenciados como geniais por Xico.

O apelo à oralidade caririense também é discorrido quando os mediadores comentam sobre o sotaque da região, destacado pelos integrantes do *podcast* como um dos fatores recorrentemente comentados pelo público, o que evidencia um endereçamento aos ouvintes para o fortalecimento da identidade regional. No episódio, o convidado destaca a vivência sob a ótica do preconceito que sofreu na chegada a São Paulo, numa dinâmica que, atualmente, percebe melhora, mas não deixa de reforçar o constrangimento em ver como “uma desgraça” a imitação do sotaque em novelas, por exemplo.

Tido por Xico como “centro do universo”, o Cariri ainda é lembrado, no episódio, no âmbito da religiosidade popular e das culturas erudita e popular, ratificando aos ouvintes a diversidade sociocultural da região. O convidado também faz referência a episódios políticos curiosos, como a visita do guerrilheiro comunista Carlos Marighella, a “tristeza” – dada ao reconhecimento de que grande parte do Nordeste costuma manifestar voto no Partido dos Trabalhadores – de ter visto uma manifestação pró-Bolsonaro em 2018 e o que ele atribui como a primeira *fake news* que escutou na vida: “que o PT ia mandar pintar a estátua do Padre Cícero de vermelho”.

Contudo, o que Xico busca que os ouvintes compreendam é que o Cariri reverbera na sua profissão de vida, a escrita, assunto que ganha maiores contornos no episódio, revelando a influência de personagens centrais da região para produção do jornalista. Neste aspecto, o convidado identifica a abrangência de uma dada característica de pessoas do seu convívio, sublinhando, assim, um Cariri que se conecta a outros territórios. Os tios de Santana e a história dos homens da família e a relação deles com as mulheres foram “um belo mergulho nessa

brutalidade da macheza, dessa coisa que não é do Nordeste, não é só do Cariri, não é só do Brasil, que é muito da América Latina” (Xico Sá, 2020, s/p).

Além de figuras íntimas de Xico, ganham relevo, na sua obra e como tema abordado na conversa com o Budejo, tipos de um Cariri de outros tempos, na busca de revelar aos ouvintes, através de personagens muitas vezes anônimos, parte do que compõe as identidades locais:

Xico Sá: (...) eu acho a riqueza maior da história toda do Big Jato que são os arredores, né, são os *grandes personagens do Cariri da minha época*⁵⁸, que é o Príncipe Ribamar da Beira Fresca, que é um profeta tido como maluco mas não tinha nada de maluco e que vivia ali na rua Santa Luzia, na frente duma de uma sorveteria chamada Beira Fresca que era um, a grande moda da época, hoje acho que ali é um é, bem na Rua Santa Luzia bem na frente do, do outro lado do mercado, tem o mercado e do outro lado ali, então, entre a São Pedro e a São Paulo, e então tem esse, esse Príncipe Ribamar, tem uma mulher sensacional que até a gente tava falando de tempo de pandemia, e ela é muito importante na história do Cariri que chama Maria Caboré, era uma empregada doméstica assim, uma mulher do povo, simples sem fim que ela é, durante os surtos, as epidemias de sarampo, cólera, seja o que fosse, essa mulher era quase uma autoridade higienista assim, ela ajudava as pessoas assim a limpar a cidade, principalmente no Crato, a chegar a limpar o cemitério depois de ciclo de muita morte de cólera por exemplo, então essa mulher tem uma história ligada à saúde pública e era uma doméstica assim, uma pessoa que não tinha onde cair morta, como se diz popularmente, essa Maria Caboré era, eu coloco ela no livro pela importância que ela teve nos momentos difíceis de doenças coletivas no Cariri. O livro é essa bagaceira toda, é uma feira, *uma grande feira do Cariri* assim, *acho que quem não conhece a região vai ter uma ideia do que do que somos aí..* (Xico Sá, 2020, s/p) (grifos da autora)

Dos personagens de uma época vinculada ao Cariri particular de Xico Sá, parte-se, no desenrolar do escopo aqui proposto, para a exploração temática daquele que talvez seja o mais notório personagem caririense de toda a história: Padre Cícero Romão Batista. A complexidade do clérigo mais famoso da região foi explorada em um episódio especial que foi ao ar em 24 de março de 2021, data que marcou os 177 do nascimento da figura retratada no programa.

A complexidade temática do “cara que é um dos responsáveis pelo Cariri ser o que é hoje” (Luan Alencar, 2021, s/p) rendeu 92 minutos ao episódio, estruturado em oito capítulos: o sonho; o vilarejo; a igreja; o padre; a beata; o político; oromeiro; e o fim. Com base em referências bibliográficas e entrevistas, em um endereçamento que procura apresentar critério

⁵⁸ Algumas páginas da Internet falam sobre os personagens destacados por Xico Sá no livro Big Jato e no episódio do Budejo. Aqui, trazemos os links de três sites: <https://www.blognegronicolau.com.br/2023/05/o-principe-ribamar-da-beira-fresca-e-o.html> | <https://principeribamar.blogspot.com/> | <https://www.scielo.br/j/reben/a/Fnr7JWY7hHzzf7kzstdG9fN/?format=pdf>

jornalístico através da credibilidade acadêmica, o roteiro do programa busca descrever e analisar a vida do padre que ficou conhecido popularmente como “Padim Ciço”.

Neste sentido, o programa, conta, por exemplo, com a leitura dramatizada de trechos do livro *Milagre em Joaseiro*, de Ralph Della Cava, fruto de tese de doutorado do pesquisador e ainda hoje uma das obras mais significativas sobre Padre Cícero, considerada “um clássico no âmbito das ciências sociais da religião entre as décadas de 1960 e 1970” (Lima, 2015, p. 429); e da biografia *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*, assinada por Lira Neto.

O nascimento no município do Crato, o voto de castidade aos 12 anos e a formação sacerdotal no Seminário da Prainha, em Fortaleza, são algumas das passagens sobre a vida de Cícero Romão Batista destacadas no capítulo inicial, na busca de situar contextualmente o ouvinte na vida pregressa de Padre Cícero. O título é justificado pela razão que teria sido decisiva para a permanência do sacerdote no lugarejo ao qual chegara, em 11 de abril de 1872, apenas para rezar uma missa e confessar os moradores: em um sonho, Padre Cícero vira Jesus e os apóstolos adentrarem a escola onde o clérigo estava alojado em Juazeiro. Um grupo de pessoas pobres, em “farrapos”, também aparecia e, em na promessa de um último esforço para salvar o mundo, Cristo apontou para os pobres e ordenou: “E você, Padre Cícero, tome conta deles” (Budejo, 2021, s/p). O relato revela ao público a mística envolta na vida do personagem central, apontando a primeira de muitas características que são apresentadas ao longo do episódio.

A sequência do episódio é marcada para buscar criar uma imagem na audiência do então distrito de Crato à ocasião da chegada de Cícero: um arraial com capela, escola e 32 prédios de palha distribuídos em duas ruas. Povoado a partir de 1827 com a chegada de engenhos de cana de açúcar, Joaseiro – em grafia da época – contava cerca de dois mil habitantes. As famílias Gonçalves, Macedo, Sobreira, Landim e Bezerra de Menezes concentravam os proprietários mais importantes e “o restante da população eram descendentes de escravos ou mestiços e brancos sem recursos que vinham trabalhar nos pequenos engenhos de açúcar nas redondezas” (Budejo, 2021, s/p).

A contextualização dos primeiros capítulos do episódio também passa, como é de se esperar, por uma análise da Igreja Católica de então. É nesta trama que o *podcast* passa a destacar a “dualidade da figura histórica” do personagem título do episódio:

Luan Alencar: Padre Cícero é adorado na mesma medida em que é questionado, ao mesmo tempo em que fez esse vilarejinho no sertão cearense prosperar e se tornar o que é hoje, é preciso reconhecer que era um homem

conservador, com discurso alinhado ao da Igreja Católica e não havia como ser diferente. Padre Cícero é um reflexo do seu tempo e do seu lugar (Budejo, 2021, s/p)

As facetas de Cícero Romão Batista são exploradas ao longo do episódio à medida que os temas que atravessaram a vida do cariense se desenrolam, expressando os diferentes traços da personalidade do padre. E, com base na narração dos integrantes do Budejo e das sonoras com os mediadores entrevistados, o episódio busca mostrar aos ouvintes, por exemplo, o lado articulador do clérigo, pautado na ação fora da sacristia, o que o aproximava de outra personagem lembrado no programa, o também cearense Padre Ibiapina, que ficou conhecido pela construção de casas de caridade em várias cidades nordestinas, inclusive nos municípios caririenses de Barbalha, Crato, Milagre e Missão Velha. Sobre isso, o reforço vem de Renata Marinho:

Renata Marinho: (...) o Padre Cícero segue essa perspectiva do Padre Ibiapina e pra ele as duas coisas tão diretamente associadas: você tem que rezar, você tem que fazer penitência, mas você tem que arregaçar as mangas e trabalhar né, então toda orientação que era passada pra pessoas que afluíam pra Juazeiro que em geral pediam autorização, pediam conselhos ao Padre Cícero pra se fixar na chamada terra santa, na terra da mãe de Deus, e a orientação dele era sempre nesse sentido, de trabalhar, de arranjar alguma função, de enfim, de ajudar não só a pessoa né, em si a prosperar, mas ajudar o município a crescer (Budejo, 2021, s/p)

O desenrolar temático do episódio procura seguir uma certa cronologia, mas obviamente trabalha a partir da premissa do reconhecimento, por parte do público, de Juazeiro do Norte e daquele que foi seu mais famoso morador. É por isso que vemos a alusão à cidade como “terra santa” antes mesmo de explicar o que a fez receber tal alcunha, o que parece denotar a expectativa de que o público já reconheça a “fama” do município.

O Budejo explica o dito “milagre” no capítulo de nome “A beata” e, ao trazer Maria de Araújo para o centro deste trecho do episódio no qual se desenvolve o ponto de virada da vida de padre Cícero, busca criar na audiência uma percepção de apuração e divulgação responsável do fenômeno, reconhecendo o papel da mulher que o viveu e reiterando seu apagamento ao longo da história:

Carol Aninha: É preciso tirar de uma vez por todas uma coisa do caminho, não existira a figura mítica e lendária do Padre Cícero se não fosse a beata Maria de Araújo. Por uma série de fatores que vamos discutir adiante e que também abordamos no episódio 27 do Budejo, o protagonismo de Maria de Araújo foi invisibilizado no decorrer dos anos, mas antes de entender por que ela é tão importante para essa história, é preciso conhecê-la. (Budejo, 2021, s/p)

Neste sentido, vale reforçar que o *podcast* já havia veiculado, em 16 de outubro de 2019, um episódio exclusivo para a personagem - o de número 27 – Maria de Araújo: a

inviabilização de uma protagonista – com a participação da doutora em ciências das religiões Priscila Ribeiro.

A vida política de padre Cícero também não foge ao escopo temático do episódio e perpassa a trajetória que o levou a ser o primeiro prefeito de Juazeiro e terceiro vice-governador do Ceará, informações que podem representar novidade para parte da audiência acostumada com a afamada figura de batina preta. O programa, contudo, não o faz de maneira a parecer uma característica contraditória do sacerdote e, através da historiadora e professora da URCA Maria de Fátima de Moraes Pinho, possibilita aos ouvintes compreender seu envolvimento com a política a partir de uma perspectiva positiva, com base acadêmica:

Maria de Fátima: Padre Cícero foi um político na concepção da palavra, a gente tem que parar de ter medo de ver a política como uma coisa ruim, maléfica. Claro que toda política tem a sujeira, os acordos, né? Tem os rearranjos de poder e etc e tal, mas a política é essencial para vida. O Juazeiro só é o que é hoje por conta da atuação política do Padre Cícero, que atraía investimentos, que era uma figura que tinha uma visão antecipada, né, e que fazia sim política. Ele recebia os políticos na sua casa, ele fazia acordos, ele foi deputado federal eleito, não assumiu, mas foi eleito. Pra você ter uma ideia, o poder político do Padre Cícero é tão grande que em 1920, 1930 na eleição na república que tinha Getúlio Vargas e Júlio Prestes, Padre Cícero apoia Júlio Prestes e Júlio Prestes tem mais 2 mil e 800 e tantos votos aqui no Juazeiro e Getúlio Vargas tem oito. Ele é um político, a gente tem que parar de ter medo de dizer que Padre Cícero era um político, ele era político, ele fez política, ele fez acordos políticos, isso trouxe investimento para o Juazeiro, isso trouxe investimento para o Cariri e hoje o Cariri, a região metropolitana do Cariri ela é uma região extremamente estratégica para o Ceará e para o Nordeste, puxado pelo Juazeiro, politicamente, economicamente, socialmente. (Budejo, 2021, s/p)

A influência do “Padim” ao longo da história do Cariri, mesmo após sua morte, é significativa no episódio porque é trabalhada também através de relatos testemunhais, o que possibilita à audiência ter uma dimensão do que o personagem tratado no episódio representa para a região. Na fala do jornalista Xico Sá, reverbera o desenvolvimento local ao longo de tempo e o encantamento com as romarias que fazem Juazeiro do Norte receber, todos os anos, cerca de 1 milhão e 600 mil devotos do Padre Cícero:

Xico Sá: Não dá pra entender o Padre Cícero de forma muito rápida sem pensar nas romarias, sem pensar no que o Padre Cícero move até hoje e, quando você ouve as histórias dos romeiros de perto, não é só aquela coisa imediatista de "ah, eu vou ter o milagre, minha roça esse ano vai dar" tem também isso, mas é maior, é de pegar um caminhão, tem uma uma, tem uma penitência, tem uma festa que chegar e sair de Juazeiro é uma festa, a coisa pra mim é a coisa mais impressionante do mundo, aquela saída dos romeiros, que a gente fica na porta das casas aplaudindo e cumprimentando os romeiros aquilo ali é, aquilo é um espetáculo de de, e é mais do que do que só a fé e uma crença religiosa no Padre Cícero, é uma festa de rua que é difícil você encontrar outra no Brasil, sabe, é e quem vem não vem só pelo milagre imediato, acho que veio pra, por essa compreensão de Juazeiro, de ser uma coisa, de ser meca do Cariri, tem um aspecto por exemplo que eu sempre achava muito incrível que é o, isso acontece todo ano, levas e levas de romeiro ficam em Juazeiro, com a ideia principalmente os mais velhos, de morrer em Juazeiro, como ter Juazeiro ali como

uma terra de salvação e morrer perto do Padre Cícero, como você vai explicar isso, sabe, com um pensamento barato e imediatista, isso é maior do que qualquer coisa (Budejo, 2021, s/p)

E através do romeiro Paulo Roberto, um convidado que personifica uma multidão, o Budejo apresenta para os ouvintes a fé e o sentimento de lealdade que move os fiéis de Cícero Romão através de gerações:

Paulo Roberto: Faustino passou pra os filhos, que é minha mãe né, minha mãe que sempre foi romeira, ele desde criança trazia, começou a surgir pau de arara né, começou a trazer, levar os filhos para Juazeiro e tal e minha mãe sucessivamente também levar eu e minhas irmãs pra Juazeiro

Pedro Philippe: Tu ia de quê?

Paulo Roberto: Ia algumas vezes em pau de arara, depois ônibus né, depois ônibus

Pedro Philippe: E saindo de que cidade?

Paulo Roberto: Saindo de Alagoa Grande, na Paraíba, eu gosto de dizer que eu sou romeiro desde a barriga da minha mãe que minha mãe foi grávida de mim pra uma festa das candeias, uma romaria das candeias né, e eu nasci em julho

Pedro Philippe: Sua primeira romaria

Paulo Roberto: Minha primeira romaria (risos) minha primeira romaria foi no ventre da minha mãe

Pedro Philippe: Tu acha que foi quantas vezes, fez conta?

Paulo Roberto: Fiz conta, eu tenho 58 romarias com a do ano passado

Pedro Philippe: Meu Deus, tu tá com quantos anos, Paulo?

Paulo Roberto: Eu fiz 40 agora, 40 anos

Pedro Philippe: 58 romarias

Paulo Roberto: Eu nasci em 80, é, 58 romarias

Dada a capilaridade da influência de Padre Cícero em todo o Cariri, não seria exatamente surpreendente ver que o personagem também atravessa a vida dos integrantes do Budejo. É o que escutamos, entre outros assuntos, no episódio de número 114: Na Despedida de Pedro voltamos a falar do Cariri.

O Cariri como polo universitário e cultural; as diferenças entre as principais cidades da região – Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha; a Festa do Pau da Bandeira (novamente); o privilégio de sudestinos; questões políticas em âmbito local e nacional são alguns dos assuntos abordados no programa.

Os temas mais explorados, no entanto, guardam em comum dimensões ligadas à memória que perpassam noções de identidade e espaço, como a migração de familiares de integrantes do *podcast* para Juazeiro do Norte a partir de outras cidades, possibilitando aos ouvintes tanto conhecer parte da história dos mediadores do *podcast*, quanto ter uma noção de uma experiência comum a muitos habitantes do município. É o que demonstra, por exemplo, o relato de Vamille Furtado no episódio:

Vamille Furtado: Minha vó materna é de Santana do Cariri. Meu bisavô era o dono de Santana do Cariri, mas gastou tudo em quenga

Todos: (risos)

Vamille Furtado: Aí, né...
 Pedro Phillipe: Meu avô também
 Carol Aninha: Sempre tem, né, um familiar que é rico e gasta tudo da família
 Vamille Furtado: E gasta tudo em quenga! Só que, tipo, todos viviam da agricultura, minha vó cresceu trabalhando na roça lá em Santana do Cariri e depois conheceu meu avô, casou e foi pra Cariri, onde eles também trabalhavam na roça. Aí meu avô tinha que vender em algum lugar o que ele plantava. Aí ele plantava feijão lá em Cariri e depois vinha vender aqui (em Juazeiro) e aí depois foi que eles vieram morar aqui e minha vó paterna, ela sofreu muito, passou muitos anos, ela passava fome na seca, nos “mei” do mato, corria de onça (Budejo, 2022, s/p)

O testemunho compartilhado por Aninha também envolve o processo de migração de integrantes de sua família para Juazeiro do Norte, assim como inclui o mais “ilustre” personagem do Cariri, Padre Cícero:

Carol Aninha: Meu avô é filho de um povo que era lá do Rio Grande do Norte e veio aqui ver o Padre Cícero e o Padre Cícero foi e disse assim "Vá comprar um terreno lá nas Pedrinhas"
 Luan Alencar: E Padre Cícero gostava né de indicar onde o povo ia comprar as coisas... o que esse “homi” não deve ter lucrado de...
 Vamille Furtado: As porcentagem dos ...
 Pedro Phillipe: E será que ele botava o povo em roubada ou tudo dava certo?
 Carol Aninha: Não..
 Luan Alencar: Não...
 Pedro Phillipe: As história que eu conheço era que dava certo
 Vamille Furtado: Dava certo, ele queria povoar a cidade
 Pedro Phillipe: A igreja abafou os os
 Todos: (risos)
 Luan: Ganhar um cascalhozinho
 Carol Aninha: Aí pra vocês terem uma ideia, tem uma linha do trem aqui muito próxima da nossa casa né, que lá levava Juazeiro até Fortaleza
 Vamille Furtado: Era
 Carol Aninha: E Missão Velha até Fortaleza, não.. passava por Missão Velha e as Pedrinhas é de um lado da linha do trem né? E minha minha outra avó é filha dum povo que de certa forma tinha até uma terrinha mais ou menos nas Timbaúbas, e os dois se encontraram né, meu avô indo estudar e ela indo estudar também eles se encontraram no no caminho, justamente bem aqui perto do meu bairro São Miguel e das Malvas e aí assim, é bem essa história mesmo assim, a gente vem de outros lugares aqui do nordeste e fez fez morada
 Luan Alencar: Cara, acho que eu não conhecia ninguém que os dois avós...
 Vamille Furtado: ...nasceram em Juazeiro
 Pedro Phillipe: Não, pois é
 Luan Alencar: Não existe. (Budejo, 2022, s/p)

A conclusão dos componentes do Budejo sobre suas origens registra mais um aspecto em comum do grupo, reforçando um endereçamento de laços identitários entre eles. Se tais similaridades remontam a relações familiares associadas à cidade, também observamos a identificação a partir de uma perspectiva ainda mais restrita, o bairro, como pode-se constatar a seguir:

Luan Alencar: Tu saiu da casa da tua mãe estando na mesma cidade, né?
 Carol Aninha: Na mesma cidade
 Luan: Hoje em dia é super raro isso
 Aninha: É perto, que é o bairro mais assim legal e badalado da cidade.
 Ixe Maria, como eu sou chique
 Luan Alencar: Ei, nosso bairro é bom “bagarai” mesmo
 Aninha: Nosso bairro é muito bom galera, nosso bairro tem muito uber, tem trem, tem VLT
 Vamille Furtado: Qual é teu bairro?
 Luan Alencar: São Miguel também
 Vamille Furtado: Aninha, o teu ainda é São Miguel?
 Carol Aninha: Aqui pelo endereço assim, eu me sinto São Miguel, eu digo que sou das Malvas por que amo dizer que sou das Malvas, porém é muito perto de tudo, é muito perto de transporte, é muito perto de metrô.
 Luan Alencar: E tem tudo, cara. Esse bairro tem tudo, cara. Esse bairro é impressionante
 Carol Aninha: Tem mercantil, tem diaboquatro aqui sabe?
 Luan Alencar: Venha para o São Miguel
 ...
 Luan Alencar: Cara, e ó, a gente tava no começo da conversa falando... tipo, a Aninha falou do bairro da gente, a gente tava falando coisas específicas e aí minha cabeça de editor ficou "Caralho, será que nessa hora aqui o ouvinte vai ouvir e não vai gostar, num sei o quê..." que é o bairro que a pessoa não vai ter a menor ideia que existe né, mas bicho, eu cresci ouvindo podcast de paulista falando de bairro de São Paulo e eu ouvia todos e ficava "É.. pode crer" sendo que era bairros que eu nunca vi na minha vida e a gente se interessa...
 Vamille Furtado: Não só podcast. E as novelas?
 Aninha: Eu sei até os nomes dos bairros de lá sem nunca ter pisado lá
 Luan Alencar: Loucura, né?
 Carol Aninha: São Miguel na veia
 Luan Alencar: O nosso, que a gente fala, bate um "c***** (caralho), será?, será que vão se interessar?"
 Carol Aninha: São Miguel e Malvas, é nós, e Cirolândia
 Todos: (risos) (Budejo, 2022, s/p)

A valorização do âmbito local, expressa por Luan e Aninha através do bairro São Miguel, de Juazeiro do Norte, contrasta com a insegurança manifestada por Luan em relação à opinião dos ouvintes sobre um lugar que lhes seria estranho. Os argumentos para desconstruir a preocupação do host passam, através de Aninha, pelo reforço da valorização desses espaços (“São Miguel e Malvas, é nós”), e, a partir do próprio Luan, pela constatação de que, em produções de São Paulo, a prática é comum (eu cresci ouvindo *podcast* de paulista falando de bairro de São Paulo e eu ouvia todos e ficava "É.. pode crer").

A comunhão de admiração pelo espaço do bairro declarada nos episódios com base nos depoimentos dos integrantes do Budejo pode ser compreendida pelo que pontua Maffesoli (2004):

Todos esses territórios, que é preciso compreender no sentido etológico - esses altares, esses lugares e espaços de socialidade - são compostos por afetos e emoções comuns, consolidados pelo cimento cultural ou espiritual, em suma, existem por e para as tribus que neles escolheram seu domicílio. Aliás, é sua capacidade maior ou menor de

expressir (ser a expressão de) a ou as comunidades que o habitam que faz de um espaço um espaço vivido. (Maffesoli, 2004, p. 59, 60)

No escopo da presente pesquisa, e como sublinha Martín-Barbero (2019, p. 80), “necessitamos reconhecer as diversidades, estamos necessitados de reconhecermos nas diversidades”. Para o filósofo, este movimento deve ser feito a partir dos territórios: “É preciso dar mais amplitude ao local para ter uma visão mais rica, mais ampla e com mais tensões, buscar as diversidades interiores que questionam e rompem o nacional e latinoamericano” (Martín-Barbero, 2019, p. 80). Reconhecemos, pois, que tais diversidades se manifestam em personagens muitas vezes anônimos em proporções mais abrangentes, mas profundamente marcantes em âmbito local. O Budejo traz um exemplo:

Pedro Phillipe: (...) eu tô tirando onda, mas, assim, tem a questão das drogas que até na zona rural é um problemão, mas aí abriram uma delegacia do Raio⁵⁹ lá que é aquela galera que fica ostentando metralhadora no “mei” da rua
Luan Alencar: Sim
Pedro Phillipe: Povo, pra que diabéisso? E, no tempo do Raio, tinha uma meliante na cidade (de Barbalha) que atendia pelo nome de Sorvetinha
Todos: (risos)
Pedro Phillipe: Sorvetinha... ela assaltava o povo, eu fiquei bicho, como é que pode...
Vamille Furtado: O Raio era pra prender Sorvetinha?
Todos: (risos)
Pedro Phillipe: Mas olhe só, porque ninguém conseguia
Aninha: Cara, Sorvetinha (risos)
Pedro Phillipe: Ninguém conseguia prender Sorvetinha
Todos: (risos)
Pedro Phillipe: Ela roubava numa Bis, e era assim, ia ela numa Bis e um menino atrás, uma criança
Todos: (risos)
Pedro Phillipe: E o pior, que Sorvetinha ela não só roubava a pessoa, ela humilhava
Todos: (RISOS)
Vamille Furtado: Oxe...
Pedro Phillipe: Ela chegava de moto, assim, a pessoa andando na rua, ela dava um tapa no peito da pessoa, assim ó "Pah"! Nossa, sei lá, aí o menino era criança, pegava o celular e subia, ela ainda dava um cavalo de pau e saía rindo assim, dando uma gaitada bem alta "kakakakakakka". (Budejo, 2022, s/p)

Em um episódio que reúne referências a Padre Cícero e a Sorvetinha, podemos ter uma noção do papel de uma micromídia como o *podcast* no entorno comunicativo que habitamos. Diante das mídias hegemônicas, que, no processo de globalização, moldam o local

⁵⁹ Comando de Policiamento de Rondas e Ações Intensivas e Ostensivas (CPRaio), da Polícia Militar do Ceará.

numa perspectiva mercadológica, exemplos como o do Budejo fazem ecoar, num contexto mais restrito, vozes que nos trazem uma diversidade que ainda pode ser estranha a muitos ouvidos.

É o caso, por exemplo, de homens e mulheres reconhecidos por terem suas vidas marcadas pela atuação nas mais diversas manifestações das culturas populares e tradicionais e que, através do Budejo, viraram tema da série *Mestres do Vale Encantado – Tesouros Vivos do Cariri*. No segundo episódio do especial, *Nas asas do sertão*, são duas as temáticas (ou personagens) principais: o Mestre Françaçuli e Jeferson Bob. Elas são precedidas, contudo, pela apresentação de outro elemento indispensável – a cidade de Potengi, fazendo com que o ouvinte “chegue” a outras cidades do Cariri, para além das mais conhecidas, do triângulo CRAJUBAR (Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha).

Descrito pelo *podcast* como “a cidade que não dorme”, o município, hoje com cerca de 9.637 habitantes, conforme o Censo do IBGE de 2022, destaca-se pelas casas de ferreiros, que iniciam seus trabalhos na madrugada para evitar o calor intenso que faz durante o dia, o que proporciona ao público ter uma noção climática da região. No programa, quem explica a tradição, característica de Potengi como espaço habitado, é o ferreiro Gilson: “é cultura da cidade, aí vai passando de geração em geração, porque aqui praticamente os empregos que têm não dá, é só a prefeitura, né, aí não dá pra todo mundo, aí se obriga a entrar no ramo” (Budejo, 2023, s/p). O relato de Gilson permite aos ouvintes conhecer como se perpetua uma tradição característica do município, revelando também uma dimensão socioeconômica local.

A contextualização inicial é necessária não só para situar a audiência espacialmente. O personagem detalhado nos minutos seguintes também é conhecido pelo trabalho original que desenvolve com o ferro. Mestre Françaçuli e seu Museu Oficina são exibidos no episódio em particularidades capazes de criar imagens mentais a partir do que se ouve:

Pedro Philippe: Chegamos no Museu Orgânico Oficina do Mestre Françaçuli, o espaço tem uma espécie de antessala onde ficam algumas peças que o inventor tá trabalhando como candeeiros, cadeiras, facões, funis, e foi lá que ele se sentou numa cadeira de macarrão pra gente conversar. Ao lado nos deparamos com um salão enorme, onde um Françaçuli esculpido em madeira recepciona os visitantes que chegam para apreciar dezenas de miniaturas de aviões de vários modelos, balões, asa deltas e helicópteros. A maioria pendurados por fios de nylon preso no teto e outros maiores, ficam expostos no chão. As paredes azuis do museu tem fotografias do mestre em meio às suas obras. (Budejo, 2023, s/p)

A ambientação no museu orgânico dedicado ao mestre dá uma mostra dos elementos que fizeram o senhor de 82 anos ser conhecido como “o inventor do sertão”. Com origem em sua infância, quando fazia aviões de madeira para brincar com outras crianças, a técnica de Francisco Dias de Oliveira, reconhecida hoje sobretudo através das miniaturas de

aviões, também foi utilizada para situações de necessidade extrema, como a de uma seca no início dos anos 1980, quando a alcinha pela qual ainda hoje é conhecido já era realidade:

Mestre Françuli: é até um nome do Inventor do Sertão que tá desde 83. Ô, foi seca aqui, 81, 82, 83, aí tinha aqui no município do Assaré, as águas secou, só ficou água num poço artesanal daquele dos cano assim, 55mm, aí tinha uma mulher que morava lá perto de nós, e tinha uma fia casada com um rapaz de lá, aí foi passear lá, chegou lá uma sede maior do mundo, o povo passando sede, tirando água com as latinha de óleo, botava dentro, tirava, tava bebendo o outro vinha, tomava de beber que a sede era grande, o gado com sede, aí a muié foi passear lá e foi e disse "rapaz, vocês numa luta dessa e eu sei quem tira vocês desse sofrimento aí" ai disse "quem é?" "é Françuli, Françuli inventa um negócio pra tirar água aí". (Budejo, 2023, s/p)

O episódio busca também mostrar para a audiência a sabedoria do mestre ao relatar o desejo do então menino Françuli de deixar um legado e, em referência a outros personagens de extrema relevância para o Cariri, como o poeta Patativa do Assaré, ele menciona a intenção, compartilhada com o pai em forma de verso: “o anel é pregado num dedo e o dedo é pregado na mão, se acaba e fica lama e vai o homem e deixa a fama”.

Os projetos futuros do mestre também são tema no programa em questão e podem surpreender quem desconhece o que significa ser mestre ou mestra da cultura. A série do Budejo mostra que estes homens e mulheres de idade avançada não param de atuar nas artes e ofícios que lhes fizeram conhecidos, a não ser que apareçam limitações física. Neste episódio, ouvimos os planos de construção de uma aeronave por Françuli e, através da narração de um integrante do *podcast*, o compartilhamento de uma certeza:

Pedro Philippe: É bem possível que se você convive ou conviveu com avós teimosos, daqueles que não conseguem se aquietar, uma hora dessas você esteja com uma pequena crise de pânico ouvindo os planos de Françuli, a gente também ficou, mas, se serve de alguma coisa, se tem uma pessoa nesse mundo que eu não duvidaria que seria capaz de construir um avião sozinho e levantar vôo nele, essa pessoa é Mestre Françuli, o inventor do sertão. (Budejo, 2023, s/p)

A cidade de Potengi, sua paisagem sertaneja e outros “seres aéreos” levam os ouvintes para a segunda parte do episódio Nas asas do sertão, sublinhando a diversidade regional a partir de outro aspecto. Neste segmento, é a riqueza natural do Cariri que se configura objeto do programa através da exposição dos mediadores sobre o Museu Casa dos Pássaros do Sertão, situado no Sítio Pau Preto e pertencente à família do biólogo Jefferson Bob, entrevistado pelo *podcast*.

A passagem pelo envolvimento de Jefferson com a arte e a cultura, seja através do movimento hip hop e do rock da Banda Ferreros ao cargo de secretário de cultura de Potengi, sugere um endereçamento de diversidade identitária do personagem. A relação dele com a música, que passa pela frustração de não conhecer nenhuma nota musical, contrasta com a

aptidão de identificar os cantos dos diferentes pássaros que habitam a Chapada do Araripe, apresentada ao ouvinte, no episódio, na diversidade de sua fauna e flora, como através da relevância do pássaro nativo mais famoso da região:

Aninha: Aqui vale uma pausa pra gente falar do soldadinho-do-araripe. Quando Bob diz que é uma ave endêmica da região, significa que o único lugar do mundo onde ele aparece é na Chapada do Araripe, os machos da espécie são brancos, com detalhes pretos na ponta das asas e na cauda, e um topete vermelho bem chamativo, já as fêmeas são mais discretas, todas verdinhas.

Jefferson Bob: Você olhar pra reprodução do soldadinho-do-araripe, ele nunca vai no ninho, nem constrói, não faz nada, nem alimenta filhote, nem nada, "ô bicho preguiçoso, deixa só a responsabilidade na fêmea", mas se vier um predador, a fêmea parece uma folha, aí ele vai, distrai o predador sempre, desde a construção, ele é um, o colorido dele é que chama a atenção, "é melhor, melhor eu ir do que meus fi"

Aninha: O habitat natural do soldadinho são as matas úmidas que acompanham os leitos dos rios da Chapada do Araripe, mas o desmatamento dessas áreas pra produção de pasto e monocultura da cana-de-açúcar diminuiu drasticamente o espaço propício para a vida do soldadinho, ele chegou a ser uma das aves mais ameaçadas de extinção do planeta. O soldadinho-do-araripe carrega esse nome porque ele só está presente em áreas que não foram devastadas pela ação humana, então é como se ele fosse uma primeira linha de defesa da Floresta Nacional do Araripe, por isso a ave que tem o nome científico de *Antilophia bokermanni* é considerada símbolo de preservação ambiental. (Budejo, 2023, s/p)

A espacialidade da Chapada se amplia, vez que está inserida numa área maior, a da caatinga, e, dentro do episódio, o tema também é explorado por meio do destaque, como é de se esperar, para as espécies de aves que habitam a região. Neste sentido, Bob apresenta aos ouvintes uma lista com inúmeros elementos – como o corupião, o pompeu, o bico virado da caatinga e o onomatopeico farinheiro (tem-farinha-aí), enriquecendo o relato ao relacionar os pássaros às lendas da região, o que possibilita ao público o acesso a uma perspectiva também sociocultural da fauna em questão:

[00:42:43] Jefferson Bob: Já ouviu falar na carimbamba?

[00:42:44] Aninha: Não

[00:42:45] Jefferson Bob: Que puxou a menina pro rio... tem a música do Luiz Gonzaga, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, a carimbaba lá na taboa, num tem a música né?

[00:42:58] Música

[00:43:54] Jefferson Bob: A carimbamba é o bacurau, o amanhã eu vou...bacurau tem gente que chama de corujinha, é um bichim, chama bacurau, e o amanhã eu vou é o canto dele (imita o som) amanhã eu vou, e a filosofia do sertanejo é de, do homi até tinha um cara, Geraldinho, já é falecido, aí ele "Geraldim, e as asombrações?" ele "tem mais não, num tem mais mata"... não tem mais mata, num tem mais asombração não, que assombração era muito ligado aos pássaros da noite que cantava, rasga mortaia, aí tem o coisa do manhã eu vou, então uma que é muito conhecida, que é o saci... o saci aparece, o passarinho

[00:44:40] Aninha: Não o saci o menino, né?

[00:44:41] Jefferson Bob: E o que é o, até onde eu sei o que é a lenda do saci né? ficava um assovio no mato, aí a pessoa ia, procurava, procurava, e não achava, aí a pessoa achou né, disse que viu um negrinho sem uma perna e tal, mas na verdade é um passarinho que faz (assovio) assoviava saci, aí tem dia que ele faz bem assim (assoviando) sa-ci pê-rê-rê (Budejo, 2023, s/p)

A possibilidade de receber observadores de aves de todo o mundo, e especialmente do Brasil – graças à agência de turismo especializada que gerencia, faz de Bob um desmistificador de outras “lendas” sobre o Cariri. E, a exemplo do Budejo, que apresenta as infinitas vertentes da região, Bob é responsável por mostrar um lado que as pessoas não conhecem ou imaginam de maneira equivocada. O relato pode provocar no público, inclusive, a possibilidade de rever suas próprias ideias pré-concebidas sobre a região:

Jefferson Bob: Muita gente chega pra ver passarinho e se surpreende com a região: "ah, mas eu achei que era mais seco, que não tinha esses açudes com água, que as casas das pessoas eram mais simples, né?". Tem uma coisa que eu acho bom demais dizer, principalmente, o público principal de observação de aves é o público classe média de São Paulo, que a gente chama né? imagine de São Paulo que é um povo que estudou bastante, né? que tem seus méritos, que tá melhor financeiramente, por mais que ficou fora das realidades do Brasil, né? que as pessoas dizem "ai como o povo daqui é agradável" eu digo "ó, se você chegar em qualquer casa, 11h da manhã eles vão te convidar pra almoçar, mesmo que não te conheçam" aí o pessoal "é mesmo, será?". Aí eu vou e levo todo mundo já chama pra sentar, onde eu paro, e aí tem muito cliente que vem pra observar aves e volta pra fazer roteiro cultural, descobrem o sertão, né? Aí eu fui mudando, fui migrando, hoje eu faço roteiros que são mistos, eu faço muito observação de aves mas eu sempre misturo com os elementos da cultura popular... (Budejo, 2023, s/p)

A expectativa sobre o Cariri em contraponto ao que se materializa como real sobre a região não é apresentada à audiência como tema de encerramento deste tópico à toa. Entendemos que as escolhas feitas pelo Budejo direcionam – ou endereçam, para honrar o termo da proposta metodológica – os ouvintes para, se não conhecer um Cariri diverso e múltiplo, pelo menos entender que o que o *podcast* apresenta é uma parte do que os produtores, enquanto nativos da região, reconhecem como essencial para conhecê-la.

As identidades e espacialidades relativas ao Cariri atravessam, a partir da amostra que trazemos para este trabalho, questões diversas, que envolvem temas relacionados à religiosidade, política, manifestações culturais, personagens, territórios, tradições, natureza, trabalho, entre outros.

Além de conhecer as temáticas, faz-se importante e necessário analisar quem as apresenta. Neste sentido, partimos para a análise dos mediadores identificados nos episódios delineados na pesquisa.

5.3.2 Mediadores

Identificamos a diversidade de mediadores no Budejo, partindo, a exemplo do tópico anterior, do programa “Pau da bandeira: as tradições, o sagrado e o profano”. Veiculado

em 29 de maio de 2019, uma quarta-feira véspera do início do referido festejo, e três meses após o início do *podcast*, o episódio reúne seis mediadores: Luan Alencar, Carol Aninha, Pedro Philippe – integrantes da formação original; e Felipe Azevedo, Amanda Souza e Isaac Macedo – que deixaram a produção em diferentes momentos.

É o *host* Luan Alencar quem conduz a apresentação inicial, e, individualmente, chama cada um dos integrantes a saudar os ouvintes, o que fazem através de uma rápida manifestação de suas expectativas sobre a festa e sobre a conversa que se seguirá. Um dado protagonismo é referido a Pedro Philippe, “cota barbalhense” do *podcast* que, no episódio em questão, teria “lugar de fala” (Alencar, 2019, s/p) por ter nascido e sido criado na cidade que celebra a festa título do episódio.

Se o número de mediadores deste episódio – um total de seis – traz a possibilidade da exposição de diferentes vivências sobre a festa apresentada, também revela uma questão técnica cuja evolução foi observada ao longo da existência do *podcast*: é sobretudo no primeiro ano da produção que se observa programas com um grande número de mediadores, especialmente os que compunham a produção como integrantes (não convidados) e estavam em episódios como Viana e Chagas (2021) classificaram como “relato, crônica ou narração particular, voltada diretamente ao ouvinte, realizada por uma ou mais vozes, buscando promover uma reflexão sobre informações de interesse pessoal em temáticas de nicho”.

Com este expressivo número de vozes, os 57 minutos do episódio dedicados ao tema⁶⁰ são divididos em falas dos integrantes a partir de suas experiências e relações com a festa do Pau da Bandeira, com destaque, especialmente, para Pedro Philippe. Destoa do restante do grupo a pouca participação do *host* Luan Alencar, que pode ser atribuída à própria função – de conduzir o episódio e priorizar os relatos dos demais participantes – como a uma possível menor vivência da festa, expressa, por exemplo, na seguinte fala:

Eu tinha preconceito com o Pau da Bandeira porque as primeiras vezes que eu fui, eu fui acompanhado da família de uma ex minha, era muito rica e a gente ia pra ficar nesses lugares que eram tipo uns camarotes do Pau da Bandeira, tocando umas músicas muito chatas e tal e, pra mim, a minha imagem era aquela. Até que anos depois eu fui com uma galera que não era hétero top e eu vi que tem toda uma outra parada lá. Eu, po****, aqui sim é um lugar legal, que é puxado mais pra parada cultural, regional, num sei o quê... (Alencar, 2019, s/p)

⁶⁰ Os quase 23 minutos restantes do episódio foram dedicados à estreia do quadro Budejo budeja, dedicado a leitura de recados dos ouvintes com feedbacks sobre episódios anteriores.

O ouvinte pode sentir-se convidado a “participar” do diálogo através de interpelações dos mediadores, que podem ser observadas desde no início do episódio, com a saudação de cada um dos participantes, quando ouvimos referências à audiência através de vocativos como “você aí do outro lado”, “meus amores”, “galerosas (sic) do Cariri e outros apps”, “meus bombons festeiros”, “meu povo”. O jornalista Felipe Azevedo, por exemplo, interpela os ouvintes de modo a incluir os nativos da região e também os demais:

É isso aí. bom dia, boa tarde, boa noite pra você que assim como eu já se emocionou cantando Linda Barbalha, de Alcimar Monteiro, isso, uma música muito bonita que fala sobre a cidade, você não precisa ser Barbalhense, ou até não precisa ser Caririense pra sentir aquela vibração, aquela catarse quando o pau tá atravessando o centro da cidade, com aqueles homens todos sujos, atravessando, fazendo lá aquele ritual muito bonito, quem não conhece o Pau da Bandeira, a gente hoje vai tentar aqui falar pra vocês de uma maneira mais leve, didática, engraçada, porque somos (risos) né isso, sobre essa festa tão bonita aqui do Cariri, Barbalha (Felipe Azevedo, 2019, s/p)

Como o tema é abordado através de uma conversa entre os participantes, a informalidade dá a tônica do comportamento dos mediadores através da interação entre eles, registrada por meio da coloquialidade da fala, manifestada no uso de gírias, diminutivos e expressões regionais, sempre na livre enunciação do sotaque característico da região. Ouvimos, assim, entre outros inúmeros exemplos, registros como “vamos todos admirar *Barbalhinda*”, pela voz de Amanda Souza; “zero defeitos”, “faz a famosa vista grossa pra putaria que acontece”, e “um *caba* tocando” e “zoada danada”, por Isaac Macedo; “o fuá aquilo ali”, “quermessezinha” e “marrapaz”, por Pedro Philippe; “os cara já tão tudo bêbado” e “vacilou”, “refestalança” por Felipe Azevedo; “uma das cidades mais fofinhas do Cariri”; “misericórdia”; “forção de barra”; “forrozinho” e “hétero top”, por Carol Aninha.

Três anos depois, no episódio “114 - Na despedida de Pedro voltamos a falar do Cariri”, trazemos para a análise outro programa que tem como mediadores integrantes do *podcast* na sua formação atual: Carol Aninha, Luan Alencar, Pedro Philippe e Vamile Furtado. Também sem convidados externos, a exemplo do que diz o próprio *host*, o programa caracteriza-se como um “bate-papo”, e expressa a informalidade da mediação.

Para o produtor de *podcasts* Leo Lopes (2014), a priorização de conversas nos *podcasts* marca uma semelhança com o rádio e, ao mesmo tempo, diferencia os programas nacionais dos estrangeiros, apontados como de produção mais simples, focadas no conteúdo e geralmente realizados por apenas uma pessoa. Já no Brasil, “os *podcasts* são mais longos, feitos por grupos de pessoas, com produção mais trabalhada e focados no papo, bem parecidos com programas de rádio AM” (Lopes, 2014, p. 106).

No contexto de aproximação com a audiência, as aberturas dos episódios do Budejo seguem um padrão: são sempre apresentadas por Luan Alencar, que faz uma saudação inicial, na qual apresenta o *podcast*, divulgando os perfis da produção nas redes sociais, e o tema do episódio, além de mencionar nominalmente ouvintes que apoiam o Budejo através de campanhas de financiamento. Este recorte inicial do episódio é a forma mais direta de interpelação do(a) ouvinte, uma vez que o *host* dirige a fala diretamente ao público:

Sejam bem-vindas e bem-vindos à mais uma edição do Budejo. Eu sou Luan Alencar e nós estamos por aqui toda quinta feira. Então, pra você não perder nenhum episódio, siga aí o Budejo no seu tocador de podcasts. Se for no Spotify ou no Apple Podcasts, deixa aí suas cinco estrelinhas pra gente no aplicativo que a gente fica muito feliz e também siga o Budejo nas redes sociais. Nós somos @budejopodcast no Twitter e no Instagram e ó, tô sozinho aqui nessa introdução mas o episódio de hoje é um papo delicioso comigo, Pedro Phillipe, Carol Aninha e Vamille Furtado em que a gente voltou um pouco aí com os primórdios do Budejo e ficamos falando, por um bom tempo, do Cariri, já que Pedro partiu aqui do Nordeste para São Paulo, a gente resolveu matar a saudade de bodejar sobre nossa terrinha, então é um episódio bem old school, tá muito massa, mas antes, aqueles recadinho de sempre, né? Primeiro mandar um cheiro muito especial para Raul Xavante e Diogo Cunha que são dois dos nossos apoiadores lá na orelo.cc/budejo. Então se você ainda não nos apoia, eu te convido a ir lá no Orelo nos apoiar e se você já nos apoia por meio de algum outro financiamento coletivo, também te convido a migrar para a Orelo porque por lá gente consegue ter um contato um pouco mais direto, muito em breve vai começar a ter umas recompensas exclusivas para apoiadores da Orelo, então fica o convite mais uma vez e é isso, sem mais delongas, bora bodejar. (Budejo, 2022, s/p) Grifo nosso.

Usados no imperativo, muitos dos verbos falados na abertura exprimem um claro endereçamento de diálogo imaginário com os ouvintes e a concordância no singular transmite uma ideia de particularidade, simulando uma conversa pessoal. Outros registros interpelativos foram observados ao longo do episódio, como a referência a uma até então apenas possibilidade de posse do hoje já eleito presidente Lula, os integrantes do Budejo propuseram uma “caravana” e Carol Aninha sinaliza: “Ouvintes, é pra cobrar a gente pra gente se organizar”, ao que Vamille Furtado acrescentou: “Não, cobrar não, eles tem é que apoiar pra gente poder ir”; enquanto Luan completou: “E vamo junto”. Ao final, os ouvintes foram acionados novamente por Pedro Phillipe (“Mas venham pra Barbalha”) e nas expressões de despedida dos demais integrantes (“até semana que vem”, “cheiro”, “beijo” e “tchau”).

Além da conversa em si, a informalidade e a intimidade entre os participantes também são expressas pela coloquialidade da fala, que pode ser identificada em diversos trechos do programa e em todos os mediadores. Expressões da identidade cariense e uso de palavrões, por exemplo, aparecem recorrentemente. Carol Aninha fez uso de expressões como “nem to you pra mim”; “bem de com força”; “na veia”; “é nós”; “que massa”; “pode crer”; “muléstia”, “diabo a quatro”, entre outras. É curiosa e típica da região a expressão “anain” (ou ên-ên),

também usada por Aninha e que exprime ideia de lamento ou quando se acha certa coisa adorável (“fofa”), numa manifestação marcadamente oral. Pedro Phillippe recorreu a termos como “botar boneco”; “diabéisso”; “gaitada”; “tirando onda”; “comotion” (comoção, em inglês); “foi de lascar”; “Mimilo” (em referência ao ex-governador do Ceará, Camilo Santana). Já Luan, além de ter registrado a maior parte de palavrões do episódio, usou expressões como “bato nessa tecla”; “véi”; “tá ligado?”; “bicho”; “cascalhozinho”; “fazer a caveira”. Vamille, por sua vez, fez uso de “a póbi”; “tá lascado”; “Ave Maria”; “zanzando”; “quenga”, entre outras.

Com a exploração do formato de “bate-papo” ao longo dos cinco anos do recorte da pesquisa, nota-se, em contraposição ao episódio anteriormente apresentado, um equilíbrio na participação de cada um dos mediadores, o que também pode ser explicado se considerarmos que o Cariri é explorado como tema de forma mais abrangente, sem a especificidade observada no episódio do Pau da Bandeira, cuja relevância do integrante Pedro Philippe é justificada por ter maior vivência na festa.

O episódio de número 47, veiculado em 2020, manifesta, em seu título, a presença de um convidado e, desta forma, introduz-se, pois, um novo mediador para averiguação. Em “Um passeio pelo Cariri, com Xico Sá”, o nome do entrevistado é expresso no título do episódio e direciona o ouvinte para o protagonismo a ele atribuído pelos demais mediadores do programa: Luan Alencar, Felipe Azevedo e Pedro Philippe. É Luan Alencar que inicia este processo quando pede que Xico Sá se apresente ou, como Luan costuma comumente solicitar aos entrevistados do podcast, “dê sua carteirada”:

[00:02:08] Luan: Seguinte, no Budejo de hoje a gente vai bater um papo aqui com um dos maiores caririenses deste País, um cara que a gente queria trocar uma ideia desde o começo desse *podcast* e finalmente deu certo: Xico Sá! Xico, como é a sua primeira vez aqui se apresenta aí pros nossos ouvintes, embora acho que seja totalmente desnecessário, mas *da aí a sua carteirada*...

[00:02:30] Xico Sá : Boa meu velho! Boa, que bom tá aqui com o povo do Budejo, acho que a gente tem sempre que nunca cair nesse conto de "ah, você dispensa apresentação etc" porque você vai de tanto dispensar apresentação, você desaparece...

[00:02:46] Luan: (risos)

[00:02:47] Xico : Sabe, então eu sempre faço questão de, de apresentação... Então, *eu sou um caririense, nascido no Crato, fui criado em Santana, depois eu estudei, morei um tempão em Juazeiro, antes de ir pro Recife, vivia na feira de Nova Olinda ao mesmo tempo de Assaré então sou um caririense de todo o território, andava muito nas rurais de Missão Velha, passava por Várzea Alegre, vivia na festa de Barbalha, então tenho uma vasta vivência de do Cariri*, sou escritor e ganho a vida como jornalista, porque esse negócio de literatura como dizia minha mãe num num não dá camisa ninguém, (risos) isso não garante a vida de ninguém... e tamo aí, de quarentena, guardado em São Paulo... eu queria tá guardado lá na Chapada do Araripe, sentindo aquele ventinho gostoso à noite, mas tudo bem... a gente não pode ter tudo a essa altura.. (Budejo, 2020, s/p; Grifos da autora)

O desenvolvimento da articulação entre os mediadores do episódio sugere a possibilidade de uma dupla classificação para o diálogo estabelecido no programa em questão. A troca ou exposição de ideias entre os participantes, o que caracteriza um debate, conforme Viana e Chagas (2021), também podemos atribuir um caráter de “relato particular” a partir do que se motiva através das perguntas e colocações feitas pelos integrantes do Budejo ao jornalista e escritor convidado e que podemos identificar, inclusive, na apresentação que Xico faz de si mesmo, quando destaca como marca identitária a origem no Cariri cearense.

A conversa, mesmo com a inclusão de um novo mediador, externo ao programa, desenvolve-se com as mesmas características de leveza e informalidade registradas nos episódios anteriormente mencionados. Assinala-se, assim, o uso de expressões coloquiais tanto pelos integrantes do Budejo – como quando Luan fala “a vibe caririense”, Pedro diz “é de lasciar”, e Felipe usa “foi muito massa”; como pelo entrevistado, que utiliza-se de expressões marcadamente despojadas como “infeliz das costa oca”, “cagada monumental”, “pensamento desmantelado”, “Deus te ouça” e “bagaceira toda”. Outro trecho interessante, em referência à ligação do Movimento Brasil Livre do Cariri em apoio ao ex-presidente dos anos de 2018 a 2022, mostra a adaptação, por Xico Sá, de um ditado popular, num jogo de palavras com um personagem do reisado caririense:

[00:52:57] Luan: O Xico falou aí da juventude caririense fazendo passeata, MBL Cariri, forte abraço, balança que o filho é teu também né
 [00:53:06] Xico: Mas é muito, tem que, tem que abraçar bem
 [00:53:09] Todos: (risos)
 [00:53:10] Xico: Aí fica todo mundo tirando o corpinho fora, não, é responsável, é responsável por isso...
 [00:53:14] Pedro Philippe: Falando no nosso vocabulário, quem pariu Mateus que balance...
 [00:53:18] Todos: (risos)
 [00:53:18] Xico: Isso, vá vá vá lá no meio do Reisado balançar o Mateu
 [00:53:23] Pedro: Exato
 [00:53:23] Todos: (risos)

A presença de convidados com reconhecimento em âmbito nacional, como Xico Sá, parece revelar os esforços do Budejo em conectar o Cariri ao restante do País no sentido de destacar a relevância de personagens que, em alguns casos, têm suas origens não tão conhecidas pelo público. Em entrevista realizada com os produtores do *podcast* em 2022, Carol Aninha mencionou a importância de enfatizar o berço dos convidados: “(...) tem as raízes no Cariri, sempre tem uma raizinha assim... e aí é legal mais ainda pra outras pessoas dizerem, tipo, ‘esse cara famosão aí é lá do Cariri’; eu vejo dessa forma...” (Carol Aninha, 2022, s/p).

Numa outra vertente, Luan Alencar destacou a possibilidade de, através do *podcast*, dar visibilidade a vozes nem sempre conhecidas:

Uma coisa que eu acho muito bonita é esse lance de que a gente consegue fazer episódios muito fofos e que têm repercussão muito grande com gente daqui. Isso dá muito orgulho, né? Porque a gente, claro, quando a gente pode falar da galera global e tal, é muito massa também, a gente fica feliz, é fã e tal, mas também dá um baita orgulho da gente levar uma discussão no âmbito nacional com convidados daqui, né, e a gente ser meio que um holofote pra aquela pessoa que por tá no meio acadêmico e tal, não conseguiu falar pra tanta gente na Internet, né? Então isso é muito legal, episódios como a Aninha falou, pintou um monte de pesquisador daqui e o episódio foi super ouvido assim, um monte de lugar e feedback de tudo o que é canto. (Luan Alencar, 2022, s/p)

A fala de Luan pode ser explicitada no episódio 77, “Padre Cícero: Entre o Cajado e o Bacamarte”, veiculado em março de 2021. O documentário, tido como um episódio especial entre as produções do Budejo, dedica seus 92 minutos à vida de um dos mais expressivos personagens caririenses. Para tanto, como exigência do formato, aborda o tema com profundidade e baseia seu conteúdo numa pesquisa de dados, e “inclui ainda recursos de sonoplastia, envolvendo montagens e a elaboração de um roteiro prévio” (Ferraretto, 2014, p. 75).

O processo metódico pode ser observado no conjunto de mediadores identificados na produção e que, aqui, propomos uma divisão em perfis conforme a apresentação de cada um: do podcast – apresentam e descrevem o tema; os profissionais técnico-científicos – problematizam o tema; e os testemunhais – depõem sobre o tema. Ao primeiro grupo estão vinculados Carol Aninha, Luan Alencar e Pedro Philippe.

Integram o segundo perfil de mediadores a antropóloga e socióloga Renata Marinho, professora da Universidade Regional do Cariri (URCA) que atua nas áreas de religião e cultura popular; o doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Durval Muniz de Albuquerque Jr.; a historiadora Edianne Nobre, que empreende estudos no campo da religiosidade e da história cultural; e Maria de Fátima de Moraes Pinho, historiadora, e professora da URCA que atua nas áreas de religiosidade popular, história social, cultura e imaginário.

No grupo de relatos testemunhais sobre os temas vinculados ao Padre Cícero no episódio estão o jornalista e escritor Xico Sá e o romeiro Paulo Roberto da Silva, assistente social, missionário leigo católico, paraibano e morador de Mozarlândia, Goiás.

Dado o formato de documentário, a apresentação dos mediadores é articulada pela formalidade característica deste tipo de programa. À exceção da abertura inicial, que conta

exclusivamente com Luan Alencar, Carol Aninha e Pedro Philippe e carrega o estilo descontraído dos integrantes do Budejo, especial tem cunho essencialmente formal, inclusive manifestado no tom das vozes dos mediadores, proferidas de forma clara e criteriosa.

Tais registros podem ser observados em todos os perfis acima identificados. No caso dos integrantes do *podcast*, destacamos, por exemplo, o trecho inicial do documentário, no qual já podemos assinalar claramente o uso da linguagem culta:

[00:08:05] Pedro Philippe: Capítulo 1. O sonho.

[00:08:17] Luan Alencar: Cícero Romão Batista nasceu em 24 de março de 1844 na cidade de Crato, Ceará. Sua *ligação com a religiosidade* começa cedo, aos 12 anos faz voto de castidade e ao 21 *ingressa* no Seminário da Prainha, em Fortaleza.

[00:08:34] Carol Aninha: Em 11 de abril de 1872, o *recém ordenado* Padre Cícero, agora com 28 anos, chegava ao *lugarejo* de Juazeiro, *longínquo* distrito do próximo município do Crato. A região estava sem sacerdote há algum tempo, e Cícero havia se deslocado até lá para rezar a missa e confessar a população na capela de Nossa Senhora das Dores, apenas como um favor a dois *cidadãos ilustres* de Juazeiro. (grifos nossos)

No caso dos profissionais técnico-científicos, pode-se destacar a acuidade da fala em todos os mediadores, cujo rigor acadêmico é explicitado no trecho acentuado abaixo, do pesquisador Durval Muniz de Albuquerque Jr:

[00:17:00] Durval Muniz: Uma das coisas que atrai no Padre Cícero é justamente a sua *anti-modernidade do ponto de vista dos valores*, que é uma característica da igreja católica nesse momento. A igreja católica combate os *valores iluministas*, vindos da sociedade iluminista, moderna, burguesa. O Padre Cícero representa do ponto de vista dos valores, né, do ponto de vista da moralidade, a defesa de valores bastante conservadores, por exemplo, a *defesa claramente duma hierarquia clara entre os gêneros*, quando você tá tendo o primeiro *questionamento das relações de gênero* aí no começo do século XX, o primeiro avanço das mulheres, o primeiro movimento feminista, as mulheres defendendo o direito à educação, o direito ao voto, Padre Cícero tem pregações extremamente conservadoras *no sentido da preservação da predominância masculina e da subordinação do feminino*. (grifos nossos)

Os mediadores de perfil testemunhal, por fim, ainda que representem o que chamamos de personagens em reportagens jornalísticas e, portanto, sejam investidos de um caráter mais informal – dada a personalidade de seus relatos, adquirem, neste episódio, destaque através de suas narrativas, como a do romeiro Paulo Roberto, quando fala sobre sua romaria preferida em Juazeiro:

[01:17:05] Paulo Roberto: Olha, a *romaria que eu sou mais apaixonado* dentre todas é a romaria dos finados né, é a romaria da esperança, essa é fantástica porque eu gosto sempre de dizer que a quela romaria de finados pra nós romeiros *ela é como se fosse o nosso ano novo*, o ano novo da gente, ali a gente vai pra agradecer e já traçar metas para o outro ano que já tá perto de chegar né, é como se fosse a passagem de um ano pra outro né, então muitos de nós romeiros é a última romaria do ano é aquela, *vai lá*

pra agradecer o meu Padrim Padre Cícero, à Nossa Senhora e São Francisco por tantas dádivas que eles tem nos dado então a romaria da esperança pra mim ela tem todo um sentido assim mais místico, mais né, gostoso, mais mais, de partilha entre os romeiros, não sei se é porque ela é a maior, mas ela nos traz, chama muita atenção a questão, nem tanto o número de romeiros, mas parece que a gente vive mais aquela mística da espiritualidade do romeiro né, de estar ali enfrentando as dificuldades dessa vida, acreditando na vida eterna porque a vida da gente é uma passagem, aqui a gente tá só de passagem, né, isso aqui é só uma passagem, então acreditando na vida eterna e a romaria da esperança nos anima nisso, de que nós estamos aqui de passagem e essa passagem que a gente tem que fazer bem, como ensinou o Padre Cícero né, como a procurar o caminho da santidade. (grifos nossos)

Na série *Mestres do Vale Encantado*, veiculada em agosto de 2023, são relatos testemunhais como os ouvidos nas vozes de Xico Sá e do romeiro Paulo Roberto no episódio sobre Padre Cícero que ganham amplitude no *podcast*: mestres e mestras da cultura⁶¹ nascidos ou que moram no Cariri contam suas histórias de vida a partir da relação com as culturas populares tradicionais às quais pertencem. Também são ouvidos personagens que não são mestres, mas têm relação com o Cariri, seja de origem ou de moradia, ou com os chamados Museus Orgânicos, projeto do Serviço Social do Comércio (SESC) em parceria com a Fundação Casa Grande, “que ressignifica a casa dos Mestres, transformando-as em lugares de memória afetiva com possibilidade de visitação e movimento do turismo local”⁶² (SESC-CE, s/p).

No segundo episódio da série, *Nas asas do sertão*, Carol Aninha, Luan Alencar e Pedro Philippe apresentam e entrevistam os “protagonistas” do programa: Francisco Dias de Oliveira, conhecido como Mestre Françaçuli, nascido em Potengi há 82 anos e que trabalha com esculturas em ferro de aviões e outras invenções, e Jefferson Bob, biólogo e fotógrafo de aves do Museu Casa dos Pássaros do Sertão. A lista de mediadores que ilustram o episódio, mas em menor expressão, também contempla o ferreiro Gilson, da cidade de Potengi – onde também vivem Mestre Françaçuli e Bob, e, se abirmos espaços para “vozes” de outras espécies, os pássaros João Xique-Xique e Farinheiro (ou tem-farinha-aí), que tiveram seus cantos gravados e veiculados no programa.

A condução narrativa do episódio sugere uma contínua interpelação aos ouvintes pelos mediadores, visto que o roteiro foi conduzido de forma a simular uma conversa dos integrantes do Budejo com a audiência, o que gera aproximação e certa intimidade entre produtores e receptores. Há trechos em que tais marcas são mais explícitas, como os que destacamos a seguir:

⁶¹ No Ceará, a Lei Estadual 13.842, de 2006, reconhece homens e mulheres conhecidos por seus saberes e fazeres ligados às tradições das culturas populares como Tesouros Vivos do Ceará. Fonte: <https://www.secult.ce.gov.br/tesouros-vivos-do-ceara/>; acesso em julho de 2024.

⁶² Do site: <https://www.sesc-ce.com.br/museusorganicos/>; acesso em julho de 2024.

[00:11:37] Pedro Philippe: *Presta bem atenção* à história que Françaúli tá contando agora, isso aconteceu há 40 anos então *a gente pode dizer* que há mais de quatro décadas já corria pelo sertão a história de que havia um inventor em Potengi que poderia solucionar todo tipo de desafio da engenharia;

[00:23:15] Pedro Philippe: É bem possível que *se você convive ou conviveu* com avós teimosos, *daqueles que não conseguem se aquietar, uma hora dessas você esteja com uma pequena crise de pânico* ouvindo os planos de Françaúli. A gente também ficou, *mas se serve de alguma coisa*, se tem uma pessoa nesse mundo que eu não duvidaria que seria capaz de construir um avião sozinho e levantar vôo nele, essa pessoa é Mestre Françaúli: o Inventor do Sertão;

[00:24:44] Carol Aninha: *Enquanto a gente saía do carro* e preparava os equipamentos, o anfitrião vinha nos receber: um *jacú muito simpático* e acostumado com a presença humana chegou de mansinho e ficou no meio da nossa equipe e *quando a gente se distraiu* ligando o gravador, ele entrou no carro e subiu na direção. *Você pode conferir* esse momento na galeria do episódio em nosso instagram @budejopodcast. Mas não foi *um jacú boa praça* que a gente veio conhecer, quem tava nos esperando mesmo era Jefferson Bob, biólogo e apaixonado por aves. (Budejo, 2022, s/p) (grifos nossos)

Ainda que a linguagem não seja tão informal quanto a registrada nos episódios de “bate-papo”, observa-se uma coloquialidade necessária, por parte dos integrantes do Budejo, para envolver os ouvintes de forma descontraída. Por outro lado, uma total liberdade expressiva – cuja singularidade é observada tanto no sotaque quanto no vocabulário “próprio” de um senhor de 82 anos – manifesta-se na voz de Mestre Françaúli, que, em meio aos seus relatos, também enuncia construções poéticas:

[00:06:13] Pedro Philippe: Françaúli quer que a gente conheça o museu. Diz que não é problema sair de casa no domingo, que em cima de sua 500 cilindradas ele chega lá num instante.

[00:06:23] Mestre Françaúli: a, quiser ir pra lá, nós vamos, eu vim só porque eu tava lá e hoje era domingo, eu eu mandei fazer limpeza nos *zói* e aí disseram que precisava passar oito dias sem trabalhar, eu num tô trabalhando, eu fiz tua faca porque era pra você e eu digo: *rapaz, prata boa não mareia, eu tando conversando com um homem que compreende é como um rio cheio de madeira que nunca pende, e é prata que num mareia, e luz quando se acende: quilarea o mundo tudim de uma vez*. (Budejo, 2022, s/p) (grifos nossos)

Já Jefferson Bob articula-se oralmente de modo a transparecer aos ouvintes uma trajetória que demarca sua origem através do sotaque e das histórias e sua formação de biólogo e observador de pássaros, demonstrando um conhecimento que revela para a audiência uma identidade do Cariri – e/ou da caatinga, onde a região está inserida – a partir de aspectos naturais, como a fauna destacada no episódio em questão:

[00:43:54] Jefferson Bob: A carimbamba é o bacurau, o “amanhã eu vou”, o bacurau. Tem gente que chama de corujinha. É um bichim, chama bacurau, e o “amanhã eu vou” é o canto dele (imita o som) “amanhã eu vou”. E a filosofia do sertanejo é de, do

homi... até tinha um cara, Geraldinho, já é falecido, aí ele: "Geraldin, e as assombrações?"; ele: "tem mais não, num tem mais mata"... Não tem mais mata, não tem mais assombração não, que assombração era muito ligado aos pássaros da noite que cantava, rasga mortaia, aí tem o coisa do "amanhã eu vou", então uma que é muito conhecida, que é o saci... o saci pererê, o passarinho
 [00:44:40] Carol Aninha: Não o saci o menino, né?
 [00:44:41] Jefferson Bob: E o que é o, até onde eu sei o que é a lenda do saci, né? ficava um assovio no mato, aí a pessoa ia, procurava, procurava, e não achava, aí a pessoa achou né, disse que viu um negrinho sem uma perna e tal, mas na verdade é um passarinho que faz (assovio) assoviava "saci", aí tem dia que ele faz bem assim (assoviando) sa-ci pê-rê-rê.

A pluralidade de mediadores presentes nos episódios do Budejo parece expressar a preocupação dos produtores em trazer, de fato, uma diversidade que minimamente revele a complexidade de vozes que podem falar sobre o Cariri. O endereçamento relacionado aos mediadores considera, nesta interpretação, a necessidade de pluralizar fontes através da expressão dos próprios produtores do *podcast* quanto de convidados.

Em mais uma similaridade com o rádio, identificamos, na produção caririense, o que McLeish (2005) defende como "grande vantagem do meio auditivo". Para o autor, é a voz humana, através da expressividade do "calor, compaixão, raiva, dor e riso", que é capaz de transmitir muito mais que um "discurso relatado", pois tem "inflexão e acento, hesitação e pausa, uma variedade de ênfase e velocidade" (McLeish, 2005, p. 6). Neste sentido, podemos traçar um paralelo com o *podcast*, que "tanto amplia a voz de figuras mediáticas como revela protagonistas anônimos" (Reis e Ribeiro, 2021, p.1) e que também deve acompanhar o que McLeish argumenta sobre o rádio:

A informação que um orador transmite tem a ver com o estilo de apresentação tanto quanto com o conteúdo do que é dito. A vitalidade do rádio depende da diversidade de vozes que ele usa e até que ponto ele permite o colorido da frase e o idioma local. É importante que se ouçam todos os tipos de vozes e não apenas as dos locutores profissionais, detentores do poder e porta-vozes articulados. As tecnicidades do meio não devem impedir as pessoas de todas as esferas da vida de se expressarem com naturalidade e sinceridade que reflitam suas verdadeiras personalidades⁶³. (McLeish, 2005, p. 6)

O que podemos inferir, tanto pelos episódios aqui demarcados quanto pelo acompanhamento do *podcast* ao longo de seus mais de cinco anos, é que as identidades caririenses manifestam-se, por meio dos mediadores, no destaque de suas origens na região e/ou

⁶³ Em tradução livre do original: The information which a speaker imparts is to do with the style of presentation as much as the content of what is said. The vitality of radio depends on the diversity of voices which it uses and the extent to which it allows the colourful turn of phrase and the local idiom. It is importante that all kinds of voices are heard and not just those of professional broadcasters, power holders and articulate spokesmen. The technicalities of the medium must not deter people in all walks of life from expressing themselves with a naturalness and sincerity which reflects their true personalities. (MCLEISH, 2005, p. 6)

na relação que mantêm com ela; no livre entoar de seu sotaque característico e do uso de expressões do vocabulário local, manifestado também na diversidade etária dos participantes.

5.3.3 *Papéis Sociais*

O percurso dos dois primeiros operadores de análise dos modos de endereçamento articulados neste capítulo – organização temática e mediadores – indica uma relevante influência sobre este terceiro, que se debruça sobre os papéis sociais identificados no recorte de episódios aqui apresentado.

Os papéis sociais que um *podcast* pode assumir ao tratar de assuntos sobre uma dada região encontram-se, ao nosso ver, diretamente ligados à amplitude de temáticas abordadas e à credibilidade que somente mediadores intimamente conectados ao local – no caso, o Cariri cearense – podem garantir aos programas através de suas participações.

Neste sentido, entendemos que, no Budejo, a partir dos episódios aqui observados e pelo acompanhamento dos demais programas que compõem os mais de cinco anos de existência do *podcast* e que se encontram fora deste escopo, manifestam-se como principais papéis sociais a informação e a memória, sendo capazes, inclusive, de articularem-se num mesmo episódio.

Para justificar esta percepção, atemo-nos brevemente a estes dois termos, entendendo, primeiramente, a informação, em sentido estrito, como novidade. “Trata-se, em geral, da transmissão de um saber entre alguém que o possui e alguém que se supõe não o possua” (Hohlfeldt, 2010, p.690).

Também reconhecida como “matéria-prima dos processos midiáticos”, a informação é componente basilar do conhecimento: “saber mais ou menos ordenado e organizado que, por associação de ideias, permite identificar ou reconhecer alguma coisa ou acontecimento, ou relacionar duas coisas ou acontecimentos entre si”. No cerne do estabelecimento de relações entre o homem e seu entorno, a informação representa o conjunto de dados que dizem algo a respeito daquela realidade externa (Hohlfeldt, 2010, p. 691).

A partir dos episódios analisados, compreendemos que a organização temática apresentada sobre o Cariri cearense no Budejo relaciona informações capazes de estabelecer relações da audiência com a região, seja no registro da informação em seu sentido estrito, como novidade, ou como memória, conceito que Jaque Le Goff (1996) expressa como “propriedade de conservar certas informações” a partir de “um conjunto de funções psíquicas, graças às quais

o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (1996, p.423).

A “atualização” dessas impressões também reverbera nas considerações de Maurice Halbwachs, que as defende na medida em que são forjadas através de vários testemunhos, adaptadas ao “conjunto de nossas concepções do presente” (2006, p.29). A memória compõe-se, portanto, de tramas: relatos vários que, aliados aos pessoais, conferem mais “confiança” às nossas impressões. Observa-se, assim, a constituição de memórias em nível individual ou coletivo:

Admitamos (...) que as lembranças pudessem se organizar de duas maneiras: tanto se agrupando em torno de uma determinada pessoa, que as vê de seu ponto de vista, como se distribuindo dentro de uma sociedade grande ou pequena, da qual são imagens parciais. Portanto, existiriam memórias individuais e, por assim dizer, memórias coletivas. Em outras palavras, o indivíduo participaria de dois tipos de memórias (Halbwachs, 2006, p. 72)

Em pensamento similar, Pierre Nora entende a memória coletiva como “o que fica do passado no vivido dos grupos ou o que os grupos fazem do passado” (Nora apud Mourão, 2005, p.87), compondo-se a partir de processos de reconstrução e reconstituição de imagens de uma lembrança.

Ao estabelecer as ligações entre as impressões do passado dos grupos, Halbwachs (2006) nos lembra que a reconstituição de imagens por uma pessoa ou grupo não é suficiente para que outro indivíduo reconstrua uma lembrança: antes, estes “dados” ou “noções” do vivido têm de ser comuns, ou seja, os personagens devem ter estado e ainda permanecer no grupo ou sociedade com o qual estão estabelecendo essas trocas. “Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída” (Halbwachs, 2006, p. 39).

Deste pensamento, é que entendemos que muitas das memórias que se apresentam nos episódios do Budejo, podem, para a parte da audiência que desconhece os temas ou personagens, funcionar como informação, vez que são novidade. É neste sentido que compreendemos a interrelação entre informação e memória como papéis sociais nos episódios sobre o Cariri, ainda que se registre informações, na nossa compreensão, puras, como datas, número de habitantes de uma cidade, nomes de bairros, etc.

Em Pau da Bandeira: as tradições, o sagrado e o profano, temos, em nível de informação, por exemplo, a cidade de Barbalha como lugar do festejo realizado em homenagem ao padroeiro Santo Antônio; o processo de corte da árvore por homens da região; a criação da Noite das Solteironas; a participação de movimentos sociais na festa; o cortejo com grupos de

tradições culturais populares; o número de pessoas que o município recebe durante a festa, a distribuição da cachaça Kariri com K ao final do cortejo cultural; e a presença de políticos na ocasião.

Relatos dos mediadores que atestam o papel social de memória no episódio passam, sobretudo, pelas experiências pessoais na festa. Luan Alencar lembrou a participação em um camarote; Carol Aninha mencionou o alerta que recebia de familiares sobre o assédio de homens durante o festejo; Pedro Philippe relatou saídas com amigos; Amanda Souza contou sobre a retomada de um relacionamento durante a festa; Felipe Azevedo confessou chorar com o hasteamento do Pau da Bandeira, entre outros relatos.

Na dimensão da memória coletiva, os mediadores citam, por exemplo, lembranças alusivas à presença de políticos na festa, dos sanfoneiros tocando nas calçadas, da emoção na hora do hasteamento do Pau, da participação dos grupos de tradição popular no cortejo da Rua do Vidéo.

Importante reforçar, ainda na defesa do cruzamento das duas dimensões, que as informações também performam uma função de memória, uma vez que, além de divulgar dados que são sabidos por muitas pessoas, podem, depois de veiculadas no *podcast*, ser retomadas a qualquer momento, servindo como recordação.

É o que podemos identificar, exemplificativamente, no episódio “Um passeio pelo Cariri, com Xico Sá”. Grande parte do diálogo estabelecido com o escritor e jornalista passa pelo entroncamento de “informações memorialísticas”: o nascimento na cidade do Crato e a criação em Santana do Cariri; a atuação profissional influenciada pela origem caririense; os personagens de seus livros inspirados em familiares e personagens históricos da região; a passagem de Marighela pelo Cariri; a vista do Portal de Santa Cruz como a melhor panorâmica da Chapada do Araripe e outras mais.

Também reconhecemos o mesmo comportamento destes papéis sociais no episódio 114, “Na despedida de Pedro voltamos a falar sobre o Cariri”, veiculado no formato de “bate-papo”, como o próprio *host* do *podcast*, Luan Alencar, reforça. Os assuntos abordados, que passam pelas experiências vividas pelos mediadores, vão desde o processo migratório das famílias de alguns integrantes ao relato do *modus operandi* de roubo por uma moradora de Barbalha, perpetuando informações e memórias sobre um Cariri particular dos produtores do Budejo.

Em “Nas asas do sertão”, episódio integrante da série temática Mestre do Vale Encantado: Tesouros Vivos do Cariri, vemos a construção marcada das memórias de Mestre Françuli: desde a infância, quando começou a fazer aviões de madeira, passando pelas soluções

criativas para problemas locais – como o acesso à água – até suas famosas miniaturas voadoras e a concepção do museu orgânico que leva seu nome. Lembranças que são novidade para muitos, ou seja, em sentido estrito: informações.

No mesmo programa, também vemos a natureza do Cariri ser pauta, assunto, dado, elemento. Os pássaros da Chapada do Araripe e da caatinga, a vegetação, as lendas ligadas às aves, as desmistificações dos turistas sobre a região do Cariri: questões que podem ser inéditas para uns e que, com o *podcast*, registram-se na memória on-line das redes.

Resta-nos, por fim, registrar a particularidade articulada nos papéis sociais do episódio 77, “Padre Cícero: Entre o Cajado e o Bacamarte”, especial que percorre a trajetória de vida de Cícero Romão Batista através de profunda pesquisa bibliográfica e diversidade de fontes. Neste sentido, acreditamos que, além do papel informacional e memorialista, o gênero do programa em si é responsável por mais uma dimensão: a interpretativa. Sobre isto, recorremos a Ferraretto (2014), numa menção ao documentário no radiojornalismo, para fundamentar o reconhecimento da mesma relação no *podcast*:

Em radiojornalismo, a produção de um documentário aproxima-se da prática que em especial nas décadas de 1960 e 1970 era conhecida na grande imprensa brasileira como pesquisa jornalística. É um processo que se relaciona diretamente com o gênero jornalístico interpretativo embora possa ter relação com os demais. Na época Antônio Beluco Marra apud Rabaça Barbosa (2001, p. 565) já observava que o texto resultante desse esforço de pesquisa vai mais além do fato-notícia, aquele acontecimento do dia restrito à sua descrição básica: “*Situa o fato na história, fornece os dados para sua melhor compreensão. Numa palavra, interpreta*”. Destinada a descrever o que fazia na década de 1960 o pioneiro Departamento de Pesquisa e Documentação do Jornal do Brasil, a afirmação de Marra indica uma ideia perfeitamente aplicável ao documentário radiofônico: a necessidade de contextualização, base de toda a pesquisa a ser realizada durante a produção desse tipo de programa (Ferraretto, 2014, p. 268) (Grifo nosso)

Explorada criteriosamente no episódio em questão, a história de vida do padre caririense em suas dimensões religiosas, políticas e sociais é narrada, em nível de informação, pelos integrantes do *podcast*; articulada, no âmbito da interpretação, pelas pesquisadoras e pesquisador entrevistados; e, aludida, no campo da memória, por um escritor cratense e um romeiro da Paraíba.

Observamos, portanto, neste recorte de episódios, uma fecunda capacidade articulatória de papéis sociais para o (re)conhecimento do Cariri. Informação, memória e interpretação são articuladas, ao longo dos episódios temáticos do Budejo sobre a região, no destaque de sua profusão identitária, expressa através dos mais diversos temas e vozes, fazendo-a perpetuar-se ao longo do tempo por meio do *podcast*.

5.3.4 Recursos Técnicos

De março de 2019 a dezembro de 2021, uma conjunção de instrumentos anunciava, em 23 segundos, o início do *podcast* Budejo: ao soar de baquetas na caixa de uma bateria, juntavam-se tilintares de triângulo e agogô e os primeiros acordes de uma caneta Bic nas cordas de um violão. A música “Forró esferográfico”, da banda campinense Cabruêra⁶⁴, marcou, durante três anos, parte dos recursos técnicos utilizados pelo programa caririense, num registro, à primeira “escutada”, de um endereçamento cuja valorização à identidade do cancionero popular do Nordeste era representada, neste caso, por uma música de forró.

A melodia de abertura do programa é registrada, no recorte de episódios aqui analisado, nos programas de número 8, 47 e 77, ou seja, compreendendo o período relatado acima. Destes episódios, registra-se, porém uma diferença dos dois últimos em relação ao primeiro: a vinheta da Rádio Guarda-Chuva (“O Budejo tem o selo da Rádio Guarda-Chuva, jornalismo para quem gosta de ouvir”), rede brasileira de *podcasts* jornalísticos⁶⁵ que a produção do Cariri integrou no período de 30 de janeiro de 2020 (Ep 36 – Especial Luiz Gonzaga) a 24 de junho 2021 (Ep 89 – Não falar nada é se posicionar, com Pedro Cardoso)⁶⁶. A inserção da vinheta demarcava, através de um recurso técnico, um endereçamento de ordem editorial, atribuindo credibilidade ao Budejo por se vincular a um determinado grupo de jornalismo.

Os episódios em formato de debate, ou, mais informalmente, bate-papo, apresentam uma estrutura semelhante no que diz respeito à utilização de recursos técnicos. Eles se traduzem, essencialmente, no uso de músicas que “ilustram” determinadas passagens dos programas ou nos BGs que são ouvidos ao longo de todo o episódio enquanto os mediadores conversam.

É o que ouvimos, por exemplo, no episódio Pau da Bandeira: as tradições, o sagrado e o profano, que registra trechos de três músicas compostas e interpretadas por nordestinos, endereçando, mais uma vez, a valorização de uma identidade musical regional. “Verdes

⁶⁴ A música está em álbum homônimo da banda Cabruêra, o primeiro do grupo, lançado no ano 2000. Fonte: <https://paraibacriativa.com.br/artista/cabruera/>; acesso em 19 de julho de 2024.

⁶⁵ A Rádio Guarda-Chuva surgiu em 2019 aglutinada em torno de seus *podcasts* “fundadores”: Finitude, Rádio Escafandro e Põe na Estante. A rede também trabalha na produção de *podcasts* para marcas e tem os chamados *podcasts* associados, como era o caso do Budejo. Disponível em: <https://radioguardachuva.com.br/quem-somos/>; acesso em 19 de julho de 2024.

⁶⁶ A partir de maio de 2021, o Budejo passou a integrar a Central3, produtora de *podcasts* baseada em São Paulo que tem em seu catálogo programas como Xadrez Verbal, Medo e Delírio em Brasília, Trivela e Lado B do Rio. No período de quase dois meses em que o *podcast* caririense se manteve ligado tanto à Central3 quanto à Rádio Guarda-chuva, permaneceu a vinheta desta última.

canaviais”⁶⁷, do compositor cearense Alcymar Monteiro, é reproduzida em dois momentos: nos minutos iniciais, após a apresentação dos integrantes, e ao final do episódio, na transição do quadro Budejo Bodeja⁶⁸ para a despedida dos participantes da gravação. “Festa de Santo Antônio”, também de Alcymar Monteiro – em parceria com João Paulo, tem trecho tocado na voz de Luiz Gonzaga (“Atenção senhores protestantes, Barbalha de Santo Antônio já se acha evangelizada. A Festa de Santo Antônio de Barbalha é de primeira, a cidade toda corre pra ver o Pau da Bandeira”), aos 22 minutos, para marcar a transição de assuntos sobre a festa, da presença de políticos para as mandingas e simpatias em torno do pau da árvore cortado para hasteamento. Já a música “É proibido cochilar”, de autoria de Antonio Barros, compositor paraibano, e interpretação do grupo Os Três do Nordeste, marca outra transição de assunto: da deturpação política de símbolos da igreja para a “guerra de sanfoneiros” nas calçadas de Barbalha durante a festa. Não à toa, o trecho escolhido da canção diz: “o forró daqui é melhor que o teu, o sanfoneiro é muito melhor”.

Além de contextualizar musicalmente os temas apresentados, servindo de transição entre eles, as canções escolhidas pelo Budejo criam imagens sonoras que remetem às ruas cheias de Barbalha durante a Festa do Pau da Bandeira e são capazes de despertar nos ouvintes a alegria e a comunhão festiva da ocasião.

O programa “Um passeio pelo Cariri, com Xico Sá” apresenta estrutura técnica semelhante ao episódio anterior, também marcado por referências regionais. Depois da vinheta da Rádio Guarda-Chuva e da abertura com a música “Forró esferográfico”, a locução de Luan Alencar, que introduz o programa, é sucedida pela música “Último pau-de-arara” na voz de Gilberto Gil, que tem volume diminuído e é substituída por um BG instrumental, que permanece ao longo do programa. A escolha da canção parece sugerir aos ouvintes uma referência à migração do convidado, que deixou o Cariri para estudar em Pernambuco e, após formado, seguiu para São Paulo.

A edição contempla, também, a inserção de uma sonora, aos 16 minutos, da jornalista Gabriela Mayer para divulgar o podcast Põe na Estante, da Rádio Guarda-Chuva. A “pequena pausa”, como o host Luan Alencar indica, funciona como um intervalo técnico e a retomada da conversa com Xico Sá acontece com a execução de outra canção que tem o Cariri como tema: Padre Cícero, também da banda Cabruêra. Outra “quebra” do episódio é assinalada

⁶⁷ A canção é alusiva à Barbalha e utiliza metáforas alusivas à cidade como se fosse uma mulher: “menina moça, linda Barbalha / lábios de açúcar, beijos de mel”, por exemplo, faz referências à produção de açúcar e mel nos engenhos locais.

⁶⁸ O Quadro Budejo Bodeja era dedicado à leitura de comentários de ouvintes registrados nas redes sociais do podcast.

para anunciar a divulgação do filme *Big Jato*, baseado em livro homônimo de Xico Sá. Neste momento, o podcast se vale de um trecho do filme, onde são ouvidas falas dos atores e uma música que compõe a trilha original do longa-metragem, substituídas na sequência por um BG instrumental que segue até o final do programa, quando é aumentado para encerrá-lo.

Em “Padre Cícero: Entre o Cajado e o Bacamarte”, é explícita a divisão técnica entre os minutos iniciais, que seguem o padrão de apresentação do Budejo (vinheta Rádio Guarda-Chuva – trecho da música “Forró esferográfico” – introdução pelos integrantes do podcast), e o início do documentário em si. Acrescenta-se, ainda no trecho inicial, um teaser de outro *podcast* do selo jornalístico, o *Vida de Jornalista*, que, ao contrário do episódio de Xico Sá, não foi veiculado no meio da conversa, possivelmente para preservar a fluidez narrativa do especial sobre Padre Cícero.

Destaca-se como diferencial dos programas anteriores, a utilização, durante todo o episódio, de uma trilha sonora original de autoria do compositor e violinista Gabriel Falcão. Toda instrumental, ela é o primeiro som que se ouve quando o documentário se inicia. Sua cadência lenta, com violão (ou viola) e pandeiro, lembra o ritmo dos repentes típicos da região Nordeste, criando um clima sonoro mais tenso, dado o teor temático do episódio. Ouvida em intervalos de narração dos mediadores ou das sonoras dos entrevistados, tornam-na parte integrante da narração, não acessória, endereçando um rigor e preciosismo na apresentação da temática.

O episódio de número “114 – Na despedida de Pedro voltamos a falar sobre o Cariri”, marca, neste recorte, a presença de duas novidades técnicas. A primeira delas diz respeito à vinheta da Central3, que, desde novembro de 2021 – ainda que a integração do Budejo à produtora tenha se dado em maio do mesmo ano⁶⁹ –, abre os episódios com o texto: “o podcast que você ouve agora é uma produção da Central3”. O primeiro a veicular o recurso foi o de número 101, no dia 4 de novembro daquele ano.

Após vinheta, sobe a segunda inovação: uma trilha sonora original do Budejo, feita por Victor Oliveira e cuja estreia ocorreu no primeiro episódio de 2022, disponibilizado nas plataformas em 20 de janeiro, substituindo o trecho inicial da música “Forró esferográfico”. A trilha é iniciada com um zumbido e um toque de percussão que lembra o tilintar do triângulo da música anteriormente usada, preservando um caráter regional, e conta com uma guitarra

⁶⁹ A partir de maio de 2021, o Budejo passou a integrar a Central3, produtora de podcasts baseada em São Paulo que tem em seu catálogo programas como *Xadrez Verbal*, *Medo e Delírio em Brasília*, *Trivela* e *Lado B do Rio*. No período de quase dois meses em que o podcast cariense se manteve ligado tanto à Central3 quanto à Rádio Guarda-chuva, permaneceu a vinheta desta última.

numa cadência mais lenta, lembrando o ritmo tecno-brega, marcando uma “repaginada” do recurso e sugerindo aos ouvintes uma modernização e jovialidade do *podcast*. Ela fica ao fundo durante toda a introdução do episódio e tem o volume aumentado antes de os integrantes começarem a falar – a partir daí, o volume fica baixo, mas continua presente durante todo o episódio, aumentando novamente apenas no encerramento. As atualizações endereçam, na nossa compreensão, um esforço de melhoramento do *podcast*.

A evolução técnica do Budejo, observada ao longo dos anos, parece estar sintetizada, no delineamento desta pesquisa, no episódio “Nas asas do sertão”. É nele que encontramos, além da introdução usual com vinheta da Central 3 e a trilha sonora original de abertura do *podcast*, outros elementos que enriquecem a experiência de escuta.

Além de uma vinheta especial para a série “Mestres do Vale Encantado: Tesouros Vivos do Cariri”, que o episódio integra, destaca-se, sobretudo, a paisagem sonora formada, neste programa, pelos sons ambientes onde foram gravadas as entrevistas: martelos dos ferreiros, barulho de solda, vozes com eco dos ambientes, pássaros – apresentados em sintonia com músicas da banda Sol na Macambira (que mescla o estilo cabaçal característico de grupos regionais do Cariri com o rock), Ferreros (à qual pertencia o entrevistado Jefferson Bob) e, mais uma vez, trilha original composta por Gabriel Falcão. Os efeitos sonoros e a trilha têm o potencial de inserir os ouvintes nos ambientes registrados no episódio: a casa de ferreiros, o museu de Mestre França e o Sítio Pau Preto são percebidos na riqueza sonora apresentada no programa.

Na difusão de temas sobre o Cariri cearense, o Budejo mostra, através do uso modesto de recursos técnicos, que suas escolhas consistem na seleção de elementos sintonizados ao universo que explora através da linguagem sonora, respeitando aspectos tradicionais, como músicas do cancionista nordestino, e inovando através de trilhas sonoras pensadas especialmente para suas produções mais singulares.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“No toda novedad es nueva, ni toda viejera es vieja, estamos necesitando de ver lo nuevo en lo viejo y lo viejo en lo nuevo (...).” (Martín-Barbero, 2019, p.)

A frase que abre estas considerações finais representa, além do reconhecimento à atualidade e magnitude do pensamento de Jesús Martín-Barbero, o que conseguimos vislumbrar ao dedicar este trabalho à pesquisa de um *podcast* realizado no Cariri cearense: a comunhão do velho e o do novo, representada pelos usos de uma linguagem de tradição centenária (a radiofônica) atualizada numa mídia a qual podemos dizer que vimos “nascer” (o *podcast*).

Na busca de compreender como a região do Cariri é apresentada aos ouvintes do Budejo, recorreremos à densidade teórica das mediações, atendo-se às identidades e espacialidades como fundamentais para alcançar este objetivo, complementado, ainda, na indicação das tecnicidades relativas ao *podcast*, reconhecendo sua origem no contexto do rádio expandido, na oralidade como operador perceptivo e nos usos sociais do meio.

Além de explorar um referencial teórico com base na produção do filósofo hispano-colombiano e de autoras e autores cujas produções estabelecem, a partir da articulação apresentada na pesquisa, diálogo com o pensamento barberiano, delineou-se como opção metodológica o conceito de modos de endereçamento, compreendendo que os operadores escolhidos no trabalho foram capazes de contribuir para a análise ao conseguir relacionar as mediações delimitadas – identidades e espacialidades – através da organização temática, dos mediadores, dos papéis sociais e dos recursos técnicos utilizados pelo Budejo.

A produção caririense nos convoca, como sugere Martín-Barbero (2019) a “habitar as múltiplas diversidades” através da apresentação, ao longo de seus mais de cinco anos de existência, de assuntos diversos e, neste trabalho, do que se articula em torno da região localizada ao sul do estado do Ceará, mostrando que:

é no conhecimento ancestral, nas mulheres, no território onde se pratica o maior reconhecimento da diversidade e estão narrando, contando, escrevendo experiências muito bem contadas que mostram que sabem contar e pensar sobre si mesmos com suas próprias cabeças e corpos⁷⁰. (Martín-Barbero, 2019, p. 80)

⁷⁰ Em livre tradução de: “es en los saberes ancestrales, en las mujeres, en el territorio donde se practica el mayor reconocimiento de la diversidad y están narrando, contando, escribiendo experiencias muy bien contadas que demuestran que saben contarse y pensarse con sus propias cabezas y cuerpos” (Martín-Barbero, 2019, p. 80)

Reconhecemos, a partir do que nos propomos a analisar, que os integrantes do Budejo personificam o que trazemos no trecho acima: eles carregam, em suas origens e nas suas histórias de vida no território caririense, a credibilidade necessária para relatar aos seus ouvintes dimensões ligadas às identidades locais – em sua diversidade religiosa, política, social, cultural, econômica, natural, entre outras – e às espacialidades, sobretudo no que diz respeito ao espaço habitado (Martín-Barbero, 2018), que se refere ao que é vivido no cotidiano dos ciclos da vida, o mais próximo do “nicho-lar”, da vinculação ao território.

Vemos, assim, aspectos relativos às tecnicidades do *podcast* expressos, em sua origem, no respeito à oralidade característica do Cariri, através do uso livre de seu sotaque, e, no desenvolvimento da produção ao longo dos anos – na evolução da linguagem – quando o Budejo explora novos formatos de episódios além dos debates ou bate-papos, recorrendo aos documentários, séries especiais – formatos que podemos identificar como tradicionalmente radiofônicos, mas que não são tão mais ouvidos nas transmissões hertzianas e podem atualizar-se nos *podcasts*.

Tal evolução reverbera no desenvolvimento da organização temática sobre o Cariri, que, além de refletir-se na apresentação através dos formatos acima mencionados, complexifica-se na apuração mais trabalhada e na diversidade de temas difundidos ao público.

A trama do aprimoramento do Budejo é transversal e passa, conseqüentemente, pelos mediadores. À medida que o *podcast* avança, as abordagens sobre o Cariri ficam mais multifacetadas. Se no início predominam os relatos de experiências pessoais dos integrantes, ao longo do tempo observa-se maior rigor ao falar sobre a região a partir de outras fontes: acadêmicos, mestres da cultura, convidados diversos.

Os recursos técnicos utilizados pela produção, que incluem músicas do cancioneiro nordestino interpretadas por artistas da região, são usados nos episódios temáticos e sempre dialogaram com os temas apresentados. Mudanças também foram observadas neste âmbito, evidenciando o rigor do Budejo através da mudança na trilha de abertura – que passou a ter composição original – até a utilização do mesmo recurso (trilhas sonoras originais) em episódios especiais, como o do Padre Cícero e da série Mestres do Vale Encantado.

As pluralidades temáticas, de mediadores e de recursos técnicos contribuem qualificadamente para a demarcação dos papéis sociais desempenhados pelos episódios temáticos em nível de informação, memória e interpretação, possibilitando aos ouvintes construir suas impressões sobre as identidades e espacialidades sobre o Cariri cearense.

Neste sentido, reconhecemos que este trabalho alcançou apenas parte do processo comunicativo do *podcast* cariense. Dedicada aos produtores e ao produto em si, delineado aqui através de cinco episódios temáticos sobre a região, esta pesquisa pode ser estendida em projetos futuros, que devem chegar ao outro lado dos fones de ouvido, aparelhos celulares ou computadores: os ouvintes do Budejo.

REFERÊNCIAS

- 37 GRAUS é selecionado para o Google Podcasts Creator Program. São Paulo: 2019. Disponível em: <https://www.37grauspodcast.com/37-graus-e-selecionado-para-o-google-podcasts-creator-program/>. Acesso: 19 de outubro de 2022.
- #114 Na despedida de Pedro voltamos a falar do Cariri. Ana Carolina; Luan Alencar; Pedro Phillipe; Vamille Furtado. **Budejo**. Juazeiro do Norte: 10 de março de 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5I1HKrqd8bihaQBeJ4A2JR>. Acesso em: 12 de março de 2022
- ABPOD. **PodPesquisa 2014**. Associação Brasileira de Podcasters. São Paulo, 2014. Disponível em: <https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/10/PodPesquisa-2014.pdf>. Acesso em: 16 de outubro de 2022.
- ABPOD. **PodPesquisa 2020**. Associação Brasileira de Podcasters. São Paulo, 2020. Disponível em: <http://abpod.com.br/podpesquisa/>. Acesso em 7 de julho 2020.
- A MULHER da Casa Abandona lidera rankings e acumula milhões de downloads. São Paulo: Folha de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/07/podcast-a-mulher-da-casa-abandonada-lidera-rankings-e-acumula-milhoes-de-downloads.shtml>. Acesso em 19 de outubro de 2022.
- AUTRAN, Felipe. **Google lança programa para incentivar novos criadores de podcasts**. 2018. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/136502-google-lanca-programa-incentivar-novos-criadores-podcasts.htm>. Acesso em: 22 de setembro de 2022.
- AZEVEDO, Felipe. **Minha gente do Cariri será que ninguém anima por aqui de começar um projeto sério de um podcast com assuntos regionais e, lógico, de relevância nacional!!** Twitter: @felipecoazz. Juazeiro do Norte-CE: 07 fev. 2019. Disponível em: <https://twitter.com/felipecoazz/status/1093535482783375360>. Acesso em 07 out. 2022.
- BERRY, Richard. O Rádio está aprendendo muito com o *podcasting*. Entrevista concedida a Marcelo Kischinhevsky. **Radiofonias** – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n.1, p. 200-204, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/radiofonias/article/view/4334/3392n> Acesso em: 1º set. 021.
- BERRY, Richard. Will the iPod kill the radio star? Profiling podcasting as radio. **The international journal of research into new media technologies**. London: Sage Publications V. 12, n. 2, 2006.
- BLASI, Bruno Gall de. **Amazon Music traz podcasts ao Brasil para concorrer com Spotify**. Tecnoblog: 2020. Disponível em: <https://tecnoblog.net/noticias/2020/11/18/amazon-music-traz-podcasts-ao-brasil-para-concorrer-com-spotify/>. Acesso em: 19 de outubro de 2022.

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Tradução: Marcelo Kischinhevsky. **Radiofonias** — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020.

BONINI, Tiziano. Prefácio. In: SANTOS, Sílvio; MIRANDA, João. **O podcast e as novas dinâmicas dos conteúdos sonoros no ambiente digital**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.

BONASSOLI, Kell. Uma mão lava a outra, duas mãos batem palma. In: LUIZ, Lucio (org.). **Reflexões sobre o podcast**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2014.

BUFARAH, Álvaro. Proposta de classificação de podcasts jornalísticos na internet brasileira. **Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, virtual, 1 a 10 de dezembro de 2020.

CAJUEIRA. **Qual sotaque toca nos teus ouvidos?** 20 jan. 2021. Disponível em: <https://cajueira.substack.com/p/qual-sotaque-toca-nos-teus-ouvidos> Acesso em: 02 dez. 2022.

CARDODO, Marcelo; VILLAÇA, Lenize. Podcast no brasil: disrupção de modelos de comunicação ou submissão à lógica de grupos hegemônicos de poder? **Revista ALTERJOR** Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP) Ano 12 – Volume 01 - Edição 25 – Janeiro-Junho de 2022

CARVALHO, Gabriela Silva de. **Como o Budejo incorporou a ficção na rotina de bate-papos**. 12 nov. 2020. Disponível em: <https://cochicho.org/cronicas-do-confinamento-budejo/> Acesso em: 02 dez. 2022.

CARVALHO, Paula Marques de. Podcast: Novas possibilidades sonoras na Internet. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais... XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011

COUTINHO, Dimíttria. **Spotify compra duas empresas de podcasts**. Tecnologia IG: 2022. Disponível em: <https://tecnologia.ig.com.br/2022-02-17/spotify-compra-duas-empresas-podcasts.html>. Acesso em: 21 de outubro de 2022.

COUTO, Ana Luíza S.; MARTINO, Luís Mauro Sá. Dimensões da pesquisa sobre podcast: trilhas conceituais e metodológicas de teses e dissertações de PPGComs (2006-2017). **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 9, n. 02, pp. 48-68, jul./dez. 2018.

DUARTE, Pedro. Sotaques no podcast: quebrando paradigmas. In: **Reflexões sobre o podcast**. LUIZ, Lucio (org.). Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2014.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 3ª. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 115-135, nov. 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v4i11.111>

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais latino-americanos e Jesús Martín-Barbero: mais afinidades do que disputas. **MATRIZES**, São Paulo, v. 12, n. 1, jan./abr. 2018, p. 99-113. DOI:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p99-113>

ESCOSTEGUY, A. C. D.; SIFUENTES, L. O mapa das mediações comunicativas da cultura: uma segunda onda na abordagem das mediações de Martín-Barbero? **Anais... XXV Encontro Anual da Compós**, Goiânia, 2016.

FALCÃO, Bárbara Mendes; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. Podcasts de notícias diárias nos grandes veículos de imprensa no Brasil e sua relação com a democratização da informação. **Esferas**, ano 11, vol. 3, nº 22, setembro-dezembro de 2021. ISSN 2446-6190

FARIAS, Meiri. **Escutar em tempo de isolamento**: 8 podcasts para acompanhar na quarentena. Armazém da Cultura. São Paulo: 7 abr. 2020. Disponível em: <https://armazemdecultura.wordpress.com/2020/04/07/escutar-em-tempo-de-isolamento-8-podcasts-para-acompanhar-na-quarentena/> Acesso em: 02 dez. 2022.

FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan; VILLELA, Rosário Sanchez; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. La espacialidade en el Mapa Comunicativo de la Cultura: producto social y condición del devenir. In: RICÓN, Omar; JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTTRICH, Laura. **Un nuevo mapa para investigar la mutición cultural**: Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ediciones Ciespal, 2019.

FERRARETO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio (verbete). In: MELO, José Marques de (org.). **Enciclopédia INTERCOM de Comunicação** – Dicionário Brasileiro do Conhecimento Comunicacional. V. 1. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, p. 1009-1010, 2010.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio**: Teoria e Prática. São Paulo: Summus. 2014.

FERRAZ, Nivaldo. Um conceito de ouvinte expandido. **RuMoRes**, [S. l.], v. 13, n. 26, p. 274-293, 2019.

FILHO, Ismar Capistrano Costa; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Endereçamentos da Rádio Rebelde Zapatista: Articulações e Autonomia. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**. v. 14, n. 28. 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/76541639/Endereçamentos_da_Rádio_Rebelde_Zapatista_articulações_e_autonomia. Acesso em: 12 de julho de 2022.

FONSECA, Ana Carolina. **Brasil se consolida como o segundo maior mercado de podcasts do mundo**. Correio Braziliense. Brasília: 02 nov. 2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2019/11/02/interna_tecnologia,803272/brasil-se-consolida-como-o-segundo-maior-mercado-de-podcasts-do-mundo.shtml. Acesso em 18 de outubro de 2022.

FRANKLIN, Elvio. **6 podcasts de notícias pra ficar de ouvido aberto pro que tá rolando no Brasil e no Mundo**. Disponível em: <https://sormaisumacoisa.com/2019/07/6-podcasts-de-noticias-pra-ficar-de-ouvido-aberto-pro-que-ta-rolando-no-brasil-e-no-mundo/>. Acesso em: 7 dez. de 2022.

GOMES, Itania Maria Mota. Metodologia de Análise de Telejornalismo. In: GOMES, Itania Maria Mota. **Gênero Televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo**. Salvador, EDUFBA, 2011.

GUIMARÃES, Ivana. **Seis podcasts nacionais que você não pode terminar 2019 sem conhecer**. Uol. São Paulo: 10 dez. 2019. Disponível em: <https://maxima.uol.com.br/noticias/famosos/seis-podcasts-nacionais-que-voce-nao-pode-terminar-2019-sem-conhecer.phtml> Acesso em: 04 out. 2020.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **Revista da Pós-Graduação em Geografia da UFF**, n. 17. Niterói: UFF, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HAMMERSLEY, Ben. **Audible revolution**. The Guardian. <https://www.theguardian.com/media/2004/feb/12/broadcasting.digitalmedia>. Acesso em 16 de outubro de 2022.

HERSCHMANN, Micale; KISCHINHEVSKY, Marcelo. A “geração podcasting” e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. **Revista FAMECOS**, n. 37, dez, 2008.

HOHLFEDT, Antonio. Informação (verbetes). In: MELO, José Marques de (org.). **Enciclopédia INTERCOM de Comunicação** – Dicionário Brasileiro do Conhecimento Comunicacional. V. 1. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, p. 1009-1010, 2010.

HUERTAS, Carolina. **Podcasts do Spotify ganham espaço para subir vídeos**. Meio e Mensagem: 2022. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2022/07/12/podcasts-do-spotify-ganham-espaco-para-subir-video.html>. Acesso em 19 de outubro de 2022.

INSIDE Áudio 2023. Kantar IBOPE Media. 2023. Disponível em: <https://kantariibopemedia.com/conteudo/estudo/inside-audio-2023/> Acesso em: 13 de junho de 2024

JACKS, Nilda. Tendências latino-americanas nos estudos da recepção. **Revista FAMECOS**, n. 5, nov, 1996.

JANAY, Paula. **Tretas e textões em áudio**: historicidades, tecnicidades e sensibilidades de podcasts brasileiros. 2018. Dissertação [Dissertação de Mestrado não publicada]. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil, 2018.

JANAY, Paula. Podcasters e seus ouvintes: afetos, engajamentos identitários e disputas sobre o fenômeno dos podcasts. **Revista Comunicação Pública: The New Territories of the Podcast** published, v. 16 n. 31 (2021)

JONALISMO na Globo lança novos podcasts. G1: 2019.
<https://g1.globo.com/podcast/noticia/2019/08/25/jornalismo-da-globo-lanca-novos-podcasts.ghtml>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LAVADO, Thiago. **Com foco em podcasts, Spotify compra empresa de publicidade e tecnologia**. Exame: 2020. Disponível em:
<https://exame.com/tecnologia/com-foco-em-podcasts-spotify-compra-empresa-de-publicidade-e-tecnologia/>. Acesso em: 19 de outubro de 2022.

LIMA, Mari. “Crônicas do Confinamento” e a carência por histórias do cotidiano. **Valkirias**. 12 nov. 2021. Disponível em: <https://valkirias.com.br/cronicas-do-confinamento/> Acesso em: 02 dez. 2022.

LOPES, Leo. O radio que não é radio. In: LUIZ, Lucio (org.). **Reflexões sobre o podcast**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2014.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. A teoria barberiana da comunicação. **MATRIZES** v. 12, n. 1, jan./abr. 2018, p. 39-63. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/145750/139740>. Acesso em 5 nov 2022.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação. **Intexto**, Porto Alegre, n. 43, p. 14-23, set./dez. 2018.

LUCA, Aldo de. **Como o podcast Serial ajudou a libertar um condenado à prisão perpétua**. Media Talks: 2022. Disponível em:
<https://mediatalks.uol.com.br/2022/09/24/como-o-podcast-serial-ajudou-a-libertar-um-condenado-a-prisao-perpetua/> . Acesso em: 25 de outubro de 2022.

LUIZ, L. & Assis. P. de. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Caxias do Sul-RS. 2010.

LUIZ, L. História do Podcast no Brasil e no Mundo. LUIZ, Lucio (org.). **Reflexões sobre o podcast**. Nova Iguaçu, RJ. Marsupial Editora, 2014.

MAFFESOLI, Michel. **Notas sobre a pós-modernidade**. O lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Ed. Atlântica, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de (org.). **Sociedade Mídia-tizada**. Rio de Janeiro, Mauad: 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma aventura epistemológica – entrevistado por Maria Immacolata Vassalo de Lopes. **MATRIZES**, São Paulo, v. 2, n. 2, 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v2i2p143-162>

MARTÍN-BARBERO, Jesús. As formas mestiças da mídia (Entrevista). **Revista Pesquisa FAPESP**, 163, set. 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: 3 introduções. **MATRIZES** v. 12, n. 1, jan./abr. 2018, p. 9-31. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/145681/139737>. Acesso em 5 nov 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Entrevista com Jesús-Martín Barbero por Omar Rincón. **Revista Eptic**. v. 21, n.2, Mai-Ago, 2019.

MARTINS, Rafael; FRAGA, Kátia. Dinâmicas intermediáticas entre o podcast e a televisão no mercado brasileiro. **Anais do IV Simpósio Nacional do Rádio**, Universidade Federal de Mato Grosso, 5 a 7 de maio de 2021.

MARTINELLI, Maria Lúcia. O uso de abordagens qualitativas em serviço social. In: MARTINELLI, Maria Lúcia. **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação**. Editora Vozes. Edição do Kindle. 2018

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004

MCLEISH, Robert. **Radio Production**. Fifth Edition. Oxford: Elsevier, 2005.

MEDEIROS, Henrique. **Spotify cria conselho de segurança com nomes da sociedade civil**. Mobile Time/Terra: 2022. Disponível em: <https://www.mobilettime.com.br/noticias/13/06/2022/spotify-cria-conselho-de-seguranca-com-nomes-da-sociedade-civil/?swcfpc=1>. Acesso em: 20 de outubro de 2022.

MEDEIROS, Henrique. **Spotify compra Kinzen para melhorar combate ao discurso de ódio em podcasts**. Mobile Time/Terra: 2022. Disponível em: <https://www.mobilettime.com.br/noticias/05/10/2022/spotify-compra-kinzen-para-melhorar-combate-ao-discurso-de-odio-em-podcasts/>. Acesso em 20 de outubro de 2022.

MEDEIROS, Macello Santos de. Podcasting: Um Antípoda Radiofônico. **Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade de Brasília, 4 a 9 de setembro de 2006.

MEDEIROS, Rafael; PRATA, Nair. Mecenato via plataformas digitais: o financiamento recorrente como modelo de negócio para podcasting. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 12, 2019, Natal-RN. **Anais [...]**. Natal-RN: Universidade Federal do Rio Grande do

Norte, 2019. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/12o-encontro-2019/gt-historia-da-midia-sonora/mecenato-via-plataformas-digitais-o-financiamento-recorrente-como-modelo-de-negocio-para-podcasting/view> Acesso em: 14 mar. 2021.

MERIGO, Carlos. **O ano do podcast: Spotify compra Gimlet e Anchor de uma só vez.** B9: 2019. Disponível em: <https://www.b9.com.br/103404/o-ano-do-podcast-spotify-compra-gimlet-e-anchor-de-uma-so-vez/>. Acesso em 19 de outubro de 2022.

MOGNON, Mateus. **Google começa a mostrar podcasts em buscas avançadas nos Estados Unidos.** Tecmundo: 2019. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/144785-google-comeca-mostrar-podcasts-buscas-avancadas-estados-unidos.htm>. Acesso em: 20 de outubro de 2022.

MONTEIRO, Thaís. **Podcasts: português foi idioma que mais cresceu em 2019.** Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/12/18/podcasts-em-2019-portugues-foi-idioma-que-mais-cresceu.html>. Acesso em 20 de outubro de 2022.

MOTA, Caetano; IBARRA, Cadu. **Spotify realiza primeiro festival brasileiro de podcasts ao vivo.** Correio Braziliense. 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2023/11/6651920-spotify-realiza-primeiro-festival-brasileiro-de-podcasts-ao-vivo.html>. Acesso em: 12 de junho de 2024.

MORNING Consult. National Tracking Pool. 2022. Disponível em: https://assets.morningconsult.com/wp-uploads/2023/01/10153744/2210197_crosstabs_MC_SPORTS_PODCAST_PREFERENCES_Adults.pdf. Acesso em: 14 de junho de 2024.

MOST Popular Podcast Platforms. Oberlo. 2024. Disponível em: <https://www.oberlo.com/statistics/most-popular-podcast-platforms#:~:text=According%20to%20a%20recent%20survey,by%20Spotify%2C%20with%2024%25>. Acesso em: 12 de junho de 2024.

NOSSO Meio apresenta 10 podcasts cearenses. Nosso Meio. Fortaleza: 11 fev. 2021. Disponível em: <https://www.nosomeio.com.br/nosso-meio-apresenta-10-podcasts-cearenses/> Acesso em: 02 dez. 2022.

ONG, Walter J. **Oralidad y Escritura: Tecnologías de la palabra.** Fondo de Cultura Económica Lengua y Estudios Literarios. Tercera reimpressão, Argentina, 2006

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis de (org). **Sociedade Midiatizada.** Rio de Janeiro, Mauad: 2006.

PIENIZ, Mônica Bertholdo; CENCI, Márcio Paulo. Tecnicidades: de las mediaciones comunicativas de la cultura a las mutaciones culturales. In: RICÓN, Omar; JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTTRICH, Laura. **Un nuevo mapa para investigar la mutición**

cultural: Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. In: Quito: Ediciones Ciespal, 2019.

PODCASTS. São Paulo: Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/>. Acesso em: 20 de setembro de 2022.

PODER360. <https://www.poder360.com.br/midia/spotify-deve-ultrapassar-apple-em-ouvintes-de-podcasts-nos-eua-em-2021/>. Acesso em 18 de outubro de 2022.

PRATA,N; AVELAR, K; MARTINS, H. C. 2021. Podcast: a research trajectory and emerging themes. **Revista Comunicação Pública**. Vol. 16, nº 31 (2021). Dossiê temático: Os Novos Territórios do Podcast. Escola Superior de Comunicação Social. Politécnico de Lisboa. Lisboa, Portugal.

PRIMO, Alex. Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 13, 2005, p. 1-23. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/4210/4466> Acesso em: 1º set 2021.

QUATRO em cada dez internautas já ouviram podcast no Brasil. Revista Piauí. São Paulo: 11 mai. 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/quatro-em-cada-dez-internautas-ja-ouviram-podcast-no-brasil/>. Acesso em: 02 out. 2022.

REIS, Ana Isabel; RIBEIRO, Fábio. Os novos territórios do podcast. **Revista Comunicação Pública: The New Territories of the Podcast** published, v. 16 n. 31, 2021.

REIS, Ruth. Desafios para um programa de estudos sobre Comunicação e Territorialidades. In: ZANETTI, Daniela & REIS, Ruth (org.). **Comunicação e Territorialidades**. [Recurso Eletrônico] Poder e Cultura. Redes e Mídias. 1 Ed. Vitória: EDUFES. 2017.

REVISTA CONTINENTE. Podcast Budejo. Amigos cearenses falam de amenidades e assuntos sérios. Pernambuco: 2 dez. 2020. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/secoes/indicacoes/-podcast--budejo> Acesso em: 02 dez. 2022.

REZENDE, Djaine Damiani. Podcast. Reinvenção da comunicação sonora. Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Tecnologias da Informação e Comunicação. **Anais... XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007**

RONSINI, Veneza V. Mayora. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha empírica de recepção). In: **Anais... XIX Encontro da Compós**. Rio de Janeiro, 2010.

RIBEIRO, Pedro Henrique. **Spotify Podcast Festival revela programação completa, confirma**. Omelete. 2023. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/series-tv/spotify-podcast-festival-horarios> Acesso em: 14 de junho de 2024.

RICÓN, Omar; JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTTRICH, Laura. **Un nuevo mapa para investigar la mutición cultural:** Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Ediciones Ciespal, 2019.

SIFUENTES, Lírían; ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Las identidades en el contexto de las mutaciones tecnológicas. In RICÓN, Omar; JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTTRICH, Laura. **Un nuevo mapa para investigar la mutición cultural**: Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ediciones Ciespal, 2019.

SILVA, S. P. ; SANTOS, R. S. O que faz sucesso em podcast? Uma análise comparativa entre podcasts no Brasil e nos Estados Unidos em 2019. **Radiofonias** — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 49-77, jan./abr. 2020.

SILVA, Victor Hufo. **Amazon avança contra Spotify e compra rede de podcasts Wandery**. Tecnoblog: 2020. Disponível em: <https://tecnoblog.net/noticias/2020/12/31/amazon-avanca-contr-spotify-e-compra-rede-de-podcasts-wandery/>. Acesso em: 20 de outubro de 2022.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SPOTIFY for Podcasters Summit: Dois dias entre creators, especialistas e apaixonados por podcast. São Paulo: Spotify, 2019. Disponível em: <https://ads.spotify.com/pt-BR/noticias-insights/spotify-for-podcasters-summit/> Acesso em: 20 de outubro de 2022.

SPOTIFY Podcast Festival. São Paulo: Spotify. 2023. Disponível: <https://podcastfestival.byspotify.com/> Acesso em: 12 de junho de 2024.

SPOTIFY mantém liderança de mercado nos EUA e Apple Music vem na sequência, aponta relatório. TudoCelular.com. 2023. Disponível em: https://www.tudocelular.com/mercado/noticias/n208351/spotify-mantem-lideranca-mercado-eua-relatorio.html#google_vignette Acesso em: 12 de junho de 2024.

THE PODCAST consumer 2023: Na Infinite Dial Report. Edison Reaserch. 2023. Disponível em: <https://www.edisonresearch.com/the-podcast-consumer-2023-an-infinite-dial-report/> Acesso em: 12 de junho de 2024.

TRINDADE, Rodrigo. **Com gigantes por trás, 2019 é o novo “ano dos podcasts no Brasil”**. Tilt/UOL: 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/08/20/2019-e-o-ano-dos-podcasts-no-brasil.htm>. Acesso em: 21 de outubro de 2022.

VASCONCELOS, Júlia. **Conheça nove podcasts produzidos no Nordeste para você ouvir**. Petrolina: 19 mar. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefatope.com.br/2021/03/19/conheca-nove-podcasts-produzidos-no-nordeste-para-voce-ouvir> Acesso em: 02 dez. 2022.

VIANA, Luana; CHAGAS; Luã José Vaz. Categorização de *podcasts* no Brasil: uma proposta baseada em eixos estruturais a partir de um panorama histórico. Trabalho apresentado no GT História da Mídia Sonora, **Anais...** do XIII Encontro Nacional de História da Mídia - Universidade Federal de Juiz de Forra, 18 a 20 de agosto de 2021.

VIANA, Luana. Estudos sobre podcast: um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 3, p. XXX-YYY, dez./mar. 2020.

VIANA, Luana. O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos. **Revista Comunicação Pública: The New Territories of the Podcast** published, v. 16 n. 31 (2021)

VIANA, Luana. Podcasting e a nova ecologia de mídia. IN: SANTOS, Sílvio; MIRANDA, João. **O podcast e as novas dinâmicas dos conteúdos sonoros no ambiente digital**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.

VIANA, Luana. **Jornalismo Narrativo em Podcast**. Imersividade, dramaturgia e narrativa autoral. Editora Insular. Série Mídia Sonora V.1. 2023.

VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. In: SOARES, Rosana de Lima e SILVA, Gislene. **Emergências Periféricas em Práticas Midiáticas**. São Paulo: ECA/USP, 2018. p. 88-107.

VOXNEST. **Mid-Year Preview: The State of the Podcast Universe.2020**. Disponível em: <https://blog.voxnest.com/2020-mid-year-podcast-industry-report/>. Acesso em: 20 de setembro de 2022

VOXNEST. **Relatório Voxnest Brasil 2019: The State of the Podcast Universe. 2019**. Disponível em: https://www.comunique-se.com.br/wp-content/uploads/2020/01/BR_The_State_of_the_Podcast_Universe_2019.pdf. 20 de setembro de 2022

ZANETTI, Daniela. Territorialidades no Campo do Audiovisual. In: ZANETTI, Daniela & REIS, Ruth (org.). **Comunicação e Territorialidades**. [Recurso Eletrônico] Poder e Cultura. Redes e Mídias. 1 Ed. Vitória: EDUFES. 2017.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA COM PRODUTORES DO BUDEJO

Integrantes:

Alessandra Vital - AV

Aninha - A

Luan - L

Pedro Philippe - P

[00:00:01] A: Aí, começou...

[00:00:04] AV: Gente, estamos aqui, dois integrantes do Budejo por enquanto, pra começar essa entrevista e eu queria começar gente, é... com os dados sociodemográficos digamos, de vocês, né, eu queria que vocês falassem nome completo, idade, a escolaridade, o gênero que vocês se identificam, cor né, etnia, enfim, a formação de vocês e a profissão e a atual ocupação, a cidade natal e desde quando vocês estão no Budejo, é coisa...

[00:00:48] L: Vai lá Aninha, começa tu...

[00:00:49] A: Ai, meu nome, Ana Carolina Souza Torres, tenho 33 anos, sou mulher cis branca, é... deixa eu ver, professora de sociologia formada em Ciências Sociais, Mestrado em Sociologia, é... nasci em Juazeiro e resido em Juazeiro e sou professora servidora do Estado do Estado do Ceará, sou professora da educação básica... foi? ou tem mais alguma coisa que eu esqueci?

[00:01:24] AV: Foi...

[00:01:25] A: E libriana

[00:01:25] L: E o Budejo também... (risos)

[00:01:29] A: Eu entrei no Budejo em 2019, num é isso?

[00:01:33] L: No comecinho, foi na fundação...

[00:01:35] A: Logo no início, né... então foi 2019... isso mesmo, agora é tu Luan

[00:01:40] AV: Pronto

[00:01:42] L: Meu nome é Luan de Alencar Maciel, eu tenho 28 anos, eu sou formado em direito mas graças a Deus não atuo mais na área, hoje eu trabalho com edição de podcasts na Maremoto que é uma produtora de podcast de São Paulo e com alguns freelas e no Budejo também editando e apresentando o Budejinho... é, sou um homem branco cis, nascido em Barbalha mas eu fui só nascer em Barbalha e vivi minha vida toda em Juazeiro e eu tô no Budejo desde o começo também, lá em acho que março de 2019 quando a gente começou e estamos aí até então...

[00:02:26] AV: Sim, como a gente tá falando dessa participação de vocês desde o início eu queria começar pelo começo mesmo, não vou inverter a ordem como se costuma no jornalismo, de dar assim, de de partir do fato principal ou da atualidade pra origem, eu vou começar pela origem mesmo... então eu queria saber como é que aconteceu o processo de criação do Budejo assim, quem teve a ideia, quando aconteceu, como é que foram definidos os participantes, enfim...

[00:03:06] L: Tá

[00:03:06] A: Vai, Luan... começou no Twitter né, como eu não tinha Twitter... (risos)

[00:03:07] L: Exato, começou no Twitter.. um integrante que não faz mais parte do Budejo deu essa, twittou sobre isso, que foi o Felipe é.. perguntando se num, se num tava na hora de ter um podcast feito no Cariri sobre o Cariri né, e ai como eu já tinha um podcast assim com outros amigos e aí já sabia mais ou menos como editar ou tinha já o equipamento e alguém comentou nesse tuíte dizendo pra falarem comigo pra a gente se juntar e aí a gente saiu pensando em nomes assim e eu pensei em nome de Pedro por exemplo que eu não conhecia, não era amigo de Pedro, mas eu tinha crush de amizade nele e sabia que ele era uma pessoa divertida e para um podcast faria sentido ter Pedro né assim, pro podcast sobre o Cariri e outras pessoas foram

se juntando assim, né, a Amandita que também fazia parte no começo foi uma das que viu esse tuíte e se interessou e aí Amandita levou Aninha na reunião que a gente teve num bar pra falar do podcast, Aninha foi acompanhando a amiga assim, ela não foi, ela não foi pra lá pra participar né, ela foi só como acompanhando a Amanda e acabou ficando e tá até hoje no projeto... Hoje o Budejo não é mais formado pelas mesmas pessoas que começaram né, no começo tinha Felipe, Élide, Amanda, eu, Pedro, Aninha e, acho que só né, seis pessoas, era muita gente...

[00:04:39] A: Isso, só que não era um elenco fixo assim né, porque Pedro tava em Fortaleza, a Amanda em Natal..

[00:04:49] L: Isso..

[00:04:49] A: Os mais fixos mesmo eram Felipe, Élide, Luan e eu quando eu conseguia...

[00:04:57] L: Exato

[00:04:57] A: E mesmo assim não era sempre, né... então, era um elenco muito fixo assim...e até então a gente não tinha acesso a essa gravação à distância...

[00:05:06] L: Ah, é verdade...

[00:05:06] A: e eu no Budejo.... é... e eu entrei no Budejo assim, eu conheci a galera, achei massa como o Luan mesmo falou, a ideia e o pessoal me chamou pra fazer parte, eu me senti convidada e eu fico bem orgulhosa disso assim de... eu não participei do primeiro episódio do Budejo, que eu fiquei meio envergonhada, pensei assim "não, isso ali foi coisa de bar, não vão nem lembrar de mim" só que me colocaram no grupo do whatsapp, me chamaram pra uma gravação e eu fui, achei a galera legal, e gostei da galera e decidi ficar né, assim... no início eram mais temas de humor e depois a gente pensou em outras coisas, mas.. foi criado assim meio nessa coisa do Cariri mesmo inicialmente, de falar sobre o Cariri..

[00:05:55] AV: Então..

[00:05:57] A: eu achei bem interessante isso, assim

[00:05:58] AV: Confirmando só uma informação, então assim, de se conhecer, de ter uma relação de amizade anterior, é basicamente só Aninha e Amanda?

[00:06:12] A: Eu conhecia Pedro, eu estudei com Pedro.. fiz o ensino médio com Pedro...

[00:06:15] L: Mas vocês foram tipo amigos?

[00:06:16] A: Não, não era... Eu conhecia Luan do ônibus, Luan me conhecia do ônibus... só que a gente nunca se falava né

[00:06:25] L: A gente pegava o... exato (risos)... Aninha era uma daquelas personagens que você sempre vê no mesmo ônibus que você pega todo dia e você já conhece quem são as pessoas... você não conhece mais você já identifica os rostos assim, e sempre que eu voltava do estágio Aninha tava voltando do trabalho assim, e quando ela foi pra reunião do bar eu "meu Deus, a menina do ônibus" (risos) "agora eu sei o nome dela (risos)

[00:06:50] A: Pedro, eu estudei com ele três anos, mas próximo.. a gente ficou próximo depois do ensino médio porque eu via Pedro muito nos rolês e Pedro era amigo de Amandita também, e amigo de vários amigos meus... eu ia muito pro cine café e todo sábado o Pedro tava lá... então quase todo sábado eu via Pedro assim, e era muito legal porque eu não conhecia Pedro assim.... Pedro é um menino assim muito na dele, na escola, pelo menos eu não interagia muito com ele e lá no cine café ele tinha tatuagem, andava bem alternativo, então foi bem legal ver esse lado de Pedro que eu não conhecia depois e eu gostava muito, acompanhava Pedro das, dos artigos que ele fazia pra Revista Cariri, eu amava as coisas que ele escrevia... então como colega assim, do ensino médio, eu já admirava bastante Pedro, sou muito amiga de Amanda até hoje... não conhecia Élide, conhecia Felipe também, porque Felipe assim, ele é irmão de um ex colega minha da escola, então eu conheci Felipe pequeno, não sei se você sabia disso, mas eu conheci Felipe criança... você não precisa levar isso em consideração (risos) mas eu conhecia quase todo mundo de vista, a gente só não era amigo de fato assim, todos.. pelo menos não todos assim..

[00:08:08] L: Cariri né, basicamente?

[00:08:11] A: É, todo mundo se conhece um pouco, mas assim não é próximo mas conhece, mas sabe um pouquinho sobre...

[00:08:19] AV: Hunrum.. gente, e dessa primeira reunião, dessa primeira articulação, demorou mais ou menos quanto tempo até o primeiro episódio sair, vocês lembram?

[00:08:29] L: Ah, eu acho que foi bem rápido...

[00:08:31] A: Foi depois do carnaval.. foi

[00:08:33] L: Não, acho que foi na véspera do carnaval na verdade...nosso primeiro episódio era sobre pré-carnaval até e...

[00:08:43] A: Exato, tava tendo as prévias, lembra?

[00:08:46] L: É, então, mas a gente se reuniu e logo antes do carnaval a gente gravou, acho que foi coisa de dias, não demorou muito daquela reunião lá no Raul, do bar, até a gravação assim.

[00:08:57] AV: Sim, e nessa reunião vocês assim, o que é que vocês planejaram? Vocês definiriam formato, alguns temas pro início do podcast, como é que aconteceu assim?

[00:09:11] L: Diz aí amiga... tu lembra?

[00:09:17] A: Ah, eu não sei... a gente falou sobre muita coisa, sobre política... falamos coisas que queríamos abordar, lembro que a gente demorou pra achar um nome e aí eu lembro que tinha um nome que foi citado, não sei se foi por Luan ou foi por Felipe, que foi é... meu Deus, como é o nome daquele beco no Juazeiro? era beco da poeira?

[00:09:40] L: beco da poeira, ou era beco da cebola? é porque a gente queria que fosse um nome que fosse meio parecido...

[00:09:45] A: Era beco da cebola, que é um beco famoso aqui

[00:09:48] L: é, exatamente, é porque a gente queria um nome que fosse meio Foro de Teresina, só que do Cariri, e a gente ficou nessa de procurar assim algum, sei lá, alguma rua, alguma coisa e tal.. mas não definimos nome da reunião e aí, tem uma coisa que é engraçada é que nessa reunião a gente ficou, a gente ficou muito na de pensar no formato e ia sempre pra uma coisa mais séria assim, mais política e tal. e quando a gente realmente se reuniu pra gravar foi totalmente oposto do que a gente havia combinado porque a gente se reuniu e começou só a contar piada e falar história engraçada e tal, e só depois de alguns episódios que a gente foi se encaminhando assim pra uma coisa que era mais parecida com o que a gente tinha pensado inicialmente nessa reuniãozinha no bar assim...

[00:10:36] AV: Sim, certo..

[00:10:37] L: Eu acho que Aninha tá com um mini-delay, eu não sei se interrompi ela

[00:10:43] A: Não, interrompeu não amigo

[00:10:47] AV: Pronto.. então vamo lá gente, continuando... é, eu quero entrar mais nesse aspecto da escolha do podcast como mídia né, mas antes disso eu queria perguntar se vocês foram ou são ouvintes de rádio né, e se são ou se foram, como é que o rádio entrou na vida de vocês e qual a relação do rádio com o podcast? como vocês enxergam isso?

[00:11:21] L: Começa aí amiga..

[00:11:25] A: é, sim, eu sou ouvinte de rádio, assim, gosto bastante, é.. em relação por exemplo a uma época muito feliz da minha vida sempre tava escutando rádio, tenho o costume inclusive de escutar rádio até hoje, é.. às vezes até no próprio celular, mas com a chegada dos podcasts assim no spotify diminuiu mais, assim, eu percebo porque eu tenho pouco acesso no rádio mesmo enquanto aquele, aquele negocinho que você liga o botão, sintoniza a antena, geralmente eu escuto muito rádio no uber, indo pro trabalho, ou coisa do tipo, mas é, podcast mesmo eu só escutava um que era o podcast do Meteoro Brasil, que tinha, eles disponibilizavam vez ou outra e era assim episódios imensos e tal pra escutar então era no spotify era num site, eu não lembro o nome do site... então a minha referência de podcast era do Meteoro Brasil, então eu sabia que era algo relacionado a um programa imenso,o pouco que eu sabia de podcast, era que era algo relacionado a um programa imenso, falava muitas coisas legais, que durava muito e que

realmente prendia sua atenção, então quando eu fui pra reunião né, eu pensei, poxa, interessante.... mas eu lembro que eu falei uma coisa que eu até hoje lembro assim, eu disse "gente, mas não seria melhor..." eu não sei se Luan vai lembrar, mas eu falei "gente, não seria melhor um canal no youtube, que monetiza?, que o pessoal não quer escutar?" que eu tava em uma outra fase do podcast que os meninos não tavam, Luan tinha um programa né, de podcast já, relacionado a futebol e Felipe era jornalista, então o podcast tava crescendo no Brasil e eu não tava acompanhando, eu sabia muito pouco sobre podcast... então realmente o Budejo além de me apresentar mais ao podcast a partir dos serviços de streaming, me fez realmente consumir, começar a consumir porque eu ia pras reuniões, pras gravações e os meninos sempre me davam dicas "ah, escuta esse" né? então todos esses que os podcast famosos, os mamilos e tal, quem me indicou foram os meninos, esse é legal, esse é legal, aí eu fui realmente descobrindo o que era, fui vendo vários formatos, fui querendo que o Budejo tivesse algum desses formatos, até conversava muito com Luan, "Luan, amigo, vamo falar sobre política, é massa, vamo falar" e a gente foi variando também né, tínhamos programas de humor que sempre bombavam, mas a gente começou a falar sobre alguns temas mais sérios também... então tipo, eu realmente eu me iniciei no podcast com o Budejo, eu realmente né assim, descí, caí de paraquedas como que diz, e realmente me sinto muito grata porque abriu um mundo de possibilidades pra mim em relação a muita coisa e é isso, Alê, não sei se eu respondi tudo...

[00:14:43] AV: E você, Luan? Respondeu sim... e você, Luan, conte aí sua relação com o rádio, se você tem, né, e a partir dele, a tua relação também com o podcast..

[00:14:56] L: Assim amiga, engraçado, eu tava lembrando esses dias do meu contato com o rádio que não é muito grande mas ele tá meio restrito a uma época da minha vida, mas eu tive contato primeiro com o podcast pra depois ouvir rádio assim (risos) porque eu assim, a fase em que eu ouvia muito rádio era no meu primeiro estágio na faculdade que era um estágio no cartório assim e era um trabalho muito insuportável porque era digitalizar livro de registro antigo assim, da época de 20, 30, uns livros caindo aos pedaços, e a gente tinha tipo que montar a página que tava toda rasgada e passar um scanner página por página e eram seis horas esse estágio, eram gigantes, era horrível, e era muito tedioso né porque era só eu sozinho numa sala fechada, de máscara e ouvindo só o som do scanner assim.. então se eu não tivesse ouvindo alguma coisa eu endoidava... aí eu criei toda uma rotina porque eu abria um aplicativo de rádio que tinha na época e aí eu lembro que eu ouvia Jovem Pan, vejam só, de todas as rádios, porque era a que na época, antes a Jovem Pan ser o que é hoje assim, que tinha algum programa, acho que era o morning show, não lembro assim, que não era também o que virou depois, era um programa de sei lá, falava o que tava acontecendo, e trazia notícias e falava dos filmes, de música, num sei o quê, aí depois eu ia pra rádio rock, 89fm, que era uma de São Paulo eu acho, que pegava nesse aplicativo porque é de novo, era conversa sobre música e tal e quando acabava essa programação eu começava a ouvir os podcast assim que eu ouvia na época que era o greencast, o nerdcast, os da trivela de futebol e tal, enfim eu passava seis horas do meu dia, seis horas diárias ouvindo rádio e podcast, e podcast em si eu descobri em 2008, 2009 assim, lá na pré-história do podcast quando era tipo isso né, tinha que entrar num site, baixar o arquivo mp3, colocar no mp3 player pra ouvir, não era spotify, não tinha nem spotify na época então era super difícil, era num negócio super restrito assim a pequenos nichos, não tinha muito um podcast gigante que todo mundo conhece hoje em dia, como a globo tem podcast, a cnn né, tipo, as grandes marcas vão todas pro podcast, na época não era bem assim... então eu ouvia um, foi o primeiro que eu ouvi, que até hoje é o meu podcast favorito que é o podcast de cinema da mtv, porque eu assistia MTV na época né, eu era viciado na MTV, na parabólica lá e tinha um programa acho que era Acesso MTV e toda quinta feira ia um cara lá participar pra falar da estréia da semana do cinema e aí ele terminava o quadro dele dizendo "ah, se você quiser ouvir mais sobre o filme, vai lá no site da MTV e ouve nosso podcast de cinema da MTV" esse era o nome do podcast e eu sempre via isso e ficava "caralho, o que será isso? que conteúdo é esse e

tal?" e aí fui lá e acessei e vi que era só áudio e já achei super estranho né, porque sei lá parecia um retrocesso ser só em áudio, você estranha a ausência de vídeo quando é seu primeiro contato mas aí quando eu, sei lá, quando você entende o que é, você coloca no seu mp3 player e que você começa a ouvir e tem essa coisa de que toda semana eles tavam de volta e aí você começa a se apegar a cada participante, você começa a entender a personalidade de cada um e quando você vê parece que você é amigo de todos eles assim né? e pra mim isso foi sei lá, explodiu minha cabeça quando eu descobri isso assim e depois eu fui ouvir os outros né, assim esses outros mais famosos e aí desde então eu fui querendo fazer o meu assim, eu sempre chamava um amigo, a gente gravava uma coisa e eu ia tentar editar e tal, nunca dava nada certo, era só uma coisa eu com 19 anos, 18 anos, 15 anos, mexendo no computador pra tentar fazer alguma coisa até que eu fiz o "Esquenta bancos" com alguns amigos meus na época do colégio que depois a gente fez faculdade junto, que era um podcast de futebol e esse foi o que mais durou assim, a gente teve alguns ouvintes, teve alguns episódios que tiveram uma audiênciazinha legal mas também nada muito relevante assim, mas durou bem, foi esse que eu comprei o equipamento, comecei a me aperfeiçoar um pouquinho na edição e tal e foi por isso que quando o Budejo chegou eu meio que já tinha o know-how, já tinha os equipamentos assim, então essa foi a minha relação com o podcast (risos)

[00:19:28] AV: E tu lembra é, o período do Esquenta bancos, Luan, exatamente?

[00:19:34] L: Eita, deixa eu ver, eu lembro que na copa de 18 a gente tava fazendo episódio, então eu acho que foi entre 16 e 18 assim, por aí, porque em 19 foi quando começou o Budejo eu ainda fiz um pouquinho o Esquenta bancos e parei porque eu não conseguia mais conciliar e eles continuaram um pouquinho sem mim e depois acabou, então foi até 19 na verdade... acho que foi entre 16 a 19, mas não tinha muita periodicidade

[00:20:01] AV: Entendi... e era no esquema, digamos, antigo do podcast, de atualização em site pra baixar ou já era, já pegou o streaming?

[00:20:13] L: A gente teve nos dois assim, no começo era um site que a gente tinha que jogar lá um arquivo mp3 e o pessoal tinha que baixar mas depois entrou o lance de você conseguir cadastrar no spotify e gente ficou maluco com essa possibilidade assim porque parecia uma coisa muito foda você tá no mesmo aplicativo que a Beyonce tá assim sabe tipo? uma hora você tá ouvindo seu artista favorito e depois tá ouvindo a gente, a gente achava super chique isso (risos) porque no começo era bem artesanal, não era como hoje que você sobre seu podcast e automaticamente ele já vai pro spotify, pro deezer, você meio que tinha que todo um processo de cadastrar lá e tal, demorava um pouquinho pra aceitar, mas a gente pegou os dois assim, a transição sabe?

[00:20:57] AV: Sim, e gente, o que é que vocês enxergam como vantagens e desvantagens da produção assim, no formato de podcast?

[00:21:12] L: Vai lá amiga

[00:21:15] A: Desvantagens e vantagens... eu acho que quase todo criador de conteúdo passa por isso, seja em qual plataforma né produz, eu acho que sei lá, desvantagem é que a gente cria conteúdo e de certa forma não monetiza tanto, entendeu? como um vídeo no youtube monetiza mas óbvio, só vai monetizar se você tiver muitas visualizações e só vai ter muitas visualizações se você tiver muitos seguidores, então acaba sendo né, uma faca de dois gumes... por outro lado, eu acho que o podcast consegue chegar a lugares assim muito incríveis que talvez com o youtube a gente não tivesse chegado entendeu? acho que a gente conseguiu ter muita assim, muita fama logo no início né Luan assim...

[00:22:15] L: sim, sim

[00:22:15] A: ... eu só via assim o povo falando, que eu não tinha twitter, então eu via pelo o que vocês me falavam assim pelo twitter, muita gente repostando, muita gente curtindo, muita gente começando a seguir, eu acompanhava mais as nossas métricas no instagram e tal, então eu acho que a vantagem é que, sei lá, você consegue ter aquele público que gosta e te escuta e

te respeita e assim, sabe assim, de uma forma mais direcionada, pelo menos assim eu acho que, pensando assim de uma forma assim, bem por cima mesmo acho que a primeira vantagem e desvantagem que eu penso é essa assim, poderíamos monetizar mais o nosso conteúdo né, se fosse em outra plataforma, sim, mas por outro lado a gente tem um público mais, mais assim, sei lá, que acompanha, que gosta, que curte, que é bem direcionado mesmo pra eles, eu vejo dessa forma, pelo menos de início é assim... e tu, Luan?

[00:23:17] L: Eu acho que vantagem de fazer o que a gente faz é liberdade assim, sabe, o fato da gente ser independente, a nossa fonte de renda ser os ouvintes, a gente se sente muito à vontade pra falar do que a gente quiser, do jeito que a gente quiser, até lembrei isso no três vias (?????) no final de semana, a gente tava de férias, quando saiu o negócio de que o Bolsonaro era corno e a gente correu pra juntar Falcão e Xico Sá e a gente fez um episódio sobre chifres assim tipo, que veículo tradicional de imprensa você faria isso né? em uma semana tá falando que Bolsonaro é corno e na outra tá falando com uma médica sobre a covid sabe, um negócio meio maluco assim mas que enfim, é isso que eu acho que é o mais legal do Budejo e a mídia em si permite né, ela é muito versátil assim e acho que isso é muito bom porque a gente não se cansa, sabe, do que a gente tá fazendo porque a gente sempre tá fazendo uma coisa nova assim e eu acho que isso vem junto com a desvantagem que é essa liberdade toda tem um preço né? porque qual é a marca que vai querer pagar num programa que fala que o Bolsonaro é corno e tipo assim, ou fala como a gente fala sobre política e tem um lado e que não se esquiva muito de nenhum assunto e tal, porque marcas em geral são mais interessadas em programas com mais fechadinhos assim, que não se comprometam tanto com um lado ou com outro, é bem mais fácil você conseguir financiamento assim, mas essa parte do financiamento tem, enfim, é uma discussão longa porque é o grande desafio de todo mundo que produz conteúdo de forma independente porque geralmente quase todo projeto que eu vejo as pessoas não vivem dele, então tem que dividir entre o seu projeto na internet com o trabalho de vida real assim né? então a gente no Budejo, Aninha é professora, Pedro trabalha lá nas coisas dele com mídias sociais e agenciamento e num sei o que, Vamis trabalha na faculdade também no setor de publicidade e eu trabalho editando outros podcasts, que é o que paga as contas, então parar pra gente ir atrás de conseguir patrocínio sabe, fazer um mídia kit, ir atrás de marketing, esse é um corre que a gente nunca conseguiu fazer direito assim, e eu conversando com uma galera de outros podcasts esse meio que é o mesmo problema que se repete, é meio cruel porque ou você foca nisso pra conseguir se destacar mas aí é um risco muito alto né, porque enquanto você não consegue você tá perdendo tempo e dinheiro basicamente assim... então acho que essa é a grande desvantagem assim, é muito difícil de conseguir monetizar num nível que realmente compense que a gente conseguiria sabe, viver disso assim, a gente tá bem longe disso já com quatro anos de episódio e enfim, com audiência legal, com muita gente ouvindo, tipo a gente é reconhecido na rua, Aninha tá lá na Chapada Diamantina né amiga? e reconheceram tua voz na cachoeira... eu tava em Recife agora passeando nos museus lá e vinha gente perguntar se eu era eu e tal, uma coisa muito doida tipo, o alcance que às vezes...

[00:26:37] A: Luan é famosíssimo...

[00:26:39] AV: Num é?

[00:26:39] L: Não, todos nós somos, num sou só eu não, todo mundo aqui

[00:26:44] A: O vozeirão do Luan

[00:26:45] L: Vamis foi reconhecida na Expocrato, lembra dessa história?

[00:26:50] A: Lembra

[00:26:51] L: Mas é isso, tipo os números em si não parecem traduzir muito isso sabe? hoje se a gente for ver os números do Budejo e for comparar com os números de um youtuber da vida é ínfimo né? só que é louco como na vida real, quando a gente sai na rua, ele se reflete numa coisa que a gente não espera assim, que é a gente ser reconhecido em muitos lugares e mesmo

assim é difícil monetizar, essa é, esse é o grande desafio da coisa e eu acho que Pedro tá entrando aí...

[00:27:18] AV: Sim... ah gente, então já que vocês falaram dessa parte de monetização eu vou antecipar uma pergunta que viria enfim, depois dessa que eu faria agora, que é essa questão do financiamento né, coletivo pelos ouvintes. Eu queria saber como surgiu a ideia, quando começou e como é que funciona hoje assim... os recursos são voltados pra quê, enfim, vocês darem um panorama aí dessa questão do financiamento.

[00:27:47] L: Pedro, quer começar aí já falando com a Alê e respondendo essa pergunta?

[00:27:54] A: Ele escutou a pergunta toda, será?

[00:27:56] P: Vocês tão me ouvindo?

[00:27:58] L: Tamo, tamo sim...

[00:28:00] P: Ah tá... Alê

[00:28:03] AV: Oi amigo

[00:28:04] P: Meu amor, que saudade

[00:28:07] AV: Gente eu falando amigo na entrevista transcrita (risos)

(risos)

[00:28:12] P: Ei, mas qual foi a pergunta, eu não ouvi, só peguei o final. É que Luan e Aninha tavam comentando sobre algumas questões relativas a monetização né, de como é difícil isso em podcast né, que seria uma desvantagem e aí eu vou passar pra uma pergunta que eu faria depois mais já que, pegando o gancho como se diz, eu queria que vocês comentassem sobre a questão do financiamento assim, como é que surgiu a ideia do financiamento pelos ouvintes né, e como é que funciona assim, como vocês utilizam os recursos, enfim..

[00:28:49] P: Certo... cara, a gente pensou em financiar talvez uns seis meses depois do início do podcast, acho que Luan pode fazer esse check, mas eu acho que foi isso, coisa de um semestre ou talvez um ano, e a ideia era remunerar Luan que é um ótimo editor e que a gente percebeu que a gente tinha ouvintes o suficiente e que tinha muita gente que às vezes perguntava "qual o link de vocês no catarse ou no apoia.se" e a gente percebeu que tava deixando passar a oportunidade inclusive de pagar Luan, ele tava no começo do trabalho dele como editor de podcast, quando ele começou o Budejo ele editava um antes, mas ele foi aprendendo enquanto fazia e aí a gente viu que tinha como se pagar e a gente já tinha um editor e o editor era apresentador e integrante e foi aí que a gente começou no apoia.se e pensando na coisa das recompensas e dividimos em recompensas porque a gente viu que era o que os programas já faziam entre 5, 15 e 25 reais, a partir de 15 dando, ou é 25, dando direito a participar do grupo do podcast e aí inicialmente a gente pagava o trabalho de Luan e equipamentos... a gente começou a comprar por exemplo esse fone e microfone que eu tô escutando agora a gente comprou com dinheiro do Budejo e diversos outros de gravação e antes da pandemia, a gente começou em 2019, a gente pensava em fazer um estúdiãozinho na casa de Luan, tinha um quartozinho assim bem próprio pra isso porque era longe, era no quintal, então não ia ter muito barulho e a gente começou a trabalhar esse estúdio nos poucos meses que a gente teve entre começar o apoia.se e vir a pandemia aí quando veio a pandemia encerra tudo, a gente nunca mais gravamos na casa de Luan porque ele tem uma vó idosa e aí a gente levou uma parte disso pra casa de Aninha que quando eles tão lá os três no Juazeiro e vão gravar presencialmente gravam os três e quando eu tô lá a gente vai pra casa de Aninha que é o nosso novo estúdio improvisado.. e aí durante a pandemia também eu sem trabalho, a gente teve a ideia de dividir, eu ser remunerado como produtor e poder me dedicar mais a produzir os episódios e também remunerar, continuar remunerando o trabalho de Luan como editor... é assim que a gente divide e continuamos pensando em como investir em equipamento.

[00:31:28] AV: Entendi, gente.. agora eu quero entrar nas, no processo de produção mesmo, entender como é que ele funciona. Eu vou fazer algumas perguntas mas enfim, à medida que vocês forem falando mais.. eu queria saber como é que acontece esse processo de produção do

Budejo, há atribuições específicas de cada integrante ou elas são compartilhadas? houve ajustes ao longo do tempo? enfim...

[00:31:59] P: Ah, muito ajuste ao longo do tempo, aprendendo o que fazer, porque a gente foi mudando o nosso... até o nosso subtítulo né Luan? a gente mudou

[00:32:10] L: Sim

[00:32:10] P: No primeiro ou foi no segundo ano, que a gente deixou de ser...

[00:32:17] L: Acho que foi bem no terceiro...

[00:32:19] A: Foi no terceiro ano

[00:32:20] P: Que a gente deixou de ser "o podcast que leva o Cariri aos seus ouvidos" porque nisso que a gente começou, a gente começou como podcast pra pessoas do Cariri, até que nossos primeiros episódios, a gente falando muito sobre pessoas de lá, lugares de lá e a gente pensava mais nisso até que se tornou uma coisa completamente diferente então assim, todo o nosso pensamento a respeito do podcast foi mudando ao longo do tempo... é... e tudo o que a gente fazia de especial, o Auto da Compadecida, Luiz Gonzaga, Padre Cícero, a gente quer continuar fazendo isso assim, a gente quer fazer um especial Nova Olinda, com Expedito Seleiro, com Casa Grande, e tal, mas já não é muito o nosso foco, ficar pensando apenas no Cariri... mas qual era a pergunta exatamente sobre produção? Atribuições...

[00:33:08] AV: é, sobre as atribuições assim, as funções digamos de vocês assim, Luan a gente sabe enfim, que edita, seria acho que o rosto principal, quem sempre abre, né, geralmente, mas como é que...

[00:33:25] A: Depende muito do tema

[00:33:26] AV: Pronto...

[00:33:27] A: Hoje Pedro tá mais a frente da produção, principalmente assim, que desde o meu mestrado e tal, assim, é, não, acho que é, e não teve uma época que eu tava mais adoentada aassim e eu nunca mais assim peguei um episódio pra produzir assim né, de... "ai, vamo falar sobre esse tema", de chamar pessoas, e de, mas assim, eu já fiz bastante isso assim de muitos episódios da pandemia inclusive, do, do especial pandemia, assim tipo, a gente sempre teve essas liberdades Alê "ah, vamo falar sobre isso, o que é que vocês acham?" aí se todo mundo concordar esse tema "vamo, massa, eu acho legal" ou então "não, não acho legal" ou "me fale porque você acha que esse tema é legal", Pedro tem essa atribuição máxima assim de né, de provocar e dizer "não, acho que é legal por causa disso e tal" e às vezes pra saber se um tema vai render porque nem sempre um tema vai render e eu acho legal isso assim, que a gente tem, então a gente sempre teve essa liberdade, "ah, então vamo atrás", se eu conheço a pessoa eu vou atrás, eu ligo, eu chamo, marco, vejo o horário, faço o roteiro... quando não, Luan faz, organiza, quando eu tô sei tempo... sei lá a gente teve uma entrevista com o Renato, o Roseno, que é uma figura pública importantíssima pro Ceará então é, a gente sabe que o tempo é pouco, tem que ser focado, não vai ser aquela pessoa que a gente tá muito à vontade assim então a gente tenta ser o mais rigoroso o possível, não no sentido assim de ser, né, mas de ter perguntas bem elaboradas, de acompanhar bem assim o roteiro, se se a gente assim... bem jornalístico mesmo sabe assim, eu me sinto jornalista, porque essa não é minha área de atuação mas eu acho bem legal porque a gente fica bem jornalista mesmo quando vai numa entrevista dessa, então assim... hoje quem tá mais a frente da produção mesmo dos episódios é Pedro, né, até mesmo porque Pedro tem muitos links com pessoas assim bastante variadas, a gente fala que ele é nosso link com a globo, (risos) ele tem amizade, tem parceria..

[00:35:40] L: é nosso correspondente choquei

[00:35:42] A: Exato, então assim, ele consegue muita coisa pra gente e sempre foi Pedro que conseguiu assim, é, esses sonhos, que pra mim fazer um Auto da Compadecida da vida foi realizar um sonho, só foi possível graças aos links que o Pedro tinha, entendeu? talvez a gente não tivesse chegado tão longe sem esses links, então hoje Pedro tá mais a frente produzindo mas a gente sempre se ajuda na hora de fazer um roteiro, de fazer as perguntas, é sempre um

trabalho bem coletivo sabe Alê? E também depende muito do tema né? quando é um tema que apetece mais a mim ou a Vamile ou a Luan ou a Pedro que fica mais à frente, tem questão de agendas também né? nem sempre as agendas dão certo então a gente tenta pelo menos três participantes por episódio né assim, nesse sentido, e sempre tendo aquele momento de um episódio só a gente conversando porque isso é muito a nossa cara, né... um episódio sem roteiro, apenas com ideias ou às vezes ideias dadas pelos nossos ouvintes e a gente conversar sabe, a partir disso, de pensar, de refletir, de criticar, de chorar, então é bem assim sabe, em relação a isso... Vamis já produziu ep também, Luan também, Pedro, e aí acaba sendo um pouco um trabalho em conjunto, mas tipo a frente hoje... Pedro

[00:37:12] L: Eu acho tipo assim, se fosse pra responder como fosse uma prova, seria Pedro em regra é quem produz só que sempre que um de nós tem uma ideia e tem vontade da gente produzir a gente muda, então tipo Aninha já produziu vários episódios né tipo, eu recentemente produzi um porque eu já tinha os contatos que era aquele na véspera da eleição lá que, com Roseno, Natália e o Padilha, como eu já tinha o contato dos três eu mesmo que produzi e editei, Pedro não participou da produção em si desse mas geralmente é Pedro justamente por isso, pelos contatos que ele tem e pelas ideias, quem mais fica quebrando a cabeça de pensar "pô bora falar sobre isso bora falar sobre aquilo, vamo procurar tal pessoa pra tal tema e tal"....

[00:38:01] P: E pra ter alguém responsável né? Ter a pessoa que tem obrigação de "ó vai ter episódio essa semana é tal tema, qual o dia que vocês podem, apareçam..." porque senão ia ficar naquela no grupo "e aí minha gente, qual é o episódio dessa semana?" como já foi né, por muito tempo no começo...

[00:38:20] L: Foi, foi...

[00:38:20] P: Chegava quarta feira a gente ficava no grupo "sim minha gente, tem episódio essa semana, vai ser sobre o quê?" (risos)

[00:38:27] L: Mas hoje em dia eu acho que tipo eu converso muito com Pedro assim, da gente pelo menos já pensar em sei lá, uns três ou quatro temas na cabeça pra quando ir chegando perto a gente só ir agilizando assim, e aí comunica no grupo diz "ó galera, vamo tentar fazer sobre isso isso e isso..."

[00:38:43] P: Tem uma coisa do, desses quatro anos de Bolsonaro né, marcaram muito o Budejo e a ausência dele vai marcar pelos próximos quatro anos também, mas é porque teve um da gente ir alternando os nossos surtos... tinha hora que eu tava mais cansado e "gente, não aguento mais falar sobre isso, vamo fazer.." e a gente não falava por exemplo Big Brother, se fosse há dois anos atrás a gente não imaginava né tá fazendo episódio sobre isso, que os nossos temas foram ficando mais fluidos e foram mudando enquanto a gente também ia sentindo vontade de falar outras coisas, porque por um tempo a gente focou muito em política, em falar o que a gente tava com vontade de falar, até ter meses que Aninha falou "gente, eu não estou me informando sobre nada" num foi Aninha?

[00:39:27] A: Foi

[00:39:28] P: "não quero saber nada" Vamile mesmo já disse "olhe, eu não quero ficar pensando nisso, não vou ficar falando sobre isso" agora quando foi na reta final falei "Luan, vamo fazer um mês de episódio só sobre política" ele "cara, quem é que vai aguentar?" passou o primeiro turno eu disse "cara, não quero mais ouvir falar de política" e aí "vamo fazer um mês só sobre eleições?" (risos) pelo menos é isso, a gente fica alternando entendeu? e aí fica fluindo o que é que a gente tá com vontade e depende assim, dos estado mental mesmo, de cabeça assim, às vezes você tá passando por uma barra e num dá mesmo pra tá pensando no sério da vida, e aí em diversos momentos Aninha, Aninha pode falar mais disso assim que ela falou "minha gente, minha terapia é esta, isso aqui" passo uma semana super cansativa e a gente grava um episódio só sobre leveza e aí é ótimo, é um descarrego, chega e.. a gente tem isso, tá um dia o ó, a semana o ó e a gente grava e termina a gravação e (suspiro de alívio), né?

[00:40:30] A: é

[00:40:31] P: Leve, despressuriza

[00:40:32] A: Eu sei que eu me sinto, eu me sinto jornalista às vezes do Budejo, eu me sinto psicóloga às vezes, eu me sinto sei lá, palpadeira de moda

[00:40:44] P: jornalista política (risos)

[00:40:46] A: é, é muito bom, é muito bom, sério, e eu amo esses episódios que a gente faz só pra rir mesmo.. e às vezes como terapia coletiva, amo também né? E assim, faz parte, é muito bom que a gente tenha essa liberdade realmente de conteúdo e de criação também, mas assim o nosso controle de qualidade é Pedro né, ele que nos chama a nossa atenção "e esse tema? acho que não vai... não mas ó e isso, isso e isso" aí ele "será?" a gente prova pra ele "ah, então vamo fazer acontecer" ou "é realmente não vamo" eu acho que isso é importante também sabe, então a gente vai se unindo bastante.. Vamis é nossa, sei lá

[00:41:29] P: é e assim..

[00:41:32] A: ai desculpa, pode falar

[00:41:34] P: comentarista de variedades (risos) a Vamile sabe tudo o que a gente não sabe sobre internet, não e também ficar falando assim..

[00:41:41] A: Sempre muito atendida

[00:41:43] P: ... gente, vocês tão lendo sobre o quê, vocês tão seguindo, o que é que vocês tão vendo nas redes sociais... porque cada um né, tem uma cabeça diferente, aí a gente fica no nosso grupo dizendo "olha", aí Aninha "tem tal drag queen que eu amo, meu sonho é gravar com ela" e aí vou tentar, vou atrás... e Luan "queria fazer um Budejo com Dilma Rousseff" (risos) eu não tenho a menor ideia de como chegar em Dilma Rousseff, foi dia desses "Pedro, e se a gente gravar um episódio com Pablo?" (risos) desse jeito...

[00:42:15] L: Eu meti essa, recentemente..

[00:42:15] A: Meia noite...

[00:42:18] P: É, acha que eu sou Paula Lavigne (risos)

[00:42:21] L: Ah, mas você consegue chegar nela...

[00:42:24] AV: Gente, e existe alguma etapa terceirizada, digamos, no processo ou é tudo com vocês?

[00:42:32] L: É tudo com a gente..

[00:42:33] A: Já aconteceu..

[00:42:33] L: A única vez... é, tipo.. só quando assim

[00:42:35] A: ... quando Luan precisou viajar

[00:42:35] L: ... não vou conseguir ter tempo, contrata algum editor

[00:42:40] A: só dois episódios só....

[00:42:42] L: ... exatamente, foi uns dois ou três no máximo, nesse tempo todo....

[00:42:49] A: o resto foi...

[00:42:51] AV: Só Luan que edita... e... qual o programa que tu usa, o software Luan?

[00:42:59] L: Eu uso o Adobe audition, pra sonorizar, mas eu decopo o áudio no Audacity que é um programa horrível que ninguém gosta e é meio motivo de chacota assim entre editores, mas é o que eu gosto, então eu decopo no Audacity e sonorizo no Audition, uso esses dois programas.

[00:43:17] AV: Entendi... eu tô usando o Audacity me sentindo muito porque eu consegui juntar todas as... menino eu fiquei, consegui isso com duas pessoas (risos) com três, quatro, como vai ser essa, eu não sei se é o mesmo processo mas enfim, temos aí ..

[00:43:37] L: Justamente, pra sincronizar muitas faixas o Audacity não é muito bom e aí às vezes eu faço isso, eu vou pro Audition e trabalho essa sincronização lá, eu acho mais fácil de mexer...

[00:43:48] P: ô Alê, uma coisa assim, tu pode usar pra essa pergunta anterior que tu fez e eu lembrei agora sobre terceirizar, a gente pensou na o futuro talvez nesse próxima temporada que a gente quer dar uma reformulada, chamar editor-assistente mas no sentido editorial... a gente

nunca viu ninguém fazendo isso no podcast mas em... e aí a gente teve essa ideia e a gente pensou que há temas espinhosos que a gente não sabe como abordar, pautas que sejam espinhosas, que a gente pensa "há jornalistas, pensadores, que seriam bons assim.." funcionar como um editor sabe de um jornal ou de uma revista que a gente leva a pauta e antes de entrevistar você conversa com o seu editor e ele diz "eu acho que você pode abordar assim, assim e tal" e a gente voltar... e a gente pensou em episódios com uma ideia que a gente tinha era com Fabiana Morais, teve outros que é aquela de Fortaleza que é antropóloga, afro antropóloga...

[00:44:43] L: Isabel Accioly

[00:44:44] P: ... Isabel Accioly, conversar com Isabel e dizer, gravar isso né, ter um episódio com a nossa editora convidada, Isabel a pauta é essa, como é que a gente faz, e aí corta pra gente fazendo a pauta e volta, trazendo a reportagem feita pra ela e enfim, tô te dizendo porque é uma ideia que a gente tem né, em terceirizar um um... colocar um funcionário extra no Budejo, mas de uma maneira que a gente não faz a menor ideia de como seria essa estrutura porque ela meio que quebra a lógica mas ela tá dentro da comunicação, é um papel que existe dentro do serviço de comunicação mas a gente não vê nos podcasts né? enfim, é uma coisa que a gente tá pensando em fazer...

[00:45:26] AV: Legal. Gente, e em que plataformas o Budejo tá? vocês sabem todas?

[00:45:33] P: Luan

[00:45:33] L: Cara, eu acho que ele só não tá no Amazon, porque eu ainda não fui atrás de saber como é que bota (risos) Aninha já morreu de insistir e eu sempre esqueço de procurar...

[00:45:47] A: Não, desinstalei já, desinstalei o Amazon, tava dando muito bug... voltei pro spotify

[00:45:56] L: O Amazon é muito complicado assim de, de, pra ouvir podcast, é difícil de mexer e tal, mas a gente tá no Spotify, tá no Applepodcasts, tá no Deezer, e estando no Apple, quase todos esses aplicativos terceiros que são agregadores, que não são aplicativos de streaming, esses aplicativos de podcast mesmo, tipo CastBox e tal eles já pegam o feed do Apple e então a gente tá em tudo assim, que você procurar, Google podcast também... eu acho que o único que não tá mesmo, dos mais né, famosos, é Amazon mesmo.

[00:46:32] AV: E na orelo né, que é o mais recente digamos..

[00:46:40] L: e na Orelo

[00:46:40] AV: Certo, e gente, eu quero saber quais são as estratégias de divulgação do Budejo e como é que elas são definidas...

[00:46:49] L: É torcer pro denego do Budejo tuitar alguma coisa (risos)

[00:46:54] P: Eu ia dizer rezar pras pessoas divulgarem

[00:46:59] A: Eu ia falar isso assim, de terceirizar, na parte de terceirizar, que a gente tá precisando realmente de uma pessoa pra ficar mais..

[00:47:07] P: Ah amiga, bem lembrado

[00:47:09] A: entendeu? uma pessoa pra ficar mais a frente da nossa...

[00:47:16] L: Sim, da divulgação né?

[00:47:18] A: Isso

[00:47:19] AV: Mas como ela funciona hoje?

[00:47:23] P: Amiga, essa é a desorganização... porque todo mundo tem a senha (risos)

[00:47:29] A: Eu perdi a senha, nunca mais fizeram outra (risos)

[00:47:35] P: E a gente fica esperando, fica esperando...

[00:47:37] A: Aí faz outra "tá bom, vou fazer" aí depois eu esqueço de pedir, Luan esquece de fazer... porque eu ficava mais no instagram, nas postagens... só que minhas postagens é muito senhora de 40 anos, aí a criançada não gosta

[00:47:50] P: Todos nós

[00:47:54] A: a turma não gosta... talvez né assim, a turma não gosta muito, não sei, as minhas postagens eu fazia umas montagens lá no canva, uma coisa bem brega sabe? (risos) mas enfim.. e aí tipo, veio tanta coisa né? veio eleição, veio pandemia, a gente ficou cansado de telas e fomos deixando assim, eu sei que a gente é mais atuante no twitter né, porque os meninos são mais atuantes lá... no instagram vez ou outra Pedro faz um stories

[00:48:28] P: Se tu for ver o nosso Twitter amiga...

[00:48:30] A: Mas no instagram vez ou outra Pedro faz um stories... Luan

[00:48:35] L: Não acho que aí volta no que a gente falou na outra pergunta antes de Pedro entrar, de que essa é uma das desvantagens da produção de conteúdo independente, quando cada integrante tem outra profissão, outra ocupação assim, a gente não consegue o tempo suficiente, tanto tempo quanto a cabeça assim, porque não é só tempo, é a gente tá disposto assim, a gente ter, sabe, disposição mesmo pra "pô, vou parar aqui pra pensar numa estratégia de divulgação" então o que acaba, o que acaba que a gente faz ultimamente é ah, publica o episódio, espera ele sair nas plataformas e aí geralmente ou eu ou Pedro faz um tuítezinho dizendo que o episódio saiu, os links pra cada plataforma, Pedro faz uns stories também como Aninha falou né, meio que explicando o que foi o episódio e chamando o pessoal pra ouvir, mas se restringe muito a isso assim, tipo, eu acho um milagre a gente ter os números que a gente tem no instagram como no twitter porque a gente tem muito seguidor, bastante, uma quantidade...

[00:49:39] P: Sem ter feito nada né?

[00:49:39] L: Exatamente, assim, pra.. não é muito se você comparar com um influencer assim mas pra um projeto independente que não parou pra fazer nenhum projeto, nenhum plano assim de mídia e tal decente, eu acho bem impressionante os números que a gente tem no instagram e no twitter..

[00:49:59] AV: Sim

[00:50:00] L: Tipo, Pedro postou um stories nosso lá no Rio que deu uma quantidade de views nos stories que eu fiquei "porra, como é que a gente chega nessa quantidade de gente se a gente não mexe nesse negócio aqui?"

[00:50:12] A: Eu acho que é por isso que chega, porque a gente mal mexe e aí quando mexe o povo fica tudo curioso pra saber "meu deus, o Budejo postou alguma coisa, o que será"

[00:50:20] P: é um anúncio? (risos)

[00:50:24] L: Mas eu acho que essa é uma grande deficiência que a gente tem que consertar no próximo ano

[00:50:29] A: A gente vai ter uma reunião, a gente sempre tem uma reunião no final do ano né, de novos beginnings, e aí a gente vai falar sobre isso... pensar na nova marca, na nova identidade visual também que ficou pra trás, mas vamos retomar... e outras coisas

[00:50:46] P: É, e como Budejo vai existir sem Bolsonaro (risos)

[00:50:53] L: Graças a Deus

[00:50:54] A: Sempre faz essa reuniãozinha de início de ano.. como vai ser... aí vamo vendo...

[00:51:02] AV: Eu queria só recuperar uma coisa da questão do financiamento, é que eu não pedi pra vocês alencarem as formas de financiamento né? eu sei que tem o pix, tem o apoiase e também a orelo?

[00:51:19] L: Tem o picpay também mas o picpay é tão ruim, é tão chato pra gente mexer lá e tal e tem pouquíssimas pessoas que a gente nem divulga mais assim porque é o pior de todos esses pra financiamento coletivo, a forma como ele manda a grana pra gente é ruim, é desorganizado o controle de quanto que vem.. eu tenho que fazer meio manualmente, sair na minha fatura apurando todos os.. é horrível, não recomendo... mas é isso, picpay que vamo esquecer que tem, apoiase, que a gente também parou de divulgar pra tentar focar na orelo que é o que a gente foca mais hoje em dia porque é o mais amigável assim pra o produtor de conteúdo porque ele consome uma porcentagem menor dos apoios, é a menor de todas... porque

tem isso né? quando você tem um financiamento coletivo a grana que o ouvinte dá vai uma parte pra plataforma e outra pro criador de conteúdo, então o que menos come essa porcentagemzinha de apoio é a orelo então eles fizeram uma reuniãozinha com a gente pra explicar isso, a gente achou legal, fomos pra lá, e além disso a orelo financia, remunera por play, cada play que você dá lá é zero vírgula zero tantos centavos que vai pro criador de conteúdo, então são essas formas de financiamento além do pix né, que a gente também começou recentemente... é legal porque aí é uma doação livre assim, não é uma assinatura que a pessoa vai fazer, quando ela quer manda lá uma grana, manda uma mensagemzinha, tem sido legal..

[00:52:53] AV: Gente eu acabei de lembrar uma coisa aqui que eu esqueci de colocar nesse roteiro, então eu vou colocar antes de colocar nas questões finais, digamos... é, que é essa, como é que eu posso dizer, tendência de podcast se associarem em redes né, vocês fizeram parte da rádio guarda-chuva e tão agora na central 3, eu queria saber como é que funcionou assim esse processo, tanto na rádio como na central, vocês foram convidados, vocês se convidaram, como é que vocês conheceram esse pessoal e como é que funciona assim, porque né, se, digamos, associar a essas redes de podcast?

[00:53:42] P: Explica aí Luan

[00:53:44] L: Então Alê, é, a guarda-chuva a gente foi convidado na época que rolou, a gente ficou bem feliz assim porque era uma galera massa né, tipo, e a gente ficava lá no grupo com eles e acabou que a coisa que mais fazia sentido pra gente estar lá era mesmo essa rede de, as proximidades com essa galera de que pra gente conseguir algum convidado eles ajudavam né? e tinha também essa questão de cada um indicar o outro né

[00:54:14] A: E divulgar

[00:54:14] L: então veio muita gente que ouvia o Escafandro, veio muita gente que ouvia o Vida

[00:54:21] P: E nesse trabalho independente é muito solitário às vezes, como eu tava falando, da gente ter pautas e a gente não ter ideia mesmo assim de "olha, um olhar de fora" dessa pauta e ver se realmente é relevante, se a gente tá fazendo o approach correto e tal, e pelo menos era um grupo com outros jornalistas e eles vários são solitários, vida de jornalista é um único (risos)

[00:54:45] L: O Escafandro

[00:54:47] P: O Escafandro, que é um trabalho de uma redação inteira é uma única pessoa, a gente pelo menos é um grupo grande.... o doces bárbaros do Cariri (risos) inda tem nós quatro pra ficar conversando entre a gente né? e maturando a coisa, mas tinha... o grupo de whastapp funcionava como uma redação, o que era muito bom

[00:55:08] L: Pois é, só que aí eu acho que a gente foi vendo meio que a gente tava se distanciando um pouco do que a Guarda-chuva queria da gente sabe? não foi nenhuma rixa nem nada, foi só a gente em comum acordo percebeu que não tava mais dando tanto match assim, e eu lembro que quando a gente entrou na Guarda-Chuva, Gil Luís Mendes que era do Baião de Dois e da Central 3 comentou comigo dizendo "bicho, quando vocês foram pra Guarda-chuva eu fiquei porque não chamei vocês pra Central 3?" e aí quando a gente saiu da Guarda-chuva eu conversei com o Gil e ele conversou com Yamin que é um dos diretores lá da Central 3 e foi super natural assim, eles chamaram na hora, já conheciam, já gostavam e assim, a gente não usufrui talvez da principal coisa de se estar na Central 3 que é a estrutura do estúdio deles lá em São Paulo, que geralmente os podcasts que eles produzem lá em São Paulo gravam num estúdio que é muito massa, tem um equipamento de última geração assim, uma baita estrutura e a gente leva tudo daqui né então essa oferta a gente não usufrui. Mas eu acho que a coisa que é pra gente mais legal de estar lá é realmente o selo, é poder chegar num convidado e dizer "ah, é uma entrevista pra um podcast do Cariri da Central 3" porque aí já trás uma carga né, pô a Central 3 abriga o (???????) em Brasília, abriga o Baião de Dois, abriga Trivela, Xadrez Verbal, é uma galera assim que já tem tipo, Lado B do Rio né? é uma galera assim que já tá no cenário

nacional então a gente como tá fora do eixo e esse papo todo, quando fala que tá na Central 3 já é um, sabe assim, a pessoa já fica mais atenta, presta mais atenção na gente...

[00:56:56] P: Tá nos nossos planos se aproximar mais né, de todos os podcasts..

[00:57:00] L: Sim

[00:57:01] P: Tipo, a gente teve, num deu agora nessa reta final de eleição suspender o tema eleição por tanto tempo mas a gente pensa até em fazer um crossover né, em vários episódios, a gente tornar o Budejo um episódio de cada um, um episódio com o Xadrez Verbal pra gente ficar falando sobre política internacional, um com o Lado B do Rio pra gente falar sobre as semelhanças e diferenças do Cariri e do Rio de Janeiro, que a gente vai aproveitar mais dessa proximidade com eles..

[00:57:31] A: E assim, fizeram essa mesma pergunta sobre a rede quando a gente tava numa palestra lá na UFC, perguntaram qual a contrapartida que a gente dá pra eles né, no caso, pra Central 3, pra Rádio Guarda-chuva, tipo, não é uma contrapartida monetária, a gente não paga pra estar nesses lugares, né, existe obviamente casos em que se trata disso, essa questão, caso a gente consiga um patrocínio ou financiamento a gente dividir né, 60, 70, 30, e eles também, caso enfim, a gente passe alguma propaganda, e no caso da Guarda-chuva era uma questão, tipo assim, de ter essa, de ter essa amplitude no Brasil todo, porque é interessante que vocês sejam uma rede de podcasts que contemplem várias regiões, eu acho que a gente em relação à região nordeste, contemple isso também, é interessante que tenham podcasts que façam parte da sua rede de podcasts que estejam lá no sertão do Cariri entendeu, então pra eles também é uma contrapartida porque, porque vem informações né, de de lá também e essa coisa de como Luan falou de um indicar o outro também foi interessante pra deixar isso mais assim esmiuçado, chegar capilarizado de repente, teve muitos ouvintes da gente escutando podcasts da Radio Guarda-chuva, do Central 3 e a gente acabou sendo uma troca nesse sentido, não foi algo monetário, a gente não paga pra estar lá nesses lugares

[00:59:08] L: Exatamente

[00:59:10] AV: Ah, excelente. Gente é, vou entrar num ponto agora que ele é muito central na minha pesquisa que é a relação do, de vocês do Budejo com os ouvintes, né, eu queria saber qual é, como é essa relação, qual a importância disso pro podcast enfim, como é que surgiu a ideia de criar o grupo no Telegram... enfim

[00:59:37] P: Eu acho que a criação do grupo

[00:59:39] A: é interessante, eu

[00:59:42] P: Continua Aninha, continua

[00:59:44] A: Não assim, eu achei interessante essa tua pergunta porque quando eu entrei na conversa com a Alê e eu disse "meu Deus, é como se tivesse falando com uma amiga", uma amiga de muito tempo, eu não senti, é, tipo "vou participar de uma entrevista, vou ser entrevistada..." eu não senti nervosismo, não senti... e eu vi o rosto de Alê e eu disse "oi Alê, tudo bom linda?" tipo assim, claro que obviamente tem a questão do pesquisador e do pesquisado que é uma relação que você tá colocando em relação a gente mas em relação tipo a produção de podcast/ouvintes tipo, por a gente já ter se visto, né em Fortaleza, por nos seguirmos, tipo vários ouvintes da gente, né? me seguem também, eu sinto como se já conhecesse vários deles, por essa relação no Telegram e olhe que eu não sou, não sou tão atuante nas redes sociais assim de ficar olhando, então imagina se eu fosse, entendeu? Já fui em alguns encontros de, acho que só fui em um encontro de Budelovers, que aconteceu em Fortaleza, foi quando conheci você, Sara e muitos outros, mas eu tenho essa impressão assim de ser mais do que um ouvinte, mas assim, pessoas que que o Budejo sabe, me presenteou de conhecer, de ser fã também, ser fã do trabalho dessas pessoas, e eu acho que essa relação é muito, assim, estranha.. não sei se outros podcasts tem essa relação com seus ouvintes como eu tenho com alguns dos ouvintes do Budejo, entendeu? Pode falar, Pedro.

[01:01:22] P: É.. eu ia dizer que a ideia de fazer o grupo acho que ela surgiu, talvez a gente vendo o que os outros podcasts fazem, que é incentivos, estímulos, e um deles é fazer esse grupo e tal, já participei há milênios atrás de um grupo no facebook dos Mamilos, quando eu apoiava o Mamilos, há 10 anos atrás e eu não sei, eu sempre quis bater essa bola com pessoas de outros podcasts pra ver se tem esse carinho que tem esse sentido de família, de amizade que é entre os ouvintes do Budejo, porque foi logo no começo assim, de início já veio isso, é, essa amizade, essa aproximação com o pessoal e dos ouvintes entre si, mas é isso... complementa tu, Luan

[01:02:19] L: Não, é, sim, o lance do grupo, como Pedro falou né, foi eu acho que a recompensa primeira que vem na cabeça de quem vai apoiar um crowdfunding só que assim, tem isso, a gente criou o grupo achando que a galera ia entrar meio que pra ficar ouvindo a gente falar do podcast, sei lá, foi uma coisa meio que "ah, gosto desse conteúdo, quero ver mais do que as pessoas que fazem o conteúdo tem a dizer sobre outras coisas e tal" só que muito rapidamente virou outra coisa né? virou um ponto de encontro das pessoas que gostam do programa entre si também, não necessariamente com o nosso intermédio né, e eu acho que é isso o mais bonito daquele grupo, é ver encontros em lugares que a gente nem tá mas que os ouvintes se juntaram e foram se encontrar em outro país, em outro Estado e tal, e ver o grupo meio que começando a andar só assim, mas essa relação da gente com os ouvintes, tanto do grupo quanto na, sabe, fora do grupo assim, pessoas que não estão no grupo mas gostam da gente e encontram a gente nos lugares e vem falar, cara, é muito bonito assim porque às vezes eu acho que a sensação que dá é que a galera pensa que é um sentimento que parte só deles pra gente e não é mútuo sabe, porque a gente não tá vendo eles e não conhece pessoalmente, só que toda vez que alguém vem falar que o Budejo ajudou muito na pandemia, que era a companhia que a pessoa tinha ali nas horas mais difíceis e tal, tipo eu sempre respondo que era mútuo assim, pra gente também era companhia que tava fazendo o Budejo, que tava tendo a repercussão entre as pessoas, então tipo é realmente muito bonito essa relação que a gente faz um negócio que entretém, que acompanha as pessoas, a gente também tá se sentindo acompanhado pelas pessoas quando tá fazendo, se a gente tivesse fazendo pra ninguém, a gente não faria né? e enfim, não teria a mesma graça assim, então eu não sei, eu acho que é muito da mídia sabe, acho que podcast tende a criar essa relação mais íntima com quem produz e quem consome o conteúdo, eu não vejo isso acontecer com youtuber, sei lá, acho que o podcast tem essa coisa de mais amigo mesmo da pessoa sabe?

[01:04:33] P: É, a gente fala muito, porque, uma hipótese que eu tenho né, que tem muita gente que é, fala com a gente nas redes sociais, ou quando encontra a gente na rua e fala "meu Deus do céu, tô dando de cara com vocês e parece que eu tô falando com um amigo, num sei o quê" e eu acho que é porque no podcast a gente usa muito nossa vida como exemplo né, e a gente fala coisas que são, que são pessoais tipo, Aninha falar do burnout como professora durante a pandemia, já é uma informação que tem sobre Aninha, é Vamile contou no podcast que o pai dela tinha acabado de falecer de câncer e a gente sempre conta o caso da nossa casa, da nossa família, um monte de coisa, uma história que eu contei deu com minha mãe virou, Analu fez um desenho, e aí é isso, as pessoas sabem o nome da minha mãe, sabem o nome do meu cachorro, sabem onde eu moro (risos) porque a gente fica falando...

[01:05:27] L: Tu não é o metaforando né amigo, que falou o nome do cachorro...

[01:05:32] P: Não amigo, eu tenho que pesquisar, eu tô vendo o povo falando nisso e não sei o que é... mas é isso, eu acho que de certa forma, o que o podcast faz, por mais que a gente esteja falando de diversos assuntos, isso aproxima muito a gente das pessoas porque a gente fala, tu já falou do teu cachorro mil vezes, tem um monte de história da tua vó, da tua mãe, da tua namorada, tua namorada tem fã, (risos) de tanto o que a gente fala nela... e acho que a outra coisa é o regionalismo né? a coisa da gente no Cariri, porque muita gente que não conhecia, que nunca tinha ouvido falar, criou apego, ficou com vontade de ir e foi visitar.. num teve esse ano mesmo uma menina do nada mandou mensagem "ei, tô aqui, vim aqui conhecer o Cariri"

tem um monte de gente que vai "tô aqui, se puder conhecer vocês e tal" e a secretaria de turismo não faz nada (risos) ela não nos patrocina...

[01:06:29] L: Ela não faz um pix (risos)

[01:06:32] P: E além disso, pessoas que tem familiares que ou são do Cariri ou tipo é um avô que já falou do Juazeiro do Norte e às vezes nem é Cariri, é Várzea Alegre, e de certa forma religa né? ou a pessoa escutava esse sotaque da vó, da mãe, da tia, e se liga com o lugar através da gente, então eu acho que é muita coisa que perpassa aí..

[01:06:54] AV: Sim

[01:06:54] L: Demais

[01:06:56] AV: E eu queria saber se o retorno dos ouvintes impacta na produção dos episódios de vocês?

[01:07:05] L: Nossa, 100%, 100% assim..

[01:07:07] A: Se receber uma crítica minha fia a gente fica sem dormir por um mês (risos)

[01:07:14] L: Assim, eu acho que tem duas coisas, tipo, eu pelo menos não fico muito noiado com audiência pra fazer um episódio sabe? tipo tem temas que a gente já faz sabendo que pouca gente vai ouvir mas eu não quero me privar de fazer porque pouca gente vai ouvir, sabe? e geralmente temas mais sérios...

[01:07:35] P: (indistinto)

[01:07:36] L: Como é?

[01:07:36] P: às vezes surpreendem a gente né?

[01:07:37] L: Super, tem uns que a gente não dava nada e de repente...

[01:07:40] P: A gente fez um sobre o uso de psicodélicos em tratamento de, como é a expressão que esqueci?

[01:07:48] L: Pra depressão

[01:07:51] P: E a gente fez, postou assim na certeza de que dez pessoas iam escutar (risos) e foi um dos mais ouvidos

[01:08:00] L: É e esses dias um ouvinte começou o tratamento né? por causa do episódio e tal, tuitou lá falando.. mas é, tem isso, tem esse lado que talvez seria como dizer que a gente não leva em consideração o que os ouvintes falam porque a gente não leva em consideração a audiência assim sabe, pra falar de alguns temas, mas seria meio chato só fazer coisa que a gente acha que vai bombar no spotify, no twitter sabe? mas por outro lado, a gente gosta muito de ouvir o que os ouvintes tem a dizer, ou seguir recomendações, tipo tem o episódio do Luis Gonzaga, foi um ouvinte que deu a ideia né? a gente não tinha pensado em fazer e algum ouvinte disse "cara, façam um episódio sobre" e aí Pedro acho que viu, falou com a gente "porra, tem que ter, bora fazer um especial e tal", então tipo, é uma troca mesmo assim, a gente gosta de tar atendo ao que o pessoal recomenda.. tipo o Xico Sá já recomendou um tema que a gente tá há um tempo querendo fazer e não rolou ainda que é dos fósseis em Santana, do tráfico e tal e pô, tá na lista assim pra gente fazer um dia mas tem isso assim, a gente gosta de ouvir feedback e colocar na nossa agendinha assim...

[01:09:11] P: E nosso direct né? é um baú de elogio, a gente não recebe crítica não

[01:09:21] A: Era o que eu ia dizer, é muito difícil assim a gente receber crítica, quando é é tipo assim "ei minha gente, atrasaram o episódio" e a gente fica mal que só, meu Deus, atrasamo episódio, a gente fica angustiadinho que a gente não gosta não de atrasar não, avemaria...

[01:09:38] L: Não gosta..

[01:09:39] A: é uma agonia, se atrasou é porque muita coisa deu errado, muita coisa mesmo, tava tudim doente ou alguma coisa muito ruim aconteceu

[01:09:49] L: E tem isso viu Alê? eu acho que a gente tem uma audiência muito qualificada porque eu tô pensando aqui que acho que o episódio que mais deu pano pra manga pra discussão e crítica foi o de Durval né, e acho que a gente até já falou isso em algum episódio, porque o

peçoal criticou algumas coisas do episódio que Durval falou, só que era num tom tão respeitoso e gerou discussões..

[01:10:12] P: (indistinto)

[01:10:12] L: ... é, nem parecia que era o Twitter sabe assim porque foram tuítes e mais tuítes um atrás do outro e um respondia o outro só que tudo assim num nível tão alto e tão respeitoso que eu fiquei "porra, taí, a nossa audiência realmente é incrível porque conseguiram discordar um do outro sem xingar ninguém, sem comparar com o Hitler", sabe? coisa do Twitter, num instante já descamba prum esgoto assim, então acho que no nosso exemplo mais polêmico, sei lá, da nossa história não rolou críticas negativas ou xingamentos ou coisado tipo sabe?

[01:10:47] AV: Hunrum, gente outra coisa, essa relação que se estabelece com os ouvintes, ela ela, vocês acham que estimula a vocês darem continuidade ao projeto?

[01:11:01] L: 100%, 100%, nossa eu cheguei de Recife assim com o gás renovado pra mais cinco anos de Budejo porque..

[01:11:08] P: Ai que massa (risos)

[01:11:10] L: Cara, impressionante assim, porque é isso a gente não tem noção do alcance

[01:11:16] A: Todo ano a gente tem um gás danado assim pra continuar o projeto né?

[01:11:20] L: Demais

[01:11:22] A: Tipo assim, eu não vejo assim saindo do Budejo nunca nem o Budejo acabando, só se Luan deixar nós (risos) né, eu digo assim, na verdade

[01:11:30] P: é, se não, se num tem o que fazer...

[01:11:32] A: Aí realmente acabou o Budejo, né?

[01:11:36] L: Pô mas ainda bem que sou eu que sustento esse programa porque...

[01:11:40] P: Eu já insisti tanto com o Luan pra gente ser, pra gente deixar de ser semanal e se tornar quinzenal aí Luan fala que a gente acaba o podcast mas não fica quinzenal, ou seja, viciado em trabalhar, porque (risos)

[01:11:53] L: É que eu sei que programa que vira quinzenal é que nem namoro que começa "vamo dar um tempo" (risos) é porque não consegue acabar entendeu? não sabe acabar e fica com essas putariazinha (risos)

[01:12:06] P: é.. cara eu acho que sim, nesse ano mesmo quando foi dando cansaço desse formato que o Budejo tava e eu falando, desabafando com o Luan e falando "amigo eu tô cansada de toda semana ficar pensando nessa coisa que eu tô querendo esquecer", desse assunto que eu estou tentando esquecer e a gente faz alguns que são pra despressurizar como Leda que é nossa psicóloga honorária, a gente fez um que foi lindo, aí Leda também ela traz o tema em quê, ela falou partida, é... quando a gente faz um com Leda é um que (sopro de alívio)

[01:12:46] A: terapia

[01:12:47] P: é, a gente relaxa, a gente volta... é muito terapêutico porque traz de volta o nosso propósito do podcast né? começou por isso assim essa nossa vontade de tá conversando, e o primeiro que a gente gravou com Leda eu me lembro que ela ela, e o tema era esse, como a gente sobreviver quatro anos de Bolsonaro isso tava sendo os primeiros meses, aí ela falou "isso aqui que vocês tão fazendo, isso aqui é um exercício" é um estar coletivo, é estar junto, é assim que se sobrevive a guerra, a tempestade e tudo o mais, e bom, aí falando com Luan eu disse "amigo, eu tô muito muito cansado disso cara, ou a gente muda ou não tem jeito" aí não, o Lula vai ganhar, a gente vai deixar de ficar falando só de coisa negativa, porque era isso assim, tava muito negativo, muito muito a gente só faz gravar e era isso "cara vocês viram num sei o quê e num sei o quê", se a gente fosse gravar agora eu ia dizer "gente, vocês viram que o PL vai ter que pagar 22 milhões de multa?"

(risos) ia ser só a risada de felicidade, e essas coisas, essas manifestações aí dos patriotas tá uma maravilha de ver, quando a gente voltar a gravar, já tô louco que a gente volte a gravar

[01:13:56] A: Tem tanto assunto já...

[01:13:57] P: Muito, muito, a copa cara, um monte de meme, enfim...

[01:14:03] AV: Aconteceu o que Vamile previa né? Bolsonaro deixou de ser presidente no dia seguinte

[01:14:09] P: foi

[01:14:09] A: Eu pensei tanto nisso Alê, eu pensei tanto nisso, eu só lembrava dessa frase de Vamile, quer dizer que realmente Lula já está no poder

[01:14:18] P: E ele já sumiu cara

[01:14:20] A: Já sumiu(risos)

[01:14:23] P: Ele num tá indo nem trabalhar, coitado (risos)

[01:14:27] A: Acho que até nos nossos piores momentos né, desculpa Pedro, pode falar

[01:14:31] P: Não, continua, é porque a gente tá com delayzinho é por isso que a gente tá se atropelando

[01:14:34] A: é, é até em nossos piores momentos eu acho assim... quando eu falo em piores momentos geralmente são os momentos tanto pessoais como também de Brasil, doente de Brasil, eu acho que vem uma força sabe, de vinha, seja partindo ou de Luan, que a força estava com ele, ou de mim, ou de Vamis ou de Pedro, mas sempre um puxava o outro e sempre tem um assunto que a gente precisa falar sobre isso, não dá pra não falar, então o Budejo é essa ferramenta que eu morro de orgulho sabe? então tem muito isso assim, óbvio que é pensando nos ouvintes, é pensando em levar informação, trazer debate, trazer pessoas qualificadas que fale para os nossos ouvintes e também nos explique, a gente aprende muito, então é tipo isso, quando tá tudo desabando a gente pega um na mão do outro e e dá continuidade sabe assim? tanto é que o Budejo nunca parou

[01:15:34] P: E saber que a gente tem tanto ouvinte né, tanto ouvinte que ama e que espera mesmo que o episódio saia, porque quando a gente tá vivendo só a nossa vida a gente esquece que realmente a gente tem ouvinte... às vezes eu tô gravando o podcast eu falo umas coisas que eu fico "valha me Deus o povo escuta mesmo né? eu tô falando um negócio aqui que eu esqueço que a gente tá gravando" pra postar no spotify! era o que eu ia dizer assim, mesmo nesse pega cansaço, mega crise, ainda bem que a gente ficou alternando nossas, nossas crises (risos) que eu lembrava era disso né, que a gente tem um grupo maravilhoso que lógico, um grupo do Budejo o assunto não é, não são os episódios que saem, não fica entorno disso.. quando sai aí o pessoal vai escutando e já vai comentando é muito bom mas os assuntos são imensos. Agora mesmo a gente tava morrendo de falar mal do, eu uso o grupo do Budejo pra falar as coisas que eu não posso tuitar aí eu só posto lá, é sério, "mandando aqui tudo o que eu não posso tuitar" estávamos lá desabafando... é, e aí às vezes eu penso nas mensagens que a gente recebe que nunca mandou direct pra gente, nunca entrou em contato, nunca falou... porque tem uns que a gente conhece dos directs, das redes sociais e tal, é, mas do nada dizendo "ei, e o episódio que não sai, num sei o quê" ou manda uma mega declaração dizendo que escuta a gente já há anos e num sei o quê, isso é muito bom...

[01:17:03] L: É, e eu acho, eu gosto de pensar assim, que a gente tem em mãos a chance de levar uma mensagem pra uma galera que a gente não tem dimensão do tamanho dessa galera, mas que tipo assim, eu gostaria de receber essa mensagem se eu não tivesse o Budejo sabe? quando rolou o segundo turno e a gente tava naquela angústia desgraçada achando que ia perder, porque as pesquisas tavam se aproximando e empate técnico e meu Deus do céu, e aí eu ficava o dia inteiro consumindo assim conteúdo de política e querendo morrer e tal e aí eu tive essa ideia da gente juntar os três deputados lá que se reelegeram e que já tinham passado pelo Budejo e a ideia é que ele fosse um episódio que revigorasse o ânimo do ouvinte pra que a gente fosse votar animado e assim, eu sei que tipo é um microcosmo, é um grupo pequeno Alê, no spotify a gente tem 61 mil ouvintes, 61,643 ouvintes que são perfis diferentes que acessam o Budejo né, é.. então sei lá, é um grupo grande se a gente for pensar em gente de verdade perto da gente mas pra internet não é um número tão grande assim, só que aí beleza, fazemos o programa, dá um puta trabalho e a agonia de conseguir a agenda desse povo que tava no meio da campanha

e tal mas aí dá certo, lançamos e quando a gente vê a repercussão e ela é exatamente p****, foi ótimo pra gente ter esperança e esses dias mais animados e ir votar assim, cumpre exatamente o objetivo que eu tava na cabeça que ele cumprisse, é muito gratificante porque é isso que gera a gente encontrar uma pessoa na rua e ela dizer tipo, eu ouvi lá em Recife a frase "o Budejo salvou a minha vida" p****, tipo ouvir isso na boca de uma pessoa na sua frente, que nunca lhe viu, sabe que eu nunca vi a pessoa, a pessoa que foi lá encontrar só pra dizer isso assim, me abraçar e ir embora sabe? Então acho que é essa troca assim que a gente tem é o que renova muito o nosso pique pra continuar fazendo e gerando esse tipo de repercussão né, esse tipo de troca mesmo com os ouvintes.

[01:19:15] AV: Luan tu falaste aí dessa questão do número dos ouvintes do spotify e eu ia perguntar justamente isso, se vocês costumam acompanhar digamos essas métricas das plataformas, se vocês sabem mais ou menos a quantidade, qual é a faixa etária, as principais cidades, países, vocês acompanham isso?

[01:19:37] L: Sim, eu acompanho tipo, a que eu tenho acesso o tempo todo é só a do spotify porque como o Budejo agora é da Central 3 essa parte de métrica, a mais destrinchada que pega todas as plataformas e tal, fica com eles e aí eu tenho que solicitar, leva um tempinho, e eles mandam um relatório, mas tipo no spotify, eu vou te dizer os números principais que eles dão, as inicializações, que é quando o usuário ouve zero segundo ou mais de um episódio, a gente tem 557.155, ouvintes tem 61.643 e seguidores, que é quem aperta lá em seguir o Budejo no spotify tem 17.708... aí as métricas tipo da nossa audiência, do nosso público, as mais interessantes assim: 60% feminino e 39% masculino, eu acho que essa é a maior diferença que a gente já teve porque era mais próximo sabe um do outro assim, mas hoje em dia é bem mais masculino que feminino, e a idade dos ouvintes também né, tipo, a maior faixa etária que ouve é entre 28 e 34 anos, 33% da audiência e 27% entre 23-27

[01:20:51] A: eles tão crescendo junto com a gente

[01:20:52] L: é, exatamente, então assim o grosso mesmo da nossa audiência é entre 23 e 34 anos assim e aí o spotify também dá os artistas que nossos ouvintes estão ouvindo, então atualmente é Gal Costa, Caetano, Beyoncé, Gilberto Gil e Chico Buarque, então realmente é muito qualificada essa audiência (risos)

[01:21:13] A: eu pensei que tu ia dizer os doces bárbaros tudim

[01:21:15] L: (risos)

[01:21:18] P: Não tem Maria Bethânia então né?

[01:21:19] L: Não tem, cara, mas já teve várias vezes, é porque ele vai atualizando né... é, e o top5 aqui dos países é Brasil, Estados Unidos, Portugal, França e Canadá, que mais ouvem o Budejo, aí o spotify não fala por cidade assim, mas da última vez que eu vi, se eu não me engano era Fortaleza em primeiro, São Paulo em segundo, Rio em terceiro, tipo Juazeiro era lá tipo quinto, sei lá sabe...

[01:21:45] AV: Hunrum

[01:21:48] L: Mas eu posso pegar isso depois e te mandar mais detalhado assim, eu peço lá pro pessoal da Central 3

[01:21:54] AV: Eu também vou solicitar via ofício (risos) gente, vamos entrar na etapa final dessa entrevista que é o recorte da pesquisa, é, Pedro não viu eu explicar pros meninos porque, aliás, explicar né porque foi no começo da entrevista, que eu falei Pedro que o meu recorte é dessa relação do podcast com os ouvintes e na centralidade de temas, digamos, vem o Cariri por enfim, questões que eu acho que são relativas ao início né de vocês como podcast e que eu imagino que também tenha chamado, tenha sido um dos fatores pra chamar a atenção dos enfim, dos primeiros ouvintes e enfim, como é que acontece essa percepção do Cariri, sobre o Cariri, a partir dos ouvintes na escuta do Budejo né, dos episódios temáticos ou enfim, do podcast como um todo. E aí, é, nesse recorte, nesse delineamento eu queria entender assim, como o Budejo fala sobre o Cariri pros ouvintes, quais temas vocês costumam privilegiar, enfim...

[01:23:30] P: Como é que tá hoje em dia?

[01:23:33] AV: Você pode pensar na dimensão do podcast como um todo assim, não precisa ser exatamente hoje em dia né, mas porque tratar né dessa regionalidade do Cariri num podcast, enfim...

[01:23:49] P: Puxa aí, Luan

[01:23:52] L: Assim, no, na origem a ideia era que a gente falasse da região em que a gente tava né, muito por uma carência de se ouvir em podcast que a gente só consumia coisa que vinha lá do Rio São Paulo e eu era um assíduo consumidor de podcasts e todos os podcasts que consumia eram de São Paulo assim, eu sempre ouvia as histórias de São Paulo, as ruas, as festas e tal, e eu ficava lá ouvindo fingindo que tava entendendo e adorando né, e nunca tinha parado pra pensar que dava pra ter um conteúdo assim só que sobre o lugar onde a gente tá. Então começa daí e aí ajuda muito o fato de que o Cariri é uma região muito rica assim e cheia de personagens incríveis e cheia de história massa pra se contar e casa muito bem com o formato do podcast, né? Tipo esse que Pedro falou que a gente quer fazer em Nova Olinda, cara, Nova Olinda rende uma série inteira da Rádio Novelo assim sabe, se quisessem fazer e vai render um ótimo episódio do Budejo se tudo der certo também, então eu acho que foi muito daí, dessa vontade mesmo da gente querer falar do lugar que a gente tá por cansar de tá ouvindo só o lugar onde as outras pessoas estão lá no eixo do Rio-São Paulo... é, só que aí a gente sentiu que tava se limitando um pouco ao falar só de temas muito regionais porque a gente pô, consegui um convidado massa que não era, que não tinha nenhum link com o Cariri ou com o Nordeste e a gente ficava meio receoso de fazer o episódio e ele ficar meio deslocado do Budejo e aí a gente teve esse insight assim de pensar "não, a gente fala sobre o que a gente quiser falar mas o pulo do gato aí é que vai ser sempre pelo ponto de vista de pessoas que estão no Cariri né?" Então assim, caririenses ou pessoas que moram aqui onde a gente mora vão olhar pra algum tema de um jeito diferente de uma pessoa que tá em São Paulo capital olha né, tipo assim... quando a gente fez sobre Bacurau, que é um filme que o Brasil inteiro assistiu, o nosso episódio ele foi diferente do episódio de todos os podcast sobre Bacurau assim, o Mamilos fez o deles e elas ouviram o Budejo antes de fazer né, e a gente sabe que consegui falar ali de coisas que pô, Bacurau tá muito próximo daqui assim, tipo a gente já viu uma cidadezinha aqui perto, conhece uma história de familiares e tal, então é isso assim.. eu gosto de pensar que o Budejo consegue sempre olhar pros assuntos de um ponto de vista caririense assim, qualquer assunto que seja, sabe. Por isso que a gente não fala mais que leva o Cariri aos seus ouvidos é só porque a gente quer falar sobre tudo e não só sobre o Cariri, mas é sempre com o ponto de vista do Cariri

[01:26:41] P: E a gente acabou nunca cativando ouvinte no Cariri né?

[01:26:44] L: Não, pois é, essa coisa toda que eu falo quando a gente viaja de encontrar ouvinte, aqui quase nunca rola

[01:26:50] P: Não acontece no Cariri

[01:26:53] A: Santo de casa não obra milagre

[01:26:55] L: Tipo acontecia um pouquinho quando a gente começou... é, total, de vez em quando rola mas é uma raridade mesmo alguém parar

[01:27:01] P: No começo mesmo, nossa ideia era como se fosse um podcast escutado só por pessoas do Cariri e arredores e no máximo Fortaleza, e no começo foi até isso assim, muita gente em Fortaleza, muito ouvinte em Fortaleza, mas é até uma minoria no Ceará

[01:27:16] L: é, não, primeiro São Paulo, Rio, o Ceará vem bem depois...

[01:27:22] P: é, foi mudando né

[01:27:27] A: Mas muita gente que escuta a gente

[01:27:28] P: é uma crise que a gente tá tendo ainda, tentando entender o que a gente pensa a respeito, e às vezes em cada nova pessoa que vem e que traz o assunto pra gente a gente vai mudando o que a gente acha, tipo Durval Muniz mesmo foi um mesmo que deu um cavalo de pau na nossa cabeça

[01:27:47] A: Sim

[01:27:47] P: ... que a gente ficou se questionando quais os sentidos do regionalismo e a que serve, porque no começo a gente começou a cismar um pouco de gente que falava que ouvia por causa do nosso sotaque e a gente ficava "hum, mas por causa do nosso sotaque só?" (risos) né, era uma coisa meio estranha, era como se tivesse um fetiche no sotaque ou era porque era uma coisa meio exótica, meio diferente né? mas muito interesse genuíno pela região do Cariri mas em tudo, até hoje, por mais que a gente ainda esteja trabalhando o que é que a gente acha sobre o regionalismo e sobre esse lugar no Budejo, é, não deixa de ser a visão do Cariri sobre tudo, sabe, a gente falando sobre o amplo do Brasil e é sempre um contraste com a nossa própria realidade, quando a gente fez um episódio só sobre a vitória, era os meninos em Juazeiro comentando sobre a vitória lá de Juazeiro e eu falando aqui do Rio de Janeiro e são dois Brasis diferentes, então é sempre esse choque. Vai Aninha, diz

[01:28:51] A: Não, é, é isso mesmo que os meninos falaram assim, acho que essa questão do nosso olhar sempre vai ser diferente, acho que a questão da região né, vem aí do nosso olhar, porque foi aqui que a gente foi criado, Pedro não mora mais aqui mas tipo, foi educado aqui, criado aqui, então a gente tem essa vivência forte aqui né, então eu acho que é importante isso sabe, é.. e o que Luan falou também no início, de ser um podcast que nasce sem ser no eixo sul, sudeste pra pensar temas relevantes nacionalmente também, a gente não precisa falar só sobre temas daqui até porque, a gente ama falar sobre temas daqui, foi muito bom falar sobre Padre Cícero, sobre Auto da Compadecida e pensar um pouquinho na gente e falar sobre Sorvetinha, que pra mim é um dos melhores episódios desse mundo (risos) em Barbalha e eu amo esse episódio demais, tá no meu coração, mas a gente também gosta de falar sobre coisas assim é, pautas mais amplas, nacionais, regionais e tal e sempre com nosso, é o nosso jeitinho, sempre com o nosso jeitinho, é isso sabe, nosso regionalismo sabe? porque assim, caririense é um pouco orgulhoso, é um bicho orgulhoso, porque, porque aqui tem um sentimento identitário muito forte, é quase como se, eu já falei isso em um episódio, eu me embananei toda como se fosse Pernambuco em relação ao nordeste, Pernambuco se acha, é muito bairrista, tudo é melhor, o Cariri é muito assim em relação ao resto do Ceará né, não sei de onde é que vem isso, a gente pode até fazer um episódio sobre isso assim...

[01:30:39] L: Deve ser da proximidade com Pernambuco (risos)

[01:30:41] A: Pode ser né, de vir assim, né, tô nem aí que a gente né, a gente é muito é massa, a gente é uma região, como é, dividida das outras, já rolou esses pensamentos aqui né, mas isso também é uma construção muito tipo, é mais, é mais um construto social identitário do que real, porque de fato não é e se a gente for olhar bem as pessoas e isso mais no âmbito da academia né e da universidade e dos lugares culturais que a gente anda no Cariri porque se a gente for ver nem todo caririense pensa assim não, entendeu? é bem aquela coisa de Durval mesmo, de isso é tudo construto social mesmo, mas ao mesmo tempo isso foi legal e esse nosso orgulho do Cariri foi legal porque meio que demarcou aí sabe o lugar de fala que foi importante pelo menos pra gente se impor, pra gente se reconhecer enquanto um, sabe, é mais ou menos isso Alê, é bem complexo mas.. tu analisa aí (risos)

[01:31:46] L: Alê, e tem outra, tem uma outra coisa também que é acho mais técnica do que filosófica, que é sobre a questão da gente hoje falar um pouco menos sobre o Cariri porque assim, tem temas específicos do Cariri que pelo menos pra mim seria muito decepcionante se a gente fizesse por exemplo um episódio sobre Seu Expedito Seleiro e ele fosse pruma mesa de bar da gente conversando sobre Expedido, ou fosse meramente uma entrevista com o Seu Expedito, a gente queria fazer uma coisa massa sabe, como foi com Luiz Gonzaga assim, viajar pra lá, fazer um episódio legal e tal, só que aí entra o negócio lá do tempo, do dinheiro, do financiamento, da gente ter os nossos trabalhos, então esse tipo de episódio ele demora muito tempo pra ser feito né, um trabalho desgraçado assim pra fazer, o do Luiz Gonzaga foi uns dois meses fazendo e tal e ficou muito massa, é um dos episódios que eu mais gosto mas é isso

assim, pra fazer demanda uma estrutura que a gente não tem né? infelizmente, então acho que talvez por isso também hoje a gente faz menos episódios assim porque a gente quer, quando for fazer, sobre o Cariri né, que é o nosso tema do coração, sempre enfim, dedicar mais e mais da nossa força de trabalho assim pra fazer coisas diferentes sabe, a gente não podia fazer esses episódios como qualquer outro que a gente faz semanalmente assim, que demanda menos trabalho e é mais rápido sabe?

[01:33:15] AV: Hunrum, sim... gente, e já que vocês trouxeram esses alguns aspectos né das vivências e tudo, eu queria saber como é que vocês, é, que relação que vocês estabelecem com o Cariri pessoalmente assim, com o que é que vocês mais se identificam, enfim, na região..

[01:33:37] P: É tudo, eu acho que ser caririense é nossa característica mais forte... num é, pra vocês também num é isso?

[01:33:46] L: Pra mim é também

[01:33:47] A: é...

[01:33:48] L: Eu não sei nem explicar muito bem mas...

[01:33:50] P: é assim, pra mim

[01:33:51] A: Eu nem, mas é exatamente, é estranho, tem essa coisa do orgulho muito grande, eu não sei de onde vem, mas tem isso né de ser do Cariri

[01:34:01] P: Mas que molda tudo, molda o nosso pensamento..

[01:34:04] A: Ser uma região cultural, tem muita coisa aqui por exemplo que só tem em outros lugares assim maiores, e tem aqui e é pequeno entendeu, a gente tem o Padre Cícero, a gente tem romaria, o Pau da Bandeira, a gente tem a expocrato, tem gênios da música, da cultura e expoentes muito bons, e por a gente ser muito próximo a isso né, na produção de cultura, de pensamento, de reflexão, dá um orgulho danado entendeu? então acho assim que por ser uma região assim no meio do nordeste e assim, ter muita coisa aqui né, ser uma região mais diversificada eu acho que tem esse sentimento mesmo de orgulho assim, eu acho que principalmente em relação a cultural mesmo, a cultura do Cariri, o nosso sotaque, é, tipo chegar em Fortaleza e o pessoal "oxente, de onde é esse sotaque" é lá do Juazeiro do Norte e tal.. e forçar ainda mais o sotaque só porque tá em outro lugar, sabe? (risos) só pra dar aquela coisa assim, é muito interessante, assim, acho que é isso, é um orgulho...

[01:35:23] L: e é uma relação tão doida porque tipo eu sou ateu mas quando eu tô em outro lugar falando do Cariri eu falo do Padre Cícero eu falo como se eu fosse um devoto do Padre Cícero assim sabe, eu falo com alegria sei lá, com orgulho de sabe, do Padre Cícero, da romaria...

[01:35:39] P: E ai de quem disser um "ai" do Padre Cícero

[01:35:42] L: Exatamente, e é doido né? porque eu, sei lá (risos) não me, sabe, não é a minha pegada mas quando a gente né, pensa no Cariri como um todo e como a gente entende da nossa região e tal, tudo isso tá muito misturado assim

[01:35:59] P: E o Crajubar tem uma coisa engraçada que Crato, Juazeiro e Barbalha é do tamanho dum bairro, duma metrópole, tem a quantidade de habitantes de um bairro de uma metrópole, cada cidade é diferente uma da outra, e os meninos são de Juazeiro e eu sou de Barbalha e ser de Barbalha já é uma diferença entendeu? Porque é tudo umas cidade pequena ali mas Barbalha é menor e eu sou de Arajara, eu sou de um sítio de Barbalha, então o cabra é sitiense (risos) ... é, e não tem uma diferença muito grande ser Barbalhense e ser Juazeirense..

[01:36:36] L: Total, e Cratense também já é outra coisa né

[01:36:40] P: Faltou cratense, falta representatividade cratense no Budejo, a gente tá silenciando viu os cratenses... invisibilidade cratense (risos) no Budejo e se tivesse uma pessoa do Crato já ia ser uma cabeça bem diferente porque o povo do Crato já pensa diferente, é, e essa coisa interiorana que ai meu deus se eu não fosse do interior não sei o que ia ser de mim não, acho a coisa marlinda do mundo ser do interior, ser de um interior, seja qual for, desse Brasil, mas ser

de um interior desse do Ceará, ser do Sertão, ser dum interior com forró, com mugunzá salgado (risos) e com esse tanto de festa que a gente tem, esse tanto de coisa incrível...

[01:37:23] AV: Vocês falaram aí da questão do sotaque né, e realmente é um elemento que já apareceu nas minhas entrevistas com ouvintes, eu quero saber como, como vocês trabalham esses elementos assim, o sotaque, as expressões locais, tem algum filtro ou não?

[01:37:45] L: Acho que nenhum né?

[01:37:46] P: Acho que a gente às vezes nem faz a tecla SAP né, de explicar o que a gente tá falando, a gente vai soltando as expressões..

[01:37:54] A: Mas no começo a gente já fez episódio com expressão cearense né, com Max...

[01:37:58] L: Já, já teve um glossário, uns dois episódios explicando expressões mas é tipo, acho que no começo que tinha mais episódio descontraído assim, meio sem pauta, a gente falava mais expressões e tinha mais feedback de ouvintes que não eram daqui dizendo "cara, não entendi quase nada que vocês falaram" mas gostei do episódio e tal e desse negócio do sotaque é muito louco porque assim, eu nasci aqui e tal só que meu pai é de Fortaleza e eu ia pra lá e lá eu ficava tentando disfarçar o sotaque né porque sofria aquele bullyingzinho do, sabe, do povo de Fortaleza e tal e acho que eu levei isso pra mim na vida como um todo quando eu ia falar em público, justamente tentava dar um tidi no meio, tanto que no começo do Budejo eu não tinha o sotaque que eu tenho hoje assim, tipo, eu meio que disfarçava no Budejo e com o tempo que eu fui falando normal como eu falo naturalmente sabe? tipo acho que o Budejo me ajudou a me orgulhar mais do meu sotaque que eu super não tinha esse orgulho que eu tenho hoje e é 100% culpa do Budejo.

[01:39:00] AV: Gente, e sobre os convidados assim, é, como é que vocês acham que eles contribuem pra falar sobre o Cariri nesses episódios específicos, digamos assim, como é que vocês pensam né, neles e pra escolha mesmo né de acordo com o tema e o que é que vocês acham que eles trazem assim de, enfim, de contribuição pra falar sobre a região em si?

[01:39:29] A: Eu acho que é uma forma de dar visibilidade por exemplo a alguns pesquisadores, professores da nossa região e da universidade da federal, da regional do Cariri né, acho que é bacana porque dá muita visibilidade e a gente fez o episódio de Patativa do Assaré com uma professora da URCA né, de Letras, e o pessoal gostou muito, eu acho que é bacana, isso é bacana...

[01:39:54] L: O da Beata...

[01:39:54] A: O da Beata com minha amiga que pesquisa, o do Padre Cícero com vários pesquisadores daqui, próprio Leda, porque Leda é uma gestalt terapeuta do Cariri né, ela já tinha uma certa, já era bem famosa na área dela e tipo, ficou, mais gente passou a conhecer o trabalho dela também, acho que é bacana isso de dar visibilidade..

[01:40:17] P: Outros podcasts convidaram ela..

[01:40:19] A: é, e tipo, os já conhecidos, tipo Xico Sá que é daqui, o Max, que é daqui, quem mais minha gente que é do Cariri e a gente entrevistou que é famoso?

[01:40:30] L: Eu acho que, de famoso, Miguel num é daqui não né?

[01:40:37] P: Ele nasceu no exílio, mas o pai é daí

[01:40:40] A: Mas o pai dele é do Araripe né, ou não?

[01:40:44] L: Sim

[01:40:44] A: Né? tipo, tem as raízes no Cariri, sempre tem uma raizinha assim... e aí tipo é legal mais ainda pra outras pessoas dizerem tipo "esse cara famosão aí, é lá do Cariri" tipo, eu vejo dessa forma... e vocês meninos?

[01:41:01] L: Tipo uma coisa que eu acho muito bonito assim é esse lance de a gente consegue fazer episódios muito fudas e que tem repercussão muito grande com gente daqui, isso dá muito orgulho né, porque a gente claro, quando a gente pode falar da galera global e tal, é muito massa também, a gente fica feliz, é fã e tal, mas também dá um baita orgulho da gente levar uma discussão no âmbito nacional com convidados daqui né e a gente ser meio que um holofote pra

aquela pessoa que por tá no meio acadêmico e tal não conseguisse falar pra tanta gente na internet né, então isso é muito legal, episódios como a Aninha falou, pintou um monte de pesquisador daqui e o episódio foi super ouvido assim, um monte de lugar e feedback de tudo o que é canto, tipo Leda foi convidada pra outros podcasts porque apareceu no Budejo sabe, eu acho legal a gente ser meio um trampolim pra uma galera muito massa e chegar e ter uma visibilidade que talvez a gente não teria se não fosse o Budejo.

[01:42:09] P: E ter especialistas do Cariri né, assim, especialista não é só aquele grande jornalista, não é só Bruno Torturra, a gente tem Djamil que é professora da URCA enfim..

[01:42:20] L: é

[01:42:21] A: Que sempre bomba né, os episódios dele é incrível, o pessoal gosta muito

[01:42:25] AV: E é uma fonte que eu não sei como é que assim, era pra tá na Folha de São Paulo, o Djamil

[01:42:30] L: Exato

[01:42:30] A: é uma aula, gravar com ele é tipo assim, dizer "obrigado professor por me ensinar tanto" é uma aula

[01:42:38] L: (risos) exato

[01:42:38] P: Sim, sim, aulas

[01:42:41] AV: Mas enfim, e sobre a receptividade desses episódios gente, específicos, como é assim, o que é que vocês tem de lembrança, eu sei que eles não são tão mais recorrentes mas, esses, a receptividade desses episódios sobre o Cariri, como é..

[01:43:00] L: é sempre incrível, o que eu sempre lembro é o do Pau da Bandeira assim, que a gente gravou achando que ninguém ia se interessar e corta para gente comprando passagem pra vir pra Barbalha conhecer o Pau da Bandeira e miando porque a pandemia chegou e não consegui ver mas é isso assim, a gente tem, a gente foi fazendo sem saber que ia gerar o interesse que gerou mas percebemos que sim, as pessoas querem saber né, querem conhecer e tal, porque dá esse medo... como a gente só consumia coisas de fora, quando a gente ia falar da gente dava um medo de que ninguém ia se interessar por tá todo mundo já bitolado em só querer saber de coisa que acontece lá fora mas talvez pela nossa audiência tipo querer realmente sair dessa bolha assim, então gera muito interesse, isso é muito louco e tem a questão também de por exemplo, o Pau da Bandeira pra gente é super normal né, porque a gente nasceu com ele acontecendo, mas falar sobre ele em voz alta faz a gente perceber o quão maluco é essa festa e como deve ser doido pra uma pessoa conhecer por um podcast como funciona e a curiosidade que ele deve gerar e realmente deve dá vontade de comprar uma passagem de avião pra conhecer isso pessoalmente né, porque não é a festa que a globo tá falando sabe, no circuito cultural assim, não tá passando no fantástico como o carnaval de Olinda sabe? mas o podcast que ela gosta falou então deve ser legal e tal

[01:44:30] V: Inclusive eu fui esse ano, pela primeira vez, doida pra ver se via Belchior numa janela

[01:44:39] P: E nenhum de nós tava lá, só a Mille

[01:44:42] L: Olhe eu tava com muito medo de ir pra muvuca

[01:44:47] A: Eu também, por causa do covid

[01:44:48] AV: Sim

[01:44:50] L: Mas ano que vem vai ter (risos)

[01:44:55] AV: Ano que vem eu vou estar de, não é nem resguardo, vou estar no puerpério.. mas com certeza vou levar

[01:45:04] A: Malu

[01:45:04] AV: Vai conhecer demais (risos) vai viver ai

[01:45:07] A: Comprar uma currupele pra ela

[01:45:10] AV: Compre (risos) eu já vi uma perdida (risos). Só pra fechar né, eu sei que vocês já até falaram disso, mas eu queria é, falar de novo dessa transição né, do Budejo como o podcast

que leva o Cariri aos seus ouvidos para Budejo simplesmente Budejo de vocês... eu queria que vocês comentassem mais, qual o motivo, enfim, como aconteceu, enfim, como é que vocês tomaram essa decisão

[01:45:48] L: Diz aí Pedro, que eu já falei demais

[01:45:50] A: A decisão de mudar no caso né, a chamada, porque isso meio foi acontecendo né, só houve uma decisão realmente editorial de mudar, vamos mudar a chamada, vamos botar só esse é o Budejo, eu sou Luan Alencar...

[01:46:07] P: Mas foi tu Luan que veio com isso...

[01:46:10] L: é então, é porque eu acho que tava meio estranho assim porque a gente tava cheio de episódio que não era sobre o Cariri, começava com essa frase, e eu ficava pensando no ouvinte de primeira viagem sabe, começar a ouvir o podcast começa a falar de uma região que talvez ele nem conheça, o episódio inteiro não é nem sobre essa região e eu fiquei pensando que talvez não combinasse mais tanto com o que a gente tava fazendo e aí eu também não quis pensar numa outra frase que traduzisse aquilo o que eu falei mais cedo, dando o ponto de vista dos caririenses sobre assuntos gerais assim, que eu achei que ia ficar longo de mais, não tem condição (risos) mas foi isso assim, mas sei lá, eu tenho muita vontade da gente voltar a falar um pouco mais do Cariri e esses episódios especiais e tal também, quero muito que aconteça nessa, nesse fim de ano a gente conseguir fazer alguma coisa....

[01:47:09] AV: Certo, e pra finalizar, eu queria saber assim, que é que vocês consideram assim de mais positivo que a experiência do Budejo trouxe pra vocês, tanto em termos enfim, pessoais ou profissionais mesmo, se vocês puderem falar nesses dois aspectos né, se realmente apareceram algumas é, oportunidades ou não relacionadas a participação de vocês no Budejo, enfim, comentar a repercussão pessoal do Budejo na vida de vocês

[01:47:47] P: Cara..

[01:47:47] L: Começa aí Aninha

[01:47:47] A: A minha parte é primeiro pessoal assim, porque é mais uma questão mesmo de realização de aprendizagem, muita aprendizagem né, e de vivências, o Budejo me proporciona isso, vivências únicas né, conversar com pessoas de vários lugares e ter prazer né e a honra de entrevistar muitas pessoas que admiro, aprendizagem, conviver com esses colegas que eu adoro também, a questão da amizade é muito importante pra mim, a questão profissional, como eu não trabalho na área do, vamos assim, os meninos trabalham nessa área de mídia né, então pra eles eu acho que veio mais oportunidades em relação a isso, a minha área é educacional mas mesmo assim o podcast me proporcionou muitos olhares assim importantes, eu utilizo o podcast como minha metodologia de aula, tem até aluno fazendo podcast aí que eu peço como trabalho né, isso vem a partir do, da minha vivência uma, uma participante de um podcast que considero eu, tenho renome, no nosso nicho a gente é bem conhecido, a gente é bem visto, bem falado e temos qualidade, né, e pra isso essa realmente essa satisfação imensa de aprender bastante e assim, é isso... e vocês meninos?

[01:49:17] P: Cara pra mim é, sempre vai ser em primeiro lugar os laços que a gente criou com os ouvintes e entre nós, eu estudei com Aninha no ensino médio, estudei com Vamile na faculdade e conheci Luan no amigos por conta do Budejo, hoje é um grande amigo meu. os laços que a gente criou entre nós, com os ouvintes assim, centenas eu acho que se eu for fazer as contas de gente que eu conheci no Budejo sem contar pessoas que são já do meu coração, que são ouvintes que tão dentro do grupo que são bem mais próximos né, pessoas que chegam por redes sociais ou encontram a gente na rua, acaba sendo mais fortuito, mas em segundo lugar, se não fosse o Budejo eu não estaria fazendo nada na minha área de formação que é o jornalismo (risos) então o Budejo hoje é o meu remanescente no jornalismo e de vez em quando eu esqueço assim, de vez em quando quando a pessoa pergunta "o que tu faz?" "cara eu sou formado em jornalismo e nem faço na área não... aí quando eu vou falando, ah eu produzo um podcast, lembrei agora, eu sou podcaster, eu sou jornalista assim, lembrando bem" e a segunda coisa boa

é essa assim, eu ter esse exercício, poder né, exercer o jornalismo que eu adoro mas que hoje não é meu ganha pão e poder tá inventando coisas como a gente pode tá fazendo no Budejo...

[01:50:45] L: é e pra mim cara, o Budejo mudou minha vida completamente assim, salvou minha vida porque eu tava num emprego que eu odiava e eu era super infeliz e crises e mais crises de ansiedade assim e foi por causa do Budejo que eu consegui trabalhar na Maremoto que até hoje é hoje o que paga minhas contas assim porque na provinha lá pra ser editor da Maremoto eu mandei alguns episódios do Budejo e rolou então até hoje tô trabalhando com isso e larguei advocacia e trabalho tanto na Budejo quando na Maremoto né, mas pra além disso assim, do, de dinheiro e da vida profissional tem pô, a amizade com Pedro, Aninha e Vamile também que hoje são sabe pessoas que eu super amo que a gente sempre que pode se vê e tal, e que eu não tinha antes do Budejo, e esse lance dos ouvintes também é um negócio sei lá, é difícil de explicar como essa relação faz bem pra gente assim, tanto quando eu encontro pessoalmente mas também quando sei lá, tá meio mal e abre o grupo e tá rolando uma conversa bem aleatória e você já fica bem lá de conversar com o pessoal então nossa, mudou, deu um 180 na minha vida assim o Budejo, se não fosse o Budejo não sei nem onde é que eu tava uma hora dessas (risos)

[01:52:04] P: Aninha, agora que a gente tá falando sobre isso, nunca perguntei, mas tu fala na tua sala de aula que tu é podcaster?

[01:52:08] L: Tava pensando nisso também

[01:52:10] A: Às vezes eu falo, tipo, quando eu vou passar algum trabalho sobre podcast eu digo "gente, eu tenho um podcast" pá, nossa..

[01:52:18] P: E teus alunos não sabem que tu é podcaster?

[01:52:21] A: Mais uma vez eu até falei pra vocês é tipo, eu falei, é o Budejo, o episódio mais compartilhado é sobre maconha (risos) era sobre lsd, sobre o que, e minha aluna foi pesquisar no google aí ela falou, aí eu fiquei toda errada na hora lá né, foi muito engraçado mas assim, em alguns alunos que são..

[01:52:42] P: E era com um advogado (risos) era um episódio com um advogado

[01:52:45] A: Eu falei pra eles, ó gente, isso aí é outra coisa, é questão e tal (risos) aí às vezes eu falo, eu indico né pra eles alguns episódios mas é pouco, porque tipo há dois anos atrás eles não sabiam o que é um podcast quando eu perguntava... hoje eles conhecem podcast como videocast, eles conhecem o PodPáh, PodDelas, então pra eles o podcast é esse, então assim, eu acho que é muito estranho, porque pra eles podcast é esses videocast que existe assim, não é o nosso, o nosso estilo entendeu, aí assim eu falo, falo sim pra eles assim.. vez ou outra...

[01:53:31] AV: Hunrum... ah, eu vou recuperar só o início, pedir os dados só sociodemográficos de Pedro Philippe, nome completo, idade, cidade de origem, cidade onde mora, formação, ocupação atual, seu gênero, sua cor, essas coisinhas...

[01:53:55] P: Eu mando por escrito?

[01:53:55] AV: Pode falar, amigo

[01:53:57] P: Nome completo, Pedro Philippe Vieira da Silva

[01:54:03] AV: idade

[01:54:04] P: idade, 32 (risos), fazer as contas

[01:54:09] A: Nossa, ele falou a idade, não acredito (risos)

[01:54:14] P: é, diz de novo, próxima...

[01:54:15] AV: Barballence, né?

[01:54:17] P: é

[01:54:21] L: (risos) a memória de Pedro é ótima

[01:54:22] P: é lógico que eu não vou lembrar, ela falou 30 coisas (risos) diz a próxima

[01:54:29] AV: Barballence morando no Rio de Janeiro, né?

[01:54:31] P: é

[01:54:31] AV: Formado em jornalismo...

[01:54:33] P: anram

[01:54:34] AV: E atuando...

[01:54:37] P: Qual a próxima, não ouvi

[01:54:38] AV: Teu, tua ocupação atual

[01:54:44] P: Ai meu emprego? ai não, vai ter que colocar jornalista, porque eu faço mil coisas

[01:54:50] AV: Certo, jornalista...gênero, cor

[01:54:54] P: Negro, homem cis

[01:55:00] AV: Certo, é isso amigo, tá no Budejo desde o início, pronto..

[01:55:05] P: E falar nisso, o coitado do cara do IBGE veio aqui e eu moro com dois amigos e eu não sei o nome completo deles muito menos a data de nascimento e enquanto eu tava falando com vocês o coitado tava lidando, o Célsio, eu jurei, eu jurei ó, eu jurei a Cécilio que eu ia dizer o resto da entrevista

[01:55:26] AV: Gente, muito obrigada, viu,

[01:55:29] P: Por nada meu bem

[01:55:30] AV: Gostei demais e tava explicando pra os meninos no começo Pedro, que esse é um primeiro contato, digamos, é um material que eu vou usar agora pra qualificação mas se a banca sentir falta de alguma coisa eu volto a aperriar vocês, tá bom?

[01:55:48] P: Lógico

[01:55:49] AV: Vou pedir depois uma, vou formalizar uma autorizaçãozinha né que essas coisas de acadêmicas necessitam, pra enfim, vocês assinarem, enfim, tá bom, mas agradeço demais e até a próxima, muito obrigada por esse episódio do Xadrez Verbal aqui (risos) e vou já pedir, amanhã né, vou pedir a consultoria do Luan pra eu misturar isso tudo e mandar pra pessoa que vai transcrever, brigada viu gente, boa noite

[01:56:25] L: Um cheiro, boa noite

[01:56:25] A: Tchau gente

[01:56:26] P: Cheiro meu amor, foi ótimo

[01:56:28] L: Tchau meu povo, bom demais ver vocês

[01:56:29] A: Tchau galera

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES EPISÓDIOS TEMÁTICOS

Budejo Podcast:

Episódio #08 - Pau da Bandeira: as tradições, o sagrado e o profano
(29 de maio, 90 minutos)

Participantes:

Luan Alencar - L

Felipe Azevedo - F

Aninha - A

Amanda Souza - AS

Isaac Macedo - I

Pedro Felipe - P

[00:00:00] Vinheta

[00:00:22] L: Sejam bem vindos a mais uma edição do Budejo podcast que leva o Cariri pros seus ouvidos, a gente tá aqui toda quarta feira pontualmente ao meio dia e você aí do outro lado, assine nosso feed nos aplicativos tocadores de podcasts, spotify, deezer, itunes, onde você preferir e também segue a gente nas redes sociais "Budejo Podcast" tanto no Twitter como no Instagram, e aí compartilha, espalha o Budejo pros seus amiguinhos, pra todo mundo que você conhece, e vamos fazer isso aqui crescer cada vez mais, e é o seguinte, meu nome é Luan Alencar e no Budejo de hoje a gente vai falar sobre o Pau da Bandeira, porque tá chegando, já é esse final de semana, essa festa muito peculiar que talvez alguém que não seja daqui do Cariri fique meio que "o que é Pau da Bandeira?" né? o que se trata, qual é o lance de pegar no pau, o que é aí o lance do Santo Antônio, enfim, então pra bodejar aqui comigo sobre o Pau da Bandeira estão Felipe Azevedo...

[00:01:22] F: é isso aí, bom dia, boa tarde, boa noite pra você que assim como eu já se emocionou cantando Linda Barbalha, de Alcimar Monteiro, isso, uma música muito bonita que fala sobre a cidade, você não precisa ser Barbalhense, ou até não precisa ser Caririense pra sentir aquela vibração, aquela catarse quando o pau tá atravessando o centro da cidade, com aqueles homens todos sujos, atravessando, fazendo lá aquele ritual muito bonito, quem não conhece o Pau da Bandeira, a gente hoje vai tentar aqui falar pra vocês de uma maneira mais leve, didática, engraçada, porque somos (risos) né isso, sobre essa festa tão bonita aqui do Cariri, Barbalha

[00:02:08] L: é isso aí, e também Aninha, e aí Aninha, tudo bom?

[00:02:12] A: Olá meus amores, espero que esteja tudo bem com vocês, e realmente Felipe, assim, o Pau da Bandeira ultimamente tá sendo a única coisa alegre né, no nosso horizonte de perspectivas (risos) porque é aquele momento realmente de curtir uma festa linda, cultural, cheia de coisa, e assim, vale a pena conhecer demais e que bom que tá chegando, ainda bem que tá chegando, mês de junho é bom demais né não meu povo?

[00:02:39] F: se prepara aí Barbalhense

[00:02:42] L: é isso aí, aqui também Amandita, Amanda Sousa, e aí?

[00:02:44] AS: E aí galerosa do Cariri and dos outros apps, (risos) tocadores de podcast, estamos aqui para ir para a festa do Pau e é isto, vamos todos admirar Barbalhinda

[00:03:01] A: Eu soube aqui que a gente vai fazer uma camisa, um bloquinho, acabei de saber né?

[00:03:06] L: Já tem o logo, tá tudo pronto já

[00:03:08] A: Uma pessoa que vai fazer a arte né Amandita

- [00:03:11] F: Daqui pro final do episódio alguém tem que pensar num nome ein, desse bloco
- [00:03:13] A: Exatamente, o Budejo tem que estar lá presente em bloco
- [00:03:16] AS: Então é isso, nos encontrem lá com nossos abadás,
- [00:03:19] L: é isso aí, aqui também Isaac Macedo, e aí cara
- [00:03:23] I: E aí meu povo, especialmente essa saudação pra você que tá na expectativa pra pegar no Pau, pra roçar, pra sentar no Pau da Bandeira (risos) e pra pegar e se roçar em outros pau, também porque não... porque não, a festa não é pra desencalhar, gente, o momento é esse, o momento é esse tô na expectativa pra pegar no Pau, não disse de quem, então tô contando os minutos pra esse domingo chegar
- [00:03:48] L: Percebeu que eu não falei, ah, ele, que é o convidado, num sei o que, percebeu, percebeu?
- [00:03:53] I: Porque eu não sou mais convidado, eu estou no grupo do whatsapp entendeu? (risos)
- [00:03:58] L: E pra terminar, ele, a nossa cota Barbalhense do Budejo, que é ele que vai ter lugar de fala aqui hoje, protagonismo, Pedro Felipe...
- [00:04:09] P: Oi meus bombons festeiros, você que está nos ouvindo numa quarta-feira meio dia pensando "ô sábado, porque não chegas" será que em Barbalha já é sábado? faz tempo né, hoje em Barbalha já começa, amanhã já começa mais ainda, sexta feira, já começou, sábado já se desgraçou e domingo a gente se estrepou
- [00:04:31] I: e segunda feira ainda é feriado em Barbalha né?
- [00:04:33] P: cara, imagina uma cidade que tem um feriado municipal chamado "ressaca do Pau", cara é surreal
- [00:04:40] F: isso é sério? que a segunda feira pós Pau da Bandeira é feriado? pelo amor de Deus
- [00:04:43] P: é feriado, e qual o nome? possível de dar prum feriado desse? ressaca do Pau
- [00:04:49] L: Maravilhoso, perfeito
- [00:04:50] I: zero defeitos
- [00:04:50] F: Vamo explicar pra quem não sabe de onde é que vem esse Pau né?
- [00:04:54] P: Que pau é este, de onde ele veio?
- [00:04:56] Vinheta e música
- [00:05:26] L: Eu acho que assim, como a gente já tava falando, vamo tentar explicar esse acontecimento dum jeito que quem não é do Cariri, que a gente percebeu que muitos ouvintes nossos não são do Cariri, entendam mais ou menos o que é, porque Barbalha ela é, pra quem assistiu *Twin Peaks*, eu e mais cinco pessoas no mundo, ela é o *Black Lodge*, ela é um lugar alternativo que você entra em um portal e sai em Barbalha, porque ela parece um cenário cenográfico da globo da novela das seis, no meio do Cariri, então assim
- [00:05:54] A: A entrada da cidade é muito bonita, porque é bem marcada pelos verdes canaviais né, que é retratado nas músicas que falam sobre a cidade, então é uma cidade muito bonita e que vale a pena conhecer, a meu ver é uma das cidades mais fofinhas do Cariri, é Barbalha mesmo
- [00:06:08] P: é, bem lembrado Aninha, porque só a entrada de Barbalha já é a coisa mais perfeita do mundo, quando você entra ali
- [00:06:12] AS: Aquele paredão alí é demais
- [00:06:15] L: é lindo
- [00:06:15] P: entrando por Juazeiro, você pode ir por Missão Velha também ou pelo Arajara, mas indo pelo Juazeiro à esquerda um canavial imenso e à direita mais um canavial até a Chapada do Araripe e na frente a cidade linda com a Matriz lá em cima, é fofo demais
- [00:06:29] AS: E aquela igreja é muito linda, muito maravilhosa
- [00:06:32] P: E ainda tem um rio Salamanca, você atravessa o rio e chega em Barbalha

[00:06:35] L: Pedro, explica um pouquinho, fala um pouquinho na verdade, sobre Barbalha assim, com todas as suas peculiaridades...

[00:06:39] P: Barbalha, sim, é uma cidade peculiar mesmo, parada no tempo, (risos)

[00:06:46] F: Tem um tempo que ela é parada no tempo né? (risos)

[00:06:48] P: ...tem um tempo que ela é parada no tempo, desde que foi criada a cidade (risos), Barbalha é uma cidade de 55 mil, 60mil habitantes, junto do Crato e Juazeiro que forma o triângulo Crajubar e todas juntas é como se fosse uma cidade só né, você não percebe assim, não tem uma divisão clara entre uma cidade e outra, então são três cidades coladas, mas ao mesmo tempo cidades muito distintas, e Barbalha é uma cidade pequena, com mentalidade de cidade pequena, monarquista, integralista, um pouco nazista (risos)

[00:07:22] I: tem um símbolo de nazismo em algum lugar da cidade

[00:07:22] P: ... tem, em alguns prédios,

[00:07:24] L: Mas porque que tem, assim?

[00:07:25] P: Cara, porque...

[00:07:27] I: Porque o povo se passa, isso aí pra começar... porque pra ter um símbolo de nazismo em qualquer lugar do mundo hoje em dia

[00:07:34] L: Mas porque é prédio histórico, num é tombado não? não tem essa justificativa?

[00:07:36] I: Os prédios são tombados, é

[00:07:38] P: Eu devia tentar né, arrancar com o dente,

[00:07:45] I: Pra Felipe me botar no tumtum e ...

[00:07:47] F: só se for, mas porque tem esses símbolos ainda?

[00:07:50] P: Cara, eu nunca fui atrás, mas eu sei que o movimento integralista dos anos 20 teve um movimento forte na cidade que se juntou com o movimento monarquista que sempre foi muito presente porque tinha uma cidade canavieira, escravocrata, muitos prédios foram criados por negros, é uma cidade com muitos prédios até hoje tem senzala preservada nos prédios, a Igreja do Rosário foi construída por negros e juntaram tudo num bolo só de preconceito e de intolerância e acharam prudente aderir ao nazismo, mas é isso

[00:08:25] I: No sertão do Ceará

[00:08:26] P: E fora, essa loucura que na verdade é elitista, tem um movimento de cultura popular fortíssimo na cidade com muitos grupos de cultura popular como reisado, como o penitentes, tem o grupo, dos grupos de Matheus, se pintam de preto, o chapéu escândalo,

[00:08:47] AS: que é uma figura do reisado

[00:08:48] P: sim, exato, e aí criou-se o Pau da Bandeira do século XX também, que era uma tradição de cortar um mastro, um pau e sair arrastando pela cidade,

[00:08:57] AS: o mais alto

[00:08:57] P: ... com os homens carregando, acho que naquele tempo era uma coisinha pequenininha

[00:09:02] F: 1928

[00:09:03] P: ... em 28, só nos anos 70 é que virou um potencial turístico nisso, e o padroeiro da cidade é Santo Antônio, então é o Pau de Santo Antônio, pra hastear a bandeira da matriz do Santo Antônio, ergue o Pau, crava no chão e hasteia a bandeira de Santo Antônio lá, e aí todo ano vão prum sítio, embrenhado na mata, eu nunca fui, Felipe é que foi...

[00:09:25] F: já, já fui uma vez...

[00:09:27] P: ... o fuá que é aquilo ali

[00:09:28] F: ... porque eles pegam essa mística do Pau da Bandeira e juntam com a tradição casamenteira do Santo Antônio e passam desde 1970 pelo menos, fazendo todos os anos esse, essa alusão fálica ao Pau, Pau de Santo Antônio, Pau da Bandeira que vai hastear, então há um grupo de pessoas que são chamadas de carregadores, porque o, a madeira né, o pau, que eu acho que geralmente é um jatobá, imenso, de muitos,

[00:09:59] AS: aroeira, não?

[00:09:59] P: todo ano muda

[00:10:01] F: ... vai mudando né, pesa toneladas, tem um grupo de pessoas né, que são os carregadores do pau e eles vão lá e escolhem todos os anos, qual árvore vai ser cortada, levam um padre pra benzer, e vai todo um grupo de pessoas, centenas assim de, a maioria de homens, fazer o corte do Pau da Bandeira, eu tive oportunidade há uns dois anos de acompanhar como que é o sistema do corte né, é como Pedro falou, as pessoas vão, elas começam a beber cachaça tipo assim, terça feira, seis horas da manhã, eles começam tomando um caldo, qual o nome do mercado Pedro, em que eles tomam o caldo?

[00:10:38] P: ah, não sei

[00:10:39] F: o único mercado que tem na cidade, eles vão lá, eles tomam o caldo às 6 da manhã pra reforçar, isso eles já tão bebendo, depois do caldo eles vão pra matriz de Santo Antônio em Barbalha e o padre benze todo mundo e canta uma música específica pra aquele dia, aquela música é cantada naquele dia antes do corte do Pau, e aí, os cara já tão tudo bêbado dentro da igreja inclusive com cachaça assim debaixo do braço e o padre benze todo mundo, eles cantam esse hino do corte e sai todo mundo em marcha pra zona rural da cidade onde já foi escolhido essa árvore centenária pra fazer o corte, e isso aí envolve umas brincadeiras entre eles, que eles começam a se bater e todo mundo acha que eles tão brigando de verdade apesar de ser realmente umas agressões bem pesadas eles não estão brigando de verdade, aquilo ali acontece todo ano, é uma mística

[00:11:29] L: Car****, clube da luta

[00:11:30] F: ...essa mística das agressões entre eles eu não sei explicar, mas é tipo um clube da luta assim, explícito

[00:11:38] A: sabe assim, desculpa te interromper, mas será que envolve assim, tu falou o pau com essa simbologia fálica, então tem muito isso da agressividade presente né, então eu acho que deve, assim inconscientemente deve ter algo relacionado a isso né

[00:11:53] F: sim, a participação do masculino

[00:11:55] AS: masculinidade né, a performance masculina dentro do ritual

[00:11:59] F: ... isso, tanto que carregadores não tem mulheres né, esses carregadores são, não vou dizer cadastrados, mas não personagens que todos os anos são as mesmas pessoas, eles tem uma camisa própria, eles se vestem, eles rezam antes do corte do Pau da Bandeira, e tem também o capitão do corte, o capitão do Pau, que é um cara que ele comanda todos aqueles caras lá, e quando o capitão fala aquela galera tem que obedecer a ele, até porque é muito perigoso né, é uma árvore de toneladas que vai ser cortada, aí ela cai, aí lá em cima, aonde a gente começou, tem um cabo de aço tentando puxar essa árvore por dentro da mata fechada, enquanto esses homens colocam esse pau também nos ombros, né, a gente tem até históricos de acidentes fatais com isso e depois que eles conseguem tirar lá de dentro da da da zona rural e colocam pra cidade, eles levam prum sítio onde vai ter a cama do pau, porque esse Pau ele tá verde, ele tá vivo ainda, e ele tá muito pesado, tá extremamente pesado, e não tem como esses carregadores humanamente levar essa árvore dessa zona rural que fica a 15, às vezes 20 quilômetros de distância da sede da cidade, não tem como eles levarem no ombro, é humanamente impossível, então esse Pau da Bandeira fica secando, acho que por uma, uma semana e meia, duas semanas né, na cama, ele seca, porque ele vai perdendo densidade acredito, e fica mais fácil de levar, aí quando chega no dia da abertura da festa de Santo Antônio é esse cortejo famoso, onde eles vão lá nesse sítio que o Pau tá descansando, levam, todo mundo também já muito bêbado, bebendo pra cac*** e levam até em frente a matriz onde esse Pau é hasteado, onde lá na ponta tem a bandeira de Santo Antônio né, flamejando lá em cima, e é onde começa toda a festa né, a festa popular também, a festa um pouco mais mundana que chamam, o Aviões do Forró da vida que vai tocar no dia especial, mas o apelo popular da festa de Santo Antônio ele é ainda muito vivo, inclusive lembra muito o que acontece, guardadas as

devidas proporções, em Olinda né, porque a gente tem aquele centro histórico de Barbalha, tem pessoas coloridas lá, tem muita cor, muitas bandeiras né,

[00:14:11] A: O Pau da Bandeira é nossa Olinda né

[00:14:14] F: é o nosso carnaval no Cariri, pode-se dizer, porque há também uma, um sentimento de de pertencimento àquilo, onde é naquele dia que eu vou poder dizer "ah, eu vou pegar no Pau de Santo Antônio", onde as mulheres elas até que existe muita ressalva aí...

[00:14:31] I: é o sagrado e o profano literalmente, é o que a gente tem de mais concreto aqui do sagrado e do profano eu acho que é a festa do Pau da Bandeira, tem as romarias também, mas não se compara assim, porque na romaria em Juazeiro do Norte, os romeiros enfim, os que fazem parte da programação profana a noite, não tão ali com a bênção do padre né, mas a festa do Pau da Bandeira por exemplo, claro que a bebedeira etc e tal a igreja não vai dizer que apoia, mas também não tem nenhum movimento contrário com relação a isso

[00:14:32] F: ela faz a famosa vista grossa né, pra putaria que acontece

[00:15:00] I: exatamente

[00:15:01] F: bem aqui do lado, mas assim né, cê imagina, a gente tá aqui no Cariri, em Barbalha, falando sobre até determinado ponto do culto há o Pau, há o fálico, e é uma coisa que acontece no Japão, no oriente, existe cidades lá no Japão onde o pênis, agora literalmente mesmo imagens do pênis são cultuados pelas pessoas existem...

[00:15:28] I: sabe dizer quanto é que custa uma passagem de avião pra lá? (risos)

[00:15:34] F: o japonês ele às vezes surpreende, eles são tão metódicos assim

[00:15:39] L: japonês é muito doido

[00:15:42] F: eles não levantam a voz pra ninguém mas..

[00:15:45] I: mas o pau levanta né (risos)

[00:15:46] F: vacilou, você (inaudível)

[00:15:49] L: já imaginou um japonês no Pau da Bandeira em Barbalha... ia ser...

[00:15:52] P: iam se refestelar

[00:15:53] F: mas enfim, é uma brincadeira muito fálica, porque é um monte de homem segurando num pau, se esfregando um no outro

[00:16:00] I: e eles fazem questão de falar "o pau"

[00:16:01] F: e quando derrubam o pau eles ficam nessa brincadeirinha de um pegando no outro

[00:16:07] AS: broderagens...

[00:16:08] P: procura broderagens no xvideos

[00:16:10] F: vocês lembram do goi?

[00:16:14] L: são héteros que fazem de tudo menos penetração e não é gay

[00:16:19] P: enfim, dos anos pra cá a gente vem questionando essa coisa do pau, porque é o seguinte, quando o pau tá vindo lá da cama do pau, então eles saem de lá de manhã e só vão chegar na cidade no finalzinho da tarde, só que de manhã já começou a festa em Barbalha, e aí começa a festa com uma missa de manhãzinha cedo na igreja da matriz, terminou a missa começa o cortejo que é a coisa mais linda do mundo

[00:16:45] AS: que é lindo, a melhor parte

[00:16:45] P: ... umas duas horas, que é todos os grupos de tradição da cidade fazendo o cortejo pela Rua do Vidéu

[00:16:53] AS: distribuindo cachaça

[00:16:54] P: é, no final vai passar a cachaça do vigário, que é um alambique, é um alambique que chama?

[00:17:00] F: é um tonel, um tonelzinho de carvalho

[00:17:03] P: em cima de uma carroça, isso porque há muito tempo tinha um vigário que distribuía cachaça pro povo, não é mais do vigário, agora é da Kariri com K que é uma marca de cachaça, mas é lindo, e enfim, a festa já tá acontecendo aqui na cidade durante a manhã, até meio dia mais ou menos, e aí de uns anos pra cá o movimento feminista, pessoas do movimento

feminista da região começaram a fazer a marcha das mulheres no domingo de manhã, porque é uma festa problemática, no sentido de que é uma cidade machista, fazendo uma festa que faz alusão a situações e coisas machistas, que é por exemplo, uma mulher precisa casar, toda mulher quer e precisa casar, então Santo Antônio vai resolver o problema da mulher

[00:17:43] I: sem falar nas simpatias né também

[00:17:44] P: ... então aí pega a mulher e esfrega no pau e a brincadeira é essa, pra você se casar, Santo Antônio vai lhe dar seu marido se você se sentar no pau ou se esfregar no pau

[00:17:54] A: e sendo uma festa de rua né, como um carnaval, também tem muito assédio né, assim, a forçação de barra, então acontece da mesma forma que no carnaval a gente tá vendo as prefeituras se organizando pra fazer campanhas contra o assédio né, seria até interessante, eu não sei se tem

[00:18:13] F: no poder público não tem

[00:18:14] A: ... o poder público fazer também essa campanha pra ser uma festa bacana, de rua, né, sem...

[00:18:19] P: exatamente, até mais porque tem essa temática do, do solteirona né, os homens acham que podem dar em cima de todo mundo, que as mulheres estão ali realmente em busca de homens e tal e não para se divertir apenas

[00:18:29] AS: e que no caso seria um favor né, porque se já tá solteira e precisa casar o que eu estou fazendo é um favor né,

[00:18:35] F: exato

[00:18:35] A: e assim, quando eu era assim adolescente, pré-adolescente, a ideia que eu tinha da festa era que tivesse cuidado, que os homens chegavam beijando mesmo, agarrando mesmo, então

[00:18:48] AS: não vá de saia

[00:18:48] A... tinha muito essa ideia assim, realmente, tenha cuidado, fique com os amigos, como toda festa de rua tem seus perigos, né, algumas coisinhas de violência, brigas, enfim, por conta das desmesuras né, do álcool, nem sei se essa palavra existe, mas inventei aqui agora

[00:19:06] F: desmesuras do álcool

[00:19:09] A: e assim, eu lembro que era, ó, tenha cuidado, não vá assim prum lugar que pode ser que os homens lhe peguem pra dar um beijo ou coisas assim, relacionadas a isso, então eu acho que talvez a presença, acredito né, que a presença do movimento de mulheres do Cariri, que antigamente era a marcha das vadias, só que mudou...

[00:19:29] P: achei sensacional, foi bacana, em todo o Brasil acontecia a marcha das vadias, por problematizar a própria palavra vadia né, e aí elas quiseram incluir todas as mulheres, não só para as mulheres que se reconheciam como vadias

[00:19:39] A: as senhorinhas

[00:19:42] P: ... então a marcha das mulheres, que a gente tá numa região que o índice de feminicídio é altíssimo, é uma coisa assim, é um dos maiores do Brasil, e é uma coisa inconcebível, inconcebível a gente continuar aceitando, normalizando esse tipo de situação que é a violência contra a mulher e em caso de chegar ao homicídio e elas quiseram incluir todas as mulheres o que é bom, isso acontece assim que termina a missa.... e tem mulheres que entendem o que tá sendo colocado nos cartazes e eu acho massa porque cultura popular é uma coisa inventada, não surge igual o próprio pau, brotou da terra, foi alguém que inventou, e muitas coisas foram inventadas por homens pra favorecer homens usando uma linguagem que é masculina e não é por isso que existe, uma coisa que existe a centenas de anos que a gente vai continuar aceitando da maneira que está "ah, não pode mexer porque a festa é assim"

[00:20:31] A: e é bacana porque como a festa fica os holofotes todos sobre o Cariri nessa época né, além de acontecer essa marcha tipo, eu lembro que numa greve de professores o pessoal quis marcar presença lá, então é bacana que os movimentos sociais meio que se organizam pra também dar visibilidade em relação a, enfim, a qualquer pauta política

[00:20:54] I: é porque como é um evento que reúne tipo milhares de pessoas nas ruas, então a presença de políticos lá, de governador, até mesmo de candidatos a presidente da república já passaram por lá, assim, pré-candidatos porque a festa de Barbalha não tá no período de eleição né...

[00:21:10] F: ... mas a festa de abertura é famosa pela presença de políticos, tem fotos assim históricas né, o ex governador Tasso Jereissati ele foi por muito tempo inimigo político dos Ferreira Gomes, por exemplo, que são os caciques políticos do Ceará, são aqui os irmãos Cid e Ciro, e já tiveram anos que os dois estavam sentados assim, a igreja, uma igreja católica ela é normalmente dividida assim, tem a ala da esquerda dos bancos, um corredor no meio e os bancos da direita né, então tava assim PSDB a cúpula de um lado, no banco, de frente ao altar, do outro lado os inimigos políticos deles, então acontece várias vezes e é onde eles se encontram ali, é uma disputa de espaço, porque a gente tem também o fato de que acontece em junho, em junho quando é ano político já começou, né? apesar das eleições...

[00:22:07] P: Eduardo Campos veio né, em 2016? ele tava aqui

[00:22:10] F: E desfila né, quando o Eunício Oliveira que foi por muito tempo presidente do congresso nacional

[00:22:18] P: Veio ser escrachado aqui

[00:22:19] F: Que a gente gritou golpista várias vezes

[00:22:20] Vinheta e música

[00:22:51] L: Você tava falando ainda quando tava falando do Pau das mandingas, que até Isaac falou... que eu acho que é uma parte fundamental dessa festa

[00:22:58] P: Isso, que também foi uma coisa inventada e que não tem nem 15 anos, que já acontecia o Pau da Bandeira...

[00:23:05] L: é recente assim?

[00:23:05] P: é muito recente, tudo é inventado, não pense que os índios, não... é, o Pau da Bandeira era essa festinha pequenininha, no domingo acontecia o Pau da Bandeira e depois treze dias de quermesse, que é a trezena de Santo Antônio até chegar no dia 13 de junho que é dia de Santo Antônio e aí encerra-se a festa, e aí era sempre uma quermessezinha assim pequena em frente da igreja, naquele jeitinho do, imagine o Auto da Compadecida, Barbalha é aquilo ali, um parquezinho, uma roda gigante, um bate-bate e um leilão, sempre tem um leilão

[00:23:41] F: um leilão dum frango ou dum galeto

[00:23:44] P: exato, eu esqueci o nome do narrador, do narrador do leilão, que ele sempre fala, "e agora vamo lá, uma galinha linda linda" (risos) tudo dele é lindo lindo, mas uma galinha linda linda, enfim, com leilãozinho aquela coisa e tal e tinha o Josafá que até *fun fact*, era até amigo de Lula, os dois quando foram presos juntos

[00:24:04] L: Olha aí

[00:24:04] P: ... foram vizinhos de cela, Josafá Magalhães, faleceu acho que tem 15 a 17 anos lá em Barbalha, foi uma pessoa que lutava muito por questões sociais dentro da cidade, foi um dos fundadores do PT aqui e se preocupava muito com a permanência da festa e foi ele que falou com Socorro Lula que é a solteirona mais rea... ô, mais famosa do Brasil e disse "Socorro, você que é solteirona, se orgulha de ser solteirona, Santo Antônio é casamenteiro, vamo inventar alguma coisa", ela "marrapaz, a participação que eu gosto de ter nessa festa é me embriagar, a obrigação que eu quero ter é só essa" e ele disse "não, você vai ter uma, vamo fazer no sábado que é a noite das solteironas, que é a noite do pré-pau e você vai fazer, vende a casca do pau, faz chá, faz um Santo Antônio de biscuit, vai inventando coisa, e aí o que arrecadar dá pra paróquia", e aí foi o que ela fez... foi fazendo assim uma coisa bem pequenininha, só de uns 10 anos pra cá sempre tem atenção da mídia, muita gente vai, assim, tornou-se um evento dentro desse evento que é a noite das solteironas no sábado antes do Pau da Bandeira

[00:25:10] AS: agora ela já tem uma barraquinha né, tem uma barraca com lugar pra bater foto, dá um véuzinho pra você bater a foto, tem um lugarzinho bonitinho pra você beber o chá, é uma maravilha...

[00:25:22] P: antes ela fez só com uma mesa de plástico, era desse jeito, mas é muito bonito como as coisas crescem absolutamente do nada, e imagine é uma cidade com 60mil habitantes aí tinha essa loucura de entrar no mei do mato, se embriagando desde as seis horas da manhã, tem um sanfoneiro na beira da trilha, uma zabumba tocando e o povo derruba o pau e arrasta esse pau e não pode com o pau mas levanta e cai...

[00:25:51] F: às vezes morre, acontece né

[00:25:52] A: misericórdia, Jesus... Pedro tu falou esse lance né de que as coisas são inventadas né, e cresce né, eu achei bacana que agora que tem uma história dum casamento coletivo né, depois, depois dos festejos se não me engano, e assim foi, eu fui na primeira vez que teve e foi uma das coisas mais lindas que eu já vi, várias noivas mais carentes e tal, se inscrevem num programa lá, recebem vestido, maquiagem, cabelo de graça, e vão plenas naqueles carros antigos né, e fazem um desfile pela cidade e chegam e fazem, enfim, casam na matriz, um casamento coletivo, a coisa mais linda, helicóptero descendo, caindo pétalas de rosa do céu, enfim, eu achei muito bacana, então é como você fala né, de uma hora pra outra já vira tradição

[00:26:41] P: isso

[00:26:41] A: ... começa, inventa e vira tradição e de repente você não consegue mais ver o evento sem isso né, sem esse acontecimento

[00:26:49] P: isso vai pra terceira edição já, que eles escolhem 13 noivas, que esse número cabalístico de Santo Antônio que é o número 13 de Santo Antônio, 13 dias de festa e é 13 noivas de Santo Antônio e foi inventado por Rosemberg Cariri que é um cineasta caririense de Farias Brito que criou a escola de saberes de Barbalha, num prédio belíssimo, sensacional, que é um equipamento, à parte do poder público e de qualquer iniciativa privada assim, é só da vontade dos Barbalhences de manter um prédio com museu, com curso, com eventos, enfim, e aí o Rosemberg trouxe essa ideia de Portugal, de uma cidade que agora não vou lembrar o nome, que o padroeiro também é Santo Antônio, e no dia de Santo Antônio acontece esse casamento, ele tava lá uma vez, viu e "poxa, tem que acontecer em Barbalha", chegou em Barbalha, deu a ideia e aí eles saem procurando, as noivas se inscrevem, selecionam 13, pelas melhores histórias, que é uma homenagem a todas elas esse dia e vão atrás de salão pra fazer cabelo, loja pra dar o vestido, cerimonialista... e aí a partir do ano passado deixou de ser 13 noivas porque 13 era o número do PT, olha que absurdo...

[00:27:59] L: meu Deus do céu

[00:28:00] I: passou a ser quantas?

[00:28:01] P: 12,

[00:28:03] I: af, podendo botar 14, mais um...

[00:28:04] F: é o número do PDT, aí mudou só uma letra

[00:28:08] P: aí teve que descer pra 12, porque 13 é PT

[00:28:10] L: Não acredito

[00:28:10] P: Mas olha que louco, porque no ano passado em tempo de eleições a igreja de Barbalha proibiu até a bata vermelha

[00:28:19] I: mas tem alguma coisa a ver? a gente que é daqui sabe, mas atualmente Barbalha é comandada por um prefeito do PSDB, será que tem alguma coisa a ver já?

[00:28:28] P: que subiu num trio elétrico fazendo sinal de arma com a mão, então...

[00:28:31] F: coisas chatas que acontecem

[00:28:36] P: e desfazem, e separam, desvirtuam o sentido do negócio, tá entendendo...

[00:28:40] F: esse lance de Isaac perguntou de o governo atual não ser um governo mais próximo à esquerda é uma coisa que já aconteceu, eu não sei, eu parei de observar eu acho, mas muito aqui nas cidades menores, o, trocava uma administração e todos os prédios públicos de

escola, a creche, a lavanderia, o muro era pintado, se fosse uma pessoa por exemplo do PT, pintava de branco e vermelho a escola municipal fulano de tal, se no ano seguinte fosse um velho político do MDB aqui da região, aí trocava todas as cores, então eu acho super provável que esse lance da igreja ter tirado a bata vermelha durante as celebrações de missa seja ligado a isso também

[00:29:29] I: pois eu tô é passado porque pra mim essa história de cor de bata, esses panos todo que a igreja,

[00:29:37] P: é um rito bíblico né?

[00:29:37] I: é, tem tipo cada período da bíblia ou da igreja, tem uma coisa específica

[00:29:42] L: eu acho doido esse negócio de mudar a cor da bata porque qual é, o que é que eles pensam, que vai ter um eleitor lá assistindo a missa e vai ver "ó lá a cor da bata do papa, ia votar no Bolsonaro agora vou votar no Haddad porque a bata desse padre..."

[00:29:57] F: me convenceu, mãe, vou mudar meu voto

[00:29:58] L: não é debate, não é discussão, é a bata do padre que vai convencer meu voto

[00:30:01] F: aquele perfil vira voto do instagram não tem sentido né?

[00:30:05] L: Num é, eu fui pra praça convencer...

[00:30:08] AS: era só todo mundo ir pra igreja... ó, Haddad, próxima vez, manda todo mundo vestir bata vermelha

[00:30:13] F: Barbalha desperta nas pessoas

[00:30:16] L: Lula você aí da cadeira, ouvindo Budejo (corte)

[00:30:21] Vinheta e música

[00:30:50] F: O Pau da Bandeira é muito emocionante pra mim, a gente fica na Rua do Vidéu esperando, isso passa pela cidade inteira, então você pode escolher qualquer ponto, o meu ponto é sempre na Rua do Vidéu e aí eles dão alguns passos segurando o pau aqui nos ombros e aí derruba, no que derruba é aquela refestelança,

[00:31:05] AS: muito muito bonito mesmo, gente

[00:31:07] F: o povo querendo sentar no pau e aí levanta, anda mais um pouquinho, isso até chegar na matriz, quando ele levanta assim, quando eles levantam assim perto daquele grupo, eles vão andando, quando eles levantam o pau, é uma emoção tão grande, é uma coisa tão linda

[00:31:17] P: todos gritam

[00:31:19] A: E dá vontade de chorar mesmo

[00:31:20] F: eu sempre choro, e é porque eu não entendo, não faço a menor ideia de que merda é esta

[00:31:26] A: mas vem né

[00:31:27] F: mas é uma coisa, por exemplo, futebol, qual o sentido de você torcer por um time X numa bola num negócio, uns caba correndo e bota dentro numa trave, não faz o menor sentido, mas você chora, você briga, você quebra as coisa, você se diverte

[00:31:40] A: você que compartilha significado, ah, é maravilhoso, faz todo sentido

[00:31:45] P: quero saber quando a gente vai começar a falar, porque assim, aqui no Cariri a gente tem a guerra de paredões, eu quero saber quando é que a gente vai falar sobre a guerra de sanfoneiros nas calçadas de Barbalha na época do Pau da Bandeira

[00:31:56] F: meu deus, anota essa ideia agora, a batalha de sanfoneiros, é sério... gente, e é pesado porque as pessoas claro, estão contratadas né, estão recebendo pra aquilo, mas elas ficam horas cantando nas calçadas e assim, fique bem claro pra quem não é de Barbalha que são as famílias com poder aquisitivo que contratam essa galera né

[00:32:15] P: será que há uma competição interna? tipo assim, nesse ano a calçada da minha casa vai ser mais animada do que a de fulano

[00:32:23] A: com certeza

[00:32:23] I: não sei, eu acho que sim

[00:32:25] P: faz sentido né,

[00:32:26] AS: O poder simbólico, com certeza, é isso aí, é aquela coisa de tipo, a minha festa é maior que a sua, eu posso não ganhar dinheiro, mas o meu prêmio é ser notada como a melhor festa da casa de Barbalha, distinção, status

[00:32:40] P: Bota pra tocar nessa hora, Luan "o forró daqui é melhor que o seu, sanfoneiro é muito melhor"

[00:32:45] I: E chamar atenção porque a festa do Pau da Bandeira é tipo assim, são milhares de pessoas nas ruas, então é uma zuada danada, e o que que acontece, tem paredão, tem palco do SESC tocando com show por exemplo, e tem lá o senhorzim em algumas calçadas né, tipo tocando um forrozinho que claramente é como se fosse uma festa particular porque quem tá passando na rua não vai parar naquela calçada pra dançar forró, eu pelo menos nunca vi

[00:33:08] F: um tipo de ostentação

[00:33:09] I: ... é uma ostentação e tipo a galera daquela casa tá com os portões abertos, mostrando a festa, a comilança e a bebida lá dentro enquanto tem um caba na calçada tocando, gente, pelo amor de Deus...

[00:33:22] AS: e assim, às vezes não é só um sanfoneiro, às vezes é o trio, é uma banda, né?

[00:33:27] L: eu tinha preconceito com o Pau da Bandeira porque as primeiras vezes que eu fui, eu fui acompanhado da família de uma ex minha, era muito rica e a gente ia pra ficar nesses lugares que eram tipo uns camarotes do Pau da Bandeira, tocando umas músicas muito chatas e tal e pra mim a minha imagem era aquela, até que anos depois eu fui com uma galera que não era hétero top e eu vi que tem toda uma outra parada lá eu po**** aqui sim é um lugar legal, que é puxado mais pra parada cultural, regional, num sei o quê...

[00:33:56] F: pra quem é de fora, uma imagem legal é pensar, de dimensões assim, a gente tem uma cidade como o Pedro falou de 60 mil habitantes, que vivem muito bem nesse espaço, mas que nesse tempo de festa chega a quantas pessoas lá?

[00:34:10] P: centenas de milhares, 200 mil...

[00:34:11] I: duplica, talvez eu ainda bote um triplica a população da cidade

[00:34:16] L: e é uma festa na cidade inteira basicamente assim...

[00:34:20] I: e a cidade um detalhe, claro que não vai caber 130 mil pessoas, 140 mil numa rua, mas tipo, 75% dessa galera de Barbalha com os visitantes fica na Rua do Vidéu que é a rua principal, onde passa o Pau da Bandeira, esse mastro maravilhoso que vai ser hasteado com a bandeira de Santo Antônio, enfim, mas fica na rua do Vidéu, que não é uma rua assim tão grande, tão larga, e que cabe muito bem porque as pessoas se espremem, ai gente, saudades, quero, já tô pensando em domingo, não vou mentir

[00:34:50] AS: pisoteadas...

[00:34:52] F: e o que é um pouco irônico é que Barbalha é uma das referências do nordeste em atendimento hospitalar, tem hospitais, dois hospitais, que eles estão construídos em locais de alta concentração de pessoas durante a festa do Pau da Bandeira né, você imagina, carro de som passando, aí você imagina, quanto mais perto o Pau tá chegando mais os fogos vão ficando intensos, e paredão em todo tempo, e cada casa competindo qual a banda melhor ou o paredão que é mais alto, você está planejando adoecer em junho, tente ir para outro lugar

[00:35:28] L: ou nascer em junho também né, em Barbalha

[00:35:30] I: as urgências e emergências, como é... as ambulâncias pra chegar nesses hospitais, claro, o departamento municipal de trânsito, imagino... eu torço pra que tenha uma estratégia pensada com relação a isso, né, mas realmente não tinha pensado nisso, e detalhe que o Pau da Bandeira passa em frente a um dos principais hospitais

[00:35:48] F: aos dois hospitais

[00:35:51] I: p**** que p****

[00:35:52] AS: ó, lembrando agora das vezes que eu fui, inclusive aquela rua que fica na lateral do maior hospital, fica cheia de barraquinha, então assim, eu tô pensando agora realmente não chega, só se for de helicóptero, tem um heliporto lá, Pedro?

[00:36:08] P: tem não

[00:36:10] AS: é, então não chega gente

[00:36:11] P: desce num canto e vai a pé o resto...

[00:36:12] L: adocece no Crato, desce em Juazeiro

[00:36:15] P: é, não vai estragar minha festa (risos) brincadeira.... gente, mas como eu tinha falado, começa na quarta, não é onda, e a título de comparação, me parece muito com o dia de Iemanjá em Salvador, porque é uma festa que acontece na rua do Rio Vermelho, não vou lembrar o nome da rua, na beira do mar, no Rio Vermelho, e as pessoas vão pra dar oferenda à Iemanjá e ela começa na madrugada do dia primeiro pro dia dois, então meia noite cê chega, meia noite do dia dois, dia três, você pode ir pra casa, já chega lá dia 2, fica lá a té o dia amanhecer eu fiquei voltando pra casa, é um misto de, porque lá a religião é outra

[00:36:53] F: glória ao pai

[00:36:53] P: ... glória a exu, candomblé, mas é a mesma coisa, religioso, sagrado, profano, é quase isso, quarta feira a gente começa tomando uma cervejinha, na Rua do Vidéu, em Negão de Sinhá ou Silúmio (???)

[00:37:05] AS: Silúmio

[00:37:05] P: Inclusive já começo aqui recomendando, Silúmio

[00:37:08] AS: O Silúmio fica num local estratégico porque ele fica praticamente em frente ao local que o Pau vai ser hasteado, então não fica muita movimentação né, não fica muita gente por ali, porque a maior parte das pessoas está na Rua do Vidéu, então ali por Silúmio é um lugar bem bacana se você quer pegar no Pau

[00:37:26] P: Quinta feira já tem uma panelinha batendo, a gente já fica hum, porque amanhã é sexta, não é pecado...

[00:37:35] I: é por isso Pedro, que é muito importante o Juazeirense, os Cratenses, você que é Pernambuco, você que é de Missão Velha, apesar de existir uma rixa entre as duas cidades, tudo bem, mas enfim, é por isso que é importante você ter um amigo Barbalhense com residência fixa, com comprovante de residência, com papel de luz pago (risos) é importantíssimo, Naira me espera, tô chegando!

[00:37:59] A: minha gente, assim, eu também assim como o Luan eu tinha uma visão da festa de uma forma muito assim, conturbada, eu sempre ficava na Rua do Vidéu, quando eu conheci o palco dos peleja, o palco dos pelejas é, eles ficam em frente, acredito eu, na casa deles

[00:38:17] P: é, entrando na casa deles

[00:38:18] A: ... e acho que é algo comentado pelo SESC né, e assim, eles tocam só aquelas músicas boas que a gente já conhece, Fagner, um forrózinho, Geraldo Azevedo

[00:38:29] P: um Chico César, um Caetano...

[00:38:30] A: ... mar também um forrózinho bom pra gente forrózar, e é bom demais, e é lá onde fica mais a galera alternativa do Cariri, né, a galera que curte esse som bom, que não gosta de uma briga, não gosta de uma pancada,

[00:38:41] L: que ouve o Budejo...

[00:38:42] A: que ouve um Budejo, um povo bonito né pra se paquerar também, não é aqueles hétero top assim que gosta de uma briga, certo? e é maravilhoso

[00:38:54] L: Fugam dos héteros top

[00:38:55] A: e é o melhor lugar para se ficar lá, então sempre eu dou essa dica, em frente ao palco dos peleja

[00:39:02] AS: explica isso Aninha, para se ficar lá?

[00:39:03] A: para ficar lá, enfim, ouvindo a música e fazendo outras coisas se assim você quiser... fomentar também o namoro, por que não, é muito bom também, não, né?

[00:39:14] AS: quem sabe já sai de lá casado né?

[00:39:18] F: fomentar o namoro (risos) faz uma desconstrução dessa

[00:39:23] A: Conheço vários casais (risos)

[00:39:24] P: ei, mas sabia que eu já fometei um namoro na frente do palco dos peleja? foi muito engraçado, Vamile chegou pra mim dizendo "ó Pedro, aquela menina ali tá querendo ficar contigo" e quando eu olho a coisa mais linda do world wide web, aí eu disse "não, tenho coragem não, ela é linda demais" aí Vamile "meu filho, vamo se decida se decida, se não eu vou dizer a ela que procure coisa melhor" (risos) "valha mulher" aí ela "é Felipe, vamo cair na real, uma menina bonita desse jeito, vou mandar ela procurar coisa melhor" "não, vou procurar coragem", aí namoramos... dia de Santo Antônio, ou melhor, dia do Pau da Bandeira, em frente ao palco dos peleja, o cupido pode chegar lá pra você também

[00:40:04] I: o cupido tá lá em todos os lugares, porque eu me lembro do meu primeiro Pau da Bandeira, que foi na casa de José Luna, eu tenho ódio desse dia até hoje (risos) porque Zé Luna, era domingo né

[00:40:15] L: grande Zé Luna

[00:40:15] I: E aí Zé disse, olhe, a gente faz um trabalho da faculdade "olhe Isaac, então chegue lá em casa 8 ou 9 da manhã que a gente já pega o cortejo cultural" pra fazer uma reportagem, tal tal, e afim, aí eu cheguei e a pessoa que marca 8 horas da manhã ela chega 8 horas da manhã, eu cheguei a 8 horas da manhã na casa de José Luna, abri, liguei, deixei recado na caixa postal, não sei, não mais vi, ele estava dormindo aí a mãe dele disse "não, entre, eu vou tentar acordar" de repente até a mãe dele sumiu, e eu fiquei de 8 horas da manhã até tipo meio dia esperando o Zé acordar no sofá da casa dele pra poder finalmente...

[00:40:50] P: mas e o cupido?

[00:40:52] I: o cupido aparece depois, porque quando acordou ele chegou tinha Corrinha, a tia dele, Socorro Luna né, com algumas simpatias, dentre elas o famoso chá do Pau da Bandeira, com uma essência, na época era a grande novidade das simpatias era essências que você tinha que passar aqui debaixo, atrás da orelha e tudo o mais e eu fiz isso tudo e deu certo, no ano seguinte eu voltei pro Pau da Bandeira namorando e esse namoro durou sete anos e tipo assim, mas deu certo de verdade eu fiquei passado por exemplo é uma coisa que eu não quero ter contato esse ano é com as simpatias (risos)

[00:41:25] P: Socorro loba

[00:41:26] A: pois olhe, com 18 anos eu tomei o chá e nunca, solteira, nunca casei

[00:41:31] I: Você tomou com fé amiga?

[00:41:32] A: com fé

[00:41:33] AS: pois eu também tenho uma história

[00:41:35] F: Arrasa amiga

[00:41:35] AS: Eu tive um relacionamento, aí a gente terminou, aí passou um tempão separado, coisa de ano, e aí nesse intervalo vim do Recife e tal e o (?????) disse vem aqui, e eu disse não, pois vamo pra quermesse, tá bom, fui pra quermesse, tomei o chá, semana seguinte ó, tava ligando, a gente foi se aproximando, voltei o namoro... eu digo uma coisa...

[00:42:01] L: Tiro e queda

[00:42:01] AS: Aninha, falou uma coisa que eu acho que faz sentido, Santo Antônio ele arruma um namoro, um casamento, mas é como se fosse qualquer pessoa (risos)

[00:42:12] P: Ele num é criterioso não?

[00:42:13] AS: Ele não é criterioso, quem é o santo que é criterioso Aninha?

[00:42:15] A: São José, porque segundo minha mãe, isso já foi falado em outro episódio, do Padre Cícero

[00:42:19] L: Foi mesmo..

[00:42:20] A: São José ele arruma um bom marido, Santo Antônio ele preza pela rapidez, ele pega qualquer um pra você

[00:42:26] P: Tô passado, Santo Antônio...

[00:42:30] I: Santo Antônio é tipo o Grindr... (risos)

[00:42:34] P: é o Tinder dos santos (risos)

[00:42:35] AS: então assim galera, se você tá muito desesperada, quer muito agarrar alguém, Santo Antônio é o cara, mas aí se você quer uma coisa mais criteriosa aí você apela pra São José

[00:42:45] L: ô Pedro, tu é, aliás, Isaac tava falando de Zé Luna, e tu tem história de Zé Luna fechar o Pau da Bandeira

[00:42:50] I: Qual é a história que não há de Zé Luna, em qualquer evento social da regial metropolitana do Cariri

[00:42:56] F: Zé Luna perpassa por esse podcast né

[00:42:59] I: tem que ser convidado aqui

[00:43:00] P: Mas deixa eu só explicar porque ele chegou na casa de Zé 8 horas da manhã e Zé tava dormindo, porque é obvio, eu tô falando que a gente tá bebendo desde quarta-feira...

[00:43:09] I: Não, Zé está correto, ele poderia ter me avisado entendeu, que ele não ia tá acordado 8 horas da manhã

[00:43:13] P: Você que caiu no conto do vigário

[00:43:15] AS: E ainda tem que o sábado é o pré-pau, é o pré-pau com a noite das solteironas né?

[00:43:19] P: Bicho isso é muito imoral, a gente tem pré-pau, prépré-pau e préprépré-pau (risos)

[00:43:24] F: E o pós né, com a ressaca

[00:43:26] AS: Muitas preliminares bebê

[00:43:28] P: Muitas preliminares antes do pau entrar

[00:43:28] I: amo

[00:43:30] P: Mas o do sábado é porque ele é pesado mesmo, mas o da prefeitura traz shows, em diversos pólos, então tem diversas opções de onde encher a cara e pecar, e aí dura até a madrugada, depois a pessoa não quer voltar pra casa depois que você começa a beber você não consegue mais parar e a vida é assim (risos)

[00:43:51] I: eu não vivi, nunca tinha vivido, e até hoje não considero como vivência, o pré-pau, no ano passado eu fui na noite das solteironas, mas trabalhando então eu já cheguei e disse "minha nossa senhora, eu preciso terminar o serviço e voltar pra cá", mas acabou não rolando, mas é tipo assim, eu não conhecia o pré, claro, tinha ouvido falar várias vezes e tudo o mais mas não tinha presenciado, e é tipo, como se fosse uma festa à parte assim, é uma, são festas e festas e tudo pra chegar o pau entrando, maravilhoso

[00:44:21] P: pra mim, o mais divertido no sentido de beber, porque você começa à noite, você bota aquele look ajeitadinho, bota um perfume, sai, vê um show, depois termina na casa de alguém ou num bar bebendo até de manhã, aí imagine que no outro dia às 10 horas da manhã você tem um compromisso, que é começar a beber às 10 horas da manhã, e você foi dormir às 5, aí você acorda querendo estar morta

[00:44:46] A: erro de principiante né, porque ou você, eu assim, eu não consigo mais ir pro pré-pau, porque eu sempre bebo até mais tarde, fico muito cansada, estou com uma idade avançada (risos) no outro dia não estou querendo ir para o cortejo que ao meu ver é a parte mais linda e maravilhosa do Pau da Bandeira, então assim, dá pra equilibrar os dois? dá pra equilibrar...

[00:45:11] P: não, mas tem que voltar no horário razoável pra casa, mas a gente não consegue

[00:45:15] L: o jovem, Pedro, o jovem...

[00:45:19] P: Mas a gente não quer perder o cortejo, aí...

[00:45:21] F: Mas Aninha, uma pergunta, quando você fala em curtir o pré-pau e voltar depois do dia do Pau, você volta pra Juazeiro?

[00:45:29] A: sim

[00:45:30] I: aí que tá o erro, gente, a gente quem que achar esse endereço fixo em Barbalha

[00:45:32] F: tem que fazer amigos barbalhenses

[00:45:36] P: tá aqui com a gente agora

[00:45:36] AS: por isso que quando eu vou eu durmo na casa de (??)

[00:45:39] I: Naira repito, tô chegando viu?

[00:45:42] F: Vocês aí que tem amigos barbalhenses aí...

[00:45:45] L: Como vocês aí?

[00:45:46] I: Pedro Felipe não é seu amigo? clima tenso entre os brothers

[00:45:51] F: Minha gente, tô falando pros ouvintes

[00:45:52] em coro: aaaaaah tá

[00:45:54] I: pensei que era um desabafo

[00:45:55] F: não, pros ouvintes que tem amigos barbalhenses começarem a se programar

[00:45:59] I: Aquela amizade sincera, com quem tem piscina em casa no período do calor

[00:46:04] P: muito bom, ai uma piscininha... sim, aí tem isso, porque as pessoas que moram em Barbalha sempre fazem no domingo um mungunzá com feijoada com tudo o que é comida desse tempo já de junho e uma cajuininha bem geladinha e a geladeira cheia de cerveja

[00:46:20] I: mas Barbalha tem um motivo especial pra existir né, porque a gente tá vendo aqui que Barbalha acontece uma vez por ano né?

[00:46:28] P: olha é isso que eu não gosto, já começo a ficar chateado (risos) porque o povo fala desse jeito de Barbalha..

[00:46:39] I: mas é verdade (risos) Barbalha ganha essa relevância toda a ponto de ser, por exemplo,

[00:46:44] P: vai pra Fátima Bernardes

[00:46:45] I:... notícia nacional e tudo o mais

[00:46:45] F: e internacional

[00:46:46] I: uma vez por ano e é sensacional, porque é uma vez por ano que compensa os outros 11 meses e não sei quantos dias de hiato entendeu

[00:46:55] P: alguém falou que era um portal no começo, quem foi?

[00:46:57] L: Fui eu, fui eu

[00:46:59] F: Luan com uma série que só ele assistiu, a caverna do dragão

[00:47:02] P: em outubro o prefeito de Barbalha fez questão de botar a gente em notícia nacional sendo o primeiro ou talvez o único a apoiar Bolsonaro, ai senhor

[00:47:13] L: pra combinar com a suástica dos prédios né?

[00:47:15] P: ai Barbalha, me ajuda a te amar

[00:47:18] L: uma crítica aí

[00:47:18] P: é, mas falando sobre o pré-pau, uma coisa que eu esqueci de contar, é que por muito tempo, que é a festa que eu gosto mesmo que eu chuto o pau da barraca, no outro dia...

[00:47:26] F: o pau da bandeira (risos), no outro dia recolhe o pau da barraca

[00:47:29] P: e no outro dia eu só vou ver o cortejo, volto pra casa arquejando, suando frio de ressaca, aí fico numa sombra, aí depois no final da tarde saio de casa, dez horas, porque eu tenho juízo, eu volto... Zé Luna não, Zé Luna fica até o outro dia de manhã

[00:47:46] I: Mas eu preciso falar de um episódio de Pedro Felipe

[00:47:47] P: nam, mas deixe eu contar, não estou conseguindo terminar sobre o pré-pau, que por muito tempo eu fiquei conhecido por transar uma vez no ano, que era no pré-pau (risos) quem nos ouve desde o começo sabe que minha fama é esta, agora eu transo no pré-pau e na expocrato se der sorte (risos) se for um bom ano, mas o pré-pau é bom minino

[00:48:10] I: Pedro, é engraçado pois os ouvintes vão pensar que você é aquela pessoa desprezível, e você é aquela pessoa que saiu no jornal, no Bom Dia Ceará, as pessoas precisam entender, porque assim, se tem toda essa mística né, de arranjar um namorado, de sair da soltei, enfim, de deixar de ser solteiro, criaram em Barbalha, porque assim, sagrado, profano *and* tecnologia, criaram um aplicativo tipo o tinder mesmo, vamo falar que foi cópia sim, o tinder Barbalhense, que essa cidade só melhora, e era justamente pra funcionar durante o Pau da Bandeira porque as pessoas baixavam esse aplicativo, quem tava na festa ia ver, ia das os likes

e tudo o mais, e aparece, claro que aparece né, uma reportagem sobre esse aplicativo, sobre essa novidade, a foto centrada no aplicativo é simplesmente de Pedro Felipe,

[00:49:07] L: eu tenho esse print até hoje

[00:49:09] I: Pedro Felipe ele usa de todas as ferramentas possíveis, ele fala do pré-pau mas ele já apelou pra tecnologia, eu acho que Santo Antônio já tá cansado dos seus pedidos (risos), você dá fora no povo viu?

[00:49:19] F: por isso que não tá dando certo

[00:49:20] P: Era só Santo Antônio que me ajudava, mas cara, na segunda feira de manhã acordei com meu chefe me ligando, eu pensando que já tava atrasado pra alguma reunião ou coisa assim, imagina segunda de pós-pau, que só é feriado em Barbalha, eu trabalhava no Juazeiro, não era feriado, aí ele me ligando eu "alô" ele "tá famoso né" "como assim?" "passou no jornal" "eu passei no jornal?" "você precisando namorar, tá aqui todo mundo já sabendo" eu "como assim cara?" aí ele explicou que tavam falando sobre o aplicativo, lógico que eu tinha baixado, lógico que eu tinha criado um perfil, aí quando eu cheguei no trabalho fui procurar pela reportagem, não tinha, fiquei só dando F5 até que apareceu aí tirei um print desse momento

[00:49:59] F: A gente vai postar no Twitter esse

[00:50:01] P: Tá a manchete embaixo, que eu não lembro exatamente

[00:50:04] I: Mas eu vou procurar e vou achar, agora assim, eu vou lembrar também de outro episódio do Pedro Felipe, e aí por exemplo, Pedro Felipe é uma pessoa midiática entendeu? e é uma pessoa que ele se destaca na multidão (risos), é a pessoa por exemplo que está no cortejo do Pau da Bandeira segurando um cachorro debaixo do braço (risos) e essa foto, que é Belchior né?

[00:50:21] P: meu Belchiorzinho

[00:50:22] I: E essa foto foi divulgada em algum site de notícias da região, não sei se foi o (???) eu sei que tem essa foto circulou, e Pedro Felipe eu mandei pra ele, tipo, todo mundo assim olhando com muita serenidade o cortejo cultural com um cachorro debaixo do braço

[00:50:38] P: Um yorkshire

[00:50:38] I: minha gente (risos)

[00:50:41] P: é porque é bem família esse momento do Pau da Bandeira, e todo mundo sai com minino no carrinho e a família toda feliz, minha família é Belchior, não, mintira mainha, eu tenho seres humanos no meu convívio, mas o meu filho é Belchior

[00:50:52] L: é justo

[00:50:53] P: sim, ainda falando sobre o pré-pau, teve um sábado que a gente ficou fazendo festa na calçada até cinco da manhã e a festa é grande na noite do sábado e aí precisa passar o caminhão de lixo limpando pra o domingo tem que tá limpinho lá na manhã, aí chegou a polícia, e já era cinco horas da manhã e pediu pra desligar, aí Virgínia Macedo, sai de dentro da casa toda descabelada, sem nem entender o que é que tá acontecendo, morta de bêba e já chegou gritando "quem foi que desligou o som, a música, que eu gosto...", aí quando ela viu atrás dela tava o policial, muito tranquilamente pegou no ombro dela e disse "é porque já são cinco horas" e ela "ah, meu senhor, entendi, mas a gente vai baixar", "não, mas não é baixar não, é desligar", "mas já tava baixo" "mas a gente vai desligar, tá bom?" ela "mas só minha música, pelo amor de Deus" ai ele já completamente passado, olhou pra cara dela o PM "minha filha, daqui a pouco tem mais, pelo amor de Deus, vá dormir" (risos) macho a pessoa levar pra vida um carão desse da polícia, "minha filha pelo amor de Deus, vá dormir"

[00:51:52] F: Ela foi dormir?

[00:51:52] P: foi dormir, aí passou o caminhão de lixo limpando tudo, aí José vai pra casa em cima do caminhão de lixo e eu correndo atrás "desce daí Zaqueu" (risos) minha gente é muito trabalho que esse povo me dá em Pau da Bandeira, pelo amor de Deus, e no dia do Pau, não contente né? bebemos até cinco horas da manhã, dez horas a gente acordou pra ver o cortejo, aí a gente sempre lembra se arrastando, teve uma vez que José virou bicho no pré-pau, queimou a

largada, tava passando malzão foi aí que a gente criou um meme interno "porque ele vive eu posso crer no amanhã", aí José ressurgiu da casa dele aos trancos e barrancos e vai para o cortejo, a gente tá na Rua do Vidéu e aparece José com uma latinha (risos) eu "fi duma mãe, tu num tava morrendo nesse instante? morrendo de vomitar, eu te dei um caldo, e tu vem com uma lata de Skol", não Pedro Filipe e só assim pra aguentar... aí com um pouco cara, José segura assim no meu braço fazendo que ia desmaiar, pegando assim na cabeça, tendo um passamento e eu "que foi, que foi?" ele "cara, não sei, acho que eu respirei cultura demais, tô passando mal" (riso coletivo) ele respirou cultura né f* duma m**, ele não queria sustentar que tava muito tempo debaixo do sol, vendo esse monte de cultura passando nessa rua (risos) foi cultura demais

[00:53:19] P: cara, pra mim encerra aí

[00:53:20] F: aí não contente, fica o domingo inteiro, imagina a gente começa a beber 10 horas da manhã de ressaca, e vai prum canto e vai pro outro e vê um palco, e vê pros peleja, e tira onda num bar, aí quando dá mais ou menos 10 horas eu já tô mei *life* total, vô pra casa, aí meia noite Zé manda um áudio dizendo "olhe galera, eu achei prudente ir pra casa agora, já tô indo dormir, eu acho que já fiz minha parte, num era o rendimento que eu queria ter tido esse ano, sinto se eu desapontei alguém" a coletiva de imprensa após o jogo (riso coletivo) porque ele acha que tem uma reputação a zelar, que a gente se preocupa com a vida dele, aí ele "já tô indo dormir", meia hora depois ele "gente, eu pensei assim só em dar uma voltinha pra ver como era que tava a cidade, se tava tudo certo, me preocupei com meus amigos", quatro horas da manhã outro áudio, isso a gente só escutou no outro dia, óbvio, "pronto, agora assim deu tudo certo, infelizmente em frente a casa de macarrão o sanfoneiro ainda estava tocando, fiquei por ali, chamou pra ir pra Avelar e pra num sei pra onde, mas já deixei fulano em casa" e só gente com quem a gente nunca conviveu, ele dizendo que tava deixando o povo em casa "já deixei fulano, e num sei quem, e a sobrinha de num sei quem, e júnior de cumade Luzinete de Zé da gráfica tá na casa dele" (riso coletivo)

[00:54:41] I: Agora Pedro, uma pergunta, acho interessante só você Barbalhense vai poder responder, qual é o sentimento da cidade, qual é a aura da cidade pós-Pau da Bandeira, depois que o Pau é hasteado?

[00:54:52] P: Depois que o Pau é hasteado...

[00:54:54] I: Quando acaba a festa

[00:54:54] P: Não, quando o Pau é hasteado é vira bicho, nosso compromisso é acabar o litro que a gente já começou, secar o litro, depois é ressaca, a gente pensa "po**** ainda tem mais festa" a preocupação é essa que ainda tem mais festa pra vir

[00:55:06] I: São doze dias pela frente, né

[00:55:07] P: Mais treze, começando...

[00:55:09] I: Ah, verdade

[00:55:09] P: Agora vai ser no dia 2, no domingo, e dia 13 termina, agora tem quermesse todo dia, tem que ver como é que tá, se tá tudo do jeito que a gente deixou (risos)

[00:55:21] I: Esperamos que não, que tenham se recuperado

[00:55:23] P: Pra não fazer aquela desfeita com Santo Antônio, tem show, que quem curtir um forrozinho vai ver um forrozinho, tem o dia dos namorados que sempre tem os águias, a gente tem que ver os águias, inclusive a gente já fez uma intervenção no dia do, no show do Fábio Júnior

[00:55:39] AS: Eu lembro

[00:55:40] P: Foi, porque sempre no dia 12 é um show romântico aí teve Fábio Júnior, a gente levou uma placa dividida por letras perguntando pro Fábio Júnior "cadê moção?" (risos) quando eu já tinha acabado de criar o meu arroba no Twitter, aí Fábio Júnior olhou assim "num sei" (risos) é isso que a gente faz e aí quando termina realmente assim, passou o dia de Santo Antônio que é uma, quem dizer ir inclusive no dia de Santo Antônio é muito lindo, é uma procissão

belíssima porque todos os sítios X da cidade fazem cada qual o seu andor, fazem uma procissão pela cidade e ir até a matriz, é lindo

[00:56:14] I: Isso acontece em Juazeiro também

[00:56:15] P: Ah é? mas o nosso com certeza arrasa mais

[00:56:17] I: Com certeza (risos)

[00:56:19] P: Tem uma disputa entre cada sítio pra ver qual andor é mais bonito

[00:56:23] L: Mas olha só, uma hora de programa já, tem alguma consideração final a fazer sobre o Pau da Bandeira, alguém aqui?

[00:56:28] P: é só o começo, e ainda vem São João, né? preocupe-se com seu fígado que ainda tem junho, que é a coisa mais maravilhosa que existe no mundo e quando passar junho ainda tem expocrato, então...

[00:56:42] F: é por isso que o Cariri é o que é, né? a gente é regado a algazarra e bebedeira

[00:56:44] L: é isso aí, nossos ouvintes que estão planejando vir por Cariri esses dias aí ó, apressa o passo, tem que curtir esse fuá todinho aqui, então vamo pra, acabou? vocês tem mais alguma coisa?

[00:56:54] AS: Eu tenho uma dica

[00:56:56] L: Por favor

[00:56:56] AS: é importante

[00:56:57] L: mas dica é no recomenda, não?

[00:56:58] AS: uma dica sem ser recomendação (risos) uma dica importante pra quem quer aproveitar o Pau da Bandeira na companhia dos amiguinhos e das amiguinhas, é o seguinte, geralmente celular não funciona

[00:57:11] P: é verdade

[00:57:11] AS: então chegue cedo com sua turma, porque se você não chegar com a turma, dificilmente você vai encontrar lá

[00:57:19] L: boa, boa dica

[00:57:20] P: mas também, mas uma dica boa, é que se você quiser se perder, o momento é esse, porque o que não vai faltar é gente bonita, gente interessante, tem umas pessoas que você pode evitar sim, mas o importante é que se você também quiser conhecer outra galera o momento é esse, tá todo mundo bêbado

[00:57:35] L: se perder em Barbalha também, é a coisa mais fácil e mais tranquila do mundo

[00:57:41] P: mas tem é gente viu meu filho

[00:57:42] L: mas num vai morrer

[00:57:43] P: você não vai sair da Rua do Vidéu, então... de uma esquina pra outra dá tudo certo, mas se perder assim e não encontrar com seus amigos não se desespera não, tem tanta galera bonita pra você conhecer

[00:57:53] F: a gente tava falando no começo sobre quantas pessoas tinham, eu pesquisei aqui rapidamente, é, entre os dias, entre todos os dias, entre o dia 2 e o dia 13, são de 500 a 600mil pessoas passando pela cidade

[00:58:05] P: 600mil...

[00:58:07] F: só no dia, só no primeiro dia que é o dia do Pau da Bandeira, ao mesmo tempo são 350mil

[00:58:13] I: no dia do Pau?

[00:58:15] P: no dia do Pau da Bandeira são 350 mil e eu aqui pensando em 130mil pessoas

[00:58:19] F: realmente não é uma boa opção especialmente se você não for aqui da região

[00:58:24] I: se você não for aqui da região vá com a galera, mas se você for da região também não se preocupa não

[00:58:27] L: talvez algum ouvinte de cidade grande esteja ouvindo esse número de pessoas e pensando ô besteira, mas tem que entender

[00:58:35] F: concentrada num bairro praticamente

[00:58:36] P: isso, numa cidade minúscula, muito pequena
[00:58:38] L: exatamente
[00:58:40] F: imagine o carnaval de Olinda, ou do Recife, numa cidade muito pequena como é Barbalha, então assim meu amigo, vai dar muito mais certo
[00:58:46] L: é isso aí
[00:58:47] F: se você tá pensando numa coisa maravilhosa, é melhor do que isso (risos)
[00:58:51] L: então vamo lá pro nosso quadro "Budejo Recomenda"
[00:58:55] Vinheta
[00:58:59] E agora com vocês no ar, Budejo Recomenda:
[00:59:04] L: eu vou começar porque eu tô emocionado aqui porque pela primeira vez esse programa participou de um programa podcast dos outros
[00:59:14] F: ah, legal
[00:59:14] L: pois é, porque
[00:59:16] P: os podcast aleio
[00:59:17] L: os podcast aleio, porque a galera do Nicolas, que é o podcast mais genial
[00:59:21] F: quem que é o Nicolas?
[00:59:22] L: a proposta mais genial do mundo, o que é o Nicolas? boa pergunta Felipe, o Nicolas é um podcast que consiste em a cada episódio eles falam sobre um filme do Nicolas Cage
[00:59:34] F: só, só Nicolas Cage?
[00:59:35] L: é isso, é um podcast em homenagem a esse belíssimo ator, Nicolas Cage, e aí o, o Pedro, não esse Pedro aqui da gente, o outro Pedro
[00:59:45] P: o Pedro de Nicolas
[00:59:46] L: O Pedro do lado do Nicolas, que ele também tem um podcast chamado HQ sem roteiro e também participa do Nicolas, me chamou lá e eu fui falar sobre Lucas, um intruso no formigueiro, que é uma animação de 2000 e pouco aí que tem o Nicolas Cage dublando um personagem então qualquer participação do Nicolas Cage já é suficiente
[01:00:03] F: sensacional, sensacional
[01:00:04] L: e eu adorei o convite porque eu adorava esse filme quando era criança então foi ótimo falar sobre esse filme lá com a galera, foi muito divertido, eles são ótimos assim, é um podcast quinzenal, então tá em todas as plataformas digitais, e esse episódio do Nicolas saiu ontem, então tá fresquinho aí, é só você procurar Nicolas no spotify, onde quer que seja, e ouvir lá eu e os rapazes do Nicolas falando sobre esse maravilhoso filme e esse maravilhoso ator
[01:00:31] F: baita dica, muito legal
[01:00:32] L: num é? tô impressionado aqui, e aí Felipe, sua dica?
[01:00:35] F: cara, vou dar umas dicas super rápidas e temáticas sobre tudo o que a gente falou aqui, é, vai no youtube rapidão, pesquisa corte do Pau da Bandeira, você vai ter uma projeção de tudo o que a gente falou aqui hoje, que são imagens, as rezas, as tradições e coisas que já aconteceram e cê vai ter mais ou menos uma noção de tudo o que a gente falou, vai ter os cortes de vários anos e os cortejos de vários anos lá no youtube então você vai parar de imaginar e ver, né, o que é que acontece... e vai no youtube também e coloca escreve "Alcimar Monteiro, Barbalha", e você vai escutar uma música muito bonita que fala "menina, moça, menina Barbalha" essa música é muito legal e é cantada aos quatro cantos principalmente no dia das festas e fala de Barbalha, fala da cidade, é do Alcimar Monteiro, e você vai começar a entrar no clima Barbalhense do Pau da Bandeira, 2019, é isso.
[01:01:33] L: boa, ótima dica, e Aninha
[01:01:35] A: A minha dica também é temática, é, minha gente, Barbalha também tem muito assim, a oferecer fora o Pau da Bandeira,
[01:01:43] L: olha aí Pedro

[01:01:44] A: e uma das opções é a cerveja, eu acho que já foi falado em algum momento nesse podcast, mas a cerveja mais gelada do Cariri é em Avelar e lá também tem uma codorna que nossa amiga, nossa amiga chamada de andorinha "pega aí uma porção de andorinha" (risos) e assim, lá é muito bom, um barzinho maravilhoso, ele é petista, não precisa se preocupar...

[01:02:06] L: ah, o Avelar era o bar do cara que ia te fornecer refúgio político

[01:02:11] P: Avelar maravilhoso, disse que se tudo desse errado ele me colocava no quartinho dos fundos do bar dele (risos) te amo Avelar

[01:02:17] A: tá vendo como foi boa a dica? e olhe, também tem uma música do Luiz Gonzaga viu, sobre o Pau da Bandeira, que é bem famosinha, maravilhosa

[01:02:25] L: olha, essas músicas aí permearam esse episódio, com certeza

[01:02:29] A: é uma pegada mais assim, mais católica, são música meio um, manga um pouquim dos evangélicos, assim né, na música, não tô querendo fomentar briga entre religiões, mas já vou dizendo que é uma música bem bacana, bem engraçadinha, muito boa e essa é a minha dica

[01:02:45] L: boa, Amandita

[01:02:47] AS: duas dicas, o bar de Silúmio, né, clássico, fica em frente ao Pau hasteado e os pelejas, então assim, se você tem oportunidade de ir pra festa do Pau da Bandeira, são dois lugares próximos, ficam bem pertinho tanto dos pelejas quanto o bar do Silúmio, e são dois lugares assim que você é top né, mas não é hétero topzera (risos) então vá lá, aproveita, se você já conhece vai novamente, se você não conhece vai lá conhecer porque vale muito a pena e provavelmente vai nos encontrar por lá

[01:03:24] L: boa, isso aí, e aí Isaac?

[01:03:25] I: a minha dica é se você for no pré-pau, se você for no prépré-pau, se você for no dia do Pau da Bandeira mesmo, beba cerveja das pessoas que estão com barraquinhas nas ruas porque elas pagam muito caro pra estar ali e são baratas não, são cervejas geralmente baratas então ajudar o pessoal, tem os barzinhos topzeras também que aproveitam pra vender e vendem cervejas quentes e com o preço lá em cima, sim é uma reclamação formal pra registrar nos anais do Pau da Bandeira de Barbalha, mas bebam a cerveja porque são geladas realmente, as cervejas das barraquinhas que ficam nas ruas

[01:04:00] L: e aí Pedro, finaliza aí este programa maravilhoso

[01:04:02] P: eu já tinha minhas ideias aqui do que sugerir e Isaac falou de cerveja no, na rua e eu vou aproveitar e sugerir José Luna, ou você ter um José Luna pra você assim, procura aquele amigo Zé Luna, não passe por essa existência sem ter um amigo Zé Luna porque estávamos nós no Pau da Bandeira, tava na rua da matriz aí Zé Luna foi comprar a cervejinha dele numa barraquinha e volta "Pedro Felipe, tu não sabe, uma pechincha, eu dei cinquenta reais a mulher e ela me deu quatro latinhas" eu "José quanto é cada latinha?" "não sei, mas eu achei muito barato" "José, não é muito barato, uma cerveja vai ser no máximo 3 reais, quanto é 3 vezes quatro?" ele "não sei" "eu também não tô conseguindo fazer as contas", aí chamei um menino que tava bebendo "quanto é 3 vezes 4?" ele meu amigo, não dá 50 reais é só 16 reais" (risos) "não, 3 vezes 4, doze reais, eu não bebi viu?" (risos) aí José, José, vamos voltar lá, aí José "não, pelo amor de deus, ela vai me cobrar mais dinheiro" "não, José..." (riso coletivo) ou seja, não é maravilhoso você ser acompanhado por um Zé Luna?

[01:05:10] F: é demais

[01:05:10] P: mas a mulher realmente fez briga pelo dinheiro, ela não devolveu o dinheiro, quanto é 50 menos 12? (risos) 38 reais. Segunda dica, do meu amigo Felipe, é Kariri com K que é uma cachaça feita em Barbalha, você pode ir na rua Senador Alencar e comprar a sua, eles vendem até em uma garrafinha de barro linda você pode até dar de presente pra alguém, eu tava em São Paulo uma vez num bar e meus amigos paulistas adoram o Cariri pela maneira que eu falo, são loucos pra vir pra cá e aí tudo o que é oportunidade eles falam "ah, meu amigo que é do Cariri" e aí o garçom "ai tu é do Cariri? eu tenho uma cerveja aqui, uma cachaça que tem

esse nome" ai quando ele vem com uma Kariri com K, cara, que emoção, disse "cara, minha cerveja, ou, minha cachaça... minha cachaça tá fazendo o quê aqui" ai ele "é só o que existe aqui em São Paulo, é a bebida do jovem cult bacaninha, são drinks feitos com Kariri com K"

[01:06:03] F: e é difícil encontrar aqui na nossa região, mas eles tem exportação, em São Paulo, no Sul e no Sudeste e em outros países também, e é Kariri com K mesmo, a gente não tá enfatizando que é com K, tá ligado? o nome da cachaça é Kariri com K

[01:06:11] L: tipo Karol

[01:06:19] F: Tipo Karol Conká

[01:06:21] P: E K é com KY, eu adorei o nome dessa drag

[01:06:24] F: K é com KY? sério?

[01:06:26] P: terceira dica vai ser um alto jabá, é uma crônica minha, que tá na Cariri Revista, se chama Não adorarás o Pau, que é uma crônica que eu conto a minha relação com a festa, porque minha mãe é evangélica e quando ela se converteu ao protestantismo igual o papagaio do Auto da Compadecida ela só falava de Deus e ela não deixava a gente ir pra festa, aí por muito tempo eu ia pra festa sentindo aquela culpa protestante de tá vendo aquela beijação, aquela bebedeira, aquela algazarra e bebedeira, embriaguez e desordem, e aos poucos eu fui me descobrindo mais Barbalhense do que crente, hoje eu sou totalmente Barbalhense e zero por cento crente e eu tive que reconstruir minha relação com a festa e ai eu falo sobre o Não adorarás o Pau, foi o décimo primeiro mandamento da minha casa e...

[01:07:19] F: eu acho que essa é a dica mais importante do Budejo Recomenda de hoje

[01:07:22] L: por isso que eu escolhi fechar com esse desgraçado porque sempre é um show

[01:07:27] F: leiam minha gente, se tem uma coisa que vale a pena na vida é ler Pedro

[01:07:30] P: ôoooo, *thank you very much*

[01:07:33] Vinheta

[01:07:47] L: Felipe, Pedro, e aí?

[01:07:51] F: E aí, Luan e Pedro?

[01:07:52] L: Tudo bom com vocês? onde é que a gente tá?

[01:07:55] F: A gente tá no futuro eu acho

[01:07:57] L: a gente tá no futuro, a gente tá no Budejo Budeja

[01:08:03] F: A nossa primeira edição da nossa primeira aproximação com os nossos queridos ouvintes

[01:08:05] L: é isso daí

[01:08:06] F: estamos aqui em algum momento do futuro remotamente conversando com Pedro Felipe através da tecnologia

[01:08:11] L: que nos deixou

[01:08:13] F: deixou, foi pra capital e se juntou né, virtualmente conosco hoje para ler os feedbacks dos emails das mensagens e as demonstrações de carinho das pessoas depois de nos ouvir, né isso Pedro Felipe?

[01:08:28] P: exatamente, um chameguinho desses nossos ouvintes conosco e eles tem a nos dizer dos episódios que já saíram, o que eles tem a compartilhar com seus amigos, vamo aí vasculhar esse baúzinho

[01:08:40] F: precisa falar aqui que nos deixa muito felizes ler essas mensagens né, nos primeiros episódios a gente tinha um certo receio de tá falando sozinho, mas não, vocês estão aí do outro lado

[01:08:51] L: então é isso, cara, a gente acabou sentindo essa necessidade porque muito comentário massa que a gente responde nos twitts da vida, nos instagrams, mas a gente quer também fazer isso aqui no podcast

[01:09:02] F: pra deixar registrado nos anais do Budejo

[01:09:05] L: exato e aí ó, antes de começar a ler os nossos feedbacks, tem um quadrozinho, um quadro dentro do quadro que eu quero ter toda semana se possível a depender de vocês

ouvintes, que é o Cheirinhos, cheirinhos, que é o seguinte ó, a nossa ouvinte Gislaïne Teixeira ela ouviu o programa passado em que eu mandei beijo pra falera de Minas Gerais e tal e comentou aqui ó "quero cheiro, eu escuto vocês em Boa Vista, Roraima"

[01:09:34] F: caramba

[01:09:38] L: Boa Vista, a gente está chegando em Roraima galera, pelo amor de Deus

[01:09:41] F: resta saber como isso aconteceu né? mas

[01:09:43] P: fronteira, a gente já tá na fronteira, fronteira com o que que eu não sei, estamos invadindo a América Latina daqui a pouco

[01:09:52] L: mas é isso cara, então Gislaïne, um cheiro pra você

[01:09:55] F: um cheiro

[01:09:55] L: muito obrigado por nos ouvir toda semana aqui, e aí baseado né em homenagem a esse tweet da Gislaïne a gente perguntou no Twitter de onde é que você nos ouve pra gente poder né, ficar aqui mandando cheiros porque enfim, é muito bom mandar cheiros, ó, o Bacurauer, o @olhabritossinquer, ele ouve direto da república independente da Regional III da qual sou presidente constitucionalmente declarado

[01:10:21] F: olha aí...

[01:10:22] L: Cara o AbaporuJucaíba @mundoab fez o melhor comentário, ele disse "sou de Belém do São Francisco, sertão do Pernambuco, já foi conhecida como terra da maconha, infelizmente não mais" (risos) "hoje eu moro em Recife, vocês são porreta demais" um cheiro pra Recife

[01:10:46] F: E grande abraço, meus pêsames pela sua terra

[01:10:49] L: dá pena pô, pois é... a Pauloenciado @ledaфин

[01:10:55] F: meu deus, a galera tem nomes muito legais

[01:10:56] L: disse que ouve de Belém do Pará, dançando forró e tomando um tacacá

[01:11:01] F: lembra da música da Calypso né? "eu vou tomar um tacacá..." tem essa música né?

[01:11:06] L: porra cara, que maravilha, queria muito ir pro Pará inclusive, estou viciado na música da Dona Onete

[01:11:10] F: Ah, ela é de lá?

[01:11:11] L: é de lá

[01:11:12] P: A gente tá chegando perto de outra fronteira, lá em Baixinho, perto da Argentina, a Taís Rabelo que é de Fortaleza escuta a gente do Balneário Camburiú em Santa Catarina

[01:11:21] L: caramba, ó, a Infelizdascostaoca, que é @caradeju ela disse que houve diretamente do bairro mais boêmio de Fortaleza, o Babypleasedontgo

[01:11:36] F: cara, muito f**** eu ri muito com isso daí, é o Benfica, Babypleasedontgo (risos), a pessoa que criou isso aí deveria ganhar um prêmio

[01:11:45] L: deveria, cara, ó, a Móidechifre que é @ariouane no Twitter, disse que ouve diretamente da terra do Chico Pezão, Caucaia, alô Brasil alô Caucaia

[01:11:59] F: e tem aqui o Emanuel Moreira que acredito que é isso mesmo, ele escuta diretamente de Parma, na Itália

[01:12:07] L: olha que chique

[01:12:08] F: e ele falou que depois do episódio dos bares que a gente fala dos bares, deu vontade de morar por aqui, é Emanuel, é uma opção, mas também ficar em Parma também é uma opção

[01:12:18] L: e se vier traga aí umas comida muito doida pra gente, umas bebida muito massa

[01:12:22] F: o auge da minha ignorância só lembra do presunto de parma que ele pode trazer pra gente

[01:12:27] L: ó, a Camila Mariele Vive @camilacarine disse que ouve de São Paulo e cara, a gente tem muito ouvinte de São Paulo, o que é muito doido

- [01:12:38] P: A Carol Ferraz também, olha eu aqui convertendo o pessoal do trabalho em Budejetes
- [01:12:43] F: Budejetes
- [01:12:43] L: Budejetes, adorei, Budejetes, ó o Igor Moreto também disse, dos Lençóis Paulistas e ele pode dizer com convicção que deve ser o único ouvinte do Budejo dessa província
- [01:12:55] F: tomara que não por muito tempo
- [01:12:56] L: não, faça esse panorama mudar aí, apresente, espalhe o Budejo aí pra todo mundo
- [01:13:01] F: Também tem a Mariá, que é a @suadinha no Twitter que ela nos escuta toda semana diretamente do Rio Grande do Sul, o lugar mais frio do planeta Terra aparentemente
- [01:13:13] L: isso aí, espero que a gente seja o seu refúgio contra o fascismo nesse ambiente aí predominante
- [01:13:19] F: exatamente
- [01:13:09] L: reaçã
- [01:13:21] P: gente, peraí, eu esse tempo todo falando que a gente tá quase cruzando a fronteira, e a @saraísmos, é o que que tá acontecendo, já escuto de Montevideú, Uruguai
- [01:13:32] F: cruzamos, né?
- [01:13:33] P: pronto, chegamos lá, num país maravilhoso
- [01:13:36] F: quando a gente começou aí a leitura desses emails e abraços aqui, cruzando a fronteira e acabamos de cruzar
- [01:13:42] L: e ela inclusive já nos ofereceu refúgio político, a Sara
- [01:13:45] P: tá falhando, no Uruguai?
- [01:13:46] F: nossa
- [01:13:46] L: sim, se tudo der errado já temos um (???)
- [01:13:50] F: galera não faz ideia de que a gente leva a sério essas coisas e vai aparecer
- [01:13:53] L: eu já disse, não se preocupe, estarmos qualquer dia desses fumando maconha legalmente e tá tudo certo, olha esse aqui cara, de Curitiba Paraná, terra da vina, o Emerson Assunção que é nada mais nada menos que o compositor da música "eu vou te deletar do meu orkut"
- [01:14:10] F: caramba, esse cara entrou em contato com a gente né
- [01:14:14] L: e continuou ouvindo o Budejo
- [01:14:18] F: eu vou te deletar te excluir do meu orkut, eu vou te bloquear no msn, sucesso nas lojas de Frank Aguiar, Aviões do Forró
- [01:14:25] P: Abraço Emerson, saudade de Curitiba
- [01:14:27] L: Curitiba, outro lugar também que tem que, tem o cara aí né, tem esse negócio do país aprisionado
- [01:14:32] F: tem um pessoal preso lá
- [01:14:34] L: grande abraço Curitiba, é... (risos) o Car*****italo, @ca*****italo, que é o Aquipenasereia, que inclusive falou com a gente no cangaço, lembra?
- [01:14:45] F: ah, lembro, ele foi lá falar com a gente, deu um abraço gostoso
- [01:14:46] P: foi, um cheiro
- [01:14:49] L: muito fofo, a gente em Juazeiro, no jardim gonzaga, aqui outro morto de chique, o Jensen Santana, que nome Jansen, ouve a gente de Paris, "Budejo pra mim é nostalgia do meu Cariri e aconchego em forma de sotaque"
- [01:15:02] F: ah, Jensen, eu conheço Jensen
- [01:15:04] P: é Jansen,não?
- [01:15:06] F: uma cachaça muito pesada, em frente o casarão, Deus me livre Jensen de ir ali de novo, mas muito obrigada, ele tá sempre mandando mensagem pra gente, respondendo os stories do instagram e é um cara muito legal
- [01:15:19] P: um chérri pro Jansen, chérri significa cheirim em francês (riso coletivo) chérri

[01:15:26] L: olha a Eschen, mas uma de São Paulo, eu adorei isso aqui que ela falou "mesmo que às vezes eu não faça a menor ideia do que vocês estão falando, só o sotaque gostoso já vale" então assim, já falou do sotaque já ganhou a gente né, estamos todos derretidos... o Cícero disse que ouve a gente do José Walter, esperamos que esteja tudo bem com o seu relacionamento Cícero (risos) o Silvan ouve a gente do principado de Ubajara, no reino da Ibiapaba

[01:15:59] F: eu tive um chefe que era de Ubajara uma vez, isso foi até um pesadelo na minha vida

[01:16:02] P: meu deus

[01:16:03] L: E agora a gente vai finalmente falar sobre os comentários mais legais que a gente recebeu nesses últimas edições

[01:16:12] F: vamo lá já, a gente já começa aqui com a ClaraCarambaClaracaó, que é um trava línguas né, @canetadasbruxas, ela escreveu: quero enaltecer demais o episódio 13 sobre saúde mental, foi incrível ter uma visão profissional de algo que muita gente por aí anda falando, um cheiro pra vocês, meus bombons cheirosos. Um cheiro, Clara, a gente gostou muito desse episódio também e serviu como uma terapia em grupo tanto nossa junto que gravou, os meninos gravaram, tanto como junto com vocês, vamos procurar ter mais episódios inclusive com a Leda né?

[01:16:50] L: Sim, e vamos chamar de novo. ó, a Paula Hortênsia, que foi inclusive de uma das nossas ouvintes que eu encontrei no Ato e acabei não lembrando dela no dia que eu falei aqui, ela fez um apanhado assim de vários episódios e comentários dela sobre episódios que ela gostou, ela fala aqui ó: Aprendi com o Budejo que sou gado demais, mas fui vaqueira também, não me orgulho mas ok, não frequentei os melhores bares do Cariri quando tive a oportunidade, me arrependerei disso o resto da vida, escutar o Budejo lavando roupa faz o tempo passar mais rápido (isso realmente faz, falando nisso é ótimo) é, mas coisas que ela aprendeu aqui: Não existe crush supremo, existe níveis de relevância, o crush também é privilegiado por estar na minha companhia, o que você admira na outra pessoa já existe em você, valorize isso, e quem mexe com tua autoestima a ponto de você não se sentir livre dela então ela não é uma boa pessoa pra você. Tudo isso aqui foram aprendizados daquele episódio do Budejo Resolve, que foi maravilhoso

[01:17:50] F: o episódio número 8

[01:17:51] L: continuado aqui: além do conhecimento maravilhoso que aprendi no episódio 11, Legalize já, que desmistificou muita coisa sobre o uso medicinal e sobre a marcha da maconha (muito bom esse episódio mesmo, adorei, arrasou, informativo) e por fim, que o último episódio 12 era gaitada por cima de gaitada com o nosso cearês lindo que só a gente tem e são expressões dignas do dicionário Aurélio (com certeza) e finalmente aquela terapia grupal incrível no episódio 13, super reflexiva e engrandecedora, não tem como não ser fã, não tem como não amar o Budejo podcast coraçãozinho

[01:18:26] P: melhor ouvinte

[01:18:27] F: a gente já começa agradecendo a nossa ouvinte por ter demandado esse tempo pra fazer um dossiê, a gente tem um dossiê já pronto do Budejo, pô

[01:18:36] L: um cheiro Paula

[01:18:36] F: brigado, a gente vai ficar esperando as atualizações disso daí né

[01:18:42] P: sim, o a Vilmadasmoscas, que é o @oopenday falou: Quando eu escuto os episódios mais políticos do Budejo eu percebo o quanto foi deficitária minha formação em ciências políticas, sociais e humanas, venho do ensino médio técnico e faço engenharia, queria só falar que aprendo e cresço muito com essas discussões. Cara, que incrível ouvir isso, que é justamente o que a gente é conhecido pelo podcast, que além de arrancar altas gaitadas de vocês, conversar sério sobre assuntos sérios e enriquecer o repertório cultural e intelectual de vocês, então que satisfação

- [01:19:14] L: Pois é, cara, eu acho que isso sempre foi uma preocupação nossa né, não se ater ao raso ali que é ótimo, a gente adora quando o programa é só pra rir
- [01:19:22] P: é, perder tempo é ótimo também, e é, perder tempo não, gastar tempo, conversando besteira
- [01:19:27] L: exato, mas a gente adora também trazer coisas um pouco mais aprofundadas e saber que pô, que tem uma importância pro cara e tal, isso é muito f*** assim
- [01:19:35] F: exatamente, muito obrigado
- [01:19:37] L: saber que estamos aí contribuindo
- [01:19:38] P: brigado cara, por ouvir isso
- [01:19:40] F: eu vou ler aqui o do Joe, Joe Onofre
- [01:19:43] L: cara, maravilhoso
- [01:19:43] F: que foi um comentário que a gente recebeu com muito carinho né, o Joe é um colega de longa data aqui muito importante, inclusive na nossa formação como adultos
- [01:19:53] L: sim, filho de Zé né?
- [01:19:55] F: do barzinho do Zé, escreveu que fica sempre honrado com o tempo que gasta tirando pra ouvir o Budejo né, e que nós estamos de parabéns, escutando aqui no aleatório o episódio dois que o lembrou de papai, do barzinho do Zé e o cabeça de cavalo que foi demais, continuem 4ever
- [01:20:12] F: nós vamos continuar, Joe, e cara, muito obrigado pela mensagem, a gente tem muita saudade né, daquele tempo e do barzinho do Zé, muita nostalgia também de alugar uns filmes na natureza vídeo que era a locadora que vocês mantinham juntos
- [01:20:24] L: cara, eu aluguei desde fitas de megadrive, vhs, até blueray e jogos de playstation 4 lá com o Joe e assim, adorava
- [01:20:33] F: formou o caráter né cara?
- [01:19:38] L: demais, sentava lá no balcão dele e falava de filme e o que é legal do feedback dele é que ninguém chegou pra mostrar o Budejo, chegou nele aleatoriamente e ele ouviu o episódio, esse episódio, o segundo, sobre os bares, é até hoje o que, a galera que começa a ouvir hoje o Budejo ouve esse e gosta
- [01:20:53] F: como referência né?
- [01:19:38] L: e fala, muito engraçado esse episódio, é muito bom
- [01:20:55] F: o que mais?
- [01:20:56] L: vamo lá, ó, a Twitter Barato, @twitterbarato, ela fez uma trend muito massa no twitter hoje recomendando vários podcast pra quem quer começar a ouvir podcast, e a décima a décima recomendação dela foi o Budejo, que ela definiu como "o mundo sob o olhar do Cariiri, deboche, arriação, regionalismo e papos massa, esse episódio fala sobre bate papo uol, orkut e várias coisinhas que quem viveu pelas redes sociais quando tudo era mato vai se identificar" e foi muito massa que ela é muito fora do nosso círculo aqui, ela é se não me engano de Natal, teve muitas curtidas e retweets, então muito obrigado cara, por divulgar a gente, recomendar a gente como lista de podcasts que você gosta de ouvir e quer recomendar pras pessoas começarem a ouvir podcast, a gente fica muito honrado com isso
- [01:21:39] F: isso é muito importante
- [01:21:40] P: eu vou ler o do Bacurau, que é o @olhabritosincer, que tá comentando aqui sobre o nosso último episódio, ele falou assim: Sobre o Budejo de hoje, me formo esse ano e sou de família de baixa renda, ou seja, tirar um ano sabático, estudar pra concurso, ou qualquer outra opção que não bote comida na mesa não é uma opção, as perspectivas de um futuro próximo são incertamente as piores, depois de um mês chorando toda noite antes de dormir e de algumas sessões de terapia, aprendi que o segredo é jogar com o que se tem agora, o futuro é completamente nebuloso, continuo fazendo agora e dar o meu melhor nisso acaba sendo o caminho pra isto (pra evitar a angústia). Cara, isso que ele falou é muito o que a gente tava sentindo né Luan, naquela conversa com a Leda, que a gente conversou justamente sobre as

situações do nosso país não dão esse privilégio de parar pra pensar antes de fazer alguma coisa a gente tem que começar e fazer, mas é isso, e se ajudar, pô Bacurau, que incrível sua mensagem viu? força

[01:22:37] L: é, não sei o nome dele, mas enfim, Bacurau, eu li teu comentário e me identifiquei pra caramba assim, porque eu tô meio numa fase parecida com essa de estar num trampo que não é a parada que eu amo fazer mas eu não posso me dar ao privilégio de parar e buscar fazer uma coisa só que eu ame, que não vai dar agora, enfim, né, a gente não, hoje em dia não dá pra fazer isso, pra se dar esse luxo

[01:23:01] F: não tem tantas escolhas

[01:23:03] L: mas cara, fica que até foi uma coisa que Leda falou no episódio, é, busque coisas que lhe tragam paz e felicidade e que você possa fazer ao mesmo tempo e que você tá ralando aí né, assim, por exemplo, pra gente aqui acho que o Budejo é um pouco isso, é uma coisa

[01:23:18] F: é muito isso (risos)

[01:23:19] L: que pra gente é um prazer fazendo e vendo os feedbacks como o seu por exemplo, é, e vai alimentando uma coisa na gente assim, tipo, p****, tá f****, o trampo tá uma mer****, o país tá indo pro ca****, mas tem uma coisinha aqui que eu foco minhas boas energias nisso e dá um retorno bom, então acho que todo mundo tem que encontrar seu Budejo aí,

[01:23:40] F: exatamente

[01:23:40] L: e pode ser o nosso, inclusive, o Budejo tem muito dessas

[01:23:44] F: e até de preferência que fosse o nosso (risos)

[01:23:46] P: Anderson Mateus @bolinhac falou: Gostaria de agradecer primeiramente, principalmente a simplicidade e carisma, de qualidade e assuntos abordados em cada episódio, é um show, já se tornou algo do meu cotidiano chegar na quarta e ouvir vocês na academia, fico muito feliz de ter participado dum ep 08, não de forma direta, mas pelo twitter, foi um prazer imenso, em ver todos tentando me ajudar de um problema complicado (risos) era complicado mesmo, quem não lembra, daqui a pouco a gente faz essa retrospectiva, que não foi fácil, mas consegui boas risadas das minhas desgraças não tem preço, continuo com (risos) ai senhor, continuo com (risos), pelas gargalhadas acho que não tem preço, as cobranças no SPC que paguem (risos) gente é porque o Anderson ele inventou de dar o cartão dele pruma pessoa usar e essa menina deu um calote nele, sumiu, e ele não pode fazer nada, porque o problema é dele de ter dado o cartão (risos) aí ele mandou essa pergunta pra gente, lógico que a gente não tem como resolver né,

[01:24:57] F: como a gente iria resolver né

[01:25:00] P: ninguém aqui é agiota nem nada, mas Anderson, brigado aí cara pelo feedback, bom saber aí que a gente tá presente, você tá bem presente nos nossos...

[01:25:10] L: né, pois é, ele tá falando que participou indiretamente daquele, mal sabe ele né, que a gente já tem um programa gravado e que vai pro ar em breve, que tem uma outra participação dele que foi assim, imperdível

[01:25:22] F: ontológica

[01:25:22] L: muito obrigado Anderson por proporcionar tantas gargalhadas, ele, como ele falou aqui no final: Espero um dia encontrar com vocês e contar o resto da história, abraço a todos, continuem porque vocês tem talento. Bicho...

[01:25:35] F: se a gente um dia sentar numa mesa pra beber você não vai pagar um real

[01:25:37] L: exatamente, venha pra cá, pro Budejo, pra gravar cara, porque você rende maravilhosas histórias

[01:25:46] F: um abraço

[01:25:48] P: Anderson, viva e verá, que você vai fazer parte da história desse podcast pelo visto (risos)

[01:25:55] L: sim cara, meu Deus do Céu

[01:25:56] P: ele abraçando uma garrafa de vinho, gostei demais Anderson

[01:26:00] L: Então é isso, acabamos aqui os nossos feedbacks?

[01:26:02] P: Wait a minute, que a gente tem uns recadinhos via instagram também, o Alisson Alencar falou que estava aqui espalhando o Budejo, colocou logo numa tela que é até daquelas tela que é dobrada, maravilhosa assim bem grande, acho que pra rua todinha assistir, brigado Alisson, continue divulgando, nos evangelizando... o QNMarujo disse "eu duvido eu perder um, já com os ouvido aqui quente escutando", brigado QN. O Augusto C Brito falou "muito bom esse episódio, recomendo muito, ele tá falando aqui sobre o episódio de saúde mental, um tema importantíssimo na nossa atual conjuntura política e que interfere na vida como um todo na perspectiva biopsicossociohistóricossocial, enfim, a resiliência como uma forma de saída dessa escuridão que nos deixa mal, do início ao fim e que fim.. e fala Leda Ledinha, esse episódio é todo bom". Que resumo o Augusto fez em?

[01:27:04] L: maravilhoso, cara, realmente esse episódio é muito bom, muito bom mesmo, nossa,

[01:27:10] P: Amanda Neves falou "toda quarta mesma eu esperando episódio novo do Budejo Podcast, esse tá lindo e necessário". O Rafael Manoel disse "Budejo podcast conte comigo pra tudo tá ok?" (risos)

[01:27:24] F: ok, pra tu também

[01:27:27] P: E a Sara Carnaval divulgando aqui pros amigos dela falou "Beberes, Budejo podcast essa semana tem participação da psicóloga Leda Mendes pra ajudar a gente a não perder o juízo nesses tempos tão sombrios, quem já tá em tempo de ficar doido assim como eu escute, escute, dê aquela choradinha no ônibus de lei, siga em frente sabendo que não está sozinho", nossa Sara

[01:27:48] P: um cheiro, Chara

[01:27:54] L: muito obrigado por recomendar a gente pros seus amiguinhos aí, mas é isso meus queridos ouvintes

[01:27:58] F: brigado gente

[01:27:58] L: meus bombons cheirosos, a gente espera que vocês continuem mandando os seus comentários, suas impressões, seus elogios e críticas, mais elogios do que críticas por favor

[01:28:09] F: por favor

[01:28:09] L: que aí próxima semana estaremos aqui de volta nesse pequeno quadro no final do programa que vai ser menor né, depois desse daqui, pra falar com vocês, contato direto, então ó, agora magicamente a música vai subir, aí vai baixar de novo e a gente vai se despedir, mas é a gente do passado que

[01:28:29] F: nós hoje somos pessoas mais evoluídas do dia quando a gente gravou esse episódio

[01:28:32] L: é isso (risos)

[01:28:35] Vinheta

[01:28:46] L: é isso?

[01:28:46] F: é isso

[01:28:47] P: thats it

[01:28:48] L: cara, que programa bom ein? vocês gostaram?

[01:28:49] F: delícia

[01:28:49] P: delícia

[01:28:51] L: bom demais, então ó, queridos ouvintes, assinem o nosso feed, sigam a gente nas redes sociais, Budejo Podcast no Twitter e no Instagram, e semana que vem, quarta feira ao meio dia estaremos de volta, então um cheiro

[01:29:04] F: cuidado no Pau da Bandeira também

[01:29:05] L: Juízo

[01:29:06] P: Juízo

[01:29:08] L: Juízo, por favor, não vamo aparecer com menino aí não

[01:29:10] I: cuidado com outros paus também ein?
 [01:29:12] P: não beijem em quem votou 17, pelo amor de Deus
 [01:29:14] F: perguntem antes
 [01:29:16] L: importante
 [01:29:16] P: é mas você tem que perguntar, votou em quem no segundo turno? a gente releva o primeiro turno
 [01:29:22] L: não não não
 [01:29:23] P: porque a pessoa tem opção Haddad ou Ciro
 [01:29:25] L: não mas aí se no primeiro turno votou no Bolsonaro
 [01:29:28] P: então você pergunta segundo turno, votaste em quem meu querido?
 [01:29:33] F: exatamente
 [01:29:33] L: Enfim, até lá, valeu
 [01:29:35] P: cheiro
 [01:29:35] F: tchau
 [01:29:37] Vinheta

Budejo Podcast:

Episódio #47 - Um passeio pelo Cariri, com Xico Sá

Participantes:

Luan Alencar - L

Xico Sá - C

Pedro Felipe - P

Felipe Azevedo - F

[00:00:02] O Budejo tem o selo da Rádio Guarda-Chuva, jornalismo para quem gosta de ouvir.
 [00:00:08] Vinheta
 [00:00:13] L: Sejam bem vindas e bem vindos a mais uma edição do Budejo, o Podcast, que leva o Cariri aos seus ouvidos, eu sou Luan Alencar e toda segunda e quinta nós estamos por aqui, então pra você não perder nenhum episódio, segue a gente no seu tocador de podcasts e nas redes sociais @budejopodcast tanto no Twitter quanto no Instagram, e se você quer ser mais do que um ouvinte, ser um Budelover faça como o Alexandro Reinaldo, Thales Benevides e Mirna Silva, que são alguns dos apoiadores em nossas campanhas de financiamento coletivo lá no apoiar.se_budejopodcast e picpay.me/budejopodcast, lá você escolhe algum dos planos de assinatura e recebe recompensas muito legais, como uma newsletter semanal, participar do nosso grupo no Telegram, receber conteúdo extra com antecedência enfim, tem um monte de coisa legal, vá lá, dê uma conferida e considere se tornar um apoiador do Budejo.
 [00:01:29] Vinheta
 [00:02:08] L: Seguinte, no Budejo de hoje a gente vai bater um papo aqui com um dos maiores caririenses deste país, um cara que a gente queria trocar uma ideia desde o começo desse podcast e finalmente deu certo, Chico Sá! ``Chico, como é a sua primeira vez aqui se apresenta aí pros nossos ouvintes, embora acho que seja totalmente desnecessário, mas daí a sua carteirada...
 [00:02:30] X: Boa meu velho! Boa, que bom tá aqui com o povo do Budejo, acho que a gente tem sempre que nunca cair nesse conto de "ah, você dispensa apresentação etc" porque você vai de tanto dispensar apresentação, você desaparece...
 [00:02:46] L: (risos)
 [00:02:47] X: Sabe, então eu sempre faço questão de, de apresentação... Então, eu sou um caririense, eu nasci no Crato, fui criado em Santana, depois eu estudei, morei um tempão em Juazeiro, antes de ir pro Recife, vivia na feira de Nova Olinda ao mesmo tempo de Assaré então sou um caririense de todo o território, andava muito

nas rurais de Missão Velha, até por Várzea Alegre, vivia na festa de Barbalha, então tenho uma vasta vivência de do Cariri, sou escritor e ganho a vida como jornalista, porque esse negócio de literatura como dizia minha mãe num num não da camisa ninguém, (risos) isso não garante a vida de ninguém... e tamo aí, de quarentena, guardado em São Paulo... eu queria tá guardado lá na Chapada do Araripe, sentindo aquele ventinho gostoso à noite, mas tudo bem... a gente não pode ter tudo a essa altura..

[00:03:48] L: Que maravilha, e aqui pra nos acompanhar nesse papo estão, Pedro Felipe e aí?

[00:03:53] P: E aí meus bombons cheirosos? Tá tudo normal, tá tudo bem, tá tudo sobre controle, estamos aqui na rua Doutor Floro virtual, com Chico Sá...

[00:04:04] X: Boa, na rua Floro Bartolomeu.. esse era o pivô da turma do Padre Cícero, esse era o mais, esse era o mais sabido politicamente.

[00:04:14] F: Esse era, o quê... é tanto que a rua que leva o nome dele é duplicada, é uma das únicas ruas, é a única rua duplicada no centro de Juazeiro

[00:04:21] (risos)

[00:04:25] X: Tá vendo?

[00:04:25] P: (risos) besteira.. é duplicada..

[00:04:28] X: Ainda tem um folclore até hoje que os mais velhos dizem no Cariri que é "No tempo do doutor Floro a gente podia dormir de porta e janela aberta que ninguém pegava as suas coisas" não tinha ladrão em Juazeiro...

[00:04:40] P: Que engraçado, porque tem a coisa de sentir saudade do tempo da ditadura "Ah, que no tempo da ditadura, num existia isso..." No Juazeiro vão bem mais pra trás... "É que no tempo de doutor Floro..."

[00:04:48] X: É, exatamente, que ditadura pô, ditadura foi ontem...

[00:04:52] F: Ditadura foi um dia desses..

[00:04:53] L: É isso, e você também já ouvi aí a voz dele, Felipe Azevedo e aí, cara?

[00:04:58] F: Olá gente, bom dia, boa tarde, boa noite, eu tô bem feliz hoje, eu tô triplamente representado porque eu sou recifense, moro em Juazeiro e já morei no Crato, igual o nosso convidado, então eu tô bem feliz, eu que fui um leitor voraz aí de Big Jato, que entrei na faculdade, conheci jornalismo, conheci Chico, depois descobri Chico era daqui e fiquei empolgado, e eu falei "Cara um dia eu vou conversar com o Chico, a gente vai beber uma cerveja" não é possível porque estamos de quarentena mas...

[00:05:27] X: Até janeiro a gente bebe essa..

[00:05:29] F: É, até janeiro vai dar certo

[00:05:32] (risos)

[00:05:32] P: É muito engraçado esse momento que a gente descobre que Chico é do Cariri né? porque eu também tive essa antes de entrar na faculdade, já gostava das coisas dele e muita coisa sobre o Crato e tal, e alguém falou "Mas tu sabe que ele é do Crato né? (risos)

[00:05:46] X: Eu eu eu num falava muito pra não deixar o povo com inveja do Cariri entendeu?

[00:05:49] (risos)

[00:05:52] F: Exatamente...

[00:05:50] X: Como eu sou modesto, eu num falava muito que era do Cariri não porque muita gente fica com inveja porque nascer num lugar desse né pra qualquer um não... aí eu poupava o povo disso

[00:06:02] (risos)

[00:06:02] F: É isso aí, cara, é um privilégio muito grande, você conhecer pelo menos o que é o Cariri né?

[00:06:07] X: Pô, demais cara.

[00:06:08] L: Pedro deu a ideia da gente começar esse papo aqui com a seguinte pergunta, e eu acho que tem tudo a ver já que estamos falando do Cariri, se essa quarentena fosse um pouco diferente, assim a gente pudesse pelo menos se locomover um pouco mais, e você tivesse

passando aqui no Cariri, você está fazendo o quê agora, nesse momento assim, aonde, com quem...

[00:06:25] X: Eu estava me preparando pra subir ali na, naquela igreja de Santa Cruz, ali no Pontal de Santa Cruz em Santana, Santana pra tomar uma... uma cerveja lá no no no Pontal lá em cima, porque tem uma, é a visão mais bonita do Cariri, aí do Horto, lá de cima, da estátua é uma visão bonita também, mas é a visão muito de de..

[00:06:49] P: Urbana

[00:06:49] X: da parte urbana e tal, no pontal de Santa Cruz parece aqueles vales dos velhos filmes de faroeste, parece que cê tá vendo um, cê tá olhando a vida pela câmera do Sérgio Leone ali, cê tá vendo Era uma vez no Oeste.... é é a melhor panorâmica que cê tem no Cariri, então eu acho que eu taria tomando uma, começando, abrindo os trabalhos, ali no Pontal de Santa Cruz..

[00:07:15] F: (risos)

[00:07:15] L: Outra que a gente tem muita curiosidade assim, é como é que tu leva o Cariri na tua obra assim, qual a influência do Cariri nas coisas que tu faz hoje, nos seus trabalhos?

[00:07:24] X: Cara, tem de tudo assim de, a parte do humor, a gente acaba citando muitos livros dos autores dessa horas de de, diante dessas perguntas e tal, mas acho que o grande formador mesmo da minha escrita foi a oralidade, foi a a a essa, dos grandes funerais, das feiras, essa oralidade mesmo da ruas, dos violeiros, em Juazeiro eu morei muito tempo era vizinho do do auditório Pedro Bandeira, ali na Conceição, e eu vivia por lá, então eu acho que essa bagunça toda, esse Budejo todo que você escuta

[00:08:03] L: Sim

[00:08:04] X: Né, uma vida toda... isso é muito formador inclusive do ritmo que você escreve.. mesmo quando não é uma coisa mais literária, quando é sei lá, uma coluna no El País, nos lugares que eu colaboro, mesma coisa de quando o assunto de quando é a de sério, eu acabo escrevendo muito com essa prosódia, esse ritmo de quem, de quem é nasceu nesse lugar, de quem é do Cariri, eu acho que isso não se separa da sua vida assim, sabe? eu podia, eu podia tá aqui citando Janis Joyce, Machado de Assis, os gênios, o Tólstói, mas acho que antes disso quem forma seu ritmo de escrita, seu ritmo de vida, é o lugar que você nasceu..

[00:08:42] F: Chico, tu já escreveu para Folha, depois escreveu no El País, acho que tá escrevendo no Metrôpolis agora do Rio né isso?

[00:08:50] X: Sim, Felipe

[00:08:50] F: Sempre com o mesmo tipo de escrita e a gente percebe que os leitores, eles migram também, quando você sai de um de um veículo pra outro, os teus leitores ele te acompanham, isso já faz muito tempo, já faz muitos anos que tu é cronista em grandes jornais, em grandes veículos, porque que tu acha que as pessoas elas são tão fiéis, ao teu texto é o teu modo de ver o mundo?

[00:09:12] X: Tem assim, o maior, a maior felicidade de cê ter assim como, é, escrevendo como cronista e tal, é quando alguém diz "O o, eu num, aquele texto num tava, que me mandaram não tava assinado eu vi que era teu" assim, quando eu recebo esse tipo de de mensagem assim, essa a coisa mais me comove assim porque pô é um sinal que eu tô colocando ali não o estilo, que estilo eu acho que tem é os que eu citei agora, é de Machado de Assis para frente ou Graciliano Ramos que eu amo e tal, mas é é, você cria um jeito de escrever que fica meio como tua marca, então isso, quando alguém te reconhece aquelas, as tuas mal traçadas sem sem sequer ter a tua assinatura então que eu acho que isso é sinal de que deu minimamente certo e e vamo simhora... mas tem muito mesmo esse leitor que acompanha por esse sentido que e e eu acho que é o que volta um pouco a minutos atrás quando a gente falou do Cariri, eu acho que é essa marca que acho que tem uma pegada do, das palavras que eu uso, ro ritmo que eu uso, o linguajar um pouco, tem a ver uns 10% de um linguajar mais antigo, tanto no ditado popular como numa palavra que que já tá um pouco em desuso, então ah, eu acho que isso tudo acaba

formando esse esse jeito de escrever, eu tinha até uma preocupação às vezes de explicar demais quando eu usava uma palavra, sei lá, uma palavra que era bem do Cariri, meio que...sei lá, Budejo e que às vezes eu tinha o cuidado pedagógico de tá explicando, quando era pra, sei lá, na Folha, por exemplo...

[00:10:44] P: Anram

[00:10:44] X: Mas é, de um tempo pra cá é, eu perdi totalmente a vergonha disso e eu que eu acho que tem que haver também um esforço do leitor, uma busca, e hoje a busca é muito infinitamente mais fácil, é o Google e você tá na cara do Gol, então eu faço questão de não explicar muito ao uso das palavras por exemplo, pra exigir uma pesquisa, uma fazer com que o leitor entre naquela, naquela história..

[00:11:09] F: Fazer um lance mais antropológico mesmo, né?

[00:11:11] X: Sim, sim, porque aí ele vai buscar a palavra, ele vai atrás da origem, ele faz, acaba fazendo a viagem no no texto, que é interessante,

[00:11:19] F: É, isso que tu falou, é só rapidinho... O Budejo, ele quando ele começou, uma uma das coisas que o pessoal destacava mais do jeito que a gente conversa, é o nosso sotaque, por que falam que o que é diferente do de Fortaleza por exemplo, é muito mais chegado em Pernambuco, e tu agora falou disso eu lembrei, tu falou que não tem, não faz mais questão de explicar nada, só que tu mora no Rio..

[00:11:40] X: Eu tô em São Paulo agora, mas sim, a mesma coisa né?

[00:11:43] F: É, o mesmo, mesmo pensamento, nós temos um programa que a gente fala sobre sotaques, aí a gente chegou aqui no consenso de que não a não é suportável quando um sulista tenta imitar o sotaque nordestino, é quase um lance meio que sabe, errado.. tu tem, tu tem se preocupa com isso, como é que tu lida com isso?

[00:12:00] X: Eu fico meio meio com vergonha aleia, vergonha da pessoa, é é muito constrangedor né? e e hoje assim, melhorou um pouco mas quando na na minha chegada assim, no mundo sudestino, era muito comum querer tirar onda com outro imitando o teu sotaque, querendo querendo ali dar uma rebaixada e tal, uma tirada de onda com a imitação do teu sotaque, então era duplamente constrangedor porque era uma situação de preconceito com imitação ruim da p**** (porra), tudo errado, era... é constrangedor né? o negócio de de..

[00:12:34] P: Ainda hoje é...

[00:12:35] X: É, essa, e falar "ai meu bichim", tentando imitar, meu Deus do Céu... é como na, também, em tevê né, e em novelas como em e em outras obras erradas assim, essa imitação do sotaque ela é uma desgraça, né cara, de de... deixa cada um falar como fala, e é bonito, e vamo simbora né?

[00:13:00] P: Chico, tem uma coisa que a gente escuta muito que é, dos outros ouvintes do Budejo, pessoas Brasil afora, que toda vida que a gente escuta parece que é a primeira vez e a gente se surpreende, que é, um país desse tamanho, a pessoa vamo dizer o último relato que a gente escutou uma do interior do Rio Grande do Sul, se interessar pela região, pela maneira como a gente fala dela, e toda semana escuta um episódio falando, a gente num fala só do Cariri mas é nossa visão do Cariri sobre o mundo né? que doido isso né assim, que coisa mágica e interessante..

[00:13:28] X: E eu escuto cada vez mais assim de de gente falando do do Budejo aqui em São Paulo, virou uma coisa rotineira assim, de de de ouvir falarem

[00:13:37] P: Massa

[00:13:37] L: Pô, que massa

[00:13:38] X: É, não, tá pegando pra valer mesmo, cara, não é, não é só impressão de vocês não, ou números não, é pra valer... você vê citado assim em mesa

[00:13:47] F: Porque tu acha que a região é interessante a esse ponto?

[00:13:50] X: É, é uma, Cariri é o centro do universo, né, pra começar

[00:13:54] (risos)

[00:13:55] X: Que é é, uma região riquíssima de qualquer aspecto, se for estudar aaa religião mais profunda, religião popular mais profunda, onde é que cê vai? ali o a é é, o Cariri com toda essa história de Padre Cícero não nos arredores, Zé Lourenço, esses profetas..

[00:14:15] L: A beata né?

[00:14:15] X: É, esses profetas da fome que fazem parte da da de todo o imaginário do nordeste, é e no mínimo dos anos 30 até hoje, se você for pras artes, nem se fala, ai é é uma riqueza, de arte popular como o o erudito que é o que você queira, pra onde você se mexer tem coisa importante aqui, que veio do Cariri

[00:14:35] P: Às vezes eu fico pensando, bicho é muita coincidência, Caetano e Betânia, dois gênios, terem saído do mesmo útero de Dona Canô, às vezes eu fico pensando, bicho mas aqui no Cariri também é um grande útero de onde sai, daqui tipo saiu Bárbara de Alencar e Violeta Arraes, diga aí..

[00:14:48] X: Sim sim sim, Pedro

[00:14:50] P: (risos) de um só lugar..

[00:14:52] X: É muita história, eu falei do Cariri como centro do mundo, porque tinha uma a a esquerda brasileira tinha, tinha teve um tempo que tinha, era um pouco, virou um pouco folclore mas tinha um fundo de de verdade, é, de um tempo que o o o Marighella teve aí no Cariri..

[00:15:06] L: Caramba

[00:15:08] X: É, se hospedado não sei se em Barbalha, e ele curtiu muito a região, a história e nesse tempo criou-se o folclore da esquerda brasileira de que a grande revolução do proletariado internacional ia começar aqui no Cariri

[00:15:21] (risos)

[00:15:22] X: Quando eu falo que é centro do universo é porque teve, essa conversa teve

[00:15:27] (risos)

[00:15:29] X: Num é à toa o que eu tô falando, mas teve essa, essa história real

[00:15:36] F: Num foi a Bárbara de Alencar a primeira política do país?

[00:15:38] X: Foi, foi, ficou numa masmorra lá em Fortaleza... e ela participa com os filhos, os filhos estudavam na Faculdade de Direito do Recife, participou ativamente da Confederação do Equador, com com a turma do Frei Caneca de de do Recife, mas quando o Crato fica sete dias independente do Brasil e universo, vira República Independente do Cariri, é, foi influenciado pela Confederação do Equador de de, vinda lá do Recife

[00:16:04] F: Essa história é muito cara

[00:16:05] P: É demais cara, isso é, e a gente falando hoje nordexit né? da nossa emancipação, taí ó...

[00:16:12] (risos)

[00:16:18] X: É um mar de história cara, é um mar de história com pterossauro voando por cima..

[00:16:22] P: Exato, e ainda teve dinossauro

[00:16:25] (risos)

[00:16:27] P: Um pterossauro voando por cima...

[00:16:29] F: Alguém precisa escrever sobre isso...

[00:16:31] X: Isso é muito rico, cara...

[00:16:33] P: Demais, demais

[00:16:35] Vinheta

[00:16:37] L: Pequena pausa no episódio praquele recadinho, como você já sabe, o Budejo faz parte da Rádio Guarda-Chuva, que é uma confraria de podcasts jornalísticos, então hoje eu vim aqui indicar o "Põe na estante" que é o podcast da Gabriela Mayer e ela quem vai te fazer esse convite: "Oi pessoal, aqui é a Gabriela Mayer do 'Põe na Estante' e vim convidar vocês mais uma vez pra conhecer o podcast sobre literatura, é um clube do livro em formato de podcast, a

gente tá numa pausa agora sem episódios inéditos mas as duas primeiras temporadas tão lá inteiramente disponíveis nos tocadores com 16 episódios sobre 16 livros diferentes, 8 livros em cada uma das temporadas e nesse meio-tempo enquanto a terceira temporada não volta, vai ser em junho, a gente tem feito *lives* no Instagram @poenaestante com leituras conjuntas, vai lá ouvir, a segunda *live* vai ser no dia 22 de de abril, quarta-feira às 7:30 da noite falando sobre a segunda parte do livro 'Fique Comigo' da Ayobami Adebayoí, escritora nigeriana, brigada Budejo pelo espaço, um beijo para vocês"

[00:17:43] Vinheta

[00:18:18] L: Saindo um pouco do assunto Cariri, mas ainda falando de da tua obra, uma coisa que eu noto assim, é a gente ultimamente acho que, faz um faz poucos anos, o papo de masculinidades começou a ficar mais popularizado né, homens falando sobre masculinidades, mas tu fala sobre isso há um tempo já né assim, acho que tua obra é muito focada nisso, e tu, como é que tu enxerga esse movimento hoje né, de debater masculinidades e tal, e como é que tu vê sabe, esse tema que tu já vem falando há há anos e anos aí..

[00:18:48] X: É é, o o, quando começou, logo que começou esse debate no Brasil, acho que que era, sei lá, também começo de internet o o, tinha já era o, num era um blog, era um site chamado Carapuiceiro, e é uma homenagem até a a um antigo jornal de Pernambuco, o jornal Sativo (??) de Pernambuco das antigas, e e e esse tema comecei comecei assim a escrever crônica quando surgiu aquele termo, que era um termo muito do da imprensa estrangeira muito, o New York Times tinha um colunista que falava nisso, tinha colunista que falava toda semana, quando começou a usar o termo 'metrossexual' pra falar desse novo homem, um homem moderno, ligado na moda etc, e eu comecei muito a tirar onda com esse, com esse metrossexual, é usando muito do contraponto que eu chamava de Macho Jurubeba, que era um cara mais raiz e etc etc, é é, muito o, esse esse homem é mais mais antigo, Jurubeba como eu chamava, muito inspirado no lá de Santana do Cariri, mais bicho bruto e tal, mas era uma forma de de discutir isso, de discutir delicadeza no homem, discutir a o uma nova e possível masculinidade e escrevi logo depois, tive uma coluna na na revista da Folha é, que chamava 'Coluna Macho' que era também com essa, com essa discussão e, aí nisso escrevi coisas que eu julgo legais, coisas mais ou menos, e tem um bocado de coisa que eu revendo assim... tipo pegar meu primeiro livro 'Modos de macho & modinhas de fêmea' eram coisas, na época eram lidas como as coisas até modernas, tinha até uma ruptura com o machão mais que eu não queria mudar nada e etc, mas quando eu leio hoje, é, eu eu fico assim horrorizado como é que eu pude escrever aquilo

[00:20:35] (risos)

[00:20:36] X: Eu já contei aquilo, tudo bem, tá no livro, e é um bom registro assim de, acho que como indício de de, o livro tem muito do mundo do Cariri e tal, é é um pelo registro de de crônicas, de costumes, daquela época mas eu me envergonharia de de reproduzir qualquer parágrafo que tem ali, porque era tido como uma coisa moderna porque era, tava digamos inaugurando assim essa discussão sobre novas masculinidades e etc, mas era era de uma ignorância também é... embutia assim uma ignorância, sem sem limites, mas é, eu faço a minha autocrítica mas acho que foi importante essa essa discussões e ter escrito muito sobre essa, me ajudou a pelo menos a a eu mesmo dar uma melhorada, eu acho que se eu não não ajudei a melhorar ninguém eu dei uma, eu ganhei uma delicadeza que que eu acho que demoraria muito a a ganhar se eu não tivesse escrito, me debruçado é, entrevistado muita gente, eu eu me aprofundei muito na na história do do dos homens da minha família, a relação deles com as mulheres, o meu pai com a minha mãe, então me serviu, me foi um um belo mergulho nessa brutalidade da macheza, da da dessa coisa que não é do nordeste, não é do Cariri, não é só do Brasil, que é muito da América Latina

[00:22:00] L: Tu falando isso daí né? e eu pensando, cara...tu teve que ir amadurecendo o seu conceito em meio a um período em que a gente vai amadurecendo ao vivo na rede social e e recebendo todos os feedbacks ali na hora né, e uma coisa que é muito comum em tu também, é

se manifestar politicamente né? eu lembro alguns anos atrás assim, eu não sei quando Lula foi preso, ou se foi ali no começo da lava jato, que eu te acompanhava no Twitter e às vezes de madrugada assim, nas três da manhã tu começava a esculachar todos os políticos do Brasil e eu até comentava com um amigo meu "Bicho, acho que o Xico tá bebo uma hora dessa e puto com a lava jato..."

[00:22:39] X: Não, quando quando eu bebo é o contrário, eu fico manso aí eu só publico poesia.... lava jato é quando eu não posso beber, quando eu tô sóbrio (risos)

[00:22:50] (risos)

[00:22:53] L: Sensacional...

[00:22:53] X: Normalmente é quando eu bebo não, aí vou pra, aí viro Patativa do Assaré, viro sei lá, Rimbaud, vou pro mundo da da poesia, da delicadeza, mas sim, eu sempre tive essa essa... já paguei muito caro por isso sabe? de perder trabalhos, de perder freela, de perder freelancer, perder, já perdi muita coisa mais, cara, tem momentos assim da história que você é um homem ou um prato de papa? Você não vai se manifestar nessa hora? pô, você teve a chance de, estudei toda a minha vida em em escola pública em Santana, em Juazeiro, tudo era público eu sou quase um Xicobraz de, Universidade Federal de Pernambuco, tudo tudo público, eu comi no bandeirão da universidade federal a vida inteira, até a bóia pública paga pelo contribuinte e num sei o quê, vai passar a vida e eu não vou me manifestar porque eu tenho um contrato, porque tô ligado a isso, aquilo, eu acho que eu, é o preço que se paga mas é um é um preço que paga um debate inclusive com os locais que você presta serviço pra começar a tentar ali... pô nós somos tão babacas assim que uma pessoa não pode escrever isso que a gente já corta já corta uma coisa dela, sabe? Eu me me acho útil nesse sentido de provocar esses debates, eu acho que é mesmo você tendo um prejuízo aqui e outro aculá, mas são debates que que eu creio que valem muito a pena sabe, vale muito a pena a gente, p**** (porra) essas vidinhas não valem nada, você passa por aqui voando, e você sequer debateu as coisas que você julgava importante, você fica guardando essas dores todas, as angústias, não.. eu acho, eu acho que é, é muito importante, é botar pra fora, seja numa madrugada no Twitter, numa crônica mais alentada, eu acho que isso é um bom debate...

[00:24:36] L: O que eu achava muito legal era que muitas vezes tu tava lá descendo o c**** (cacete) na Globo, na Folha, num sei o quê e quando você via tava lá Xico no Amor e Sexo na Globo, Xico comentado no TV (risos) e tal eu falei caramba, assim, não é um cara que tem receio de falar do lugar né, de onde ele tá trabalhando, isso era muito, é muito interessantee eu queria te perguntar como é que tu lida, porque assim pelo Twitter tem um milhão e meio de seguidores né, então eu imagino a quantidade de ódio e de mensagens carinhosíssimas você deve receber (risos) quando tu fala, como é que tu lida com isso assim?

[00:25:09] X: Melhorou um pouco né, porque acho que tem muita gente de crista baixa também né porque a m*** (merda) que viveu de 2014 pra cá é é é sem limite, a consequência do que a gente viveu é por conta de toda essa, essa confusão política hoje é é é, hoje a gente vive pelo retrato aí muito bem acabado da do que resultou dessa dessa fuleragem toda que a gente foi aceitando e deixando passar e achando que "Ah não, pode chegar no ponto dele, do Bolsonaro ele vai se, ele vai se adequar, ele vai entender o capital nacional, as empresas, a mídia vai colocar ele no lugar aí p*** (porra) nenhuma né essa bagunça aí toda em plena a pandemia, mas o o que eu acha assim, primeiro eu nunca recebi nesses lugares que eu trabalhei assim nenhuma coisa, uma ali, os dez mandamentos que pode o que num pode, segundo eu já já era muito numa condição que mais de de, eu não tinha até meus contratos de trabalho permitiam que eu não fosse 100% obediente, que eu não tava, eu não pertencia aos quadros das emissoras, dos jornais e etc, e terceiro que eu acho que é importante você falar sabe, você, eu não vejo contradição alguma em prestar serviço à Globo, Folha, Estadão, trabalhei em todos esses jornais e lugares é, Jornal do Brasil, toda a dita grande mídia do Brasil e e eu fui educado assim no começo da minha carreira, era muito comum e normal você, ser como como xingam hoje,

comunista desgraçado e trabalhar nesses lugares, normalmente com com todo mundo sabendo o que cê pensava, como cê agia, isso era, não havia sequer esse debate sobre isso, esse debate é muito do da da, muito mais da fase agora de rede social e etc, então eu nunca vi contradição alguma, é eu vou lá e vendo minha, meu texto, minha voz, não vendo minha imagem, que minha imagem Deus me livre, no dia que quiserem comprar o mundo tá arruinado, que... (risos)

[00:27:17] (risos)

[00:27:18] X: Um galã desse, né? (risos) mas eu vendo digamos assim, o que chamam hoje popularmente de conteúdo, eu não vejo contradição nenhuma de eu eu vender essa força do meu trabalho, essa essa minha produção como um operário de qualquer outro lugar como um operário da linha de produção da Volkswagen, ele pode fazer um chassi, o chassi lá do do fusca, ele pensando como ele pensar, era, eu nunca vi contradição, eu eu vejo muito, nunca também o jornalismo como uma coisa é elitista, como uma coisa à parte do mundo, eu acho que o jornalista ele é um, por mais que muitos se achem por aí, e não se julguem trabalhadores, eu acho o trabalhador em linha de produção normalíssimo eu não vejo nada de diferente de outro trabalhador

[00:28:10] F: Interessante aí essa visão de quem tá de dentro, porque às vezes quem é jornalista e se acha que trabalha nos grandes veículos, tem uma certa liberdade, tem uma certa liberdade inclusive artística e criativa pra trabalhar mas de qualquer forma você faz parte de alguma engrenagem, e tá lá dentro desse sistema e tem que adequar a ele, apesar das suas posições né

[00:28:30] X: Perfeito, perfeito..você falou tudo

[00:28:31] F: E a gente tinha até preparado, uma uma questão que é a gente hoje sabe a importância da mídia, acho que muito mais do que em qualquer outro momento da sociedade brasileira, a gente tá vendo aí que as coisas elas estão acontecendo, as pessoas sabem é a gravidade do que tá acontecendo hoje no país por conta da, dos jornalista que são inclusive destemidos também né? e muito também por conta na internet e tudo... O que que tu vê hoje, o que que tu acha da imprensa hoje e desses jornalistas que vem se destacando, dando um furo e tudo mais, há uma grande diferença dos furos do passado? Por exemplo, você é um cara que ganhou um grande prêmio por conta de um grande furo que você deu né? Eu gostaria que você falasse um pouco sobre isso, dessa dualidade dos dois tempos na imprensa brasileira.

[00:29:12] X:Eu num tenho nostalgia nenhuma é em relação a esse, a essa jornalismo, no jornalismo o melhor momento é hoje de, em relação a jornalismo no geral, sei lá, pega aí, pega Luan, Pedro e Felipe, vocês tão aqui né tão aqui no Budejo, a minha geração não teve essa essa chance de sei lá, o máximo o máximo um jornal o jornal que distribuía lá no campus pra mil pessoas..

[00:29:36] P: Um fanzine

[00:29:38] X: Essa geração de vocês tem a chance de fazer do Crato, sem sem essa, que é triste essa dependência do do das grandes metrópoles, você só existia se tivesse no Rio, São Paulo em alguns momentos no resto do Nordeste em Recife, Fortaleza, Salvador e hoje você tem chance de fazer um podcast do do Cariri com tanta relevância como qualquer outro, vocês podem daí dar um furo eu o o e fazer um conteúdo tão relevante quanto o mais modernoso dos paulistanos, por exemplo, então isso eu acho fabuloso sabe que que a tecnologia tenha permitido a democratização, eu eu me formei eu tinha pra trabalhar dois jornais em Pernambuco, no Recife, no caso o Diário e o Jornal do Comércio, e tinha e admirávamos e havia quatro jornais grandes no Brasil inteiro, Folha, Estadão, JP e o Globo, quatro grupos, quatro famílias pra se trabalhar, sei lá, pro sul tinha mais a a Zero Hora, então é seis famílias dominando, digamos, o grande jornalismo do Brasil com com uma parte assim, um agregado ali que eram os diários associados, então a democratização na prática que a gente vê hoje, claro, com alguns entraves aqui e ali, é é gigante, então eu acho que hoje a a o furo é mais democrático, você pode apurar uma coisa em, a partir do Crato, sobre a pandemia inclusive, e fazer um uma matéria de relevância internacional... então eu acho que a gente a a vive um um um momento muito mais

interessante, tudo bem que é nostálgico e é bonito e é, é romântico sei lá, eu ser premiado trabalhando num num grande jornal do país e etc, mas é muito mais interessante do ponto de vista de democracia, de política moderna, é você conseguir fazer a tua história e você ser o seu próprio, seu próprio Roberto Marinho, ou seu próprio Frias, o seu próprio Mesquita, de uma pequena cidade no Cariri, então isso é muito mais bonito

[00:31:45] P: Demais, genial pensar assim

[00:31:48] X: É, é, e as vezes a gente cai muito, e mais os jornalistas da minha geração, a gente se pega muito, cai muito nessa ondinha de a, da nostalgia e começa a cair naquela coisa de perigosíssima que é a pior doença, cair naquela coisa "Ah, no meu tempo, no meu tempo", no meu tempo o c**** (cacete), o meu tempo é agora p*** (porra)

[00:32:06] (risos)

[00:32:09] X: Até a a enquanto deixarem né? (risos)

[00:32:11] F: É, enquanto for possível ser o nosso tempo...é exatamente isso porque a gente fica muito feliz que cê comentou agora a pouco que ai, o Budejo tá sendo falado aqui no sul e tudo o mais, aqui no sudeste e tal e não é que a gente quer um programa pra ficar se olhando e se orgulhando, é que a gente sabe da dificuldade, de nós estarmos aqui, eu e Pedro somos jornalistas, João não, é advogado, mas eu sempre digo

que ele é um jornalista de alma, porque

[00:32:36] X: Sim, sim

[00:32:36] F: Tem o talento pra isso...e pra nós é assim, atingir o objetivo entendeu? nós somos do Cariri e falamos do Cariri, mas conseguimos falar coisas que interessam ao país inteiro com o nosso sotaque, do nosso jeito, da nossa visão de mundo, então você falar tudo isso, você sendo do Cariri, é um cara que ganhou a vida e aquele lance "Deu certo na vida" e hoje mora em São Paulo, você falando isso, é meio que fecha um ciclo de objetivos traçados e conquistados que a gente teve, lógico, a gente tem outros muito mais, a gente quer crescer mais ainda, mas é como se a gente tivesse agora com respaldo sabe, de ter ouvido isso de tu falar e foi muito massa

[00:33:11] X: Fico feliz, fico feliz, é, a minha dependência da minha geração que tinha a questão de o que você falou de, sei lá, esse conceito de "Vencer na vida", vencer na vida do jornalismo, dessas atividades de comunicação e geral sempre foi muito restrito a OK, a trabalhar num grande veículo no, principalmente no eixo Rio-São Paulo e etc e e esse cenário de hoje com podcasts, canais, blogs, etc, feito democraticamente em qualquer lugar do país, isso quebrou um pouco essa corrente de de óbvia sabe, que ah não, ou você triunfa no sul maravilha ou você não é nada, não se sente bem, etc, que essa essa quebra, isso é de uma importância sem limite...

[00:33:59] Vinheta

[00:35:07] L: Falamos aí em vencer na vida, você como um cara, jornalista, né, escritor e tal, e também teve um livro seu adaptado pro cinema né? eu queria falar um pouquinho sobre isso, Big Jato aí, quem ainda não assistiu, vá atrás, tem aí no YouTube, pra você alugar ou comprar, filmaço com Matheus Nachtergaele, com Jards Macalé, eu queria saber o teu envolvimento no filme assim, como foi, me explica como foi levar essa história pro cinema e se quiser falar um pouquinho da história do livro também, né, porque acho que tem tudo a ver com esse papo que a gente tá tendo aqui agora...

[00:35:39] X: Cara, eu não, é... eu não quis me meter na, eu já tinha escrito o livro então eu entreguei ali ao ao diretor, ao Cláudio Assis que é um cara que já é meu amigo a a séculos assim é compadre e tal, e o roteirista seria no começo o Hilton Lacerda, é com outra menina daqui de São Paulo que eu confiava bastante no trabalho dela, a Ana Francisco, eu eu, tava nas mãos de uma turma tão boa assim, eu digo "Não, eu não entendo de roteiro, meu negócio é escrever, escrever o livro, e com eles eu não quis me meter hora nenhuma, mesmo sendo chamado, me meter nessa parte de roteiro, eu queria que eles fizessem um filme como um leitor filma a história na sua cabeça durante a leitura, eu queria que e no caso deles, nenhum era do Cariri, eu queria que eles imaginassem, aquele mundão todo da é, que tá no livro, que aí o Cariri

é muito ali meados dos anos 70, 75, por aí, eu queria que eles fizessem aquela viagem na na na no cinema, eu não quis interferir em momento algum, o máximo que eu fiz foi uma viagem aí pelo uma uma uma excursão sentimental com o Claudio Assis pelo Cariri assim, tomamos cervejas em vários lugares e ambientes e tal pra eles pegarem ali a digamos uma...

[00:36:56] L: A vibe...

[00:36:57] X: É, uma vibe caririense ali, pegar uma uma um gostinho do que é o Cariri mas não quis em hora nenhuma me meter na na na parada... mas o livro ele conta a história de um menino impressado ali entre dois personagens que é um tio que é poeta, cachaceiro, maconheiro, racista, radialista, e e e o pai que é um cara, é um desses carirenses religiosos fundamentalista, só acredita no valor do trabalho, do suor, que é o dono do do do caminhão da m*** (merda) que é o Big Jato, ele cresce impressado ali entre a poesia e o rigor do trabalho, da disciplina e ele vai e cresce admirando aquelas duas criaturas e essa é digamos o eixo principal que é a história, é o veio principal do livro, mas como eu acho a riqueza maior da história toda do Big Jato que são os arredores né, são os grandes personagens do Cariri da minha época, que é o Príncipe Ribamar da Beira Fresca, que é um profeta tido como maluco mas não tinha nada de maluco que vivia ali na rua Santa Luzia, na frente duma de uma sorveteria chamada Beira Fresca que era um, a grande moda da época, hoje acho que ali é um é, bem na Rua Santa Luzia bem na frente do, do outro lado do mercado, tem o mercado e do outro lado ali, então, entre a São Pedro e a São Paulo, e então tem esse, esse Príncipe Ribamar, tem uma mulher sensacional que a té a gente tava falando de tempo de pandemia, e ela é muito importante na história do Cariri que chama Maria Caboré, era uma empregada doméstica assim, uma mulher do povo, simples sem sem fim que ela é é, durante a a a o os surtos, as epidemias de sarampo, cólera, seja o que fosse, essa mulher era quase uma uma autoridade higienista assim, ela ajudava o o as pessoas assim a limpar a cidade, principalmente no Crato, a a chegar a limpar o o cemitério depois de ciclo de muita morte de cólera por exemplo, então essa mulher tem uma história ligada à saúde pública e era uma uma uma doméstica assim, uma pessoa que não tinha onde cair morta, como se diz popularmente, essa Maria Caboré era, eu coloco ela no no no livro pela importância que ela teve nos momentos difíceis de doenças coletivas no no é, no Cariri, o livro é essa bagaceira toda, é uma feira, uma grande feira do Cariri assim, acho que quem não conhece a região vai vai vai ter uma uma uma ideia do que do que somos aí..

[00:39:36] Vinheta

[00:39:48] P: A gente tava falando sobre você ser uma pessoa que produz conteúdo mas também tá online, tá ali no Twitter, vendo também o quê que as pessoas estão falando, e que quando eu tô aqui fazendo quarentena na casa da minha mãe, quando eu cheguei ela me mostrou um negócio de uma amiga dela mandou, e ela discutindo com essa amiga que a amiga falou que o coronavírus era *fake*, aí ela pega e me mostra o áudio da mulher falando entre muitos absurdos "Minha irmã, isso aí foi o PT que inventou pra tirar Bolsonaro" E aí nessa hora eu já disse "Não, tira tira tira" e isso me deixou assim numa deprê por uns dois dias, que eu fiquei "Qual o sentido dessa vida meu pai eterno?" eu fiquei, eu fiquei cara, um vírus é pouco... um meteoro é pouco, um vulcão é pouco, porque assim eu perdi a esperança mesmo, que não pode cara, não pode você acha que a Espanha tá mentindo, que a Itália está mentindo, que Trump tá mentindo, porque foi Lula que inventou isso...

[00:40:39] X: Não, e foi, é o que tá rolando, e é isso que ganhou a eleição assim, ajudou a ganhar a eleição, isso que.. em primeiro momento, não perca a esperança (risos)

[00:40:51] P: Não é, o de perder a esperança eu digo é justamente isso, porque a gente trabalha aqui produzindo conteúdo, e a gente faz, a gente passa pra frente a informação, aí você passa pra frente a informação que a pessoa se recusa a ler... um dia desses eu tive uma discussão no Twitter por causa disso, porque a pessoa não leu a m**** (merda) da matéria e ficou dando pitaco, aí eu cara, pra quê, pra quê, veja só, eu dei reply dizendo "Bicho, cara, lê" apareceram

uns vinte caras assim, vinte pitbulls me chamando de viado pra baixo, ah, bichinha num sei o quê, abriram meu perfil e começaram... eu só mandei o homi ler a matéria cara, que doido..

[00:41:22] X: Isso é muito angustiante, isso é a pior coisa hoje é isso, você ver a a a tia do zap ela tá praticamente governando o Brasil,

[00:41:34] (risos)

[00:41:34] X: Isso pra gente da da que tenta fazer alguma coisa no mundo da comunicação assim, é desesperador em alguns momentos, e até quando você falava eu lembrava da da da primeira fake news que eu tive conhecimento na vida, que o PT ia mandar pintar a estátua do Padre Cícero de vermelho

[00:41:49] (risos)

[00:41:51] X: pode pintar de vermelho encarnado... e chegou até panfleto isso, debaixo do da da da

[00:41:58] P: Meu Deus, de encarnado... (risos)

[00:42:00] X: Isso foi distribuído panfleto, distribuído muito panfleto no Juazeiro assim, essa foi uma das primeiras fake news que eu eu lembro do do pré internet assim..

[00:42:11] P: Pensei que tu ia dizer que era assim a Pedra da Batateira...

[00:42:14] X: Não, isso aí é verdade pô (risos)

[00:42:17] (risos)

[00:42:20] X: Só que, só que vai demorar...nem um de nós vai viver isso, daqui a uns dois séculos (risos)

[00:42:27] P: Eu via história do vulcão né? estourou um vulcão, o mundo vai acabar... eu disse "Calma, que a Pedra da Batateira ainda não rolou" enquanto a Pedra da Batateira não rolar a gente tá salvo..

[00:42:36] X: A Pedra da Batateira tá vindo (risos) que o Cariri vai virar o mar de novo né?

[00:42:42] P: E é a água que vai limpar o mundo, a história é bonita

[00:42:43] X: Vai ser a redenção do mundo de novo

[00:42:45] F: Esse caso que Xico falou agora, eu dei uma a pesquisada rápida aqui, pra quem quiser ver, tem uma matéria na Folha do ano de 2000, olha só quanto tempo faz isso isso, isso aconteceu na eleição de 1989, era Collor e Lula?

[00:42:59] X: Isso, isso, exatamente

[00:43:00] P: De quem é a matéria, Felipe? Pra ver se Xico conhece

[00:43:03] F: É da Folha de São Paulo e escrita por Camila Fernandes

[00:43:07] X: Sim, conheço demais cara, trabalhei com ela em São Paulo...

[00:43:10] P: Na verdade tu que deu esse furo pra ela, tu que deu a ideia (risos)

[00:43:14] F: É, na real ela tá falando aqui de um cordel que que virou um meio pra ataques em Juazeiro do Norte, a galera tava meio que atacando um ao outro em forma de cordel, olha que história sensacional, eu vou até colocar esse link depois..

[00:43:26] X: É é isso aí, foi isso aí que eu tava lembrando e foi e eu lembrei de outra forma, foi isso aí que na época foi uma p*** (puta) discussão

[00:43:35] L: Bicho, mas sem querer ficar com essas nostalgias sem futuro mas melhor se atacar por cordel do que por Whatsapp né cara?

[00:43:40] (risos)

[00:43:41] X: Ah, é é muito mais artístico né?

[00:43:48] L: Poético né cara

[00:43:51] X: É um desafio muito mais bonito

[00:43:54] F: Nam, só pra encerrar esse lance da estátua, a matéria fala ainda que outro boato que existiu nesse mesmo momento foi de que se o PT ganhasse ia colocar a estátua do Padre Cícero pro Crato, ia mandar pra lá, do Horto lá de Juazeiro...

[00:44:07] (risos)

[00:44:08] F: Cara, é muito bom a criatividade da galera que é, bons tempos que a *fake news* era isso, né?

[00:44:14] X: É, pô, agora com a velocidade que a gente tem mas imagina, um negócio desse vira o assunto mais comentado em dois segundos e...

[00:44:23] F: É, no mundo inteiro

[00:44:24] X: E cê começa a tomar tudo que é medicamento errado e vira uma desgraça num tempo desse que a gente tá vivendo..

[00:44:31] L: E se o PT consegue espalhar um vírus no mundo inteiro, o que é mo mover uma estátua de lugar né?

[00:44:39] (risos)

[00:44:39] X: É nada, eu o o o.. estátua maneirinha essa né? fácil de levar...

[00:44:44] (risos)

[00:44:46] P: Maneirinha

[00:44:47] (risos)

[00:44:48] X: Eu acho que um caminhãozinho daqueles, aqueles meio caminhãozinho que leva fácil...

[00:44:53] (risos)

[00:44:55] P: Ô Xico, tu viu uns acontecimentozinhos a mais do que a gente, não tem uma diferença tão grande de idade, mas cê viu redemocratização, cê viu Collor caindo, você participou como jornalista daquilo, num foi isso?

[00:45:08] X: Sim sim

[00:45:08] F: Porque eu fico pensando aqui né, acho que essa existência nossa aqui como sociedade, ela é caminho e no caminho você vai, passa, vai crescendo vai crescendo e todo mundo junto, 2016 pra cá eu acho que tantas águas rolaram né, acho que a gente como esquerda amadureceu, a direita ganhou força e eu tenho fé em Padre Cícero que eles devem tá caindo na real, não sei, eu tenho essa dúvida, se nesse momento eles verem esse presidente se comportando desse jeito eles tão caindo na real

[00:45:30] X: Tomara a Deus

[00:45:32] F: O que é que tu acha assim desses processo que tu viu? tu acha assim que nesse caminho a gente foi formando a cabeça, pra ver esse país com mais clareza, porque eu acho que falta um projeto de país, falta um olhar assim de você olhar pra esse países e entender, porque não pode um Ministro da Economia, dizer que pobre é pobre como é porque gasta o salário todo de uma vez... não faz sentido eu ir ali pra Praça da Sé e atear fogo o meu corpo, não faz o menor sentido, um Ministro da Economia cara, não ter uma noção de porque um pobre gasta em um salário de r\$ 1000 todo de uma vez, por que é que não gasta pra, ou melhor, por que é que não guarda para investir numa Startup...

[00:46:06] P: Num é é num é de lascar um negócio desses?

[00:46:09] (risos)

[00:46:09] X: É, de parar tudo, eu num acredito que o cara falou isso mesmo

[00:46:13] F: A pergunta é essa, pelo que tu já viveu, e tu já viu de Brasil se tu acha que a gente tá caminhando pra um lugar com um fim pelo menos, ou se a gente vai dar com uma parede...

[00:46:19] X: É, como eu sou sempre muito, muito otimista até pra continuar tocando a vida e não ficar aquele pessimista chato ao extremo e tal, eu acho que sempre tem um aprendizado, sempre tem uma coisa, só que pegar aí, eu já minha história como jornalista bem conhecido e com a redemocratização da de 89 e trabalhava um pouquinho antes, sempre fui enxerido, sempre trabalhei desde muito cedo, do aí você tem muitos ciclos né? você tem.... a gente abre a redemocratização meio ali com o que era possível, não teve as diretas, acho que teria mudado o país inteiro se a gente tivesse votado pra presidente em 84, 85, eu acho que ali a gente tinha dado um puta salto e não, a gente foi por colégio eleitoral aí seria o Tancredo, aí o Tancredo adocece aí entra o Sarney e faz aquele governo meia boca, com aquele vai e não vai, mas já com

ares de redemocratização, já com alguma liberdade, vez por outra ele voltava a tempo de ditadura e censurava filme, como o filme do Goddard, o "*Je vous salue, Marie*" foi censurado pelo Ministro da Justiça, aí você lembrava um pouco da ditadura, mas aos trancos e barrancos fomos indo e sempre com ciclos, ora à direita, ora à esquerda, aí teve o o a meu ver, um grande ganho que foi a a Constituição de 88 que é que é a Constituição, se a gente continuasse nessa Constituição a gente tava feito só que tão acabando com ela, ontem na madrugada, de ontem pra hoje, o Congresso votou a tal da carteira verde e amarela do Bolsonaro que simplesmente destrói o que faltava destruir da CLT, das leis trabalhistas do Brasil, então a gente avança aqui, volta aculá, aí tivemos o o Fernando Henrique que dá uma já uma bela de uma clareada, tinha um um tenho algumas críticas ao governo dele mas que já abre muita coisa importante inclusive plantando a coisa da Constituição de 88, pega o a coisa que eu acho mais importante a maior obra da redemocratização a meu ver é o SUS, o SUS ele nasce na Constituição de 88, o governo Fernando Henrique dá ali um marco que chamam Marco Institucional, começa a implantar, vem o governo Lula e bota dinheiro, bota pra funcionar no Brasil inteiro e é, cria-se nisso entre a assinatura do Fernando Henrique e a época do Lula se cria o sistema de saúde que bem ou mal é a grande obra, é o que tá assegurando a vida de muita gente agora...

[00:48:58] X: Então a gente tem de 89, de quando começa esse (indistinto) recorte de política até agora, sempre vi, avança pra cá, perde aculá e vai nesse nesse ritmo, só que o o a grande diferença do governo Bolsonaro é que ele é uma volta impensável, porque aí a gente volta todas as casas mesmo, a gente vai lá pra 64

[00:49:21] P: Ou antes, cara, porque não faz sentido..

[00:49:23] X: É, a gente não fica só no no a gente tava é, bem ou mal, eram governos democráticos, que com defeitos, o PT errou pra c*** (cacete) em um bocado de coisa, Fernando Henrique nem se fala, errou muito pra aquele outro lado, mas você tinha cara uma uma quadros ali, na área de saúde, na área de proteção ao meio ambiente, na área de ciências sociais, você tinha... sei lá, Lula fez mais universidades que o Fernando Henrique, mas os dois eram 100% a favor do ensino de universidade pública e etc, então você tinha um pensamento com diferenças políticas pra lá e pra aculá com uma execução errada aqui e aculá mas o pensamento muito a favor de de da democracia, dos grandes valores, de saúde pública, você tinha um bom pensamento e vem esse esse traste aí, esse infeliz das costa oca e ele simplesmente destrói

[00:50:21] L: É.

[00:50:21] X: Não é que você não tenha, não tenha uma ideia de governo, você tem uma destruição, agora em plena pandemia é é demitiu o diretor do Ibama que tava proibindo lá a farra dos garimpeiros na Amazônia, então é uma destruição total, eu espero que sirva pra pra alguma coisa, vou dizer uma das imagens mais tristes no período da eleição por exemplo, da campanha, foi aí no Cariri quando eu ainda tinha alguma esperança que eu digo "Não, não vamo, pode ser que, o povo num vai cometer essa essa essa c*** (cagada) monumental digamos assim", foi quando eu tava pensando isso no carro vindo lá de Santana, aí eu dobro ali na frente do shopping e tá uma p**** (puta) de uma manifestação de bolsominions, de juventude, juventude assim do Cariri, caba jovem, caba novo com o pensamento desmantelado e assim promovendo a maior festa entorno de Bolsonaro e aí naquela hora eu juro por Deus eu cheguei na minha mãe mora ali na rua Limoeiro, quando eu cheguei em casa eu pensei "Ih, lascou, agora não tem mais jeito e que m*** (merda), foi essa imagem na frente do do do shopping aí de Juazeiro, dessa juventude, que juventude pelo menos você pô, tem uma esperançazinha né?

[00:51:34] F: E o pior de tudo cara, é que a gente a gente tinha, eu pelo menos, eu cheguei uma hora da aceitação nessa nessa minha rua do Limoeiro também aconteceu, em algum lugar também tive essa aceitação mas nem nos piores pesadelos a gente pensava que seria pra tanto, sabe? a negação de tudo, do Ministro da Educação que não sabe escrever, do Ministro das Relações Exteriores que só briga com todo mundo, do Ministro da Saúde que vai cair agora porque é o único que se comportou como Ministro da Saúde assim né?

[00:52:00] X: Sim, sim

[00:52:02] P: Uma família envolvida com milícia e no assassinato de uma vereadora

[00:52:06] F: Imagina só cara, imagina só, e aí às vezes eu fico tentando puxar um lado positivo disso tudo que é o seguinte, as ações do governo elas são extremas, são tão absurdas, que eu fico pensando que proporção de que elas acontecem, o número de pessoas que apoiam o cara vai diminuindo na mesma proporção, porque se fosse gradativo, as pessoas iam abandonando o barco mais devagar, mas agora eu tenho a impressão de que esse barco tá sendo esvaziado muito mais rápido e isso me dá uma impressão de que o ciclo vai fechar e que e que em algum momento ele vai precisar sair antes de que complete os quatro anos.. é um tipo de pensamento "positivo" entre aspas que eu tenho, não sei se vocês também vêem desse modo

[00:52:43] X: Cara, Deus te ouça, não, é o que eu quero que que que seja é é seria o sensato a acontecer isso né?

[00:52:51] F: É que virou motivo de saúde pública mesmo

[00:52:53] X: É, não é pra brincadeira né velho

[00:52:57] L: O Xico falou aí da juventude caririense fazendo passeata, MBL Cariri, forte abraço, balança que o filho é teu também né

[00:53:06] X: Mas é muito, tem que, tem que abraçar bem

[00:53:09] (risos)

[00:53:10] X: Aí fica todo mundo tirando o corpinho fora, não, é responsável, é responsável por isso...

[00:53:14] P: Falando no nosso vocabulário, quem pariu Mateus que balance...

[00:53:18] (risos)

[00:53:18] X: Isso, vá vá vá lá no meio do Reisado balançar o Mateus

[00:53:23] P: Exato

[00:53:23] (risos)

[00:53:25] P: Ô Xico, e ainda sobre, ainda sobre juventude e a formação desse pensamento, eu tava contando pros meninos, ainda sobre essa pandemia que é uma das coisas que eu mais sinto falta é o bar, e o bar como instituição política, profissional, sexual, de tudo que acontece e revoluções, acho que várias revoluções são planejadas dentro do bar ou morrem logo ali porque eram conversa de bêbado

[00:53:48] X: Sim sim

[00:53:49] P: O bar pra mim foi um lugar que me formou intelectualmente, nesses bares todos do Juazeiro, do centro de Juazeiro, conversas assim que você cai pra trás né, assim você imagina, você com o cérebro precisando de conteúdo o bar pra mim por anos e anos foi onde eu tive essas conversas, e queria que tu falasse se se também teve esse papel formador na tua vida e se tu acha que nesse momento também tá fazendo falta..

[00:54:10] X: Cara acho que é é, na formação de jornalista e escritor é é a grande universidade né, desde aí de Juazeiro sei lá que que eu.. quando você tá ainda assim cabaço de tudo, de de, começa a beber com os caras que já são meio referência, são os os caras que você respeita na sua cidade, no seu universo aí, cara eu lembro em Juazeiro num num primeiros porres com Stênio Diniz, que é

[00:54:39] P: Eita, já bebi uma com Stênio Diniz, já fiquei bebo com ele

[00:54:43] X: Você já admirava o cara, um puta artista e e você toma um porre com com, tá lembrado do dos porres iniciais assim com um cara desse então é um mar de sabedoria, chego no Recife também dei uma sorte, peguei assim um umas mesas incríveis de conversa, de indicação de leitura, de, aquela hora do amostramento que você tá começando a ler muito e você vive com livro debaixo do suvaco e

[00:55:10] P: Exato, exato

[00:55:11] X: Tanto é pra ler como pra se amostrar, porque é uma amostração bonita, pô eu sou um leitor, eu leio pra c*** (cacete) c***** (caralho) e daí.. é é um amostramento bonito e é

num envergonha ninguém, então assim, é um grande roteiro de leitura, de aprendizado, de ouvir esses caras que já eram referências e e bebi com esse povo, é um grande abridor de mentalidades, de cabeça, sempre foi e sempre é, na história toda, teve a história da literatura inteira da, do jornalismo, toda formada por aí e e e nessa hora você, sem sem puder participar dessa festa coletiva é dá mais agonia porque beber em casa é diferente

[00:55:54] P: Horrível

[00:55:56] X: É

[00:55:56] F: É bom no começo, eu acho, fica até legal mas depois você não aguenta mais né

[00:56:00] X: Não, e você fica bêbado muito rápido p*** (porra)

[00:56:03] P: Isso

[00:56:04] (risos)

[00:56:06] P: E a tristeza da ressaca, você acordar no outro dia no mesmo lugar onde você bebeu

[00:56:09] (risos)

[00:56:12] X: Pô eu não tinha pensado nisso, isso isso é uma sabedoria, nunca acorde no mesmo lugar que você bebeu...

[00:56:19] (risos)

[00:56:23] X: Isso é genial, pô..

[00:56:23] F: Tu foi pai recentemente, né agora e eu acredito que tua vida tenha mudado inclusive, ser pai na quarentena deve ser assim, um nível chefão da vida já né, criança toda hora dentro de casa... e como tá sendo isso e qual a primeira coisa que tu vai fazer quando isso acabar?

[00:56:40] X: Cara, tá sendo assim o o a Irene tem três anos e pouco e tenho um enteado, o Téo vai fazer doze agora, vai fazer doze no próximo dia 21, ela demorou, ela demorou a compreender porque que não podia ir no parquinho, porque que não podia, a gente sempre passeia muito, pega metrô pra ir pra Liberdade, pra feira da Liberdade, pra comer uma coisinha na feira da Liberdade e e e a Larissa, a mãe, a gente vive mesmo a cidade, os parques, as coisas, o que São Paulo tem pra oferecer e a gente acaba aproveitando de tudo e ela demorou um pouco pra entender o que tava acontecendo mais depois ali pras com a a aplica um pouco a metáfora do lobo mau com um bichinho invisível e ela foi aprendendo, o que, não sei se certo, mas ela entendeu

[00:57:29] (risos)

[00:57:29] P: É didático né? apesar de triste, é didático né? são crianças e tal

[00:57:34] X: Exatamente, ela o o voltando à ressaca assim, sempre tem com criança de três anos não respeita a ressaca de ninguém não é só você acordar disposto (risos)

[00:57:50] F: Você tem que beber sabendo né?

[00:57:52] X: É, minino não respeita ressaca de véi não, é é vamo simhora, do jeito que acordar tem que ir... mas tá a gente dá pra ver muito filme junto, leitura junto, tá uma hora de, já que vamo aproveitar que é é tirar algum proveito dessa dessa bagaceira toda, mas vamo assim, o que eu quero fazer depois é eu vou pro Cariri é pegar um avião pro Cariri porque a gente tava com essa viagem pra fazer agora e meu pai vai fazer 80 anos dia 21 agora de abril lá em Santana do Cariri no sítio das Cobrazinhas que é uma festa lá, a gente ia fazer um carneiro lá com cerveja e tal, sanfoneiro ia uma bagunça, um outro irmão meu que mora aqui em São Paulo ia todo mundo e essa festa foi adiada, então até quando vai ser essa festa.

[00:58:44] F: Boa

[00:58:45] P: Ô meu Deus

[00:58:46] X: Mas 80 anos do véi, véi de Mar

[00:58:50] L: Que maravilha! Xico cara, queria te agradecer assim imensamente por bater esse papo aqui com a gente, desde que o Budejo começou que é uma vontade nossa lhe trazer aqui, uma pena que tenha sido assim, à distância, mas eu espero muito que passado essa pandemia quando você vier comemorar o aniversário do seu pai a gente consiga também lhe trazer aqui

pra Juazeiro e bater um papo no estúdio todo mundo junto, tomando uma cerveja como tem que ser, pessoalmente

[00:59:12] X: P**** (porra), fiquei muito feliz cara, sou sou fã mesmo do do do Budejo, tenho visto cada vez o bicho indo mais longe e eu queria agradecer a vocês, ao Luan, Felipe, Pedro e e, passou essa confusão toda a gente faz um aí e pra valer

[00:59:29] F: Massa, brigado Xico

[00:59:30] P: Ô, se Deus quiser

[00:59:31] L: Maravilha, Xico, um abraço

[00:59:33] X: Abraço velho, brigadão, beijo

[00:59:35] F: Valeu

[00:59:36] P: Cheiro

[00:59:37] L: Então é isso galera, ficamos por aqui, semana que vem, segunda feira estamos de volta com mais um episódio do da série "Pandemia, outros olhares", e na quinta feira tem episódio novo do Budejinho aqui tradicional, então já sabe né? Segue a gente no seu tocador de podcasts, siga nas redes sociais @Budejopodcast no Twitter e no Instagram e mandem seus comentários, o que que cêis acharam do episódio, hoje não tem Budejo Budeja mas semana que vem estaremos aqui comentando os seus comentários e é isso, até semana que vem, um cheiro, valeu.

[01:00:07] Vinheta

Budejo Podcast:

**Ep 77 – Padre Cícero: Entre o Cajado e o Bacamarte
(24 de março, 92 minutos);**

Participantes:

Aninha - A

Pedro Philippe - P

Luan Alencar - L

Renata Marinho - RM

Durval Muniz - DM

Dia Nobre - DN

Maria de Fátima - MF

Xico Sá - XS

Paulo Roberto - PR

[00:00:01] O Budejo tem o selo da Rádio Guarda-Chuva, jornalismo para quem gosta de ouvir.

[00:00:07] Vinheta

[00:00:13] L: Sejam bem-vindas e bem-vindos para mais uma edição do Budejo Podcast, que leva o Cariri aos seus ouvidos. Eu sou Luan Alencar

[00:00:31] P: Eu sou Pedro Philippe

[00:00:32] A: E eu sou Carol Aninha

[00:00:33] L: E a gente tá por aqui toda quinta-feira, hoje excepcionalmente na quarta, mas tem um motivo especial que você vai entender daqui a pouco, mas aí pra você não se perder né e ficar sempre por dentro das novidades, de episódios novos, siga o Budejo no seu tocador de podcasts e nas redes sociais a gente é @Budejopodcast, tanto no Twitter como no Instagram e

Pedro, pra quem é que vão os cheirinhos desse episódio de hoje, lembrando que acho que hoje, o cheirinho tem peso dois né?

[00:01:04] P: Cara hoje a gente vai mandar um beijão, primeiro pra Alessandra Vital, ela nos acompanha há muito tempo, Alessandra é uma ouvinte muito querida, inclusive participa de certa forma desse episódio porque ela já nos presenteou uma vez com um livro "Um milagre em Juazeiro", Alê, um beijo, um cheiro imenso. Vai também pro Iago Probo, que não por acaso, nasceu hoje, dia 24 de março, parabéns Iago, se você tivesse nascido no Juazeiro seu nome seria Cícero Iago, né não minha gente, diga se é mentira minha? Toda pessoa que nasce em Juazeiro no dia 24 de março tem que ser Cícero ou Cícera

[00:01:35] L: Tem que ser, obrigatoriamente

[00:01:37] A: Verdade

[00:01:38] L: Senão perde o... *greencard*

[00:01:40] P: Exatamente, alguma coisa ruim vai acontecer (risos). A gente quer mandar também um beijão pra Sara Carvajal, outra ouvinte querida, muito querida nossa, e pra Dona Núbia, vózinha dela, disse que é muito devota de Padre Cícero, um cheiro Dona Núbia, a senhora ama Padre Cícero também é Juazeirense de coração, um cheiro, espero que vocês gostem. Vai uma menção honrosa, tem outra ouvinte nossa que faz aniversário hoje que é Luanda, Cícera Luanda, um beijo querida, um beijo pra você aí na Alemanha, mora longe essa nossa ouvinte viu?

[00:02:08] L: Essa mora viu? Mas ó, Pedro já acabou explicando aí o porquê é desse episódio de hoje estar saindo na quarta-feira, hoje é dia 24 de março, dia do aniversário do Padre Cícero, em condições normais de temperatura e pressão uma hora dessa Juazeiro estaria cheio deromeiro aqui, alegrando a cidade, infelizmente não temos romaria né, por motivos óbvios, mais aí a gente optou por lançar esse especial que é sobre o Padre Cícero hoje, no dia do aniversário dele, puxamos um diazinho pra trás, mas ó, Pedro, quem quiser se tornar um apoiador e além de receber cheirinhos no começo dos episódios, também receber outras recompensas né, como por exemplo, os nossos apoiadores já receberam esse episódio que você está ouvindo com antecedência a gente sempre lança no nosso grupo né, um diazinho antes, um ou dois dias, mas quem quiser ter esses privilégios tem que fazer o quê?

[00:03:07] P: Pronto, se você quiser fazer parte do nosso grupo no telegram, receber nossas newsletter quando a gente lembra de mandar (risos), se você quiser receber brindes, presentinhos vindos do Juazeiro do Norte, procura a gente no apoia.se/budejopodcast, procura a gente no picpay como budejopodcast.

[00:03:25] L: e Aninha, você tem um recadinho da Rádio Guarda-Chuva, num é?

[00:03:29] A: É isso mesmo, Luan, um dos nossos podcasts parceiros da Rádio Guarda-Chuva, ouvindo jornalistas, que é apresentado pelo Rodrigo Alves tá voltando hoje com nova temporada e o Vida Jornalista é um podcast incrível né, que sempre trata do ofício de jornalista e vai trazer é, dois episódios simultâneos, entrevistando dois jornalistas diferentes né, que sempre entrevistam pessoas anônimas da rua, então vale a pena conferir

[00:03:53] L: Vale, super vale, o trabalho de Rodrigo é super incrível então, se liga só nesse teaser que ele preparou pra vocês

[00:04:02] Você tá precisando dar uma respirada, uma relaxada e até uma risada de vez em quando? eu vou te dar dois motivos pra botar o fone de ouvido agora (vozes das pessoas) a gente vai saber o que ele achou na estreia da terceira do Vida de Jornalista com dois episódios publicados ao mesmo tempo com o mesmo assunto "O povo fala" essa arte de entrevistar pessoas anônimas. O entusiasmado Márcio Canuto tá no episódio do Humor e a querida Bianca Carvalho tá no episódio do Amor. E é você que escolhe qual dos dois quer ouvir primeiro. Tá de volta o "Vida de Jornalista".

[00:05:00] L: E minha gente, nasceu né, nasceu nosso neném

[00:05:03] P: Cara, pois é, a gente decidiu a cada volta de temporada vir com um episódio especial né, a gente já tem altas ideias pra o que ainda vai vir no futuro, o último que a gente fez foi Luiz Gonzaga, né

[00:05:15] L: Sim, foi

[00:05:16] P: Agora a gente vem com mais um perfil, mais um áudio-documentário sobre o Padre Cícero, a gente vem matutando isso já há muito tempo, quando a gente começou a fazer deu um trabalhão né, construir esse roteiro, saber exatamente o que é que a gente queria falar, quem a gente ia entrevistar, como costurar essas histórias, foi tudo muito bom, o que tu achou Aninha, de fazer essa reportagem com a gente?

[00:05:35] A: Foi um trabalho árduo, mas foi muito engrandecedor, a gente aprendeu muito, a gente contou com falas e visões de pessoas e pesquisadores incríveis como o Luan e Pedro falaram foi um trabalho de parto mesmo, nasceu, foi difícil, foi doloroso, mas a gente sempre buscou primar pela qualidade desse episódio, pelas informações que a gente traz e eu particularmente acho que está incrível

[00:05:59] L: Pois é, e quem diria que ia dar tanto trabalho fazer um documentário no meio da pandemia né? (risos)

[00:06:07] P: Isso

[00:06:07] A: A gente achou que ia facilitar porque a gente é daqui, porque a gente é nativo do Cariri, mas é sempre ressignificando visões, olhares, foi muito bom fazer isso

[00:06:18] L: É, pra você que tá nos ouvindo deve imaginar que a importância que esse episódio tem pra gente, a gente que tá aqui a 77 episódios falando que estamos levando o Cariri pros seus ouvidos, falar do cara que é simplesmente um dos responsáveis pelo Cariri ser o que é hoje e eu queria só dar um avisozinho antes de começar, você que já ouviu esse áudio-documentário que a gente fez do Luiz Gonzaga né, que Pedro Falou, talvez já esteja habituado com essa nossa, esse nosso esqueminha, mas o seguinte ó, nesse episódio que você vai ouvir agora eu e Aninha, a gente se reveza na narração do programa e aí sempre que você ouvir a voz de Pedro Philippe, Pedro dá um oi aí pro ouvinte saber qual voz é essa

[00:06:59] P: Essa voz belíssima (risos) a dicção maravilhosa, eu não gaguejo (risos)

[00:07:07] L: Não dá nenhum trabalho para o editor (risos)

[00:07:09] P: Não (risos) não... deu tudo numa lapada só

[00:07:14] A: Perfeito (risos)

[00:07:15] L: É isso, sempre que você ouvir essa voz aveludada, já saiba que Pedro vai estar falando trechos do livro "O milagre em Juazeiro, do Ralph Della Cava, essa é uma das principais biografias do Padre Cícero, a única exceção a essa regra é no trecho do milagre em si, você vai entender quando eu chegar nessa parte, que nesse caso ele lê um trecho do livro "Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão", do Lira Neto, então sem mais delongas, coloque aí seu fone de ouvido porque está começando "Padre Cícero, entre o cajado e o bacamarte"

[00:07:52] Vinheta

[00:08:05] P: Capítulo 1. O sonho.

[00:08:17] L: Cícero Romão Batista nasceu em 24 de março de 1844 na cidade de Crato-Ceará. Sua ligação com a religiosidade começa cedo, aos 12 anos faz voto de castidade e ao 21 ingressa no Seminário da Prainha, em Fortaleza.

[00:08:34] A: Em 11 de abril de 1872, o recém ordenado Padre Cícero, agora com 28 anos, chegava ao lugarejo de Juazeiro, longínquo distrito do próximo município do Crato. A região estava sem sacerdote há algum tempo, e Cícero havia se deslocado até lá para rezar a missa e confessar a população na capela de Nossa Senhora das Dores, apenas como um favor a dois cidadãos ilustres de Juazeiro.

[00:09:06] : Embora a igreja católica estivesse presente aqui no nosso país desde o começo né, ela veio junto desse projeto de expansão colonial, ela tinha na verdade uma presença mais forte sobretudo no litoral e nas capitais das grandes cidades

[00:09:20] L: Essa é Renata Marinho, antropóloga e socióloga e professora da Universidade Regional do Cariri, atua nas áreas de religião e cultura popular, autora do livro "Para onde sopra o vento, a Igreja Católica e as romarias de Juazeiro do Norte".

[00:09:35] RM: No interior, né, a presença da igreja ela era muito deficitária porque não se tinha uma quantidade suficiente de padres por exemplo, pra atuar né, nos sertões, nos interiores, então além da pouca presença da igreja, nós não tínhamos ordens, né, de freiras, pra poder também ajudar nesse processo, então essas cidades do interior elas tinham a presença de padres principalmente através das missões, os padres vinham uma vez por ano, uma vez a cada seis meses, percorriam os interiores, batizavam quem tinha nascido, casava quem tinha se amancebado, enfim, fazia esse, essa atualização digamos assim, mas na prática essas pessoas né, os católicos, eles viviam dentro de um contexto que a gente pode traduzir por um ditado né, muito conhecido, que é "muito santo e pouco padre, muita reza e pouca missa"

[00:10:27] L: Acontece que a intenção de Padre Cícero nunca foi se fincar em Juazeiro, ele planejava voltar para Fortaleza para lecionar no Seminário Diocesano onde havia se ordenado em 1870, entretanto, um sonho muda o curso da história.

[00:10:55] P: Certa vez, ao anoitecer de um dia exaustivo, após ter passado horas a fio a confessar os homens do arraial, atravessou pesadamente o pasto da capela em direção ao prédio da pequenina escola onde estava provisoriamente alojado, aí no quarto contíguo às salas, caiu no sono e a visão fatal se revelou. Treze homens de vestes bíblicas entraram na escola e sentaram-se em volta da mesa do professor, numa disposição que lembrava o quadro "A última ceia" de Leonardo Da Vinci, o padre sonhou então que acordava, se levantava para espiar os visitantes sagrados sem que estes o vissem. Nesse momento os 12 apóstolos viraram para olhar o Mestre, no momento em que Cristo levantava para dirigir a palavra aos seus apóstolos um bando de camponeses miseráveis entrou de repente na escola, carregando seus parcos pertencer e pequenas trouxas sobre os ombros estavam os homens e as mulheres vestidos de farrapos e as crianças nem isso tinham, davam a impressão de virem de muito longe, de todos os recantos dos sertões nordestinos. Cristo então virou-se pra eles e falou, lamentando a ruindade do mundo e as inumeráveis ofensas da humanidade ao sacratíssimo coração, prometeu fazer um último esforço para salvar o mundo, mas caso os homens não se arrependessem depressa poria fim ao mundo que ele mesmo havia criado. Naquele momento apontou para os pobres e voltando-se de repente pro jovem sacerdote estarrecido, ordenou "E você, Padre Cícero, tome conta deles".

[00:12:25] P: Capítulo 2. O vilarejo.

[00:12:28] A: Juazeiro foi povoado em 1827 por Padre Pedro Ribeiro da Silva, sua residência e engenho de açúcar se destacavam mais do que a capela que ele mandou construir dedicada a Nossa Senhora das Dores. Por volta de 1875 o arraial ainda conservava traços de fazenda de cana de açúcar e tinha a população em torno de 2 mil habitantes com cinco famílias que concentravam os proprietários mais importantes, Gonçalves, Macedo, Sobreira, Landim e Bezerra de Menezes, o restante da população eram descendentes de escravos ou mestiços e brancos sem recursos que vinham trabalhar nos pequenos engenhos de açúcar nas redondezas.

[00:13:08] P: O povoado ostentava uma capela, uma escola e 32 prédios com teto de palha, havia apenas duas ruas, a Rua Grande, mas tarde Rua Padre Cícero, estendia-se paralelamente ao longo da capela e encontrava-se em perpendicular pela rua dos brejos. Do ponto de vista comercial o povoado pouco oferecia aos seus habitantes, vez por outra os mercadores paravam em Juazeiro, em passagem pro Crato, vindo de Missão Velha. Em tais ocasiões, a empoeirada praça, defronte à capela, transformava-se em feira na qual se trocava café por alguns produtos locais. Não havia economia de mercado propriamente dita, os elementos mais pobres da comunidade viviam à margem da economia de troca e começavam a dar sinais de descontentamento na época em que chegou Padre Cícero.

[00:13:55] RM: Juazeiro naquele momento era um antro de bêbados e prostitutas, havia muito samba, muita feitiçaria, enfim era um espaço de desordem digamos assim, então esse sonho né,

e essa missão que Cristo teria dado a ele taria vinculada a esse projeto de remodelação daquele distrito de acordo com a moral católica. Entretanto, recentemente a pesquisadora e historiadora Fátima Pinho, que é professora da URCA, ela defendeu uma tese de doutorado onde ela trabalha com fontes jornalísticas, fontes documentais né, jornais da época, e ela meio que descobriu um pouco esse mito fundador né, da presença do Padre Cícero, da presença, da fixação de Padre Cícero em Juazeiro, ela disse que sobretudo em relação ao fato de Juazeiro ser um espaço de desordem, isso não bate com a realidade, porque Juazeiro não havia né, no período em que ela analisou né, no momento que Padre Cícero decide se fixar na cidade, nem um tipo de ocorrência policial né, então pruma cidade que era composta basicamente, habitada basicamente por bêbados e desordeiros e tal né, você não ter nenhum registro na polícia né, dessas confusões, é uma coisa muito interessante, então o que ela vai trazer né, a partir dessas fontes, é exatamente que o Juazeiro era um vilarejo muito pequeno, servia de ponto de passagem pra tropeiros, enfim, mas era um lugar onde as pessoas viviam sob a ordem, sob a tranquilidade, eram pessoas trabalhadoras, e é interessante também a gente ver que isso pode ter um certo viés racista né, porque boa parte da população era descendente de ex escravos né, enfim, e essa associação né com a desordem e tal, tá muito associada à visão que se tinha na época a respeito dessa população, mas enfim, o quê que a historiografia diz formalmente é que a partir desse sonho Padre Cícero assume a responsabilidade de tocar a vida em Juazeiro né, de acordo com os parâmetros do progresso, da civilidade, da ordem, da moralidade.

[00:16:02] L: Aqui começamos a visualizar a dualidade dessa figura histórica. Padre Cícero é adorado na mesma medida em que é questionado, ao mesmo tempo em que fez esse vilarejinho no sertão cearense prosperar e se tornar o que é hoje, é preciso reconhecer que era um homem conservador, com discurso alinhado ao da Igreja Católica e não havia como ser diferente. Padre Cícero é um reflexo do seu tempo e do seu lugar.

[00:16:29] DM: A gente tem que ver que o Padre Cícero prega uma religião moralmente muito conservadora

[00:16:36] L: Esse é Durval Muniz de Albuquerque Júnior, doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas, professor permanente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco e autor de livros como "A invenção do Nordeste e outras artes" e "Nordestino, a invenção do falo". Nós temos um episódio inteiro aqui no Budejo com ele, é o número 69, discutindo seu livro "A invenção do Nordeste".

[00:17:00] DM: Uma das coisas que atrai no Padre Cícero é justamente a sua anti-modernidade do ponto de vista dos valores, que é uma característica da igreja católica nesse momento, a igreja católica combate os valores iluministas, vindos da sociedade iluminista, moderna, burguesa, o Padre Cícero representa do ponto de vista dos valores, né, do ponto de vista da moralidade, a defesa de valores bastante conservadores, por exemplo, a defesa claramente duma hierarquia clara entre os gêneros, quando você tá tendo o primeiro questionamento das relações de gênero aí no começo do século XX, o primeiro avanço das mulheres, o primeiro movimento feminista, as mulheres defendendo o direito à educação, o direito ao voto, Padre Cícero tem pregações extremamente conservadoras no sentido da preservação da predominância masculina e da subordinação do feminino.

[00:17:55] A: Não era só o distrito de Juazeiro que precisava de uma reforma aos olhos do catolicismo, como você já ouviu de Renata Marinho alguns minutos atrás, a presença da igreja católica no interior do Brasil como um todo era extremamente deficitária.

[00:18:09] P: Em 1854 foi criada por Roma a Diocese do Ceará, em 1861, Dom Antônio dos Santos, natural da província do Rio de Janeiro foi nomeado o primeiro bispo do Ceará, não podia ser pior pro estado da Diocese. Com a população estimada em 720mil habitantes, possuía apenas 33 padres, dos quais mais de dois terços tinham, conforme se dizia, famílias constituídas e cujo prestígio entre os leigos havia atingido em consequência seu ponto mais baixo.

[00:18:36] RM: Então, diante desse quadro, dessa necessidade de reordenamento da ação da igreja católica, teve início esse processo de romanização da igreja no país.

[00:18:53] P: Capítulo 3. A igreja.

[00:18:55] DN: A romanização nada mais é do que a reformulação dos ritos de uma igreja que antes era dividida, que era uma igreja que ela vai passar por várias mudanças, ela vai ter dois papados, em algum momento, dividida entre a França e a Itália, até um momento de realmente concentração do poder da igreja no Vaticano, na figura do Papa Romano...

[00:19:19] L: Essa é Dia Nobre, ela é historiadora, atua no Departamento de História da Universidade de Pernambuco e seus estudos estão no campo da religiosidade e da história cultural. Autora dos livros "Incêndios da alma" e "O teatro de Deus: A construção do espaço sagrado de Juazeiro a partir de construções femininas".

[00:19:37] DN: E aí você vai ter toda uma nova formulação de ritos e inclusive de crenças também né, por exemplo, eles vão começar apagar a crença à paixão de Cristo, aos elementos que são considerados muito exacerbados e que aí eles vão começar a apagar essas práticas e a trazer outras muito mais reguladas pela própria igreja. Então por exemplo, a ideia do padre ele deixar de celebrar a missa em latim de costas para o público e começar a celebrar a missa na língua vulgar da região de frente para o público estabelece uma relação de controle direto, né, nesse padre, quando ele tá de frente, agora ele pode observar quem realmente está prestando atenção na missa, ele agora pode controlar quem vai pra missa, quando ele fala na língua vulgar ele garante que está sendo entendido então se populariza esse sermão moralista também dessa virada do 19, que a igreja moderna ela vai continuar sendo extremamente conservadora e o interesse dela é manter os fiéis né.

[00:20:42] DM: A igreja católica começa a enfrentar e combater o comunismo, o socialismo, o anarquismo, as novas ideologias, inclusive o liberalismo, as ideologias surgiram com a sociedade moderna, a sociedade burguesa, igreja católica vai se instrumentalizar para a igreja tentar competir com essas outras ideologias, porque a igreja está numa luta pela conquista do imaginário, da cabeça das pessoas, da subjetividade das pessoas, uma luta cultural no interior da sociedade moderna, a igreja católica que é uma igreja que nunca em grande medida saiu da idade média, o momento em que ela foi completamente hegemônica do ponto de vista cultural, do ponto de vista né, do controle do imaginário, num é, uma sociedade que avança em termos de uma sociedade laica, leiga, uma sociedade materialista, uma sociedade utilitarista, uma sociedade individualista, contra o comunitarismo da igreja católica, a visão comunitária, a visão estamental da igreja católica é substituída por uma visão de classe, da luta de classes, quer dizer, a visão hierárquica de mundo que a igreja católica tem substituído pelos valores democráticos de igualitarismo.

[00:22:06] DN: Então, é uma igreja mais firme, mas ortodoxa, mais vinculada à ação de sacerdotes, houve um incremento na formação de sacerdotes, e a gente vê que a história do Padre Cícero começa a ser forjada dentro desse contexto né, Padre Cícero foi da primeira leva de Padres formado no Seminário da Prainha em Fortaleza, já sob a coordenação dos padres lazaristas, né, que vinham imbuídos dessa proposta de romanização, então o Padre Cícero vai estudar em Fortaleza, e recebe, né, durante a sua permanência no seminário, né, uma formação bastante ortodoxa né, já moldada dentro dos cânones do movimento romanizador.

[00:22:49] L: Padre Cícero serve inicialmente a esse propósito de uma igreja mais ortodoxa, atribui-se à sua figura à volta para a igreja de elementos desordeiros que a haviam abandonado, além de um retorno à ordem naquela região, mas como você já deve ter percebido, nada nessa história é tão preto no branco.

[00:23:08] DM: Juazeiro se torna uma meca para onde fogem assassinos, pessoas que cometiam o crime de morte e que iam inclusive pedir perdão e era perdoado e incorporado vamos dizer, ou seja, Padre Cícero não admitiu ladrão porque é a história do código de valores sertanejos, o ladrão é muito pior que o assassino, dependendo do tipo de assassinado que se faz, um

assassinato em defesa da honra por exemplo é tido como alguma coisa que não é malvisto, então o Padre Cícero tem essa propriedade, ele é um padre que ao mesmo tempo é coiteiro.

[00:23:55] P: Padre Cícero não era contrário à punição pública de pecadores, proibiu as danças, fez com que os homens parassem de beber e obrigou as prostitutas a confessarem seus pecados, cumprindo penitência pública e emendando suas vidas.

[00:24:07] A: Dessa forma o sacerdote contava com a admiração dos seus superiores, o bispo Dom Joaquim José Vieira em visita à Juazeiro para consagrar o altar da Capela de Nossa Senhora das Dores que havia sido reconstruída por Padre Cícero elogiou seu empreendimento como um monumento que atesta o poder da fé, da santa igreja católica, apostólica e romana.

[00:24:35] P: Capítulo 4. O padre.

[00:24:38] RM: O Padre Cícero ele segue um pouco a linha do trabalho que era desenvolvido pelo Padre Ibiapina, que andou aqui pela região, fundou as casas de caridade e que também era um homem muito à frente de seu tempo, não era padre de sacristia...

[00:24:54] L: É impossível entender quem foi Padre Cícero sem antes conhecer José Antônio Pereira Ibiapina. Nascido no Ceará, próximo a Sobral, se formou em direito em Pernambuco e exerceu a advocacia em Recife, onde ficou conhecido como defensor dos pobres, mas aos 47 anos trocou a toga pela batina. Em 1862 veio a epidemia de cólera que fez com o que até então Padre Ibiapina tornasse ao Ceará, em Sobral ele começa a celebrar missas e ficar conhecido pelos fiéis, é quando decide fundar uma congregação religiosa de freiras, entretanto a iniciativa é considerada uma afronta à autoridade episcopal e Padre Ibiapina é expulso da Diocese.

[00:25:36] A: Ele então começa a atravessar o Nordeste, obcecado pelo objetivo de recuperar o povo para a igreja e fundar uma congregação de freiras que o ajudasse nessa tarefa. Suas pregações entusiasmadas contagiavam os fiéis que trabalhavam com ele, reparando igrejas, cemitérios, construindo açudes, abrindo cacimbas e poços e planejando novas estradas. Toda essa mobilização naturalmente agradava as elites do interior e no Vale do Cariri não foi diferente.

[00:26:04] L: Padre Ibiapina visitou o Cariri duas vezes, entre 1864 e 1865 e entre 1868 e 1969, nessas estadias ele construiu casas de caridade em Crato, Barbalha, Milagres e Missão Velha, essas casas de caridade destinavam-se a servir tanto de escola para os filhos dos fazendeiros e comerciantes ricos quanto de orfanato para as crianças das classes mais pobres, além de centro para a manufatura de tecidos baratos e convento pra congregação de freiras do padre.

[00:26:39] P: A capacidade ímpar de persuasão de Ibiapina só encontrava paralelo na originalidade da congregação feminina que ele fundou, em primeiro lugar, muitas das mulheres que ingressavam nas irmandades de caridade passavam a ter o título de beata vinham de classes baixas do interior brasileiro e em segundo lugar, sem a aprovação de Roma nem do bispado brasileiro, Ibiapina exigia que as beatas portassem um hábito e que fizessem profissão de votos como se sua congregação religiosa e sua vocação tivessem recebido aprovação canônica, em terceiro lugar, cada casa, se bem que independente das outras, vivia de acordo com a única regra de autoria do missionário, regra essa que unia o trabalho físico e as práticas de devoção.

[00:27:17] A: Com o seu trabalho, Padre Ibiapina que havia se tornado objeto de veneração popular, difundiu no interior as primeiras instituições educacionais para mulheres, mas claro que todo esse trabalho à margens da ortodoxia da igreja católica não agradou a instituição no seu processo de romanização, dessa forma, o bispo expulsa Ibiapina do Cariri e põe as casa de caridade sob o controle episcopal e com isso é possível perceber que não são poucas as semelhanças entre Ibiapina e Cícero

[00:27:47] DN: Padre Cícero também não era padre de sacristia, não interessava a esses homens ficar só rezando e pedindo a Deus né, a a cura dos problemas, a melhora da situação, eram homens de ação, então eles se envolviam muito com as populações que estavam próximas a ele. O Padre Ibiapina ele foi formado de acordo com o lema de São Bento, São Bento partia daquele princípio do ora e labora, trabalho e oração, você muda o mundo rezando, mas você muda

sobretudo trabalhando, agindo sobre ele né, então o Padre Cícero segue essa perspectiva do Padre Ibiapina e pra ele as duas coisas tão diretamente associadas, você tem que rezar, você tem que fazer penitência, mas você tem que arregaçar as mangas e trabalhar né, então toda orientação que era passada pra pessoas que afluíam pra Juazeiro que em geral pediam autorização, pediam conselhos ao Padre Cícero pra se fixar na chamada terra santa, na terra da mãe de Deus, e a orientação dele era sempre nesse sentido, de trabalhar, de arranjar alguma função, de enfim, de ajudar não só a pessoa né, em si a prosperar, mas ajudar o município a crescer.

[00:29:01] A: Com essa sensibilidade, Padre Cícero foi se tornando cada vez mais querido pelo povo simples de Juazeiro, que lhe atribuía qualidades de santidade e profecia, muito dos seus atos eram vistos como inspirações sobrenaturais.

[00:29:15] P: Quando em 1877, mandou para as terras devolutas do alto Araripe muitas vítimas da seca que haviam fugido do sertão em busca do vale, obrigando-as a plantar mandioca para aliviar a fome, os sobreviventes agradecidos mais tarde atribuía a sua salvação ao Padre, a quem consideravam santo. Na medida em que a seca de 1888 continuava a infligir grandes sofrimentos ao vale do Cariri, Padre Cícero, Padre Félix de Moura e Padre Fernandes Távora uniram suas preces e fizeram uma promessa. Caso Deus atendesse ao pedido e terminasse a seca, os três clérigos ergueriam uma enorme igreja em nome do Sagrado Coração, no alto da Serra do Catolé, na extremidade setentrional do Juazeiro, dizem que algumas chuvas caíram na região, pouco depois o capelão de Juazeiro pôs-se a trabalhar para cumprir a promessa. Nesse ínterim, atribuiu-se à Padre Cícero e à sua santidade singular o alívio provisório no vale.

[00:30:05] RM: Era um homem muito a frente do seu tempo, ele tinha essa visão de desenvolvimento, mas além dessa coisa mais visível né, de trazer o trem, de construir aeroporto e num sei o quê e tal, o que a gente tem é a ação de um homem profundamente conhecedor da realidade do sertanejo, embora ele tenha se formado padre, né, então assim, a gente imagina que o processo de formação dele no Seminário da Prainha tenha dado ênfase a essa dimensão teológica e tal, Padre Cícero nunca deixou de ser um homem associado, ligado à sua terra, ao seu lugar, então além do conhecimento religioso ele tinha interesse por várias outras áreas, então a gente vê por exemplo a ação dele em relação ao sertanejo que procura Juazeiro, que procura o Cariri nos grandes períodos de seca, é um homem que sabe como lidar né, com essa situação, então ele tem né, aqueles conhecidos preceitos ecológicos que mostram que a preocupação dele era ajudar o sertanejo a se encaixar na terra, a poder viver e sobreviver principalmente em momentos de crise, de seca, então ele tem dicas de manejo ecológico, ele tem dicas de plantação, dicas de armazenamento de água, construção de cacimbas, você lendo os preceitos ecológicos do Padre Cícero você vê que tem uma mentalidade assim que hoje já seria considerada muito de vanguarda, você imagina naquele contexto então assim, é uma pessoa que teve uma ação fundamental para a acolhida do sertanejo, lembrando que o sertanejo que vem para Juazeiro, né, fugindo da seca, fugindo da fome, ele vem buscando aquela cidade como os romeiros gostam de dizer, como um espaço de refrigere, como um espaço de salvação espiritual, mas também de salvação material né, um lugar de fixação na terra, Padre Cícero fazia esse papel, articulação com donos de terra, botava o pessoal para trabalhar e tal e ensinava essas pessoas a como lidar com esse contexto que por vezes assola a região.

[00:32:16] L: Se o sacerdote do vale do Cariri já tinha motivos de sobra pra ser adorado por aqueles que eram impactados pela sua liderança e pelos seus conselhos, no dia primeiro de março de 1989, ao celebrar a missa em honra do sagrado coração de Jesus na capela de Juazeiro, Padre Cícero entraria de vez pra história graças a uma de suas beatas, Maria de Araújo.

[00:32:41] P: Capítulo 5. A beata.

[00:32:45] A: É preciso tirar de uma vez por todas uma coisa do caminho, não existira a figura mítica e lendária do Padre Cícero se não fosse a beata Maria de Araújo. Por uma série de fatores que vamos discutir adiante e que também abordamos no episódio 27 do Budejo, o protagonismo

de Maria de Araújo foi invisibilizado no decorrer dos anos, mas antes de entender por que ela é tão importante para essa história, é preciso conhecê-la.

[00:33:13] DN: Ela nasce no século 19

[00:33:16] L: Dia Nobre novamente

[00:33:16] DN: ...e ela vai tá imersa num cotidiano de muita religiosidade, como ela era uma mulher pobre, uma mulher que vem de uma classe social muito baixa, ela não tem acesso a uma educação formal, né, então ela não sabia ler e escrever, e ela era uma mulher negra também, possivelmente, filha de ex escravos, e isso é bem interessante pra mostrar como ela vai tá realmente numa margem social e naquele contexto uma mulher que é negra, que não tem acesso a uma educação formal, que vem desse lugar de pobreza, ela vai ter pouquíssimos caminhos, vamos dizer assim, né? um dos caminhos seria o casamento, ou a prostituição ou a vida religiosa, mesmo assim essa vida religiosa ela é uma vida religiosa mais precária né, não é como as mulheres de uma classe mais alta, de uma classe social mais elevada que poderiam por exemplo ir para os conventos e se formarem enquanto freiras e terem todo o acesso à educação, então pra mim é muito interessante como ela vinha antes dessas possibilidades, ela vai começar desde muito pequena a trilhar o que eu chamo de "o caminho de santidade", então pra mim a beata é uma mulher que ela desde muito pequena ela vai ter claro que ela quer se dedicar e, à religião, mais especificamente à devoção e aí porque é que eu digo isso, porque todos os fenômenos relacionados à Maria de Araújo são fenômenos que dispensam completamente a intervenção da igreja. Naquele contexto obviamente pra ela exercer uma prática religiosa ela vai se vincular à igreja, tanto que ela vai participar do apostolado da oração que é uma ordem que inclusive existe até hoje, é uma ordem leiga feminina, ela vai se vincular ao Monsenhor Monteiro e ao Padre Cícero, eles dois na posição de diretores espirituais dela, então ela vai entender assim que pra tá naquele lugar ela precisa estar na igreja, mas quando a gente pega por exemplo retratos dela de que na infância ela brincava de casinha com Jesus Cristo, isso é muito interessante a gente pensar como já tá no imaginário dela essa relação com a religião que dispensa completamente a ortodoxia e isso é fundamental pra gente pensar na trajetória dela como uma trajetória de escolha, não é algo que "ah, ela não tem alternativa, ela vai pra religião", não, eu penso a trajetória dela, quando a gente analisa a biografia dela, eu penso como uma escolha, então eu tiro ela também desse lugar de vitimização que parte da historiografia e da literatura sobre o assunto coloca ela nesse lugar de a coitadinha, que não tinha alternativa, e aí vai desenvolver esses fenômenos e acaba também sendo condenada pela igreja né, então toda essa parte aí da vitimização eu desconsidero completamente quando eu penso que ela tava muito ciente do que trilhar esse caminho de santidade poderia trazer pra ela. E aí você vai ter também não só ela, mas as outras mulheres, né, que tão aí nesse mesmo círculo, no entanto eu vejo as outras mulheres com outro olhar né, quando a gente pega um grupo de beatas que tá envolvida, no primeiro momento, você tem mulheres alfabetizadas, você tem mulheres pertencentes a uma classe social um pouco mais elevada, tem duas delas especificamente que é a Maria da Soledad e a Jael Cabral que são de famílias tradicionais do Crato, elas tem inclusive um registro fotográfico mais seguro né, porque existe uma imagem da Maria de Araújo, que é veiculada como sendo a Maria de Araújo mas também não há certeza se é ela, o que é absolutamente normal praquela época, que uma mulher negra não fosse fotografada né? e aí você tem essas outras mulheres que elas tão aí elas tão buscando muito a via institucional, elas estão no apostolado, elas frequentam muito mais esse âmbito da igreja do que a Maria de Araújo, Maria de Araújo ela trabalha numa margem, buscando um outro tipo de caminho e elas vão ser fundamentais não só para a trajetória do Padre Cícero, mas para a própria trajetória da igreja naquele momento que tava perdendo muitos fiéis, principalmente os fiéis homens, então a gente tem nesse processo aí o que a gente chama de feminização da igreja católica, isso não é algo local, isso é algo que acontece em nível macro, né, tanto na igreja do Brasil com na igreja da Europa, você tem uma separação entre o Estado e a Igreja na virada dos 19, você vai ter um

distanciamento dos homens, no âmbito da igreja e o direcionamento deles para a política e as mulheres elas vão começando a ganhar papéis de destaque dentro da igreja, a partir das associações, dos apostolados, de alguns direcionamentos mínimos que elas vão ter dentro da igreja naquele momento, então essas beatas elas não são importantes só ali no Juazeiro, né? elas são importantes realmente num nível muito macro, muito maior, a igreja vai começar realmente a depender das mulheres naquele contexto.

[00:38:42] P: Naquela noite escura e sem lua, Cícero levantou as mãos pro céu e pediu perdão pelos pecados do mundo, quem olhasse lá de fora em direção às janelas abertas da Capela da Nossa Senhora das Dores, avistaria já de longe o lampejo das centenas de velas acesas cortado o breu. O forte cheiro de cera derretida e o adiantado da hora indicavam que os membros da irmandade de beatos, cerca de vinte deles, havia passado mais uma madrugada inteira em vigília, em louvor ao Sagrado Coração de Jesus, meia hora antes do amanhecer, quando os galos se preparavam para anunciar outra escaldante manhã de sol no sertão, Cícero decidiu que as sete ou oito mulheres ali presentes mereciam receber a comunhão antes dos homens, pra retornarem às respectivas casas, elas precisavam descansar o corpo fatigado de tão prolongada sentinela em nome da fé, com o véu escuro sobre a cabeça e o rosário entrelaçado nas mãos enrugadas e morenas, as beatas atenderam ao chamado e se aproximaram em fila indiana, uma a uma. à frente delas ia Maria de Araújo, com os olhos fechados ela foi a primeira a se postar diante do padre e entreabrir a boca constricta, contudo, quando a hóstia lhe tocou a língua, a beata abriu e revirou os olhos espantados, parecia ter entrado em um estranho transe, e foi então que se deu o fenômeno. Segundo chegariam a jurar sobre a bíblia, as testemunhas ali presentes, a hóstia na boa de Maria de Araújo mudou de forma e de cor, transformou-se inesperadamente em sangue vivo. O fio de sangue desceu dos lábios da mulher e como ela tentasse contê-lo, este lhe banhou o dorso da mão esquerda, depois, escorreu ao longo do braço até cair no chão da capela que ficou respingado de vermelho. Com ar aflito a beata mirava e mostrava ao padre a toalhinha branca dobrada nas mãos, unvida pelas manchas rubras que haviam transbordado da boca e que ela depois procurava enxugar. Foi um alvoroço sem parar, quando os primeiros raios do sol aqueceram a alvenaria da fachada principal do templo, a notícia já corria pelo povoado. Na branca Capela de Nossa Senhora das Dores, dos lábios da beata Maria de Araújo a hóstia consagrada pelo Padre Cícero havia se consagrado no corpo, na carne e no sangue divino de Jesus e no exemplo do que ocorrera dois milênios antes e no alto da cruz, estaria sendo derramado para lavar os pecados e as dores dos homens.

[00:41:03] DN: Teologicamente o sangramento da hóstia ele tem um nome que é a transubstanciação eucarística, e a ideia da conversão daquele corpo, da hóstia, no corpo de Cristo e do vinho no sangue de Cristo, então a transubstanciação ele é um dogma da igreja, a Maria de Araújo não é a primeira mística que tem esse milagre na conta, digamos assim, a gente já tem outras místicas como Santa Catarina de Siena, por exemplo, agora qual é a peculiaridade do sangramento da hóstia como Maria de Araújo, é o contexto, é onde e quando isso aconteceu. Vamo lembrar, Catarina de Siena é uma mística do século XXII, num momento em que esses fenômenos eles aconteciam muito e eles eram muito acolhidos pela igreja, no 19, no final do 19, quase na virada pro século 20, a igreja já não tava interessada nesse tipo de santidade, então o que que ela faz? ela sufoca, então "não quero isso então eu apago, sufoco", porque é que eu digo isso, porque existe uma parte da historiografia que na tentativa de martirizar ou de vitimizar a Maria de Araújo, vai dizer "ah, a igreja não considerou Maria de Araújo santa porque ela era negra, porque ela veio de um contexto pobre" e aí tudo bem, sim, é possível, mas se a gente observar o contexto, não tem possibilidade de ninguém, naquele contexto, ser eleito santo.

[00:42:29] L: Em 7 de julho de 1898, na festa litúrgica do precioso sangue, o reitor do seminário do Crato, Monsenhor Monteiro, organizou uma romaria de três mil pessoas até Juazeiro, muitas delas vindas de famílias importantes do Crato. Monsenhor Monteiro, juntamente com o jornalista José Marrocos, são os dois grandes divulgadores do milagre.

[00:42:49] DN: O José Marrocos, por exemplo, assim que aconteceu o fenômeno em março ele escreveu pro jornal do Rio de Janeiro, Diário do Comércio, e saiu no jornal do Rio de Janeiro o relato do fenômeno, o José Marrocos escreve pra jornais na Itália, na França, em Portugal, ele basicamente, ele escreveu pra todos os bispos do Brasil na época, que eram 12, contando o que aconteceu e perguntando a opinião dos bispos.

[00:43:15] A: Com as romarias organizadas pelo Monsenhor Monteiro, e as divulgações feitas por José Marrocos nos jornais do mundo todo, as repercussões do milagre em Juazeiro atingiram a igreja católica como uma grande ameaça. A possibilidade de dissidência fez com que o bispo de Fortaleza, Dom Joaquim, em 5 de agosto de 1892 aplicasse uma severa penalidade ao Padre Cícero, o privou de pregar, confessar e orientar os fiéis, o sacerdote só estava autorizado a rezar a missa, mas em 1895 foi totalmente suspenso. A perseguição contra Maria de Araújo também foi intensa, fazendo com que o Padre Cícero, que até então não se envolvia muito no assunto, passasse a defender a beata.

[00:43:57] DN: Ele só vai apoiar mesmo quando a igreja começa a perseguir a Maria de Araújo aí ele vai dizer "não, eu defendo, eu acredito nos fenômenos, e eu defendo" embora ele era muito esperto, quando ele tinha que responder à igreja, porque ele tergiversava demais, quando o bispo por exemplo perguntava a ele "eu quero que você negue a origem dos milagres" aí ele vai dizer que não podia negar a consciência dele, mas que continuava fiel às determinações da igreja, né? então o que é que ele tava dizendo, né, que nem a Deus nem ao diabo, eu tô aqui na minha, eu acredito, mas também não quero desobedecer, tanto que várias vezes o bispo ofereceu a ele "olha, vamos lá, eu vou restabelecer suas ordens sacerdotais, eu só preciso que você me escreva uma carta dizendo que não acredita nos fenômenos".

[00:44:48] L: Padre Cícero nunca escreveu essa carta, começa então na igreja católica uma força-tarefa para apagar a memória de Maria de Araújo.

[00:44:58] DN: Essa primeira ordem de apagamento, que é esse apagamento institucional quando a beata ela é condenada pela mesa de cardeais né, da congregação para a doutrina da fé um dos itens dizia respeito à queima de todo e qualquer documento que falasse sobre os fenômenos e sobre Maria de Araújo, a destruição das medalhas que tinham o rosto da Maria de Araújo e o recolhimento de Maria de Araújo em uma casa de caridade, que aconteceu que ela não foi pra casa de caridade, ela ficou recolhida numa casa da igreja que hoje é a casa das irmãs, é, salesianas, lá em Juazeiro, aquela que fica na Rua Padre Cícero, foi a casa onde ela morreu né, foi a casa onde ela viveu o resto da vida e morreu. Depois você tem uma segunda ordem que deriva do institucional que é a partir disso, a igreja começa a coibir qualquer prática que fizesse remeter aos fenômenos, dar um exemplo, uma das proibições que foram feitas na época dizia que ninguém, nenhum fiel, poderia ter qualquer sacramento da igreja, ou seja, comunhão, confissão, casamento, batismo etc se ele não negasse os fenômenos e obviamente se a gente for pensar, hoje talvez isso não é, não seja importante para um católico, naquela época, hoje em dia existe uma modalidade de católico não praticante né, mas naquela época, a coisa mais importante para um católico era a salvação, então como é que ele ia ficar sem receber os sacramentos? sem confessar, sem comungar, sem poder batizar seu filho, sem poder casar na igreja, né, então a maioria escolhe por negar os fenômenos, então se eu nego os fenômenos eu não posso falar sobre eles, se eu não falo sobre eles, eles consequentemente vão sendo esquecidos e aí esse apagamento institucional de primeira ordem né, vai atravessando essas camadas e vai chegar num apagamento de segunda ordem que é o apagamento social, então você tem aí um trabalho de esquecimento que não foi do dia pra noite, que levou aí alguns anos inclusive porque ela morre em 1914 só que o corpo dela só desaparece em 1930, porque que o corpo dela desapareceu em 1930, 16 anos depois da morte? ora, se o houve a necessidade de desaparecer com o corpo dela, é porque alguma coisa acontecia ali, né? então eu encontrei pequenos relatos assim informais que diziam que as pessoas continuavam deixando coisas no túmulo dela, orações e preces, pedidos de graça, flores e etc e o pároco da época, muito

incomodado, achou por bem destruir o túmulo né, com a desculpa da reforma, você tem aí também uma reforma que proíbe o enterramento dentro de igrejas, então com essa desculpa ele tira esse túmulo, desaparece esses ossos delas, que inclusive existe uma teoria de que os ossos dela foram jogados dentro do túmulo do José Marrocos, mas não é nada comprovado

[00:48:01] P: Capítulo 6. O político.

[00:48:04] DM: O grande objetivo da vida dele é reconquistar os seus direitos

[00:48:07] L: Durval Muniz novamente

[00:48:09] DM: ... é reconquistar a sua posição no interior da igreja, e pra isso ele tanto estimula as forças populares, estimula a sua popularidade, estimula as romarias etc, como por outro lado ele procura alianças, alianças com os poderosos, alianças com as autoridades políticas e com as autoridades inclusive religiosas.

[00:48:37] A: Essa é uma das principais hipóteses para explicar o ingresso do Padre Cícero na política

[00:48:43] MF: Porque ele entrou na política existem várias versões

[00:48:46] L: Essa é Maria de Fátima de Moraes Pinho, historiadora, professora da Universidade Regional do Cariri, atua nas áreas de história social, religiosidade popular, cultura e imaginário. É autora da tese "Padre Cícero, anjo ou demônio: teias de notícias e ressignificações do acontecimento Padre Cícero".

[00:49:04] MF: ... uma delas é que ele foi convencido pelo então e recente amigo Floro Bartolomeu que era um médico, baiano, um homem bastante inteligente, que teria convencido o Padre Cícero, que teria se esgotado os meios religiosos, eclesiásticos, dele reaver suas ordens sacerdotais, perdidos né, porque ele não negou o milagre da hóstia né, e que portanto ele tinha que se tornar uma liderança respeitada e reconhecida e aí a igreja teria que admiti-lo novamente né?

[00:49:36] L: Padre Cícero sempre participou de pequenas mediações de conflitos no vilarejo de Juazeiro, chegou a pedir por intervenção do estado durante uma forte disputa entre coronéis do Crato que ocorria no início do século 20 e em 1910 nas eleições pra presidente entre o candidato civil Rui Barbosa e o militar Hermes da Fonseca, ele apoia o Rui Barbosa, a pedido da igreja, já que Hermes da Fonseca era maçom, ele envia telegramas pra todos os presidentes de província do nordeste, o que não adianta de muita coisa, já que Hermes da Fonseca é eleito presidente do Brasil naquele ano, mas a primeira grande intervenção política mesmo na vida de Padre Cícero foi na disputa pela emancipação de Juazeiro.

[00:50:17] MF: No ano seguinte, e nesse momento concomitante a isso, já estava em curso a luta pela emancipação política de Juazeiro, que até então era um povoado, né, era um distrito do Crato e aí Padre Cícero por conta de ser filho do Crato durante muito tempo tenta ainda conciliar, mas a partir de 1910 ele entra também na luta pela independência do Juazeiro, essa independência vem em 1911 e quando ocorre a emancipação política do Juazeiro se estabelece um conflito entre os nativos, aquelas famílias que já eram do Juazeiro, e os chamados adventícios que eram aqueles que estavam chegando né, porque a partir do milagre Juazeiro se tornou uma terra atrativa, porque era a terra, além de ser a terra santa era uma terra que tinha grande circulação de pessoas, então era propícia a um comércio por exemplo e dentro desse conflito o Padre Cícero é visto como um elemento conciliador entre os dois grupos e então é nomeado pelo então governador, o presidente de província, Nogueira Acioly como o primeiro prefeito do Juazeiro, o intendente né, de Juazeiro do Norte, a assumir, dia 5 de outubro de 1911, logo em seguida, Padre Cícero aceita que seu nome seja colocado na chapa pra governador, pra presidente de província, que seria em 1912 e em dezembro de 1911 tem uma convenção do partido conservador republicano cearense, a essa altura ele se filia ao partido, portanto ele passa a fazer parte oficialmente do, da política partidária, e ele compõe a chapa como terceiro vice-governador candidato pelo partido republicano conservador nas eleições de 1912 que vai ser

uma eleição bastante conturbada, bastante polêmica né, que vai desaguar depois em alguns conflitos como a Guerra Civil do Ceará em 1913 e 1914.

[00:52:15] A: Você talvez já tenha ouvido falar na Guerra Civil do Ceará, mas com outros nomes, Revolução do Cariri, Revolução do Ceará ou Sedição de Juazeiro, mas para entender o conflito, antes é preciso analisar as conturbadas eleições de 1912.

[00:52:32] L: Naquele ano, Franco Rabelo vence as eleições indiretas para governador do estado, mas segundo a legislação da época o novo governador precisava de um referendo de 16 dos 30 deputados estaduais, e assembleia legislativa era totalmente controlada pelo seu adversário Nogueira Acioly

[00:52:51] MF: E é feito um acordo entre o partido de Franco Rabelo e os adeptos de Nogueira Acioly, que a essa altura já tinha renunciado, já tinha se exilado no Rio de Janeiro, né, já tinha tido o assassinato do filho dele, quer dizer, a política do Ceará tava em ebulição, né

[00:53:07] A: O acordo consistia no seguinte, Nogueira Acioly iria apoiar Franco Rabelo para que esse tivesse seu nome aprovado pela maioria dos deputados em troca de duas das três vice-governanças do estado, que ficariam com o partido conservador cearense, ou seja, Padre Cícero ocuparia uma dessas vagas.

[00:53:27] MF: Então quando Franco assume, Franco Rabelo assume, ele tenta cooptar o Padre Cícero, e Padre Cícero não se deixa cooptar, se mantém leal porque Padre Cícero era um homem de lealdade, e aí como ele não aceita ser cooptado por Franco Rabelo, Franco Rabelo começa a ameaçá-lo, por exemplo, ele manda 600 homens para o Crato né, para ficar na iminência de invadir o Juazeiro

[00:53:51] L: Com essas ameaças, Padre Cícero rompe com Franco Rabelo no final de 1912, e publica em toda a imprensa nacional o seu rompimento, em consequência, Franco Rabelo o destitui do cargo de prefeito de Juazeiro

[00:54:04] MF: Nesse momento, já se discutia no Brasil a eleição para presidente em 1914, para substituir Hermes da Fonseca e Hermes da Fonseca estava envolvido amorosamente no Rio de Janeiro e deixou as questões políticas para um senador gaúcho chamado Pinheiro Machado, que era do partido republicano conservador do rio grande do sul né, e aí Padre Cícero e Floro Bartolomeu se alia a nível nacional a Pinheiro Machado que passa a tramar uma forma de tirar Franco Rabelo do governo do Ceará e que interessante né? Franco Rabelo ele assume né a governadoria do Ceará pelas mãos de uma política lançada por Hermes da Fonseca que se chamou política da salvação.

[00:54:53] A: Do que se tratam essas políticas de salvação?

[00:54:58] DM: Seriam governos militares né, ou apoiados por militares que roubariam as oligarquias dominantes nos estados efetivamente acusadas de serem corruptas, nepotistas, ou seja, essa coisa que a gente tá vendo aí, essa coisa constante das intervenções dos militares na vida política brasileira, os militares desde que deram o golpe fundador da república se consideram uma força que vai controlar a república, eles tão sempre acima do poder civil, eles são uma força tutelar da república que eles interferem na hora que eles acham que tem que interferir, Hermes da Fonseca, os militares, chegou através de uma eleição ao poder e trataram de retirar dos governos de alguns estados aqueles governos dos estados que não apoiaram a candidatura de Hermes, foram arrancados, através de movimentos pretensamente revolucionários.

[00:55:58] L: Recapitulando, Franco Rabelo, governador do Ceará era um salvacionista alinhado com o presidente Hermes da Fonseca, mas o presidente, mais preocupado com o seu relacionamento amoroso, deixou o poder nas mãos do senador Pinheiro Machado, que era do partido conservador republicano, mesmo partido de Padre Cícero. Padre Cícero que embora rompido com Franco Rabelo a nível estadual, se alia a Pinheiro Machado a nível nacional, derrubar Franco Rabelo e articular a volta do grupo dos Acioly, ou seja, Pinheiro Machado era homem de confiança do presidente que instituiu as políticas salvacionistas e estava se alinhando

com Padre Cícero para derrubar um governador salvacionista. Se isso parece contraditório, é porque é, mas lógico que havia uma intenção por trás das conspirações de Pinheiro Machado. [00:56:49] MF: Porque que isso acontece? exatamente porque nesse momento entra a questão nacional da política para presidente e Pinheiro Machado queria ser candidato a presidente, inclusive o Juazeiro em 1913, Padre Cícero manda um telegrama para Pinheiro Machado dizendo que está lançando um comitê em prol de Pinheiro Machado à presidência da república, então esse alinhamento do Padre Cícero e do Floro Bartolomeu né, com grupo de Nogueira Accioly e com o grupo de Pinheiro Machado a nível nacional vai fazer com que a relação do Franco Rabelo com o Padre Cícero se torne cada vez mais ásperas, acontece que o ano de 1913 é uma no extremamente tenso com tropas rabelistas né, tropas do governo do estado estacionadas no Crato, ameaçando invadir o Crato, até que em agosto de 1913 é marcado uma reunião no Rio de Janeiro, na casa de Pinheiro Machado para traçar um plano da deposição de Franco Rabelo. E qual é o plano? os deputados estaduais aliados a Nogueira Accioly que eram maioria, fariam uma reunião da assembleia legislativa em Juazeiro do Norte, portanto, transferir a sede do estado momentaneamente para Juazeiro do Norte, no final do ano, a ideia era que isso fosse dia 31 de dezembro, olhe a estratégia né? porque a reunião era exatamente a data em que final de ano, né, o governador tava envolvido com as festas de final de ano e etc e tal

[00:58:22] A: Nessa reunião o plano era de eleger o Floro Bartolomeu como o segundo governador do Ceará para caracterizar a dualidade de poder, forçando uma intervenção federal no estado que deporia ambos os governadores

[00:58:37] MF: Acontece que nas correspondências, entre os deputados federais, entre João Brígido que tinha um jornal naquela época chamado "O unitário", então era o único extremamente articulado, e Floro Bartolomeu, combinando né, traçando os planos, uma dessas correspondências é interceptada pelos adeptos de Franco Rabelo e ele descobre todo o plano né? então como ele já tinha as forças estacionadas, as forças militares estacionadas aqui no Crato, ele avisa ao Padre Cícero que diante do ocorrido vai mandar invadir o Juazeiro, ocupar o Juazeiro né? e de fato o chefe das tropas, o tenente Ladislau escreve pra Floro Bartolomeu em 17 de dezembro de 1913 e diz assim "ora, Floro, nós vamos invadir o Juazeiro, prepara aí o capão que eu vou comer amanhã, dançando sobre a minha vitória, né" e Floro vai e responde "venha, venha que nós tamos preparado pra você comer o capão se você conseguir nos vencer" e nesse ínterim o plano é antecipado né, não dava pra ser mais no final e eles fazem a reunião e decretam então eleição de Floro Bartolomeu para presidente do estado do Ceará, né, o Ceará passa a ter dois presidentes de província. Juazeiro passa a ser a sede do governo, né, também, e aí começa, no dia 20 de dezembro, tem a primeira tentativa de invasão de Juazeiro, Floro Bartolomeu já tinha organizado os valados da mãe de deus né, que era um círculo rodeando Juazeiro todo, um buraco assim né, que servia de trincheira e ao mesmo tempo né, que servia de trincheira, protegia a cidade que passou a ser chamado de círculo da mãe de Deus, então teve a primeira tentativa em dezembro, fracassada né, as tropas do Juazeiro, do Padre Cícero ganharam né, teve a segunda tentativa, no começo de janeiro e a terceira tentativa em meados de janeiro, todas fracassadas né, todas vencidas pelas tropas organizadas pelos adeptos do Padre Cícero e aí a partir dessa batalha eles vão subindo porque o objetivo deles né, já que o Franco Rabelo não renunciava, o objetivo deles era chegar em Fortaleza né, e obrigar a deposição de Franco Rabelo e aí Franco Rabelo, vai ter batalhas em Quixadá, né, e eles ficam, quando eles chegam em Fortaleza eles ficam estacionados, as tropas do Padre Cícero, né, do Franco Rabelo, estacionadas em Messejana, Franco Rabelo renuncia, não tem mais como ele ficar, e a guerra chega ao final né, com a vitória do Juazeiro do Norte né, e a derrota de Franco Rabelo, no entanto, né, uma derrota muito maior pro Padre Cícero porque vai se construir então aí, vai se consolidar aí a representação do Padre Cícero como um político atrasado, como um padre cangaceiro, como protetor de bandidos, como protetor de cangaceiros, o padre que causou uma guerra né...

[01:01:36] L: Mesmo com esse estigma, nas eleições seguintes Padre Cícero foi eleito vice governador do Ceará e fortalece cada vez mais o seu lado político

[01:01:46] MF: Padre Cícero foi um político na concepção da palavra, a gente tem que parar de ter medo de ver a política como uma coisa ruim, maléfica, claro que toda política tem a sujeira, os acordos né, tem a os rearranjos de poder e etc e tal, mas a política é essencial para vida, o Juazeiro só é o que é hoje por conta da atuação política do Padre Cícero, o que é o que atraía investimentos, que era uma figura que tinha uma visão antecipada né, e que fazia sim política, ele recebia os políticos na sua casa, ele fazia acordos, ele foi deputado federal eleito, não assumiu, mas foi eleito, pra você ter uma ideia o poder político do Padre Cícero é tão grande que em 1920, 1930 na eleição na república que tinha Getúlio Vargas e Júlio Prestes, Padre Cícero apoia Júlio Prestes e Júlio Prestes tem mais 2 mil e 800 e tantos votos aqui no Juazeiro e Getúlio Vargas tem oito, ele é um político, a gente tem que parar de ter medo de dizer que Padre Cícero era um político, ele era político, ele fez política, ele fez acordos políticos, isso trouxe investimento para o Juazeiro, isso trouxe investimento para o Cariri e hoje o Cariri, a região metropolitana do Cariri ela é uma região extremamente estratégica para o Ceará e para o nordeste, puxado pelo Juazeiro, politicamente, economicamente, socialmente

[01:03:14] XS: Eu gosto muito daquela imagem da meca do Cariri né, acho que continua valendo aquela loucura toda dele, da cidade ocupada pela romaria do nordeste todo...

[01:03:22] L: Esse é Xico Sá, jornalista, escritor e cronista cariense, nós também temos um episódio inteiro com ele aqui no Budejo, é o número 47, "Um passeio pelo Cariri com Xico Sá"

[01:03:34] XS: ... é uma cidade que convive com essas duas, essas duas imagens né de, a mais arcaica, assim, do, da cidade fundada por toda aquela confusão, muita fé e política, e uma satisfeita muito por causa desses movimentos, por causa das romarias e que, que também soube dar um salto e conviver com os dois mundos né, com tradição e modernidade, deu salto hoje dessa parte mesmo de ser uma cidade muito universitária, mas eu acho que aos trancos e barrancos soube e tá sabendo resolver essa parada dos dois mundos que ela representa, né, eu acho que tem uma coisa importantíssima, não tem como negar a a, essa, a força do Padre Cícero, essa mitologia, uma coisa de de, aí não tamo falando de mito vagabundo como o presidente, tamo falando de mito de verdade, o Padre Cícero é um mito e tem toda uma mitologia que sem Juazeiro o o, com cento e poucos anos ter essa importância pro nordeste inteiro né, ter importância política, ter importância comercial, importante em qualquer critério o Juazeiro era muito importante pro nordeste inteiro né, é, basta você ver que não tem como ganhar eleição pra presidente da república, voltar a falar um pouquinho de política, sem passar por Juazeiro, é rota de voto porque você fala em Juazeiro você não tá falando só pra Juazeiro, tá falando pro nordeste.

[01:05:01] A: Esse discurso de desenvolvimento do Cariri encabeçado pela figura do Padre Cícero só é possível graças a um elemento fundamental nessa história, as romarias.

[01:05:12] Capítulo 7. O romeiro

[01:05:20] L: Cerca de um milhão e 600 mil devotos de Padre Cícero visitam Juazeiro todos os anos, a cidade se tornou o maior centro de devoção não popular da América Latina, aquele vilarejo que tinha 2 mil habitantes quando o jovem Padre Cícero o visitou apenas para celebrar uma missa de favor hoje é a maior cidade do interior do estado com cerca de 270 mil habitantes.

[01:05:46] A: De acordo com a Secretaria de Turismo e Romarias de Juazeiro do Norte, cada romeiro gasta na cidade, em média 754 reais, englobando alimentação, transporte, estadia e custos extras, para se ter uma ideia do impacto econômico da romaria para o desenvolvimento de Juazeiro, desde o início da pandemia as romarias foram paralisadas e estimas que entre Julho de 2020 e Fevereiro de 2021 deixaram de circular na cidade cerca de meio bilhão de reais.

[01:06:16] XS: Não dá pra entender o Padre Cícero de forma muito rápida sem pensar nas romarias, sem pensar no que o Padre Cícero move até hoje e quando você ouve as histórias dos romeiros de perto, não é só aquela coisa imediatista de "ah, eu vou ter o milagre, minha roça

esse ano vai dar" tem também isso, mas é maior, é de pegar um caminhão, tem uma uma, tem uma penitência, tem uma festa que chegar e sair de Juazeiro é uma festa, a coisa pra mim é a coisa mais impressionante do mundo, aquela saída dos romeiros, que a gente fica na porta das casas aplaudindo e cumprimentando os romeiros aquilo ali é, aquilo é um espetáculo de de, e é mais do que do que só a fé e uma crença religiosa no Padre Cícero, é uma festa de rua que é difícil você encontrar outra no Brasil, sabe, é é e quem vem não vem só pelo milagre imediato, acho que veio pra, por essa compreensão de Juazeiro, de ser uma coisa, de ser meca do Cariri, tem um aspecto por exemplo que eu sempre achava muito incrível que é o, isso acontece todo ano, levas e levas de romeiro ficam em Juazeiro, com a ideia principalmente os mais velhos, de morrer em Juazeiro, como ter Juazeiro ali como uma terra de salvação e morrer perto do Padre Cícero, como você vai explicar isso, sabe, com um pensamento barato e imediatista, isso é maior do que qualquer coisa

[01:07:45] L: Mas afinal, quem é a figura do romeiro?

[01:07:48] PR: Eu sou Paulo Roberto da Silva, sou de formação sou assistente social mas também missionário leigo, católico, sou paraibano, mas hoje estou morando em Mozarlândia, no Goiás.

[01:08:03] P: A história da tua família com o Juazeiro?

[01:08:05] PR: A história da, a relação que a minha família tem com o Padre Cícero começa com o meu bizavô, Manuel Bento dos Reis, ele muito devoto e amigo do Padre Cícero né, ele fazia sua romaria todos os anos ainda com o Padre Cícero em vida, o atrativo que ele tinha foi os fatos extraordinários da hóstia ser transformada em sangue, então muita gente percorria Juazeiro para ver aqueles fatos, meu avô não foi diferente, foi muitas vezes porque acreditava em Padre Cícero e tinha muita fé na Nossa Senhora das Dores né, na mãe de Deus, então ele em uma dessas romarias ficou muito amigo do Padre Cícero, inclusive o Padre Cícero criava até com ele gado de meia, gado de meia, dava um dinheiro pra ele e ele criava lá em Lagoa Nova na Paraíba ele criava esse gado e quando o gado tava no tempo da venda ele vendia e ia levar o dinheiro pro Padre Cícero, mas um dos fatos mais bonitos assim que a gente vê na história deles dois é quando na história da grande seca da década de 30, ficaram alguns anos sem chover, então quando foi pra 30, 31, pra 42 ele vai até Juazeiro, não tinha mais nada na região dele né, meu bisa, e ele vai e diz "vou morrer no Juazeiro junto de meu padrim", colocou a mulher na frente junto com os meninos, os caçoás que tinha, um jeguezinho, inclusive meu avô contava que esse jegue morreu na viagem, eles tiveram que terminar a romaria carregando os trem nas costas, as malas nas costas com o desejo de ir morrer junto do Padre Cícero já em Juazeiro, quando chega em Juazeiro depois de quinze dias caminhando a pé, o Padre Cícero tava dando uma bênção na janela da casa dele, na rua São José e de longe ele viu meu avô que vinha chegando naquela cena né, ele e a esposa e os menino com aquelas trouxas na cabeça lá, ele pediu, olhou pra ele, pediu que ele esperasse, fez um sinal para que ele esperasse, aí ele, terminaram a bênção, depois que ele rezou com o pessoal, que abençoou e saudou, ele chamou e meu avô se aproximou, e ele disse "Manuel, o que é isso, Manuel?" aí meu avô disse "meu padrim, eu vim morrer junto do senhor" ele disse "não Manuel, você vai morrer na sua terra e bem velhinho" "mas meu padrim" "confie no seu padrim, Manuel, confie no seu padrim, você vai ficar aqui um período, vai ficar aqui uns tempos e depois você vai voltar pra sua terra, no dia certo de você voltar eu vou te avisar". Meu avô ficou triste achando que o meu padrim Cícero não queria ele lá no Juazeiro, mas quando foi no dia marcado ele ficou hospedado lá no casarão do Horto, com um mês e meio mais ou menos, com o dia marcado Padre Cícero mandou chamar ele, deu novamente um jegue pra ele, abençoou eles, deu a meu avô também o rosário, ainda hoje eu guardo esse rosário, ele abençoou e deu a cada um um rosário e deu um presentinho, uma caixinha assim, um pacotim amarrado e disse "você só abre numa grande necessidade e pode voltar pra sua terra". Eles voltaram, mais quinze dias pra trás, Padre Cícero tinha dado alguns mantimentos, rapadura, carne seca, algumas coisas pra eles comerem, água,

e quando eles voltam aqueles que ainda estavam vivos ainda na região começaram a zombar né, assim dizia meu avô "ei, Padre Cícero não quis vocês no Juazeiro, aquele homem sabe de nada" aí começavam a xingar, ele dizia "vamos fazer o que meu Padre Cícero pediu, vamos confiar nele" e o Padre Cícero tinha dito a ele assim na saída "na frente da sua casa num tem um catolé" ele disse "tem" "no catolé mais adiante num tem uma jabuticabeira?" ele disse "tem" "entre a jabuticabeira e o catolé cabo que dá água" olha só que coisa boa, Padre Cícero nunca tinha ido naquela região mas sabia desse catolé e dessa jabuticabeira, "como é que vocês vão fazer, durante o dia vocês vão cavar e quando for às seis horas vocês vão rezar o rosário da mãe de Deus, cinco horas da manhã o ofício de nossa senhora e continua novamente a cavar", menino isso foi pra quinze dias e nada de dar água, mas quando já ia pros quinze dias quando eles tavam rezando o rosário às seis horas eles escutaram a água que veio do céu, começou a chover, começou a chover e encheu o barreiro, mas acredita-se que ali tem um olho d'água como chama lá na região que depois vieram várias secas e esse barreirinho nunca secou, porque ele sempre manteve a água e acredito que no fundo dele tem sim um olho d'água né, e ali o meu avô viu que era o tempo de plantar né, meu bisavô viu que era o tempo de plantar e a chuva continuasse mais um pouco, e a chuva continuou mais uma semana e tal e um dia ele rezando diante do oratório ele viu o pacote que Padre Cícero tinha dado pra ele então ele vai lá, cata aquele pacote e vê, aí tinha uma quantidade muito boa de dinheiro que o Padre Cícero tinha dado pra ele né e o meu avô que já tinha 17 anos que era o Faustino Bento foram pra Campina Grande e compraram sementes, compravam maniva pra plantar mandioca, pra fazer farinha e tal e a partir daquele momento ele só prosperava e eu ainda conheci eles muito velhinhos e essas terras aqui quem me deu foi meu Padrim Padre Cícero, porque ele começou a trocar, ele começou a trocar as terras dos outros vizinhos por aquilo que ele plantava porque a situação para os outros não era tão fácil, né, então a história é essa ligação muito bonita que o meu bisavô Manuel Bento tinha com o Padre Cícero dentre tantas outras histórias que ele contava né, mostrando os poderes e a santidade do Padre Cícero, muito interessante.

[01:14:23] P: Isso passou pro seu avô?

[01:14:25] PR: Isso passou pro meu avô Faustino né, porque meu avô acompanhou isso, meu avô tinha nascido em 12 né, ele nasceu em 1912 e meu bisa era de 13 de julho de 1880, meu bisa, e uma uma coisa muito interessante Pedro é que eu nasci 13 de julho de 1980, cem anos, mesmo dia dele cem anos depois eu nasci, do meu bisa, Manuel Bento e meu avô veio a falecer um tempo desse agora, já com 104 anos

[01:14:59] P: E o Faustino manteve romeiro a vida toda?

[01:15:02] PR: Sim, sim, o Faustino se manteve romeiro a vida toda, ele e a minha vó Carmen, inclusive ela era a romeira mais forte do bando era ela, a esposa do Faustino, né, ela teve até um AVC e mesmo com AVC ela ia todos os anos ao Juazeiro, ela participava da romaria, ela sempre estava presente nas romarias e o Faustino sim, devoto do Padre Cícero, muito apaixonado pela história, pela pessoa do Padre Cícero, que ele teve a graça de conhecer né, de conhecer

[01:15:36] P: Ele era pequeno...

[01:15:37] PR: Ele tinha 17 anos, nessa questão da da, da grande seca ele já tava com 17 anos aí entendia muita coisa né, eram jovens e depois disso ele voltou, até no ano em que o Padre Cícero morreu ele esteve lá no comecinho do ano, Padre Cícero morre em julho, mas em janeiro ele esteve em Juazeiro para ver Padre Cícero uma última vez

[01:15:59] P: E o Faustino passou pros filhos também o costume da romaria?

[01:16:02] PR: Faustino passou pra os filhos, que é minha mãe né, minha mãe que sempre foi romeira, ele desde criança trazia, começou a surgir pau de arara né, começou a trazer, levar os filhos para Juazeiro e tal e minha mãe sucessivamente também levar eu e minhas irmãs pra Juazeiro

[01:16:20] P: Tu ia de quê?

[01:16:22] PR: Ia algumas vezes em pau de arara, depois ônibus né, depois ônibus

[01:16:25] P: E saindo de que cidade?

[01:16:26] PR: Saindo de Alagoa Grande, na Paraíba, eu gosto de dizer que eu sou romeiro desde a barriga da minha mãe que minha mãe foi grávida de mim pra uma festa das candeias, uma romaria das candeias né, e eu nasci em julho

[01:16:40] P: Sua primeira romaria

[01:16:41] PR: Minha primeira romaria (risos) minha primeira romaria foi no ventre da minha mãe

[01:16:45] P: Tu acha que foi quantas vezes, fez conta?

[01:16:47] PR: Fiz conta, eu tenho 58 romarias com a do ano passado

[01:16:52] P: Meu Deus, tu tá com quantos anos, Paulo?

[01:16:53] PR: Eu fiz 40 agora, 40 anos

[01:16:56] P: 58 romarias

[01:16:57] PR: Eu nasci em 80, é, 58 romarias

[01:17:00] P: Nossa, qual foi a mais especial pra tu, tem alguma que de destacou, tu lembra com mais carinho?

[01:17:05] PR: Olha, a romaria que eu sou mais apaixonado dentre todas é a romaria dos finados né, é a romaria da esperança, essa é fantástica porque eu gosto sempre de dizer que a quela romaria de finados pra nós romeiros ela é como se fosse o nosso ano novo, o ano novo da gente, ali a gente vai pra agradecer e já traçar metas para o outro ano que já tá perto de chegar né, é como se fosse a passagem de um ano pra outro né, então muitos de nós romeiros é a última romaria do ano é aquela, vai lá pra agradecer o meu Padrim Padre Cícero, à Nossa Senhora e São Francisco por tantas dádivas que eles tem nos dado então a romaria da esperança pra mim ela tem todo um sentido assim mais místico, mais né, gostoso, mais mais, de partilha entre os romeiros, não sei se é porque ela é a maior, mas ela nos traz, chama muita atenção a questão, nem tanto o número de romeiros, mas parece que a gente vive mais aquela mística da espiritualidade do romeiro né, de estar ali enfrentando as dificuldades dessa vida acreditando na vida eterna porque a vida da gente é uma passagem, aqui a gente tá só de passagem né, isso aqui é só uma passagem, então acreditando na vida eterna e a romaria da esperança nos anima nisso, de que nós estamos aqui de passagem e essa passagem que a gente tem que fazer bem, como ensinou o Padre Cícero né, como a procurar o caminho da santidade

[01:18:37] P: É esse o símbolo da romaria? é isso que ela significa?

[01:18:39] PR: Sim, pra nós romeiros ela significa isso, essa passagem e enquanto nós estamos aqui nós devemos fazer essa passagem bem, essa passagem aqui na terra tem que ser marcada por aquilo que Jesus ensinou e Padre Cícero sempre prezou que nos ensinou também de não matar, de não roubar, de ser sempre uma pessoa boa, de querer viver a santidade né, e de estar sempre acreditando na misericórdia de Deus e acima de tudo acreditar na vida eterna porque se a gente não acreditar na vida eterna, nós não tem sentido a nossa vida, achar que depois que sair daqui pronto, acabou, mas nós não, aqui é só uma passagem pra algo que é melhor né, que é a vida eterna onde nós vamo encontrar Padre Cícero, Nossa Senhora, os anjos, os santos, pra estar na presença de Deus né? nós acreditamos muito

[01:19:26] P: Que bonito. Pra quem não conhece Juazeiro e as romarias, explica quantas romarias tem e quais são, o que acontece, qual o símbolo de cada uma delas

[01:19:35] PR: Tudo começa, o ciclo começa com Candeias, a romaria de Candeias que é aquela romaria criada pelo próprio Padre Cícero pra ajudar um romeiro né, como todos nós já sabemos daquela história, ele cria pra ajudar um romeiro que precisava trabalhar e que ele tinha o ofício de trabalhar com o flandre né, o alumínio, e pediu pra que ele fizesse várias lamparinas, candeias, porque ele ia ajudar ele no dia da festa de Nossa Senhora das Candeias, ele ia pedir para que o povo acompanhasse a procissão com candeias, todo mundo foi lá com a candeia e aquele homem prosperou né porque deve que vender tudo, vendeu tudo e ele se alojou ali em

Juazeiro, então essa romaria de Candeias o Padre Cícero vai nos mostrar o simbolismo dele é de que Jesus é a nossa luz, Nossa Senhora é aquela que nos apresenta a luz, ela é a mãe de Deus, ela apresenta a luz mas ela não é a luz, a luz é Jesus, então com essa luz que nós abrimos o ciclo das romarias né, simbolizado na candeia, que na candeia é o próprio Jesus. Depois de Candeias né, nós temos o aniversário do Padre Cícero, que é um dia de romaria muito bonito né, agora em março né, como também a romaria de 20 de julho, a romaria de 20 de julho, aí já vem nos preparando para a romaria de Nossa Senhora das Dores, que é uma romaria e festa, porque é festa da padroeira de Juazeiro, e uma romaria para nós romeiros que vamos participar daquela festa, porque Nossa Senhor das Dores não é só padroeira de Juazeiro, ela é padroeira de todos os romeiros né, todo romeiro que se preze traz em casa um quadro da mãe das dores, né? Para que diante dela possa fazer sua consagração todos os dias, então quando nós vamos lá naquela romaria de setembro, 15 de setembro é pra renovar, veja bem, pra renovar a nossa consagração à mãe de Deus, né? a mãe de Deus como servos, como escravos, que somos dela e pedir a ela bênçãos para a humanidade não só para o povo de Juazeiro mas para cada um de nós para nossos familiares, aí nosso ciclo ele se encerra com a romaria de finados né, que é chamada de romaria da Esperança, que aquilo tudo que eu comentava né, a romaria que é como se fosse o nosso ano novo, onde nós vamos agradecer, mas também traçar metas para o próximo ano voltar e agradecer novamente, então essa para nós é a romaria, tudo muito simples, porque o romeiro ele não tem muito riqueza não, ele é muito simples, o romeiro ele é simples.

[01:22:30] P: Capítulo 8. O fim.

[01:22:34] P: Acordei pelo tropel de gente que corria pela rua, fiquei sem saber a que atribuir aquelas carreiras insólitas, quando cheguei à janela tive a impressão de que uma coisa de monstruosa assuédia na cidade, que espetáculo horroroso esse, milhares de pessoas alucinadas correndo pela rua afora, chorando, gritando, arrepelando-se, foi então que eu soube: Padre Cícero falecera. Eu, sem ser fanático, senti uma vontade louca de chorar, de sair aos gritos como toda aquela gente em direção à casa desse homem que não teve igual em bondade nem em ser caluniado, um caudal de quase 40 mil pessoas atropelava-se, esmagava-se na ânsia de chegar à casa do reverendo. O telégrafo transbordava de pessoas com telegramas pra expedição, destinados a todas as cidades do Brasil, pra fazer ideia, era bastante dizer que só em telegramas calcula-se ter-se gasto alguns contos de réis. Logo que os telegramas mais próximos chegaram ao destino, uma verdadeira romaria de dezenas de caminhões superlotados, milhares e milhares de pessoas de pé marcharam até aqui, Juazeiro viveu e está vivendo horas que nem em Londres, nem em Nova York verão jamais. O povo, uma onda enorme, invadiu tudo, derrubou quem se interpôs no meio, quebrando portas, por cima de tudo. Pediu-se reforço à polícia, mas o delegado recusou alegando que o Padre era do povo e continuava a ser do povo, arranjaram no entanto um meio de colocar o cadáver exposto na janela a uma altura que ninguém pudesse alcançar e durante todo o dia várias pessoas encarregaram se tocar com galhos de mato, rosários, medalhas, e outros objetos religiosos o corpo, a fim de serem guardadas como relíquias. Milhares de pessoas continuaram a chegar de todos os pontos a pé, a cavalo, de automóvel, caminhão, de todas as formas possíveis. Quatro horas da tarde surge no céu o primeiro avião do exército, depois outro, lançam-se de ponta em voos arriscadíssimos passando a dois metros da casa do velho Padre, durou muito tempo os voos, é a homenagem de sentido que as aeronaves prestam ao grande brasileiro que morrera, desceram depois no nosso campo vindo trazer uma riquíssima coroa em nome da aviação militar. A cidade é uma colmeia imensa, colmeia de 60 mil almas, aumentada por mais 20mil que chegara de fora, nenhuma casa de comércio de gênero algum barbearia, cafés, bares, nada abriu. A prefeitura decretou luto oficial por três dias, o mesmo imitaram as cidade do Crato, Barbalha e outras, todas as sociedades e sindicatos têm o pavilhão nacional hasteado a meio pau, com a faixa negra, em funeral.

[01:25:17] A: Este relato é de Lourival Marques, filho de um dos secretários particulares de Padre Cícero, na manhã de sua morte. O sacerdote faleceu no dia 20 de julho de 1934 aos 90 anos, enfermo, cego e sem a tão sonhada reintegração à igreja.

[01:25:37] P: Então, nas primeiras horas do dia 21, o caixão do patriarca estava pronto pra levá-lo à capela da Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, onde sua mãe, uma irmã e Maria de Araújo já descansavam. 60 mil pessoas e quase uma dúzia de padres provenientes da cidade do vale acompanharam o cortejo, decorreram quatro horas até que os fiéis enlutados e sacerdotes chegassem ao seu destino apenas alguns quarteirões da casa do clérigo, onde hoje é o Museu do Padre Cícero. Ao meio dia, a missa solene foi entoada e a lousa de mármore baixou sobre a sepultura que havia sido cavada no santuário da capela próximo ao altar.

[01:26:15] L: Em dezembro de 2015 a Diocese do Crato divulgou uma carta-mensagem de sete páginas redigida por expressa vontade do Papa Francisco, segundo atestou o secretário de estado do Vaticano, o Cardeal Pinheiro Carolim ao qual trouxe à luz a reconciliação da igreja católica com o Padre Cícero.

[01:26:34] A: Mas desde a publicação da carta, pesquisadores e especialistas em processos canônicos divergem quanto à sua validade. Segundo os que contestam a carta, o Vaticano não fala em reabilitar, reconciliar ou perdoar o Padre Cícero e também não haveria documento assinado pelo Papa Francisco dizendo claramente que a igreja se reconciliou com o sacerdote. Já os que defendem a carta como prova da reconciliação dizem ser irrelevante a falta de assinatura do Papa, já que o cardeal que a assinou tinha credenciais para representar o pensamento de Sua Santidade.

[01:27:14] DM: Padre Cícero sempre deve ser tratado como uma figura mítica, como uma figura lendária, o corpo do Padre Cícero, ou a figura do Padre Cícero é uma figura sobre o qual diferentes pessoas de diferentes condições sociais lançaram seus desejos, suas expectativas, suas imagens, então Padre Cícero tem muitas imagens. A gente tem que lembrar que Padre Cícero era um homem, sujeito à vaidade, sujeito justamente a ficar fascinado diante dessa adoração dessas pessoas. Padre Cícero era adorado em vida, ele foi praticamente santificado pelas pessoas em vida, não é fácil lidar com isso.

[01:28:00] PR: Uma figura popularíssima porque tinha carisma, tinha jeito de falar com o povo, sofreu esse, essa perseguição cruel dos poderes de Roma, da Igreja de Roma, eu não caio mais no conto de ah, de esculhambar o Padre Cícero, dizer que aquilo é fanatismo, não, isso é uma coisa muito grande, o que eu vivi com romeiro dentro de casa que minha mãe arranchava um bom dinheirinho ali em tempo de romaria, arranchando romeiro, eu eu via as histórias que aquelas pessoas que vinham lá de Pernambuco, de Alagoas, vindo dos sertões do nordeste inteiro contam, acho que é muito fácil você se apegar a qualquer viés intelectual e sair descendo a lenha e esquecer a dimensão da festa de rua, a dimensão do poder de juntar o povo do nordeste inteiro, do poder de fazer essa cidade desse tamanho hoje, então acho que é maior, sabe, pô, vamos nos tornar modernos, ser iluministas, mas com o faixo de Nossa Senhora das Candeias numa mão.

[01:29:00] RM (?): Padre Cícero ele é o centro, que aglutina e que irradia ao mesmo tempo um conjunto de forças, forças religiosas, forças políticas, forças psicológicas, forças afetivas, forças, sabe, porque é um personagem muito densa, e eu não penso em Padre Cícero como uma pessoa só, vira quase como uma entidade, um mito em torno do qual e a través do qual você não pode pensar Juazeiro sem a figura dele sabe?

[01:29:38] PR: Padre Cícero, pra mim ele é santo, veja bem, ele é um santo do povo, é um santo que sofreu as mesmas dores que nós do sertão sofremos hoje, é um santo que sofreu com a pobreza, com a calamidade, com a seca, com as pestes, com as epidemias, né, Padre Cícero é um de nós, Padre Cícero é um de nós, ele é nosso amigo, ele é nosso companheiro, é aquele que experimentou conosco o sol quente do sertão, a sede, o pouco alimento, né, as guerras, as contradições, ele sempre enfrentou conosco, então resumindo, Padre Cícero ele é um santo

nosso amigo, nosso companheiro de caminhada, eu creio que todo romeiro acredita assim, né, que é aquele que está presente em nossas necessidades como um bom amigo, todo romeiro que se preze, não sei, se você já ouviu alguém, já tornou-se até um vício de linguagem, valei-me meu Padre Cícero, né? em nossas necessidades. Porque nós sabemos que ele está do nosso lado, Padre Cícero pra mim é meu companheiro de caminhada, ele é um santo, companheiro de caminhada, tenho muita devoção, amo, trago ele presente na minha vida, né, presente na minha vida até nos simbolismos que nós trazemos em nosso dia a dia, na medalha dele que trazemos no pescoço, na imagem que nós temos no nosso quarto, na nossa casa, né, Padre Cícero não tá presente só no Juazeiro, só na estátua do Horto ou do Socorro, ele está presente nos nossos lares, no nosso coração, na nossa vida, é por isso que a cada instante nós clamamos "Valei-me meu Padre Cícero"

[01:31:29] L: Padre Cícero entre o Cajado e o Bacamarte foi editado e roteirizado por mim, Luan Alencar, que também participei da pesquisa juntamente com Ana Carolina Torres, a produção e a entrevista são de Ana Carolina Torres e Pedro Phillippe e trilha sonora original de Gabriel Falcão, as referências bibliográficas estão na descrição do episódio. Esse episódio é dedicado aos cientistas sociais, historiadores, todos os pesquisadores das áreas de ciências humanas que contribuem para a formação do conhecimento social e crítico do nosso país e pra preservação da nossa história. Dedicamos também a todos os romeiros do Padre Cícero de cada canto do Brasil responsáveis pelo desenvolvimento e construção da identidade do nosso Cariri. [01:32:21] Vinheta

Budejo Podcast:

Episódio #114 - Na despedida de Pedro voltamos a falar do Cariri

Participantes:

Luan Alencar - L

Pedro Felipe - P

Carol Aninha - C

Vamille Furtado - V

[00:00:01] O podcast que você ouve agora na produção da Central 3

[00:00:06] Vinheta

[00:00:18] L: Sejam bem vindas e bem vindos à mais uma edição do Budejo, eu sou Luan Alencar e estamos por aqui toda quinta feira, então pra você não perder nenhum episódio, segue aí o Budejo deixa isso aí cinco estrelinhas para gente no aplicativo que a gente fica muito feliz e também siga o Budejo nas redes sociais nós somos @budejopodcast no Twitter e no Instagram e ó, tô sozinho aqui nessa introdução mas episódio de hoje é um papo delicioso comigo, Pedro Felipe, Carol Aninha e Vamille Furtado em que a gente voltou um pouco aí com os primórdios do Budejo e ficamos falando, por um bom tempo, do Cariri já que Pedro partiu aqui do Nordeste para São Paulo a gente resolveu matar a saudade de budejar sobre nossa terrinha, então é um episódio bem *old school*, tá muito massa, mas antes que aqueles recadinho de sempre né, primeiro mandar um cheiro muito especial para Raul Xavante e Diogo Cunha que são dois dos nossos apoiadores lá na orelo.cc/budejo então se você ainda não nos apoia eu te convido a ir lá no Orelo nos apoiar e se você já nos apoia por meio de algum outro financiamento coletivo, também te convido a migrar para a Orelo porque por lá gente consegue ter um contato um pouco mais direto, muito em breve vai começar a ter umas recompensas exclusivas para apoiadores da Orelo, então fica o convite mais uma vez e é isso, sem mais delongas, bora bodejar...

[00:01:53] Vinheta

[00:02:03] P: Mas cês tem vontade, alguma vontade ir pra São Paulo em específico?

[00:02:07] V: Não, São Paulo não nem passear
[00:02:07] A: São Paulo não, mas pra Brasília sim
[00:02:09] L: Pra ir pra passear eu gosto mas pra ir pra morar Deus me livre
[00:02:12] V: Você faz o quê em São Paulo quando você vai passear lá?
[00:02:15] A: Pros museus eu ia
[00:02:16] P: É, museu
[00:02:18] V: Nossa (risos)
[00:02:21] A: Nossa eu iria pra todos os museus
[00:02:22] P: Nossa, tô tentando pensar aqui
[00:02:23] A: Os parques, a avenida paulista
[00:02:25] L: Eu acho uma grande bosta ver parque viu
[00:02:26] (risos)
[00:02:27] P: Eu tô lá com meus amigos aí "Vamo pro Ibirapuera"..
[00:02:29] L: Ah, zamigo, num tem perigo viu...
[00:02:31] P: Ah eu vim do mato, eu do Arajara, eu vou sair do Arajara..
[00:02:33] V: Era isso que eu ia dizer
[00:02:34] P: Pra ir pra São Paulo pra ficar vendo planta
[00:02:36] V: Tendo Caldas ali
[00:02:38] P: Não vou não, amiga, mas assim.. a arquitetura do lugar é massa aí um lugar pra ir pra comer tem comida do mundo inteiro
[00:02:46] A: Tem as baladas, os restaurantes, os bairros de de outras etnias diferentes
[00:02:50] L: É, e pra liberdade, tu já foi na liberdade né?
[00:02:52] A: Já
[00:02:53] P: Mas vocês alguma hora profissionalmente já se sentiram compelidos a sair daqui "Ah, eu deveria crescer"
[00:02:59] A: Ah, eu penso muito assim, nos nos, por mais que o Cariri seja um lugar assim que tem muita coisa, mestrado e doutorado a gente ainda não tem muito, pelo menos pra minha área ou de outras áreas, então era muito mais pra estudar
[00:03:10] P: Bom, a gente mora aqui no Cariri, em Juazeiro que é uma cidade grande, né, Juazeiro tem o quê, uns 300 mil habitantes hoje?
[00:03:15] A: Por aí
[00:03:17] P: E tem tudo assim, quando eu fazia ensino médio, eu e Aninha a gente fez o 3º ano em 2007, naquele tempo, que não faz tanto tempo assim, vamos ser honestos...
[00:03:25] A: Faz amigo
[00:03:25] (risos)
[00:03:28] P: Apesar de tanto cabelo branco que tem na minha cabeça hoje, naquele tempo assim, se você tinha dinheiro e você queria ter certeza que ia passar na faculdade, ia fazer, não vou dizer o nome das escolas, mas essas escolas de Fortaleza
[00:03:39] A: Farias Brito... ô desculpa aí, foi mal
[00:03:41] (risos)
[00:03:45] P: E era isso, ou você tinha dinheiro pra fazer um paraíso um objetivo, que eu não tinha e a gente fez CEFET, que hoje é o IFCE
[00:03:52] V: Eu nem passei
[00:03:53] P: Ô amiga...
[00:03:55] V: Eu não passei...
[00:03:55] A: No quê amiga?
[00:03:57] V: No CEFET...
[00:03:57] P: Na seleção, do CEFET
[00:03:57] V: Não passei...

[00:03:59] P: Não mas naquele tempo tinha que ir pra Fortaleza pra fazer um ensino médio de qualidade, muito rapidamente, o Cariri já é um lugar que atrai as pessoas dos outros interiores, Piauí, Paraíba, Pernambuco, pra cá aí de repente já não precisa mais sair pra fazer arquitetura, pra fazer jornalismo, pra fazer psicologia, nenhuma dessas existia quando a gente se formou...

[00:04:18] L: Nenhuma

[00:04:19] V: Tanto é que a nossa turma é a primeira do jornalismo né?

[00:04:21] P: A nossa foi a primeira, é, veio ter veterinária há muito pouco tempo..

[00:04:26] A: Psicologia tinha, na Leão

[00:04:28] P: No nosso tempo?

[00:04:28] V: Tinha, eu queria fazer psicologia não fiz porque não tinha dinheiro

[00:04:31] P: Pronto, mas hoje é um lugar que tem muita coisa

[00:04:33] V: Hoje o povo vem pra cá estudar

[00:04:36] A: E trabalhar também

[00:04:37] P: E hoje tanto é um lugar que muita gente vem e mora e fica e quer fazer família, quer fazer carreira aqui, vinha de cidade pequena, tenho um amigo que é médico, se formou na UFC, que hoje é UFCA, eu pergunto "E aí amigo, quer fazer uma residência?" "Não, eu vou fazer clínica aqui no regional mesmo" "Mas num quer morar não.." "Não, aqui tá maravilhoso" Porque ele é lá do Salgueiro (risos) chega aqui em Juazeiro pra ele...

[00:04:59] A: O pior que aqui é mermo, tem tudo velho, só não tem namorado pra mim mas do resto..

[00:05:05] (risos)

[00:05:06] V: Só falta isso né Aninha?

[00:05:07] A: Só falta isso,

[00:05:07] P: Vamo já entrar nessa pauta porque isso é uma questão

[00:05:09] (risos)

[00:05:11] P: Pra mulheres hétero

[00:05:11] A: Tá difícil

[00:05:13] P: Em todo lugar do Brasil tá mas aqui em específico parece que tá muito pior

[00:05:15] A: Aqui num tem mermo não

[00:05:16] L: Eu tenho a sensação que isso é senso comum amiga, em todo canto,

[00:05:19] P: Senso comum de todos os lugares

[00:05:19] V: Pior que é

[00:05:20] L: Também assim, eu fico vendo pelo Twitter

[00:05:24] V: Tá lascado

[00:05:24] L: Que é minha janela do mundo, cara, tem tuite de todos os cantos do país com esse mesmo discurso, de que num tem homi

[00:05:31] P: Acabaram os homi de Recife, acabaram os homi de Natal

[00:05:34] L: É, exato

[00:05:35] A: Valha mi Deus, pois a gente tá lascado

[00:05:36] V: Eu mesma tive que importar na Paraíba

[00:05:38] (risos)

[00:05:39] A: Eu já importei um do Pernambuco, outro de Fortaleza, nenhum daqui

[00:05:42] V: Pois é

[00:05:43] A: Num teve nenhum daqui

[00:05:44] V: Faz um tempo já que acabou

[00:05:45] P: Caramba

[00:05:46] L: Faz um tempo que acabou (risos)

[00:05:50] F: Tem vaga nas faculdades só onde não tem homi

[00:05:52] P: Não mas esse imenso devaneio porque eu tava falando que tal hora você bate no teto e às vezes, eu sou solteiro né, aí você bate no teto de boca que você já beijou (risos)

- [00:06:02] V: Ah, então é por isso que tu tá indo embora?
- [00:06:04] A: Ah, agora tá explicado
- [00:06:07] P: E aí os bares por onde você anda, todo mundo já lhe conhece, todo mundo já lhe viu com todas as sequências de louco que você tem, não, tô tirando onda..
- [00:06:17] L: Não, um p**** (porra) que você tá tirando onda
- [00:06:18] P: Num fica repetitivo, assim, tal hora você fica meu Deus do céu eu vou pra esses mesmo canto, ver esse mesmo povo
- [00:06:24] V: Eu num acho
- [00:06:24] P: Tu não acha?
- [00:06:25] V: Não vou mentir, num vou mentir
- [00:06:26] L: Pode, pode ser confortável também assim se você tiver um outro ponto de vista, eu acho confortável, eu não acho desesperador quando eu tô no lugar e eu vejo as mesmas pessoas sempre, pra mim bate um tá, sei lá
- [00:06:36] V: *It's a safe place*
- [00:06:37] A: Todo mundo sabe seu nome
- [00:06:38] L: Tipo assim, p**** (porra)
- [00:06:42] V: Eu ia dizer que tipo, eu fui esses dias no Cangaço, a gente foi pro show de Seu Pereira, eu e Lucas e eu não conhecia ninguém (risos) eu não conhecia absolutamente ninguém, não tinha ninguém lá que eu conhecia e assim, tinha algumas pessoas que era a grande maioria que mais novos né? mas tinha algumas pessoas da nossa idade mas eu não conheço o povo mais, eu não conheço mais
- [00:07:03] L: Cara, uma das últimas vezes que eu fui antes da pandemia..
- [00:07:05] V: Eu não sou uma face da noite
- [00:07:06] L: Eu também não conhecia mais o povo, mudou, mudou
- [00:07:09] V: Pois é
- [00:07:11] A: Eu conheço porque geralmente é meus alunos
- [00:07:12] V: Pronto, aí o pior é isso, quando eu reconheço alguém é porque é colega do meu irmão que é sete anos mais novo
- [00:07:19] A: Tamo véi, vamoimbora
- [00:07:22] P: E tu Luan, já teve vontade de ir embora?
- [00:07:25] L: Eu já tive vontade quando era mais novo assim, por isso, por achar que era muito limitado e tal, e eu via alguns amigos indo né? aí você fica naquelas c**** (caralho) eu tenho que ir também, rola uma pressão, mas cara, hoje eu trabalho com um negócio que eu posso trabalhar de todo canto do país
- [00:07:40] V: Do mundo
- [00:07:41] L: E ainda tem a vantagem em que eu recebo um salário do sudeste
- [00:07:47] V: É
- [00:07:47] L: E o custo de vida é muito mais baixo, então p**** (porra) eu consigo ter ma vida...
- [00:07:50] A: É em dólar, amigo, que tu recebe?
- [00:07:53] (risos)
- [00:07:55] V: Eu conheço algumas pessoas
- [00:07:52] L: Você que tem um podcast inglês aí, americano...
- [00:08:00] V: Eu conheço algumas pessoas que é esse mesmo caso que Luan, que tipo, mas trabalha na área de tecnologia por exemplo, que recebem o salário do sudeste e moram, e moram aqui e é muito, muito
- [00:08:11] L: É um salário que pra lá, é um salário ok, tipo, você viveria num cubículo e né, mas aqui bicho, com essa grana, pago minhas conta, fico tranquilo, compro os videogame que eu quero e tal
- [00:08:14] V: Dava pra você alugar uma casa

- [00:08:23] A: Os aluguéis não são tão caros né, como lá
- [00:08:26] L: Tipo, eu acho que até falei isso em algum Budejo antes que já rolou assim um quaaase dar certo deu ir pra São Paulo prum empregolá mas que era isso, era um salário que era mais ou menos o que eu ganho hoje, mas p**** (porra) pra morar em São Paulo, tudo caro pra c**** (caralho), aluguel caro pra c**** (caralho)...
- [00:08:41] A: Sabe o que que eu penso muito assim em cidade muito grande? transporte
- [00:08:44] L: É, então..
- [00:08:45] A: Porque eu sei que eu vou ser proletária a minha vida toda, eu sei que eu não vou chegar numa cidade grande andando de carro e mesmo que eu andar, é aquela coisa do trânsito né?
- [00:08:54] V: Mas tu num anda de carro aqui no Juazeiro
- [00:08:54] A: Exatamente
- [00:08:54] (risos)
- [00:08:55] A: Mas aqui ainda tem uma possibilidade da gente dá uma juntadinha de dinheiro e tirar um carrim quando der na telha
- [00:09:02] P: Um celta tá 30 mil reais
- [00:09:03] A: Ai amigo, calma, uma moto
- [00:09:05] (risos)
- [00:09:07] V: Uma Biz
- [00:09:08] P: Uma Biz é 10 mil reais
- [00:09:09] A: 17 mil reais quase
- [00:09:11] P: Uma Biz?
- [00:09:13] A: Uma Biz não, é é a a Biz às vezes é mais cara que as moto, mas enfim, voltando... aí eu fico imaginando
- [00:09:19] L: Biz não é uma moto não?
- [00:09:20] A: Uma moto assim, normal, dessas, tu tá entendendo?
- [00:09:22] L: Sim
- [00:09:22] A: Aí eu fico imaginando assim pegando ônibus porque a gente sabe que a cidade é extremamente, as cidades grandes são extremamente desiguais pra quem mora nas periferias, cara, eu acho assim, a qualidade de vida deve ser muito muito difícil prum trabalhador numa grande cidade, porque o centro é fica assim, centro ou bairros super bem localizados quem tem grana para morar, quem não tem mora longe pega 1000 conduções, 1000 metrô e e se cansa e não tem tempo sabe? eu acho assim, deve ser muito muito difícil..
- [00:09:51] L: Cara eu
- [00:09:52] A: Eu acho que foi boa minha vida, de certa forma boa parte da minha adolescência, da vida adulta tendo um sossego de uma cidade pequena, mas com com coisas legais de que uma capital pode oferecer, tipo não muito obviamente, não tem muita cultura e arte e shows e mas aqui é pertinho, a gente viaja pô, já vi tanto show na minha vida nos festivais de graça que tinha aqui, no Caldas, em Garanhuns, em Pernambuco, em Fortaleza, onde for, é tipo assim a gente tinha um pouquim de cultura assim
- [00:10:21] P: Muito antes da pandemia e principalmente antes do golpe, que depois de Michel Temer tudo piorou pra vida dos artistas e e pra produção cultural mas já vi coisa assim inimaginável, já vi peça gringa aqui em Juazeiro do Norte
- [00:10:35] L: Sim
- [00:10:35] A: Eu também
- [00:10:36] L: Cara, já teve mostra dos SESC's por aqui
- [00:10:41] A: Overdose, lembra?
- [00:10:44] P: Cara, muito show bom, de graça
- [00:10:45] V: Pois é
- [00:10:45] A: De artistas assim, tipo, putz

[00:10:49] P: Cariri é uma rota, uma rota cultural muito boa, tanto se produz muita coisa boa por aqui né, quanto vem ou vinha né, quando esse país tinha Ministério da Cultura, e antes da pandemia... mas tem uma coisa assim que é minha mas talvez muita gente vá se identificar, eu amo minha família, daria meu braço esquerdo, direito não porque eu preciso escrever e essas coisa mais o braço esquerdo eu dava pra muita gente

[00:11:14] L: Maaaas

[00:04:17] V: Isso

[00:11:15] (risos)

[00:11:17] P: Mas eu preciso preciso tá longe pra poder viver minha vida, enquanto eu tô perto eu tô vivendo a vida de pessoas que não sou eu e aí o tempo foi passando, com uns 27 foi que me deu uma urgência assim de meu Deus do céu, enquanto eu tiver aqui eu não tô, eu não tô vivendo o que eu quero assim, minha mãe não gosta de que a gente saia de perto dela, o é assim às vezes sufoca, é lindo mas sufoca, e ela não queria de jeito nenhum..."Vai gastar dinheiro numa casa sozinho" podendo tá aqui, mas era tipo a casa dela, a casa que ela mandava tá ligado? aí queria tá por lá pra ficar, até hoje ela fica aí "Você tá aonde aí? manda a localização" e quem é fulano que você nunca falou?" é desse jeito, que é um cuidado mas enfim...

[00:11:54] A: Não, minha família foi mais de boa tanto que eu me estabilizei eu me mudei de lá e eles nem *toyau* pra mim..

[00:12:02] L: Tu saiu da casa da tua mãe estando na mesma cidade né?

[00:12:05] A: Na mesma cidade

[00:12:08] L: Hoje em dia é super raro isso

[00:12:08] A: É perto que é o bairro mais assim legal e badalado da cidade, ixemaria como eu sou chique

[00:12:14] L: Ei nosso bairro é bom bagarai mesmo

[00:12:15] L: Nosso bairro é muito bom galera, nosso bairro tem muito muito uber, tem trem tem VLT

[00:12:21] V: Qual é teu bairro?

[00:12:20] L: São Miguel também

[00:12:22] V: Aninha, o teu ainda é São Miguel...

[00:12:23] A: Aqui pelo endereço assim, eu me sinto São Miguel, eu digo que sou da Malva por que o amo dizer que sou das Malvas, porém é muito perto de tudo, é muito perto de transporte, é muito perto de metrô,

[00:12:34] L: E tem tudo cara, esse bairro tem tudo cara, esse bairro é impressionante

[00:12:35] A: Tem mercantil, tem diaboquatro aqui sabe? uma vez uma amiga minha veio do Rio, ela veio aqui do metrô a Leidiane

[00:12:41] L: Venha pra São Miguel

[00:12:42] A: E aí veio ela e o esposo dela, vamo gente lá em casa, cara, tinha tudo, é muito bom, tem tudo perto assim, pra mim é muito bom é muito à vontade, mas assim eu sempre quis sair da casa dos meus pais, eu tenho essa sensação as vezes que por mais que eles sejam assim nem *toyau* pra mim, não sejam muito amorosos mas eu ainda me sinto assim sobre o teto deles por mais que muitas coisas eu tome a frente lá na casa deles, eu eu ajudo de alguma forma, enfim eu me sinto muito adulta como eu vejo que Luan é, que Luan sustenta a casa dele, a mãe a vó etc assim e dá aquele todo o sustento que é necessário mas eu ainda me sinto, eu sinto que eu ainda não saí daqui e eu tenho 32 anos e isso me angustia às vezes, quando eu vejo Pedro partindo indo ai pra São Paulo eu disse até "Me leva" porque assim eu sinto que já chegou minha hora de ter uma vivência dessa assim, fora daqui nem que seja pro doutorado, quando as coisas melhorar se Deus quiser e a ciência começar a ser mais valorizada, quando Lula foi eleito se Deus quiser, mas eu sinto isso eu acho que que todo mundo devia ter uma vivência de morar em outra cidade sabe, eu sempre sonhei em morar em Brasília, porque eu acho muito bonito a cultura, as coisas assim, mas em qualquer outra cidade tá valendo sabe para mim, e eu acho

muito legal que se joga assim pra.... não que a gente seja acomodado de tá aqui porque de fato é confortável, é legal, e é massa mas eu acho muito bacana quem quem se joga pra pra viver outras coisas e tem uma oportunidade e agarrar, eu acho que se eu tiver uma oportunidade de morar uns tempos fora eu vou agarrar bem de com força

[00:14:17] L: A coisa que eu mais fico assim, de ir para o sudeste tal não é nem minha carreira, tipo de maretado essas coisas, mas é do Budejo assim porque eu fico pensando, ficava antes assim..

[00:14:30] A: Vai acabar o Budejo né Luan, se tu ir embora

[00:14:32] L: Não mas eu ficava pensando "Porra, se todos nós numa situação hipotética tivesse nesse outro lugar, um lugar mais acessível pra mais gente e tal, talvez a gente tivesse tipo sabe, num num patamar diferente assim, a gente, veio a pandemia e a gente trouxe tanta gente f**** (foda) né, que tinha imaginado em trazer antes... aí eu meio que desencanei disso mas ao mesmo tempo também eu fico achando que se isso tivesse que acontecer era como uma declaração de que a gente falhou, porque a ideia do Budejo era a gente conseguir ser massa mesmo mesmo estando longe ainda do do centro

[00:15:04] V: Do eixo

[00:15:06] L: Do eixo né

[00:15:07] P: É isso, isso é o massa de você...

[00:15:09] A: Mas aí o Cariri não sai da gente, a gente pode sair do Cariri mas o Cariri num vai sair da gente...o nosso olhar foi construído por décadas assim e a gente, sei lá, fica sabendo das notícias daqui e e

[00:15:20] L: Mas mas eu bato nessa tecla mas eu fico muito indignado com o privilégio do sudestino, véi.. eu tava conversando antes de vir para cá com um amigo, meu mandou uma mensagem aqui no Twitter, dizendo que ele viu um desses mesa-cast aí que ele nem me disse qual era, que era entrevistando o montador do Tropa de Elite, do bingo e tal e aí na entrevista o cara falou que fazia muito tempo que não via Tropa de Elite, que não lembrava mais de nada e começou a falar coisas de que não tem nada a ver com o filme pro cara né?

se você vai entrevistar uma pessoa que você não assistiu o filme que a pessoa fez pra entrevistar a pessoa..

[00:15:50] A: Ou que assistiu e não lembra...

[00:15:52] V: Meus Deus

[00:15:52] L: Tá ligado? Tipo, é um nível de descaso assim e eu tenho certeza que essa pessoa só consegue levar essa galera porque estão eles, estão no lugar onde tem os produtores, que levam e tal e essa galera não se esforça velho, tipo Monark né que rolou há algum tempo aquela putaria toda, ele meio se orgulhava de dizer que não estudava pra nenhuma pauta, que tipo, e o cara leva presidenciável, leva deputado, tá ligado, leva todo mundo assim

[00:16:16] V: Dinheiro

[00:16:17] L: Como é?

[00:16:17] V: Leva dinheiro

[00:16:19] A: Patrocínio

[00:16:19] L: É, então, leva tudo... no naquele programa dele e é um cara que ficava ali, tipo só recebendo, fumando maconha, bebendo, sem estudar nada e eu sei que tem vários fatores de privilégio, tem várias camadas de privilégio pra isso acontecer, não é só o cara estar no sudeste, mas eu acho que estar lá é um sabe? aquele negócio da linha de chegada assim da corrida, a pessoa já larga lá na frente assim

[00:16:40] V: Sim

[00:16:41] P: Ah, mas eu gosto do que a gente conquistou assim um espaço que a gente pegou né, de pessoas que nos admiram, e de ouvintes que a gente tem, de apoiadores, e a gente sempre surpreendeu com isso né? com o lugar onde a gente tá, a gente tudo imaginou que as pessoas fossem achar interessante o olhar que a gente tem, o lugar do qual a gente tá falando, e é tanto

respaldo quanto histórico, de de de de convidados e pra mim também é é num sei se a galera se identifica né? com esse lugar onde a gente tá

[00:17:07] L: Cara, e ó, a gente tava no começo da conversa falando... tipo a Aninha falou do bairro da gente, a gente tava falando coisas específicas e aí minha cabeça de editor ficou "Caralho, será que nessa hora aqui o ouvinte vai ouvir e não vai gostar, num sei o quê..." que é o bairro que a pessoa não vai ter a menor ideia que existe né, mas bicho, eu cresci ouvindo podcast de paulista falando de bairro de São Paulo e eu ouvia todos e ficava "É.. pode crer" sendo que era bairros que eu nunca vi na minha vida e a gente se interessa...

[00:17:34] V: Não só podcast e as novelas?

[00:17:35] A: Eu sei até os nomes dos bairros de lá sem nunca ter pisado lá

[00:17:40] L: Loucura né?

[00:17:40] A: São Miguel na veia

[00:17:42] L: O nosso que a gente fala bate um "c***** (caralho), será?" será que vão se interessar

[00:17:46] A: São Miguel e Malvas, é nós, e Cirolândia

[00:17:49] (risos)

[00:17:51] V: Em homenagem a Ciro Gomes

[00:17:54] P: Foi nesse episódio que a gente falou de Ciro Gomes?

[00:17:55] L: Foi não

[00:17:55] V: Foi em outro (risos)

[00:17:57] L: Foi em alguma semana atrás

[00:17:58] V: Pra quem não sabe..

[00:18:00] P: É e a pessoa ganha um plus que é saber que existe Barbalha, entre todas as cidades do país foi a quem votou a favor da Monarquia

[00:18:08] A: Da monarquia (risos)

[00:18:08] V: Justamente... morar vizinho é um privilégio...

[00:18:14] P: No plebiscito de 88, 89, não sei, tem isso galera, Barbalha..na verdade eu acho que é lenda, vou ser sincero, acho que é lenda

[00:18:22] A: Tu não acredita?

[00:18:22] V: É não, é verdade

[00:18:23] P: Eu acho que é lenda... num pode... mas existe um movimento monarquista forte em Barbalha até hoje, não sei se em algum episódio antigo a gente falou sobre isso, talvez um dos primeiros

[00:18:35] L: Um dos primeiros, é..

[00:18:36] P: Acho que eu me lembro dessa tretinha que eu me meti

[00:18:38] (risos)

[00:18:39] F: Lógico né, óbvio..

[00:18:39] V: Pra variar

[00:18:41] P: Porque, lá em Barbalha eles quiseram dar o título de cidadão barbalhense pro príncipe Felipe que é deputado federal hoje, na época ainda não era, e ele ia visitar a cidade pra que ia rolar uma conferência sobre a monarquia no Brasil, lá em Barbalha

[00:18:54] (risos)

[00:18:55] P: Aí eles queriam plantar palmeiras imperiais na cidade pra receber o homem e ter o título de cidadão barbalhense, tava tudo certo aí eles foram lá pra defender isso e tal, isso na sessão, e tá gravado né? que toda sessão é gravada em vídeo, aí vai prum vereador a fala né, aí ele fala assim "É, desculpa, eu tô tentando entender, eu juro por nossa senhora que eu estou tentando entender, como é que pode alguém ser a favor da volta da monar... da o quê mesmo?" Aí o outro vereador "da Monark, só pode ser da bicicleta Monark, a única coisa que faz sentido alguém pedir de volta..."

[00:19:32] L: Brincadeira

[00:19:32] P: Não, pois é, aí essa criatura é ultra monarquista, minha cidade até hoje é, e só o que tem é maconheiro e eles são maconheiro branco de família rica, rica assim né, falida no caso (risos) já foi assim canaveiro e hoje assim não é nada, a favor de volta da ditadura, tanto é que todas as cidades aqui do do Cariri, Barbalha foi quem deu mais voto a Bolsonaro, foi tipo assim uns 20% de volta pra Bolsonaro, eu fiquei mor-to

[00:19:55] L: É, a gente é muito privilegiado né? A que deu mais voto, uns 20%

[00:19:59] P: Ah amigo, mas eu fiquei morto porque o Crato foi tipo assim, 7% uma coisa assim..

[00:20:01] L: Não é

[00:20:02] P: Foi de lascar... e ainda tem insígnia nazista na na cidade, nos prédios...

[00:20:09] L: É mas tu tá pintando Barbalha como se fosse a cidade mais, parece Santa Catarina (risos)

[00:20:12] A: Pra nossa realidade do Cariri assim, ela é diferente... né assim

[00:20:16] P: Mas é, Barbalha é a coisa mais estranha do mundo..

[00:20:21] V: O menino, o moço é bem...

[00:20:21] L: Mas também é massa né? fala também né um pouco..

[00:20:23] V: Diz aí, Pedro

[00:20:24] P: Se fosse uma obra de Ariano Suassuna, tipo assim, o Crato ia ser aquela cidade onde as coisas incríveis acontecem e Barbalha ia a ser a casa do coronel Antônio Moraes

[00:20:33] V: E o Juazeiro?

[00:20:36] P: O Juazeiro ia ser a cidade grande onde eles vão fazer a feira

[00:20:40] (risos)

[00:20:41] A: Gostei

[00:20:41] L: Boa, boa.... o Crato ia, os cratenses que nos ouvem

[00:20:47] P: O povo do Crato se acha né? Porque o Crato é massa, pra completar, é onde tá os mais loucos dos mais loucos do mundo

[00:20:53] A: Muita cultura, tá tudo lá assim, teve um movimento de contracultura assim nos anos 70

[00:20:57] P: Muito, ainda tem

[00:20:59] A: E tem muito, tem muito poeta, tem muito assim, aqui no Juazeiro também mas tem uma vibe mais popular, entendeu? no Crato quer queira ou não tem uma vibe mais erudita assim, quer queira ou não dentro dos, tá entendendo?

[00:21:11] L: É, eu também acho

[00:21:12] A: Tipo até os cordelistas lá, são cordelistas mais né, eruditos e tal e aqui no Juazeiro tem um contramovimento que são os cordelistas malditos e tal, e porque Juazeiro é tipo terra de gente, muita gente assim de todo canto, pra mim é nossa São Paulo né, Juazeiro é muito cosmopolita, tem gente de todo o canto que fez dinheiro aqui, Sergipe, Alagoas, Paraíba...

[00:21:33] V: Do sudeste também

[00:21:33] A: De gente do sudeste também

[00:21:35] P: Vocês, vocês três são aqui do Juazeiro, a família de vocês é daqui, tipo assim, todos os avós são nascidos no Juazeiro?

[00:21:41] L: Não

[00:21:41] V: Não

[00:21:42] A: Não

[00:21:43] L: Caramba

[00:21:43] V: Minha vó por parte de...

[00:21:46] L: Não existe isso não

[00:21:47] P: Pior que acho que não existe

[00:21:48] A: Primeiro que eu não sei muito bem de onde é a família do meu pai..

[00:21:49] J: Porque muita gente veio por conta do Padre Cícero

[00:21:51] L: É

[00:21:52] V: E também por conta que a cidade cresceu e tal, minha vó materna é do Pernambuco

[00:21:56] L: A minha também

[00:21:58] V: Minha ou, paterna.. minha vó materna é de Santana do Cariri, meu bisavó era o dono de Santana do Cariri mas gastou tudo em quenga

[00:22:06] (risos)

[00:22:06] V: Aí né..

[00:22:08] P: Meu avô também

[00:22:08] A: Sempre tem né, um familiar que é rico e gasta tudo da família

[00:22:10] V: E gasta tudo em quenga, só que tipo, todos viviam da agricultura, minha vó cresceu trabalhando na roça lá em Santana do Cariri e depois conheceu meu avô, casou e foi pra Caririáçu onde eles também trabalhavam na roça aí meu avô tinha que vender em algum lugar o que ele plantava, aí ele plantava feijão lá em Caririáçu e depois vinha vender aqui e aí depois foi que eles vieram morar aqui e minha vó paterna ela sofreu muito, passou muitos anos, ela passava fome na seca, nos mei do mato, corria de onça

[00:22:39] A: Que massa

[00:22:39] V: E aí depois (risos) que massa, vovó correndo..

[00:22:43] P: Levando carreira de onça

[00:22:44] A: Porque minha gente, é assim

[00:22:46] V: Vovó correndo com minino no braço...

[00:22:46] A: É que a gente tem que enaltecer Vamille ela conta uma história "ela corria de onça", isso já me fez visualizar a imagem

[00:22:55] V: Imaginar né? eu também quando ela me conta

[00:22:56] L: Mulheres que correm com onças

[00:22:59] (risos)

[00:23:02] V: A bichinha de vovó, correndo de... ela sempre me conta

[00:23:05] P: Tu é a neta, das

[00:23:08] A: Das corredoras de onças que não

[00:23:11] V: Das mulheres que as onças tentaram matar

[00:23:13] (risos)

[00:23:15] A: Desculpa, amigo tu diminui aqui meu grito, ficou muito bom (risos)

[00:23:18] (risos)

[00:23:19] V: E aí depois ela veio pra cá, com a família dela, atrás de, que era uma cidade grande e tal mas eu acho engraçado, às vezes essas coisas do interior, o pessoal do interior daqui que acaba vindo pra cá, pro Juazeiro em vez de ir pra capital do seu estado, que por exemplo, vovó poderia ter ido pruma cidade maior do Pernambuco, não, ela veio pra cá

[00:23:36] A: Meu avô é filho de um povo que era lá do Rio Grande do Norte e veio aqui ver o Padre Cícero e o Padre Cícero foi e disse assim "Vá comprar um terreno lá nas Pedrinhas"

[00:23:49] L: E Padre Cícero gostava né de indicar onde o povo ia comprar as coisas... o que esse homi não deve ter lucrado de...

[00:23:52] V: As porcentagem dos ...

[00:23:54] P: E será que ele botava o povo em roubada ou tudo dava certo?

[00:23:56] A: Não..

[00:23:56] L: Não...

[00:23:58] P: As história que eu conheço era que dava certo

[00:23:59] V: Dava certo, ele queria povoar a cidade

[00:24:01] P: A igreja abafou os os

[00:24:04] (risos)

[00:24:04] L: Ganhar um cascalhozinho

- [00:24:05] A: Aí pra vocês terem uma ideia, tem uma linha do trem aqui muito próxima da nossa casa né, que lá levava Juazeiro até Fortaleza
- [00:24:12] V: Era
- [00:24:13] A: E Missão Velha até Fortaleza, não.. passava por Missão Velha e as Pedrinhas é de um lado da linha do trem né? E minha minha outra avó é filha dum povo que de certa forma tinha até uma terrinha a mais ou menos nas Timbaúbas, e os dois se encontraram né, meu avô indo estudar e ela indo estudar também eles se encontraram no no caminho, justamente bem aqui perto do do meu bairro São Miguel e das Malvas e aí assim, é bem essa história mesmo assim, a gente vem de outros lugares aqui do nordeste e fez fez morada
- [00:24:43] L: Cara, acho que eu não conhecia ninguém que os dois avós assim
- [00:24:47] V: Nasceram em Juazeiro
- [00:24:47] P: Não, pois é
- [00:24:48] L: Não existe,
- [00:24:47] P: E a cidade tem quantos anos, uns 110 anos?
- [00:24:50] V: Isso, é?
- [00:24:51] A: Em 2011 fez 100 anos, então, 110 anos, vai fazer 112 né
- [00:24:57] P: E o Crato tem quase 260, uns 255
- [00:25:00] J: Quanto Barbalha tem?
- [00:25:02] P: Uns 200 e tanto também, é muito antiga
- [00:25:03] V: Já teve algum rei que nasceu em Barbalha?
- [00:25:05] (risos)
- [00:25:06] P: Não mas tem.... essa história da monarquia em Barbalha é porque quando teve uma seca e Dom Pedro Segundo construiu aí um monte de coisa que agora eu não lembro pra que era que servia essas coisas (risos) eram uns prédios, aí tem um prédio até hoje lá que é construído por Dom Pedro, como se Dom Pedro tivesse pensado "Ai querida Barbalha, provinciana Barbalha, de ti tu és..."
- [00:25:29] V: Menina moça, linda Barbalha
- [00:25:30] P: Nãaaoo, foi assim na gestão
- [00:25:34] V: Na gestão
- [00:25:34] (risos)
- [00:25:36] A: Mas de certa forma é...
- [00:25:37] V: Qual delas?
- [00:25:38] P: Aí até hoje, tu acredita, que o povo
- [00:25:41] A: Acho que Dom Pedro Segundo..
- [00:25:41] P: Foi Dom Pedro Segundo, aí que o povo, nessa discussão que teve lá na câmara, por causa dessa p**** (putaria) de monarquia, era, aí o povo ficou gritando "Você tem que ser grato a Dom Pedro Segundo" e o o "Ah, vai tomar no c* (cu) né bicho"
- [00:25:52] V: E hoje em dia esse prédio serve pra quê?
- [00:25:53] P: Tá fechado, às queda.. porque, e ele já caiu uma vez
- [00:25:57] A: Ei, mas foi Dom Pedro Segundo que criou a a Floresta Nacional do Araripe num foi, assim, que instituiu o nome
- [00:26:05] P: Que foi a primeira floresta nacional
- [00:26:05] A: A primeira floresta nacional do Brasil, é Flona,
- [00:26:08] P: Antes da Amazônia
- [00:26:10] L: Obrigado Dom Pedro
- [00:26:11] A: É, flona
- [00:26:11] P: Por isso que a gente tem que ser grato
- [00:26:12] L: Devia ter um 'The Crown' Dom Pedro Segundo
- [00:26:13] V: Ei, era mesmo
- [00:26:15] A: Mas já tem a novela do 'Nos tempos do imperador'

[00:26:17] L: É verdade c***** (caralho)
 [00:26:18] A: Paia que só
 [00:26:19] (risos)
 [00:26:19] L: Selton Melo como Dom Pedro
 [00:26:22] A: Ai eu acho ele um gato
 [00:26:23] P: Não mas vocês falando esse negócio de de parentes em Juazeiro
 [00:26:26] V: E teus, teus parentes, nasceram tudo de Barbalha?
 [00:26:28] P: São tudo barbalhense, meus avós..
 [00:26:32] V: Todos os teus ancestrais?
 [00:26:33] (risos)
 [00:26:33] A: Pedro tem uma veia aristocrática
 [00:26:35] L: Tua nona não veio da Itália não?
 [00:26:38] V: A *nona* da tua *nona*
 [00:26:40] P: Minha *abuela*
 [00:26:42] (risos)
 [00:26:42] A: Tua *abuela*, vai
 [00:26:43] P: E eu negro com uma veia aristocrática, com toda certeza um rei Bantu, lá da África, Deus queira que sim,
 [00:26:50] V: Veio parar na Barbalha
 [00:26:52] P: No Crato por exemplo, eu vi uma pessoa falando recentemente que o Crato jamais elegeria um prefeito que não fosse nascido lá enquanto aqui no Juazeiro não tem isso
 [00:26:59] L: A gente não tá nem aí
 [00:27:00] V: Não, é
 [00:27:01] P: Sobrenome, onde é que você vem, é tipo, meu filho, você vai vender o quê, alumínio, facão, candeeiro
 [00:27:07] V: Mas vai vender aqui?
 [00:27:10] (risos)
 [00:27:10] V: Se for, tudo bem... o emprego é pra cá? aí se for, tudo bem
 [00:27:14] A: É, a gente é assim
 [00:27:15] P: Mas eu desde criança eu escuto coisa tipo assim "Essa Barbalha é atrasada demaaaais, homi, o negócio é Juazeiro, o povo de Juazeiro não tem preguiça, o povo de Juazeiro tudo.."
 [00:27:25] V: Tudo pobre, tem que trabalhar (risos)
 [00:27:27] P: E em Barbalha o povo cochila, ó as história que eu escutava
 [00:27:30] V: Meu Deus do céu...
 [00:27:31] (risos)
 [00:27:31] L: Pedro veio fazer a caveira de Barbalha nesse episódio
 [00:27:33] P: Tira cochilo depois do almoço, como é que uma cidade dessa vai pra frente?
 [00:27:37] V: Minha gente
 [00:27:37] A: É mas tem cidadezinha pequenininha que que eu acho muito interessante assim né? eu fui numa cidadezinha pequenininha lá no Pernambuco e de fato, depois do almoço as coisa fecha lá eu fiquei passada
 [00:27:49] P: A cidade fica deserta
 [00:27:49] V: É um costume europeu
 [00:27:51] A: Eu fiquei passadíssima... espanhol
 [00:27:55] P: Pronto, é minha veia europeia, o que eu faço é cochilar...
 [00:27:56] L: A *siesta*
 [00:27:57] V: É verdade (risos)
 [00:27:57] L: Muito bem

[00:27:57] A: Gente, eu fiquei passadíssima, eu doida pra comprar um refrigerante num tinha assim, uma coca

[00:28:03] V: Todo mundo dormindo

[00:28:03] P: Fica deserta a cidade

[00:28:05] A: Fica desertíssimo, o povo fecha e tá nem aí, aí eu que massa, pode crer

[00:28:10] P: Mas um cochilo recentraliza a pessoa

[00:28:12] V: Eu acho importante

[00:28:12] A: E aqui se fosse instituído aqui em Juazeiro

[00:28:14] V: Já pensou

[00:28:14] A: Mas o povo só pensa em comércio..

[00:28:17] V: Aqui, pelo amor de Deus... o povo só pensa em vender, vender, vender, vender, só pensa em dinheiro aqui no Juazeiro

[00:28:23] (risos)

[00:28:23] P: E no Crato realmente assim, é a cidade da cultura né, eles adoram dizer que o Crato é a cidade da cultura mas é... eu fico com raiva é por isso

[00:28:31] V: O Crato é leonino?

[00:28:31] L: Tem o que fazer não

[00:28:32] P: Com toda a certeza do mundo (risos) bicho tem gente que só

[00:28:35] V: Eu vou olhar só aqui qual é o aniversário do Crato

[00:28:35] A: Mas se tu der é um discurso na verdade

[00:28:39] P: Mas deixa eu dizer que tem gente que só nasceu no Crato, foi simhora

[00:28:41] V: Padre Cícero

[00:28:43] (risos)

[00:28:43] A: O Crato é o Pernambuco do nordeste, porque o Pernambuco é extremamente bairrista

[00:28:49] L: O Pernambuco do nordeste é ótimo

[00:28:50] A: O Crato é o Pernambuco do nordeste porque o Crato

[00:28:53] V: Do Nordeste, amiga?

[00:28:54] A: Peraiinda

[00:28:54] P: Do Cariri

[00:28:56] A: Do Cariri, sim

[00:28:57] (risos)

[00:29:00] P: Tipo, você se sente mais brasileiro...

[00:29:02] A: O Crato está pro Cariri, eu quis dizer assim, o Crato está pro Cariri assim como Pernambuco está para o nordeste, foi isso que eu quis dizer

[00:29:08] V: Eu entendi

[00:29:09] A: Ó, o povo do Crato sabe cantar o hino do Crato

[00:29:12] P: Eu fico louco com isso

[00:29:12] L: Ei cara cantar o hino

[00:29:15] A: Pergunte se Aninha sabe cantar o hino do Juazeiro, não sei

[00:29:18] V: Eu nunca ouvi

[00:29:18] P: Ei, mas eu sei "Canta, Barbalha, a tua...." num sei se esse é o hino da Barbalha não

[00:29:24] (risos)

[00:29:24] P: Pensando bem, eu comecei a cantar mas pode ser uma *fake news* musical

[00:29:26] A: O povo do Crato tem orgulho de ter nascido lá mesmo como você disse

[00:29:29] V: O Crato é taurino

[00:29:30] P: Por isso que come tanto filhóis

[00:29:34] V: Meu Deus do céu

[00:29:35] (risos)

[00:29:35] V: Deixa eu ver o Juazeiro...

[00:29:37] A: Mas o Crato, eu gosto demais do Crato minha gente, Cratim de açúcar

[00:29:38] P: Não, o que eu quis dizer é que tem gente que só nasceu no Crato aí tem 60 anos, já morou fora a vida toda, quando vai falar do Crato é com um orgulho "Ah que gente bonita, só tem no Crato"... Inês das Cunhãs, só nasceu no Crato, minino ela vai falar do Crato pra dizer "Camilo é nascido no Crato"

[00:29:52] A: Mas é só um discurso

[00:29:52] P: Ele tem o título de eleitor dele em Barbalha mas ele é nascido no Crato

[00:29:55] V: O povo num fica dizendo

[00:29:57] P: Por isso que ele é bonito

[00:29:58] V: Do Padre Cícero que "ô meu Deus, o Padre Cícero nasceu no Crato"

[00:30:01] A: Ele num trouxe o filho dele pra nascer aqui, Camilo né, no Crato que diga

[00:30:04] P: Quem?

[00:30:05] A: O filho de Camilo

[00:30:06] P: Pensei que ia dizer que Jesus Cristo nasceu no Crato

[00:30:08] V: Minha nossa

[00:30:10] L: Não, foi no Pará

[00:30:11] (risos)

[00:30:11] A: Ei quando eu era criança eu achava ó que Jesus nasceu no Belém de Pará

[00:30:17] V: Ain, eu só imagino Jesus dançando Calypso

[00:30:20] (risos)

[00:30:21] ?: Jesus dançando

[00:30:23] V: O Juazeiro é canceriano

[00:30:24] P: E Barbalha?

[00:30:24] A: Aii

[00:30:27] P: Eu vou chutar que Barbalha é.. pisciano

[00:30:29] V: Qual o dia do aniversário de Barbalha? 17 de agosto

[00:30:29] A: Virginiano é?

[00:30:32] V: Leonino, nasceu bem pertim de mim

[00:30:35] P: É..

[00:30:36] A: Ai que saudade do Pau da Bandeira da muléstia

[00:30:38] P: Eu tava na fé que ia rolar Pau da Bandeira esse ano, já tava pensando que ia comprar a passagem já mas muito difícil

[00:30:43] L: Mas ia ser pro final do ano né? esse ano

[00:30:46] P: Porque tem tem que se organizar né? tem que fazer o feriado, tem que chamar as banda,

[00:30:51] V: Cortar o pau

[00:30:51] P: Cortar a muléstia do pau

[00:30:53] A: Eu num sou nada sem o Pau da Bandeira minha gente

[00:30:55] L: Depois que a gente se conheceu a gente foi pra um Pau da Bandeira só né?

[00:30:58] P: Foi

[00:30:58] A: Foi

[00:31:00] L: Depois do Budejo, só deu tempo de fazer um e cabou

[00:31:00] P: O que Aninha ficou cuidando de tu

[00:31:04] L: De todo mundo, foi só de mim não

[00:31:06] (risos)

[00:31:06] V: Que fique bem claro

[00:31:07] A: Minha gente eu só ofereci água pra vocês

[00:31:10] (risos)

[00:31:11] A: Só 'bebam água'

[00:31:11] P: Ninguém faz isso não amiga, o povo oferece loló pra gente nos canto
[00:31:14] (risos)
[00:31:17] L: E depois a gente foi cuidar de Amandita né, com biscoito e indo atrás pra cima e pra baixo
[00:31:21] A: E a gente voltou de topic, foi bom demais
[00:31:23] L: Foi, foi mesmo
[00:31:25] A: Ai que saudade
[00:31:25] P: Ai que saudade de botar boneco nos canto
[00:31:27] (risos)
[00:31:28] A: Saudade de ir pra uma manifestação lá no no dia do cortejo
[00:31:32] P: Mas sempre tem a a uma manifestação feminista né? a marcha das mulheres
[00:31:38] V: Eu lembro de quando a gente xingou a Eunícia
[00:31:39] A: Eu lembro numa greve que a gente xingou o Camilo pra "Governo cara de pau, professor paulera" era a gente escreveu isso nas camisas
[00:31:48] V: No Pau da Bandeira?
[00:31:48] A: No Pau da Bandeira, tão bom..
[00:31:50] L: Contra Camilo?
[00:31:51] A: Contra Camilo
[00:31:52] P: Mimilo?
[00:31:52] A: É a gente tava na greve meu fi, a gente é combativo, tem isso não, tem que dar os nossos salários
[00:31:57] V: Muito bem
[00:31:59] A: Marminino, hoje em dia a gente chora pra num ter um capitão Wagner na nossa vida
[00:32:04] (risos)
[00:32:04] P: É, é...
[00:32:06] A: Muita história, a gente graças a Deus
[00:32:07] V: Se eu fosse esse ano era fazendo a campanha para...
[00:32:09] A: Não, tem isso não... na hora de votar é tipo assim sabe, a gente se une contra o mal maior, mas é a gente não deixa de criticar
[00:32:17] V: Claro
[00:32:17] A: O que for necessário criticar...
[00:32:19] P: É, tem que ser oposição na hora de ser oposição e na hora de combater o mal maior, depois a gente resolve
[00:32:25] A: Depois a gente resolve nossas diferenças
[00:32:27] V: Depois a gente fala mal do..
[00:32:28] A: Votar em quem Camilim indicar depois a gente resolve as diferenças
[00:32:32] L: Eu já tô mei preocupado em ter que criticar Lula, não tô mais acostumado a criticar Lula né? eu num tinha idade pra criticar Lula...
[00:32:39] A: Tem que dar um tempo, Luan tem que dar um tempo
[00:32:41] V: Não mas eu acho que quando for necessário, Luan num instante volta ao normal
[00:32:45] L: Tu acha?
[00:32:45] V: Tenho certeza
[00:32:47] A: Minha gente, sei não, o fascismo tá correndo solto aí, eu acho assim que a gente tem que dar um tempo...
[00:32:51] V: Não, a gente deixa ele ganhar
[00:32:52] A: Mesmo assim, depois dele ganhar, eu tenho medo de golpe
[00:32:56] L: Aaaah, tem que dar um tempo pra ele fazer o que ele quiser
[00:33:00] V: É verdade

[00:33:02] A: O dinheiro ainda tá guardado preu ir mimbora, eu sei lá minha gente, eu num confio muito não, eu tô com medo

[00:33:06] P: Eu queria que ele fizesse campanha de casa, pelo zoom... esse desgraçado desse homi num foi pra um debate, ei gente, sabe o que eu tava lembrando, que no, em 2018, ele falou que não ia pro debate né, eu mandei mensagem pruma amiga minha dizendo, mandando a notícia eu eu disse "Tu viu, o f**** (filhadaputa) não vai pro debate..."

[00:33:22] L: Bolsonaro né?

[00:33:22] P: Anram, ".. ganhamos, não tem perigo dele ganhar"... olha que doido, ele ganhou sem ir pra nenhum debate assim, quando eu me lembro disso eu fico em transe

[00:33:27] V: Mas talvez se ele tivesse ido ele tivesse perdido, falando

[00:33:30] L: Não, com certeza, ele tivesse ele teria perdido

[00:33:33] A: O pior era justamente isso, eu tava na época do mestrado rodeado de gente, minha orientadora é cientista política né? eu rodeada de gente extremamente inteligente que assim, era cada tacada que eu já tinha um olhar extremamente pessimista quando eu foi na época da eleição dele porque era um pior cenário possível e minha professora me explicava várias coisas sobre o lance do debate, dentre outras coisas e eu não tinha assim esperança, eu já tava morta por dentro já

[00:33:56] V: Avemaria

[00:33:58] A: E olhe, e já é é uma, toda eleição eu gosto de ir pra casa de Iuk que é lá em Barbalha e na na eleição pra praa ver a contagem né, eu nunca chorei, eu tava em Avelar, um bar onde tem a cerveja mais gelada do mundo, e vende codorna né? que eu gosto de de, de chamar de andorinha, aí a gente, eu eu nunca chorei tanto na minha vida que eu achava que ele ia ganhar no primeiro turno, porque ele tava ganhando, armaria, eu num gosto nem de lembrar

[00:34:26] P: Sabe onde era que eu tava?

[00:34:27] A: Onde é que tu tava?

[00:34:28] P: Nesse momento tu tava em Avelar, na minha cidade e eu tava no Starbucks da Avenida Paulista

[00:34:34] (risos)

[00:34:34] V: Meu Deus do céu

[00:34:35] P: Trancado na starbucks pensando "Meu Deus, será que vão começar a virar carro aqui" tava um clima super tenso e eu tava, eu tive febre

[00:34:43] A: Eu tava assim chorando, chorando, chorando sem parar, sem parar, isso no primeiro turno "Vai ganhar, vai ganhar no primeiro turno essa desgraça" e passando os carro de som lá em Barbalha que Camilo tinha ganhado, num sei o quê né, ganhou disparado..

[00:34:56] P: O Camilo ganhou no primeiro turno?

[00:34:56] A: Oxe, disparado

[00:34:57] L: Foi, com 82%

[00:35:00] A: Fez nem cócega...

[00:35:00] V: Ei Pedro, e assim que tu chegar tu vai transferir teu título né?

[00:35:05] A: É Pedro meu fi, cada voto importa nesse momento

[00:35:07] P: Ai meu Deus do céu, preguiça (riso)

[00:35:09] A: Pois você vote

[00:35:11] P: E eu faço tanta campanha pro povo transferir título, mas eu digo assim

[00:35:13] V: Pois então tu vai comprar passagem pra tu vir votar? O que é que tu vai fazer?

[00:35:16] P: Eu posso votar em trânsito, aí lá eu posso votar no presidente... que se eu transferir

[00:35:22] V: E Renato Roseno?

[00:35:22] A: E capitão Wagner? vai ganhar aqui por sua causa?

[00:35:25] P: Não mas se eu transferir eu vou votar lá, eu vou votar em João Dória por exemplo... João Dória vai ser candidato não, né? ele tava no segundo turno?

[00:35:31] V: Quem liga?

[00:35:32] A: Quem é que sabe daquela desgraça?
[00:35:35] P: Eu sei lá, intão, geralmente eu não me importo, eu num quero ficar morando lá não meu povo, pelo amor de Deus...
[00:35:39] L: Então tu já não quer estar lá no final desse ano?
[00:35:42] A: É pra vir votar aqui então
[00:35:43] V: E tu vai ficar zanzando é, agora?
[00:35:45] P: Eu vou entrançar o Brasil todim, me leva Brasil
[00:35:49] A: 1, 2, 3 milhaaaas
[00:35:50] (risos)
[00:35:51] A: Pra patrocinar a gente
[00:35:52] (risos)
[00:35:54] P: Não, eu num espero ficar quatro anos assim, sei lá, ter que votar pra prefeito... votar de novo pra presidente
[00:35:58] V: Minino, a eleição é esse ano...
[00:35:59] P: Ai amiga mas eu num queria
[00:36:01] V: Ahh, agora entendi, tu não quer, tu não quer transferir teu título pra lá porque tu não sabe como vai estar daqui a quatro anos..
[00:36:07] A: Compre uma passagem e venha votar aqui
[00:36:09] P: É, pode ser também, mais uma desculpa pra vir, mamãe vai amar
[00:36:11] V: Tem que votar no Renato Roseno ainda, também
[00:36:14] P: Renato Roseno tem que ganhar de novo
[00:36:15] V: Então
[00:36:15] P: Ei, faz tempo que a gente não chama Renato Roseno, mas cês perceberam que a gente tava falando de Cariri
[00:36:20] L: Pouquinho
[00:36:20] A: Vamo, vamo, vamo combinar da gente tá junto, no dia da contagem dos votos
[00:36:24] L: Bora, bora
[00:36:26] P: A gente tem que combinar de tá junto no dia da posse
[00:36:27] A: Também, também
[00:36:29] L: Bora pra Brasília
[00:36:30] P: Óbvio que a gente vai
[00:36:31] L: Bora, bora
[00:36:32] A: É sério, é sério? começar a juntar dinheiro agora
[00:36:34] P: Vai ser uma coisa, vai ser uma coisa assim como brasileiro que você vai dizer "Eu estava lá"
[00:36:38] L: É, vai ser tipo o fim da guerra assim, tá ligado... o dia do
[00:36:43] A: Pois ó, tá confirmado
[00:36:45] L: Bora
[00:36:45] A: Ouvintes, é pra cobrar a gente pra gente se organizar
[00:36:48] V: Não, cobrar não, eles tem é que apoiar pra gente poder ir
[00:36:51] V: Apoia nós pra gente ir
[00:36:52] L: E vamo junto
[00:36:54] V: A caravana do Budejo
[00:36:56] A: Pedro num instante chega lá de
[00:36:58] L: Não deu certo no Pau da Bandeira mas dá na posse do homi
[00:36:59] P: Mas tem um ouvinte que já falou que vai hospedar a gente no dia da posse, lá em Brasília
[00:37:02] A: Eu tenho um primo lá também, dois primo lá
[00:37:02] V: Então tá bom, e se Aninha tiver morando lá já?
[00:37:07] A: Ain, acho mei difícil...

[00:37:10] P: Vocês lembra o tempo que a gente chamava os ouvinte pra vir pra cá, dia desses uma pessoa mandou direct no Budejo dizendo "Ei, eu vi, tô conhecendo vocês agora, tô ouvindo episódio antigo e soube que tem uma história de topic..." (risos) Que ow mulher, isso é..

[00:37:21] A: Só se foi antes do fim do mundo

[00:37:24] L: Foi antes do fim do mundo

[00:37:24] P: Foi antes do apocalipse

[00:37:25] L: Eu fico tão triste com isso, às vezes em quando rola um comentário assim, eu me sinto péssimo mas p*** (porra), não vai dar pra receber ninguém né bicho nessa pandemia por enquanto, é f*** (foda)

[00:37:30] A: Quebrou nossas perna essa pandemia

[00:37:35] P: Tem uns episódios né, que a gente num num fala do Cariri desse jeito, né? pois venham que vai rolar num sei o quê

[00:37:39] A: Venha simbora, nós vamos pro Cangaço com vocês...

[00:37:43] V: É mesmo

[00:37:44] L: E a gente teve uma janela muito pequena, do Budejo em que deu pra chamar

[00:37:48] P: Minúscula, o pior que agora assim, depois disso tudo, vocês já tomaram a terceira né? todo mundo já tomou a terceira dose, e é um rojão pra gente fazer isso que a gente tá fazendo aqui, gravar presencialmente..

[00:37:58] L: Unrum

[00:37:58] P: Imagine receber

[00:37:59] V: E agora que tu vai simbora?

[00:38:00] P: Não, tô falando assim, que mesmo só nós quatro, já é uma questão da gente se encontrar...

[00:38:04] V: Então

[00:38:05] P: Essa gravação de hoje foi arranjada porque nossa convidada tava com alguém que testou positivo, imagine receber uma pessoa que vem num sei de onde, tem muita gente que vem num sei de onde

[00:38:13] L: Pois é

[00:38:14] A: E a gente adiou várias vezes também porque eu precisei fazer teste porque eu tive uma suspeita, Luan também, pois é, enfim, tá difícil até pra nós

[00:38:19] L: Eu também

[00:38:24] P: Então fiquem, joguem no Google "Fotos Barbalha", talvez a imprensa sensacionalista coloque crimes mas não condiz com a realidade

[00:38:34] V: Ou miséria

[00:38:35] P: Quer saber pra encerrar com uma história de Barbalha? Barbalha era uma cidade muito pacata, teve um assalto dia desses, minha gente foi a comoxão

[00:38:43] (risos)

[00:38:43] A: A comoxão...

[00:38:44] P: O povo gritando histericamente na rua "Como pode, assalto em Barbalha"

[00:38:49] A: Assaltaram o quê amigo, o que foi?

[00:38:51] V: Uma pessoa?

[00:38:51] P: Roubaram Juci

[00:38:51] V: Quem?

[00:38:53] A: Quem foi?

[00:38:54] P: Assaltaram um celular de Juci

[00:38:56] A: Ah, pensei que era um assalto num opção, mercadim opção

[00:38:59] P: Roubaram o celular de Juci e é uma coisa assim que não pode, tempo desse né, inclusive colocaram

[00:39:05] (risos)

[00:39:06] P: Ela fica rindo, foi traumático

[00:39:10] V: A pobi de Juci
[00:39:10] P: Ninguém espera ser roubado
[00:39:11] A: Pobi de Juci, senhor
[00:39:13] P: Aí quando foi que começou, eu tô tirando onda mas assim, tem a questão das drogas que até na zona rural é um problemão, mas aí abriram uma delegacia do raio lá que é aquela galera que fica ostentando metralhadora no mei da rua
[00:39:27] L: Sim
[00:39:27] V: Povo, pra que diabéisso
[00:39:28] P: É isso, e no tempo do raio tinha um meliante na cidade que atendia pelo nome de Sorvetinha,
[00:39:35] (risos)
[00:39:35] P: Sorvetinha ela assaltava o povo, eu fiquei bicho, como é que pode...
[00:39:42] V: O raio era pra prender Sorvetinha?
[00:39:42] (risos)
[00:39:43] P: Mas olhe só, porque ninguém conseguia
[00:39:45] A: Cara, Sorvetinha (risos)
[00:39:45] P: Ninguém conseguia prender Sorvetinha
[00:39:46] (risos)
[00:39:47] P: Ela ela roubava numa Bis, e era assim, ia ela numa Bis e um menino atrás, uma criança
[00:39:55] (risos)
[00:39:56] P: E o pior, que Sorvetinha ela não só roubava a pessoa, ela humilhava
[00:40:00] (RISOS)
[00:40:00] V: Oxe...
[00:40:03] P: Ela chegava de moto, assim, a pessoa andando na rua, ela dava um tapa no peito da pessoa, assim ó "Pah" nossa sei lá aí o menino era criança, pegava o celular e subia, ela ainda dava um um cavalo de pau e saia rindo assim dando uma gaitada bem alta "kakakakakakka"
[00:40:18] V: Gente e nunca ninguém deu uma surra em Sorvetinha?
[00:40:20] P: Ninguém pegava Sorvetinha
[00:40:22] A: Tem que escrever um livro sobre ela
[00:40:23] P: E o perigo
[00:40:25] V: Ela já te assaltou?
[00:40:25] P: Não, nunca me assaltou, mas eu morria de medo
[00:40:28] (risos)
[00:40:28] P: Mas eu tô falando isso adulto, tá ligado, isso foi literalmente um dia desses, aí mas a gente ia sair de casa tipo assim, ah eu tô saindo com os menino, "Pois cuidado com Sorvetinha"
[00:40:37] (risos)
[00:40:37] A: Amigo, por que esse nome?
[00:40:40] V: Não é cuidado com o ladrão não, é Sorvetinha, única ladra
[00:40:42] P: E era a única ladra que existia, tá ligado?
[00:40:45] V: E era empoderada
[00:40:47] L: Empoderadíssima
[00:40:47] V: Feminista
[00:40:49] A: Olhai a representatividade... mas porque esse nome?
[00:40:48] P: Em cima duma Bis amiga, que num num...
[00:40:48] V: Com uma criança
[00:40:54] A: Porque o nome Sorvetinha, tu sabe?
[00:40:56] P: Porque eu acho que o corpo dela parecia um sorvete
[00:40:58] A: Ah, sim

[00:40:59] V: Meu Deus do céu
[00:41:00] P: Aquele sorvete do canudo assim, era o apelido dela, aí Sorvetinha foi presa, e todo mundo "Ai Sorvetinha foi presa.." a maior comemoração, aí já chega a fofoca "Sorvetinha foi solta", ela era de menor
[00:41:12] A e V: (sonoplastia de surpresa)
[00:41:13] A: Meu Deus...
[00:41:14] P: Ninguém sabia, todo mundo achava que Sorvetinha era assim o cérebro da facção tá entendendo? era uma pessoa muito vivida, ela tinha 17 anos.. só que disse que o medo era levar um tapa de Sorvetinha
[00:41:23] V: Foi o raio que
[00:41:25] A: (RISOS)
[00:41:27] P: Espero que sim, que tinha..
[00:41:28] V: O pior não era perder o celular não, era levar um tapa de Sorvetinha
[00:41:32] A: Pedro, brigado
[00:41:33] P: Teve uma tia de uma amiga minha que contou a história, foi muito triste porque eu tava morrendo de rir que nem vocês tavam rindo agora aí ela chorando e contando a história, que tava andando e só sentiu um tapa assim "Tah" e ela chega fez assim "Aaaah"
[00:41:44] (risos)
[00:41:49] P: E eu doido pra dar uma gaitada meu Deus do céu, quando ela descobriu que era tipo uma menor de idade fazendo isso com o povo...
[00:41:53] L: Mas esse último assalto em Barbalha foi Sorvetinha?
[00:41:57] P: Ah não, já não foi mais Sorvetinha, Sorvetinha já é maior de idade, inclusive
[00:42:01] V: Ai parou
[00:42:02] P: Ninguém sabe mais cadê, ninguém sabe mais
[00:42:03] V: Então, eu acho que ela deve ter completado 18 e disse não, agora, eu vou repassar pra outra pessoa...
[00:42:05] P: Ela tercerizou né
[00:42:10] V: Ei, meu pai tá com uma conversa agora que quer ir morar em Barbalha, disse que estava olhando o preço do aluguel, que é muito bom morar em Barbalha, num sei o quê, eu vou mandar ele assistir esse episódio, pra ele ouvir tu falando de Barbalha...
[00:42:20] L: Num é? Pedro acabou com a imagem de Barbalha
[00:42:25] P: Ah cara, tipo assim, eu sou bem sincero sobre minha cidade, eu amo do fundo do coração mas é é... sabe aquela amiga que você cuida dela e tudo mais mas que você diz "cara, ela é errada.." cuidado que aquela é errada
[00:42:37] V: Sei
[00:42:37] P: Pronto, é Barbalha, Barbalha é essa amiga
[00:42:39] V: Tipo eu, Aninha e West
[00:42:44] P: Eu digo, Barbalha é errada, apesar de ser linda
[00:42:48] L: Muito
[00:42:50] V: Menina moça mesmo Barbalha
[00:42:48] A: Uma menina moça
[00:42:50] P: E é uma maravilha assim, acho que uma coisa que me define, ser geminiano e ser barbalhense (risos), dê essas duas informações, a pessoa vai dizer "Aaaah, por isso, tá explicado.."
[00:43:00] V: Pedro de beto de beto
[00:43:04] L: Ai meu povo
[00:43:07] P: Mas venham pra Barbalha, Sorvetinha se aposentou
[00:43:09] L: Se você tem coragem, você vem
[00:43:10] V: É
[00:43:11] L: Depois disso tudo

[00:43:13] (risos)
 [00:43:13] L: Semana que vem estamos de volta, um cheiro!
 [00:43:16] A: Cheiro
 [00:43:17] P: Beijo
 [00:43:17] V: Tchau
 [00:43:18] P: Me desejem me sorte
 [00:43:19] A: Vai dar tudo certo
 [00:43:20] Vinheta

Budejo Podcast:

**Nas asas do sertão – Episódio 2 da Série Mestres do Vale Encantado
 (10 de agosto, 47 minutos).**

Participantes:

Aninha - A

Gilson - G

Pedro Philippe - P

Luan Alencar - L

Mestre Françuli - MF

Jefferson Bob - JB

[00:00:02] O podcast que você ouve agora é uma produção da Central 3
 [00:00:07] A: Chegamos na cidade que não dorme, não, não fomos visitar nenhum museu orgânico em Nova York, a gente acabou de estacionar o carro em Potengi, uma cidadezinha com menos de 9 mil habitantes e existe uma razão pro lugar ter ganhado esse título de "A cidade que não dorme" (som de ferragens). Esse som é uma versão resumida do que acontece na madrugada do bairro Vila Alta, nós chegamos em Potengi no período da tarde, quando só uma casa de ferreiros ainda estava funcionando, na beira da CE 292, o espetáculo sonoro acontece mesmo no meio da madrugada.
 [00:00:48] G : Três horas da madrugada
 [00:00:49] A: Três da manhã, é a cidade que nunca dorme.
 [00:00:53] G: Às vezes eu venho 3 horas e o menino já tem começado a limpar tudo.
 [00:00:57] A: Esse é Gilson, ele e todos os outros ferreiros de Potengi começam a trabalhar nesse horário por conta do calor, isso porque a técnica que eles usam é muito parecida com a medieval, eles ficam do lado da forja, onde colocam a peça no fogo para que a liga metálica fique maleável, depois tiram ela com uma pinça e colocam em cima de uma bigorna onde em dupla martelam o ferro quente para dar forma ao objeto, então dá pra imaginar que fazer tudo isso numa sala fechada e com uns 35 graus que costuma fazer durante a tarde em Potengi, seria completamente inviável.
 [00:01:34] G: é um trabalhando com o martelo e outro com a marreta.... aí nós vamos modeando o ferro de um lado e outro
 [00:01:48] ?: ele tá bem quente
 [00:01:48] G: é, aí o ferreiro puxa e o ajudante ajuda com essa maior ali, aí se torna mais, quando vai pegando a prática, se torna mais fácil
 [00:01:58] P: Enquanto a gente conversa, numa sala ao lado tá seu Osmar, ele é pai de Gilson e tá ali finalizando algumas peças
 [00:02:05] G: ah, meu pai já tem uns 30 anos de profissão ou mais
 [00:02:09] L: e é tradição da cidade né, essa...

[00:02:10] G: é cultura da cidade, aí vai passando de geração em geração, porque aqui praticamente os imprego que tem não dá, é só a prefeitura, né, aí não dá pra todo mundo, aí se obriga a entrar no ramo

[00:02:23] F: esse é um negócio de família, além do pai, o irmão de Gilson também é ferreiro, juntos os dois fazem certa de 60 peças por dia, são foices, enxadas, facas, picaretas, que depois vão ser levadas pro patrão para serem vendidas no Maranhão, Pernambuco, Piauí e outros estados do nordeste. Apesar dessa profissão ser um dos principais ofícios da cidade, os ferreiros ainda não foram considerados Mestres da Cultura, nem suas oficinas são Museus Orgânicos, só que não demos viagem perdida. Depois de nos despedirmos de Gilson e seu pai, entramos no carro e vamos encontrar com um senhorzinho simpático, conversador e genial, essa palavra genial hoje em dia é usada para qualquer coisa, mas nesse caso eu juro, não é exagero, não à toa, ele é conhecido como "O inventor do sertão".

[00:03:12] Vinheta

[00:03:18] A: Eu sou Carol Aninha

[00:03:21] P: Eu sou Pedro Philippe

[00:03:22] A: E essa é a série Mestres do Vale Encantado: Tesouros Vivos do Cariri, uma produção do Budejo Podcast, com a Pachorra Felitti Áudios, Livros e Filmes.

[00:03:32] P: No episódio de hoje vamos visitar duas pessoas em Potengi que moldaram suas vidas olhando pro céu. Mestre Françaçuli se encantou com aviões na infância e passou a fazer miniaturas de aeronaves sem que ninguém lhe ensinasse e Jefferson Bob é tão apaixonado por passarinhos que transformou o sítio de sua família em um observatório de aves visitado por turistas do mundo inteiro.

[00:03:58] P: Nós chegamos em Potengi num domingo, então o Museu Orgânico Oficina do Mestre Françaçuli tava fechado, mas uma coisa você provavelmente vai perceber ao longo dessa série, é que os Mestres são sempre acessíveis e adoram receber visitas, então a gente não pensou duas vezes e foi bater na casa de Francisco Dias de Oliveira, conhecido como Mestre Françaçuli.

[00:04:22] MF: aí a buodega é fechada...

[00:04:26] ?: Bom dia

[00:04:27] MF Bom dia, a...esse comércio é fechado aí aí eu não arrumei ali

[00:04:33] P: Françaçuli tem 81 anos e mora sozinho na casa em que a gente acabou de chegar, sua esposa faleceu há 7 anos e os filhos vivem no Crato, quando a gente entra, ele já vai falando com Ricardo, o nosso guia e velho conhecido do mestre, sobre um facão que ficou de fazer pra ele mas num tinha ficado pronto a tempo da nossa visita.

[00:04:52] MF: Mas agora vamo supor nessa semana eu vou ao Crato comprar um remédio, que meu remédio tá se acabando, só dá até quarta-feira, aí é preciso eu ir, aí eu levo ela

[00:05:04] P: O remédio que Françaçuli precisa comprar é pra visão, nós nos encontramos pouco tempo depois dele ter feito um procedimento nos olhos e o médico recomendou que ele não trabalhasse por um tempo, mas você já deve imaginar que ele não consegue ficar parado

[00:05:17] MF: pois é, pois eu vou ficar lá, vou passar dois dias lá, que eu vou ajeitar, botar um radiador no carro que o radiador furou, aí não tem jeito de soldar porque esse radiador é de plástico

[00:05:30] P: A gente tá na garagem da sua casa, um cômodo estreitinho, com algumas cadeiras, uma bicicleta, mas o que chama atenção é uma motocicleta que ele fez com sucata, e que usa para andar pela cidade, a moto do Françaçuli carrega na dianteira uma placa "Presente do SESC Ceará" que identifica o piloto "O inventor do sertão"

[00:05:51] MF: Isso a gente gosta de aqui, gosta de brincar comigo, aí ele chega lá na oficina ela tá lá encostada, ele chega com o celular, bate aqui a xérox da placa dessa moto "Ah, sargento, num tem não" disse "oxente, que moto é essa que num tem placa?" eu digo "a placa é na frente, na luz" "eu nunca vi dessas placa", aí que ele é alegre comigo, gente boa demais...

[00:06:13] P: Françuli quer que a gente conheça o museu, disse que não é problema sair de casa no domingo, que em cima de sua 500 cilindradas ele chega lá num instante

[00:06:23] MF: aquiser ir pra lá, nós vamos, eu vim só porque eu tava lá e hoje era domingo, eu eu mandei fazer limpeza nos zói e aí disseram que precisava passar oito dias sem trabalhar, eu num tô trabalhando, eu fiz tua faca porque era pra você e eu digo rapaz, prata boa não mareia, eu tando conversando com um homem que compreende é como um rio cheio de madeira que nunca pende, e é prata que num mareia, eu uso como (????) que é todo de uma vez

[00:06:50] P: A gente entra no carro e segue o mestre que parte desimbestado na sua motinha pelas ruas de Potengi

[00:06:58] Vinheta

[00:07:13] P: Chegamos no Museu Orgânico Oficina do Mestre Françuli, o espaço tem uma espécie de antessala onde ficam algumas peças que o inventor tá trabalhando como candeeiros, cadeiras, facões, funis, e foi lá que ele se sentou numa cadeira de macarrão pra gente conversar. Ao lado nos deparamos com um salão enorme, onde um Françuli esculpido em madeira recepciona os visitantes que chegam para apreciar dezenas de miniaturas de aviões de vários modelos, balões, asa deltas e helicópteros. A maioria pendurados por fios de nylon preso no teto e outros maiores, ficam expostos no chão. As paredes azuis do museu tem fotografias do mestre em meio às suas obras. Françuli é apaixonado por aviões desde criança, mas o aeroporto mais próximo de Potengi fica em Juazeiro do Norte, a 95km de distância e só foi inaugurado em 1954, quando ele já tinha uns 12 anos de idade. Então quando menino, sua única referência eram as aeronaves que passavam a muitos e muitos metros de altura da sua cabeça, tudo o que ele tinha era a imaginação para esculpir em madeira de imbiritanha seus primeiros aviõezinhos.

[00:08:15] MF: é aí eu inventei fazer esses aviõezinhos preu brincar mais os meninos, quando era dia de domingo ajuntava tanto minino lá na casa de meu pai, nós brincando lá debaixo de um pé deu pau, fazia de madeira, quebrava, os menino chorava eu dizia "meu fi, num chore não, que eu faço um do mesmo jeito, se você chorar eu num faço não", aí os menino se calava, que quando os menino me via pular por onde eu andava "ei, Françuli, nós vamo brincar domingo?" "pode ir que nós brinca", era só brincar, eu gosto tanto de criança, porque eu me criei só fazendo aquilo pras criança, mas eu gosto tanto de criança que quando eu vejo uma criança chega dá vontade deu pegar porque eu gosto de criança (risos)

[00:08:53] P: Com o passar dos anos, Françuli aperfeiçoou sua técnica e passou a usar flandre e zinco para os aviõeszinhos, e as miniaturas ficaram mais fiéis às originais quando ele voou pela primeira vez, já com 65 anos, de Juazeiro a Amapá

[00:09:07] MF: tinha até um avião assim na agência, e eu fui tirar foto dele, tirei a foto na cabeça, eu olhei assim, memorizei, cheguei fiz um e ta aí

[00:09:17] P: Depois disso o mestre não parou mais de voar

[00:09:20] MF: eu só não voei de helicóptero, mas de asa delta, ultraleve, paraprego, aqueles paraprego que é feito uma asa, eu já voei de avião mas de helicóptero nunca, já chegou a ocasião deu voar, mas eu tava doente, aí um rapaz chamou eu pra ir mas eu tava doente num pude ir, que eu passei um ano paralítico

[00:09:42] P: Em 2018 Françuli teve problema sério de saúde, uma bactéria na perna e uma pneumonia o deixaram de cama

[00:09:49] MF: Saí daqui desenganado, o doutor disse "esse aí num volta do Crato não, vocês vão levar" foi até meus fi que levaram, "aí ele num volta do Crato não" e o quê? quando foi com três dias eu cheguei caminhando, e o povo ficaram assombrado, será que é a alma dele? não, é eu mesmo! (risos) e Graças a Deus tô aqui

[00:10:07] P: Hoje completamente recuperado o Mestre se orgulha da sua produção

[00:10:11] MF: Ferro aqui nessa oficina só tem que eu não fiz esse bujão, aquela máquina de solda e esse esmeril aí, o resto tudo fui eu que fiz, tesoura, tudo, balde, ó, o que tem aqui fui eu que fiz

[00:10:25] P: Como já deu pra perceber, aviõezinhos não são a única especialidade de Françuli, tudo o que vem na sua cabeça ele consegue transformar em realidade e isso lhe rendeu seu título [00:10:36] Vinheta

[00:10:42] MF: é até um nome do Inventor do Sertão que tá desde 83, 83 ô foi seca aqui, 81, 82, 83, aí tinha aqui no município do Assaré, as águas secou, só ficou água num poço artesanal daquele dos cano assim, 55mm, aí tinha uma mulher que morava lá perto de nós, e tinha uma fia casada com um rapaz de lá, aí foi passear lá, chegou lá uma sede maior do mundo, o povo passando sede, tirando água com as latinha de óleo, botava dentro, tirava, tava bebendo o outro vinha, tomava de beber que a sede era grande, o gado com sede, aí a muié foi passar lá e foi e disse "rapaz, vocês numa luta dessa e eu sei quem tira vocês desse sofrimento aí" ai disse "quem é?" "é Françuli, Françuli inventa um negócio pra tirar água aí"

[00:11:37] P: Presta bem atenção à história que Françuli tá contando agora, isso aconteceu há 40 anos então a gente pode dizer que há mais de quatro décadas já corria pelo sertão a história de que havia um inventor em Potengi que poderia solucionar todo tipo de desafio da engenharia

[00:11:51] MF: Aí disse "onde é que esse senhor mora" "mora em Potengi" "pois vamo nesse instante lá", ajeitou, o homem pegou vexado, pegou um burro e lá é longe, pra umas quatro léguas

[00:12:02] P: Quarenta quilômetros separam Assaré de Potengi, são mais de meia hora de carro hoje em dia, mas ali era começo dos anos 80 e aquelas pessoas precisaram montar em um burro e cruzar o sertão em busca do tal inventor

[00:12:15] MF: Aí ele saiu de lá, quando foi meio dia eu tava numa casa ali do finado Pedro ele chegou disse "ei" procurando quem era eu "ele tá lá numa casa aculá", chegar lá ele disse "o senhor que é o seu Françuli? eu queria falar com o senhor" "pois não?" eu descí, "rapaz é porque nós tamo lá com sede e olhando pra água" "e porque não bebe?" "porque num pode tirar, é num poço profundo, a água bem rasiinha"

[00:12:42] P: água havia, o que faltava era o mecanismo para tirar a água do poço

[00:12:46] MF: "seu Françuli, dá quatro metros, a gente olhando assim, o gado chega, cheira a boca do cano e berra com sede" "nóis dorme sem janta porque não pode fazer janta, não tem água" aí eu digo "rapaz, isso aí só Deus que pode botar a mão no meio, se fosse num poço, tinha jeito, que a gente fazia um balde, derribava, chegava lá, enchia e tirava, mas num cano, moço? não tem condição, só Deus... eu digo rapaz, é o seguinte, de noite eu vou bolar, quando for amanhã você venha aqui que eu vou bolar, ver se consigo isso aí, mas é muito difícil, pra inventar né?" bote que tá inventado é fácil, aí ele foi simhora, aí eu vim, cheguei, tomei baim, aí cheguei e fiquei pensando "mas meu Deus, como é que eu vou fazer isso, porque como é que enche? num é descer num cano? pra descer e encher, num tem jeito não" fiquei pensando e pedindo a Deus... quando foi quatro hora da madrugada entra uma coisa na minha cabeça (risos) rapaz, mesmo uma pessoa dizendo, eu num via não, eu num via e nem também via a voz, mas entrou na minha cabeça direitinho "tu faz um cano, um cano de 1m, mas fino do que o outro só um pouquim pra descer..

[00:14:10] P: A solução que se desenhou na cabeça dele como se fosse alguém lhe soprando uma dica, era uma geringonça cilíndrica e extensa como um cano muito grosso que ia descer no posso, se encher de água e uma engrenagem que o próprio Françuli bolou ia se fechar guardando a água ali dentro

[00:14:28] MF: Mar ali é um milagre de Deus, porque eu num sei não rapaz, com é que, na minha cabeça ali direto, aí eu me levantei, estendi uma folha de zinco, medi um cano de 150mm, botei com 145, aí fui, fiz, fechei o cano, e manheceu o dia, eu trabaiando e sem merenda, quando eu fiz o cano fui ali em Zeca, "Zeca, me vende um pedaço de talba redondo" risquei assim no zinco, olha, destamanho, 12cm de grossura, aí ele coisou "dá pra tu furar um buraco no meio assim?" cheguei lá fiz uma válvula, marrapaz uma coisa da minha cabeça dizendo, só não fazia era falar, mas aí eu fui e fiz a válvula bem feitinha, procurei o buraco aí preguei um pedaço de

coro aí e fiz a válvula, quando ele descia, assubia a rampa, quando enchia, que a gente puxava, a água pesava de tampar... mermo uma pessoa dizendo, rapa aquilo ali só sendo um milagre, aí eu fiz, aí quando eu fui saindo ele ia chegando, um burro chegando moiado de suor, eu digo "rapar, eu boleei num negócio aqui, vai dar certo, aí venha cá pra olhar" ai disse "eu já sei que dá certo, quanto é isso aqui? eu pago por todo o preço?" "eu digo não, o senhor leve, salve a situação lá, quando for um dia de feira que o senhor vier nós acerta, vá salvar a situação do povo" ele aqui só fez pegar o balde, montou no burro e voltou pra trás, num se sentou, porque pra puxar a água pro povo beber, voltou na mesma hora, rapaz quando chegou lá deu de primeira, eles puxando com a mão assim, aí foi depressinha, encheram vasilha e tudo, aí pronto, aí quando foi no domingo eu tava lá aí dei fé, lá vinha ele, ele e mais dois, aí chamou "aí rapaz, como é que tá lá?" "rapaz lá tá um céu" "eu num disse que só Deus era quem podia acudir? porque outro não ia acudir não, agora Deus acudia"

[00:16:27] P: Só Deus, sabe quando alguém fala das construções dos povos ameríndios ou dos egípcios e atribuem aquilo aos extraterrestes? querendo dizer que as pirâmides de Gizé e o santuário de Macchu Picchu são perfeitos demais para terem sido feitos por seres humanos daquele tempo? então talvez Françuli divida um pouco com Deus os créditos das suas invenções porque tanta engenhosidade parece ser demais pra mente de um simples agricultor do sertão do Cariri, só que Françuli é um gênio, não um gênio que completou, estudou o básico e entrou na faculdade, ele é um gênio por si só, mas ele sabe que é alguém especial e que é visto como alguém especial.

[00:17:07] MF: Aí eu num disse nem o preço, mas eu ia pedir 8mil réis naquele tempo, naquele tempo era 15, eu ia pedir 8 cruzeiros, aí ele foi e disse "rapaz nós fizemos uma cota lá, ajuntemos 12 cruzeiros, aí trouxemos pra você" aí eu fui "tá bom, num tem nada não, ora mais", aí eu ia pedir 8, aí eles deram 12, "fizeram a conta, mas tinha uns que num tava lá, mas depois eles fica lhe agradando" eu digo "tá bom", passei o inverno todim rapaz comendo, um trazia um cozinhado de feijão assim um mói de feijão, o outro trazia uma melancia, o outro um girimum, o outro um milho, o outro trazia uma duzia de ovos, o outro um frango, e eu passei o inverno todim comendo (risos) o outro trazia arroz, arroz verde, pegava, torrava e pisava e trazia pra eu, aí eu digo marrapaz esse cano saiu caro, saiu foi caro, porque eu passei o inverno todim comendo milho, feijão, melancia, marrapaz essa invenção me deu tanta e foi inventado... aí lá eles foram, butaram o apelido neu de "O inventor do sertão"

[00:18:24] Vinheta

[00:18:31] P: A gratidão das pessoas impactadas pelas invenções do mestre renderam a ele esse título do qual Françuli muito se orgulha, mas o que ele queria era deixar um legado e pra isso precisava preservar sua obra de alguma maneira

[00:18:44] MF: Que quando eu era pequeno, eu trabalhava mais meu pai na roça eu dizia "ó meu pai, eu vi aquela história de Patativa do Assaré, aquela história daquele cantor lá do Pernambuco, eu digo eu vou trabaiar pai pra deixar uma história no Potengi, quando eu morrer fica a história" ai ele foi disse "ai meu fi, é muito difícil" eu deixei até um repente com ele, eu era minino, com oito anos, eu digo "meu pai, o anel é pregado num dedo e o dedo é pregado na mão, se acaba e fica lama e vai o homem e deixa a fama, quando eu for eu vou deixar uma história aqui" ói, e tá feita a história

[00:19:21] P: Em 2019 Françuli começou por conta própria a montar o museu ao lado de sua oficina

[00:19:27] MF: Mar meu pai dizia, meu pai num sabia ler não, ele só trabalhava na roça, ele dizia "meu fi, mais vale a pessoa querer e num poder do que poder e num querer" porque eu queria montar um museu mar num podia, num tinha condição, nem o ferro podia comprar, ó esses martelo, tudo foi eu que fiz, ói, essa tesoura fui eu que fiz

[00:19:51] P: Professores e pesquisadores da Universidade Regional do Cariri, do Centro Cultural Dragão do Mar, ajudaram o mestre nessa empreitada só que o museu não ficou aberto

por muito tempo. Mas em 2018 o espaço foi reinaugurado após uma reforma e dessa vez com o título de Museu Orgânico. Françuli se levanta da sua cadeira de macarrão e começa a fazer um tour pelo museu, enquanto conta histórias de suas peças, como a de uma faca bem antiga que tava ali encostada num canto

[00:20:19] MF: Essa faca é porque eu tava na feira aí um caba tava vendendo umas faca, aí eu cheguei, peguei uma faca, aí fiz assim ela pá, torou, eu digo vixe como é fraca, "o senhor vai pagar a faca" ai eu paguei e fiz uma, cheguei eu digo opa moço, o senhor faz isso com ela, soltou ela, tá linheirim linheirim, pode cortar até o pau "quem foi que fez essa faca?" "fui eu, eu trouxe pra lhe dar essa faca, agora o senhor não vende não, é só pra andar no mei das ruas" ai toda vez que eu via ele na feira ele ficava assim, "ó a faca ainda tá aí" ai eu digo "e essa faca?" que ela tando amolada, que ela num tá afiada não, eu só fiz o cume aqui, e tá faltando o polimento, mas ela corta todo o pau, nem vira nem arranca buco, aí o caba disse "marrapaz, eu num sabia que o senhor fazia isso" aí eu antes daberdo (??) ela, inverga mas num se quebra, o astro da silibrina, quando num chove librina quando num mata ensina (risos)

[00:21:20] P: Ele se aproxima de um ultraleve, um pouco maior do que a média de suas miniaturas e vai explicando seu funcionamento enquanto mexe em mini-alavancas que movimentam peças do avião

[00:21:30] MF: Pra ela movimentar ó, direitim, o caba vai ó, ela faz isso, o vento bate ali, quando faz desse lado do mesmo jeito, pra subir, aqui ó, pra descer, aqui, pra dar curva nas assas

[00:21:44] P: E o próximo projeto de Françuli é fazer uma outra ultraleve parecida com essa, só que com uma diferença

[00:21:51] MF: Agora eu vou fazer uma, mas já é em outro modelo, eu vou fazer, esse ano eu já vou começar a trabaia nela, eu vou inventar, eu vou fazer ela em um sistema porque minha casa é lá, num tem aquela garagem? eu vou fazer ela pela entrar naquela garagem e ela vai ter oito metro de asa, quatro prum lado e quatro pra outro e é pra entrar dentro daquela garagem (risos) ela vai fechar as asa assim, quando ela fecha ela entra na garagem, quando ela sai, quando a gente chegar num ponto de voar, abre as asas dela

[00:22:21] P: Pois é, Françuli, aos 81 anos de idade, tá projetando um avião pra ele mesmo sair voando por aí

[00:22:27] MF: Vai ser desse jeito, três roda, a cadeirinha aqui, o motor vai ser aqui, e aqui o caba faz carreira nela, vucu, quando ela dá um 60km o cara sai sozinho ela levanta, fez assim faz planagem, fez assim dá curva, fez assim dá curva pro outro lado, ela dá curva por longe, mas dá, vai devagazim dá... isso aqui a gente sai pegado aqui, ela vai correndo vuuuum, pega vento, chega em cima faz a planagem, se fizer assim ela baixa, o vendo bate aqui ela desce de ponta, tem que baixar bem pouquim, aí a gente vai, quando quiser dar curva faz isso, aí faz a curva pra gente

[00:23:15] P: É bem possível que se você convive ou conviveu com avós teimosos, daqueles que não conseguem se aquietar, uma hora dessas você esteja com uma pequena crise de pânico ouvindo os planos de Françuli, a gente também ficou, mas se serve de alguma coisa, se tem uma pessoa nesse mundo que eu não duvidaria que seria capaz de construir um avião sozinho e levantar vôo nele, essa pessoa é Mestre Françuli, O Inventor do Sertão.

[00:23:41] Vinheta

[00:23:50] A: Deixamos Françuli aproveitar seu resto de domingo e vamos em direção à zona rural de Potengi, depois de alguns bons minutos de estrada de terra, chegamos no Sítio Pau-Preto, onde já somos recepcionados por outros seres aéreos (som de passarinhos). Essa sinfonia é protagonizada por um João-xique-xique, uma ave endêmica do nordeste brasileiro, típica da caatinga. Também se junta à cantoria um farinheiro, ou um tem-farinha-aí, ave que tem esse nome porque seu canto parece alguém perguntando "tem farinha aí?", essa recepção sonora denuncia que chegamos ao Museu Casa dos Pássaros do Sertão.

[00:24:38] Vinheta

[00:24:44] A: Enquanto a gente saía do carro e preparava os equipamentos, o anfitrião vinha nos receber, um jacú muito simpático e acostumado com a presença humana chegou de mansinho e ficou no meio da nossa equipe e quando a gente se distraiu ligando o gravador, ele entrou no carro e subiu na direção. Você pode conferir esse momento na galeria do episódio em nosso instagram @budejoposcast, mas não foi um jacú boa praça que a gente veio conhecer, quem tava nos esperando mesmo era Jefferson Bob, biólogo e apaixonado por aves.

[00:25:16] A: Olá, tudo bom? Aninha, Luan... Bob nos recebe no alpendre do seu sítio, um espaço com várias cadeiras alcochoadas, bem confortáveis e nas paredes várias fotografias enormes feitas por ele de diferentes espécies de pássaros. A vista do lugar é estonteante, como era julho, a mata ainda estava bem verdinha, e por ser uma área preservada a vegetação do entorno é bem frondosa. Na nossa frente fica um mini-lago com plantinhas que dão frutos para atrair beija-flores e outros tipos de pássaros, e alguns metros depois um açude enorme, que foi construído pela bisavó de Bob e era conhecido como Açude Dona Ana. Dona Ana e o marido Abraão Gonçalves chegaram nessas terras na década de 30, a filha do casal, Josefina Zizi e seu marido Mário Gonçalves, passaram a trabalhar com agricultura e pecuária e se tornaram grandes produtores da região. A fazenda então ganhou o apelido de Sítio Pau-Preto, e vai passando de geração em geração, até chegar em Bob. Em 2019 o lugar virou o Museu Orgânico, voltado para observação de pássaros, mas antes disso ele já tinha uma ligação muito forte com a cultura, só que não tinha absolutamente nada a ver com aves.

[00:26:31] JB: Minha primeira participação no movimento cultural é no hip-hop, eu venho da cultura hip-hop mesmo, então ali nos anos 90 pro início da década de 2000 eu era muito atuante, depois foi que eu migrei pra cultura popular, no meio disso eu virei Secretário de Cultura, aí me dediquei à cultura popular

[00:26:48] A: Secretário de Cultura do estado?

[00:26:49] JB: Do Potengi

[00:26:50] A: Mesmo antes de se envolver com o hip-hop, a relação de Bob com a cultura sempre passou pela música

[00:26:56] JB: As coisas da cultura na verdade, eu acho que quem cresce no sertão já tem a cultura né? já tem essa ligação com a cultura popular, com a cultura sertaneja, com o modo de vida do povo daqui, isso aí eu acho que é uma coisa que vem natural, como eu cresci vindo pra cá, pra esse sítio, pra casa de meu avô, eu sempre tive muito contato com a música do Luiz Gonzaga, isso aí eu acho que é marcante pra todo mundo, que a música de Luiz Gonzaga fala das coisas simples daqui né, fala do modo de vida do povo, fala dos bicho, fala da natureza

[00:27:24] A: E através da música ele queria divulgar Potengi e inseri-la na rota cultural do Cariri

[00:27:29] JB: A gente teve a banda Ferreros, que eu fui vocalista, que as músicas dos Ferreros elas falavam da cultura de Potengi e o objetivo de divulgar pra ver se as pessoas....

[00:27:43] A: E o nome...

[00:27:44] JB: é em homenagem aos ferreiros, aí os Ferreros, as músicas falam dos reisados, falaram de Françuli, a gente se apresentava no festival de circo e de teatro, festival dos Inhamuns, que era circo de bonecos, Mostra SESC a gente se apresentou

[00:27:56] A: Bob contou que uma das suas grandes frustrações é que ele até hoje não conhece nenhuma nota musical

[00:28:00] JB: Como eu tinha um grupo de rap antes, aí os meninos que eram da música mesmo montavam as músicas, eles disseram "não, tu escreve, e canta no teu formato, a gente monta a música em cima" era desse jeito, fazia uma coisa meio embolada, meio rap e eles montavam a música em cima

[00:28:16] A: A banda Ferreros tinha influência do mangue beat, que junta ritmos nordestinos tradicionais com instrumentos eletrônicos

[00:28:26] Música

[00:28:50] A: O nome dessa música é "cabeças desse mundo" e você consegue ouvir ela e outras duas faixas da banda no site Palcomp3.com.br/ferreros.

[00:29:02] JB: E dentro desse movimento a gente tinha teatro, tinha o pessoal que inventava de mexer com cinema, pessoal inventava tudo em Potengi, sem ter nada e inventava tudo. E terminou que funcionou né? que Potengi depois se transformou em rota cultural.

[00:29:17] Música

[00:29:42] A: Tá, mas se Jefferson tem toda essa vivência com música e cultura popular, o que fez com que ele ficasse conhecido com biólogo do Museu Casa dos Pássaros do Sertão?

[00:29:52] JB: Eu sempre, desde criança, gostei de natureza, de mato, de bicho, de passarinho, e sempre quis trabalhar, se eu tivesse oportunidade um dia, em alguma coisa que fosse ligado a bicho e a mato, quando eu tive uma oportunidade de estudar, que eu vi que tinha o curso de biologia, eu fiz biologia, mas por essa intuição de mato, de bicho, de saber que um dia eu poderia trabalhar no campo, mas a coisa da observação de aves ela sempre teve na minha vida, mas em 2010 eu comprei uma câmera que tinha um zoom e comecei a fotografar passarinhos né, a fotografar passarinhos, comecei por hobby, por diversão, e me interessei muito por isso, aí consegui comprar uma outra câmera, um pouquinho melhor e descobri que tinha um site né, que é o WikiAves, as pessoas postavam as fotos de passarinho na internet, eu comecei a postar minhas fotos lá e comecei a aprender ali, aí eu descobri que na região tinha um projeto que cuidava do soldadinho-do-araripe, que é uma ave endêmica da região, aí eu disse, vou lá.

[00:30:54] A: Aqui vale uma pausa pra gente falar do soldadinho-do-araripe. Quando Bob diz que é uma ave endêmica da região, significa que o único lugar do mundo onde ele aparece é na Chapada do Araripe, os machos da espécie são brancos, com detalhes pretos na ponta das asas e na cauda, e um topete vermelho bem chamativo, já as fêmeas são mais discretas, todas verdinhas.

[00:31:21] JB: Você olhar pra reprodução do soldadinho-do-araripe, ele nunca vai no ninho, nem constrói, não faz nada, nem alimenta filhote, nem nada, "ô bicho preguiçoso, deixa só a responsabilidade na fêmea", mas se vier um predador, a fêmea parece uma folha, aí ele vai, distrai o predador sempre, desde a construção, ele é um, o colorido dele é que chama a atenção, "é melhor, melhor eu ir do que meus fi"

[00:31:45] A: O habitat natural do soldadinho são as matas úmidas que acompanham os leitos dos rios da Chapada do Araripe, mas o desmatamento dessas áreas pra produção de pasto e monocultura da cana-de-açúcar diminuiu drasticamente o espaço propício para a vida do soldadinho, ele chegou a ser uma das aves mais ameaçadas de extinção do planeta. O soldadinho-do-araripe carrega esse nome porque ele só está presente em áreas que não foram devastadas pela ação humana, então é como se ele fosse uma primeira linha de defesa da Floresta Nacional do Araripe, por isso a ave que tem o nome científico de *Antilophia bokermanni* é considerada símbolo de preservação ambiental.

[00:32:31] Vinheta

[00:32:34] A: O soldadinho foi descoberto próximo da Gruta do Farias, e até hoje essa região é um dos locais mais privilegiados do Cariri para a observação desse passarim, a trilha ecológica da Gruta do Farias hoje é administrada pelo Arajara Park como um reforço do seu caráter de Parque aquático ecológico e temático, a preservação da biodiversidade local aliada ao turismo ecológico são um dos principais pilares da empresa desde a sua fundação, por isso além de sua grande variedade de atrações aquáticas o Arajara Park criou os Circuitos de Aventura, uma forma de estreitar essa relação da natureza com seus visitantes, dentre eles se destacam as tirolesas, o arvorismo e as trilhas ecológicas. E como forma de agradecer aos nossos apoiadores e apoiadoras, que viabilizam todo o nosso trabalho vamos sortear dois pares de vouchers para o Circuito de Arvorismo + Trilha e dois pares para o Circuito de Arvorismo + Tirolesa, ou seja, quatro apoiadores serão sorteados e cada um poderá escolher uma data durante o ano de 2023

para curtir o circuito com um acompanhante. Para participar é só acessar orelo.cc/budejo e escolher qualquer plano de assinatura e se tornar um apoiador. O sorteio acontecerá no dia 18 de agosto lá no nosso instagram @budejopodcast. Fica aqui também o nosso muito obrigado à equipe do Arajara Park por apoiar essa série.

[00:34:04] JB: Mas, voltando pra Bob, ele já era biólogo quando ficou três anos como voluntário do Projeto soldadinho-do-araripe, mas lá aprofundou seus conhecimentos em ornitologia, o estudo de aves, através de trocas que tinha com Webber Girão, que tocava o projeto e é um dos descobridores do soldadinho-do-araripe.

[00:34:21] JB: E foi lá que ele falou também o seguinte, "olhe, tem uma rota de turismo de observação de aves que percorre o nordeste, as pessoas querem vir pra cá pra região da Chapada do Araripe e não tem, não tem pessoas pra acompanhar, não tem gente, e a pessoa mais próxima de fazer esse trabalho é tu que já conhece os bichos, que tem essa intimidade com mato, a pessoa que guia tá agora mais focada no público estrangeiro, nós não temos uma pessoa pra receber os brasileiros". Aí ele disse "e tu pode ganhar dinheiro com isso" eu fiquei, até eu disse "rapaz, eu tenho é vergonha de cobrar uma pessoa pra me fazer companhia no meu hobby que é a coisa melhor, que eu tenho a maior dificuldade de ter alguém pra ir comigo pra junto do mato, aí como é que eu vou cobrar?" mas ele "não, tu tem que pensar pelo lado profissional né, isso é uma profissão" aí foi dar exemplos de outras pessoas que já tavam vivendo disso, aí eu disse "beleza", ele arrumou os primeiros clientes e tal, ele que definiu o cachê, quanto era que o pessoal ia me pagar e aí eu fui, ainda meio inexperiente, aí depois ele me convidou de novo pra voltar e disse "ó, é isso aí que você tá fazendo, o que você precisa agora é estudar os sons né? porque quem guia precisa conhecer as aves pelos sons, tudo o que tá piando aqui no mato eu sei o que é" eu num aprendi essa coisa das notas musicais porque era uma decepção pra mim, mas isso aqui tampou o buraco, eu sei todos os sons dos pássaros aqui da caatinga, cada bicho que der um pio eu sei o que ele é, sei quem é, aí daí foi que eu comecei realmente a escutar os sons né, a ir aprendendo, eu vinha pro mato, pro mato daqui em casa

[00:35:51] A: Em 2014 Jefferson saiu da Secretaria de Cultura e voltou toda sua atenção para o turismo, hoje ele vende para os seus clientes um pacote completo com guia, transporte e hospedagem no sítio onde a gente tá agora, que serve tanto como ponto de observação das aves quando de pousada e ele é bastante agradecido à Chapada e ao soldadinho-do-araripe

[00:36:13] JB: A Chapada do Araripe é um destino desejado por todos os observadores de aves do mundo, todo mundo quer vir pra Chapada do Araripe porque tem uma ave bonita, colorida e endêmica, aí observando todas essas coisas, né, eu trabalhava, tinha o sítio, tinha essa casa que era uma casa meio tava abandonada, aí um guia que trabalhava com estrangeiro, Ciro Albano, que também é um dos meus grandes incentivadores disse "Bob, se vocês adaptarem essa casa a gente acha melhor ficar aí do que nos hotéis, mesmo que nos hotéis tenha mais, antigamente todo mundo ficava nos hotéis do Crato, naquele Encosta da Serra, ficava pra lá, eu disse "cara, não tenho condições de fazer isso, mas eu vou pensar o que a gente faz aqui". Aí eu e minha mãe que tocamos esse projeto, eu disse "mãe, vamo reformar?" "como meu filho?" "vamo pedir aos nossos clientes?" a gente já tinha os clientes, minha mãe recebia eles em casa, fazia as refeições, né, incentivado pela agência da Fundação Casa Grande, a gente já recebia os turistas que vinham fazer a rota cultural e os almoços eram na casa da minha mãe na cidade. Aí a gente fez uma vaquinha na internet, e aí a gente arrecadou uma grana e começou a fazer a reforma, isso foi em março de 17, quando foi em julho a gente recebeu os primeiros grupos e nunca mais parou de vir grupo pro sítio.

[00:37:25] A: E não é só o soldadinho que atrai turistas do mundo inteiro

[00:37:30] JB: É outra coisa que a Chapada do Araripe é muito importante para a observação de aves, é a quantidade de aves da caatinga né? aí você tem o pompeu, que é um bichinho bem discreto, pouco conhecido pelas pessoas que não são observadoras de aves, tem o bico virado da caatinga, outro bem desconhecido por quem não é observador, inclusive eu não conhecia

essas espécies antes, elas não ocorrem aqui no sítio, ocorrem nas áreas próximas e na Chapada tem bastante esses bichos, aí você tem o tem-farinha-aí que é o farinheiro, ave símbolo do sítio, que foi essa ave que colocou o sítio nas rotas, esse é um bichinho de chão, tem um cantozim, o assovio dele faz (assovio) quer dizer "tem farinha aí?" (risos) boa parte dos sons dos pássaros, os nomes, são onomatopeicos né? é, é, onomatopeicos, aí tem essas aves da caatinga, tem muitas espécies dessas da caatinga, que é a gralha cãcã, que cãcão pra nós, a casaca de couro que é um bicho muito procurado, muito desejado, então são aves, o currupião, que é o sofrevo, então são aves que elas ocorrem com maior frequência na caatinga e a Chapada do Araripe tão todas elas concentradas né?

[00:38:41] A: Enquanto o sítio hospeda esses turistas do mundo todo, a agência de Bob é focada em turistas brasileiros, e esse trabalho proporciona a ele um contato com pessoas de várias regiões do país que se não fosse por essa atividade ele jamais conheceria.

[00:38:56] JB: E eu gosto muito do brasileiro, é, de trabalhar com brasileiro por conta das relações que a gente vai desenvolvendo né? muita gente chega pra ver passarinho e se surpreende com a região "ah, mas eu achei que era mais seco, que não tinha esses açudes com água, que as casas das pessoas eram mais simples né?" tem uma coisa que eu acho bão demais dizer, principalmente, o público principal de observação de aves é o público classe média de São Paulo, que a gente chama né? imagine de São Paulo que é um povo que estudou bastante, né? que tem seus méritos, que tá melhor financeiramente, por mais que ficou fora das realidades do Brasil, né? que as pessoas dizem "ai como o povo daqui é agradável" eu digo "ó, se você chegar em qualquer casa, 11h da manhã eles vão te convidar pra almoçar, mesmo que não te conheçam" aí o pessoal "é mesmo, será?" aí eu vou e levo todo mundo já chama pra sentar, onde eu paro, e aí tem muito cliente que vem pra observar aves e volta pra fazer roteiro cultural, descobrem o sertão, né? Aí eu fui mudando, fui migrando, hoje eu faço roteiros que são mistos, eu não faço mais, eu faço muito observação de aves mas eu sempre misturo com os elementos da cultura popular...

[00:40:12] A: Que está tudo ligado mesmo

[00:40:12] JB: ... tudo ligado, aí quando é em 2019, o SESC e a Fundação Casa Grande que desenvolveram os projetos, reconhece né a casa dos mestres ou as casas que recebem muitos visitantes, reconheceram como Museu Orgânico. A nossa casa já tinha esses visitantes, mas o visitante local chegava aqui e dizia "mas é só uma casa" que é só uma casa né? (risos) e a gente bota comida e os passarinhos vem. E aí eles deram essa dinâmica de criar esses textos, de fazer essa exposição com as fotos, aí ficou, eu acho que isso transformou o nosso espaço em um espaço que atrai também o público da região né, que vem, que vem... olhe o bicho aí dizendo o nome (risos) falando e eu aí, que atrai o público regional e coloca o sítio que já era um roteiro turístico da observação de aves nas rotas culturais da região, e deixa a gente feliz demais

[00:41:11] A: (falando, porém inaudível)

[00:41:11] JB: ... passa a valorizar, o sítio hoje você vê as escolas homenageando o sítio né, homenageando o nosso trabalho...

[00:41:18] A: E essas homenagens são mais do que merecidas, porque o trabalho que Bob realiza vai muito além do turismo, que já traz bastante visibilidade pra região, existe também uma preocupação constante com a preservação ambiental

[00:41:30] JB: Toda essa área que vocês veem aqui, tudo isso já foi roça, então nós vínhamos pra cá e deixamos a mata se recompor né, já tinha uma parte que tava bem adiantada e daí ela vai retornando e os bichos vão retornando, os bichos vão achando que é o lugar deles, e aí eu tenho esse objetivo né? eu trabalho pra tentar fazer com que a gente tenha mais mata pra mais bichos estarem ambientados, vamos dizer assim, e eu faço uma força, quando eu vejo um terreno à venda eu fico tentando achar comprador que tenha essa ideia, e aí nos temos agora vizinho a Chapada da Torre, que foi comprada por um casal que veio pra cá pro sítio, se encantou com o sítio, eu falei "ó, tem um terreno à venda" eles já compraram pra transformar

numa reserva pra observação de aves, os bichos são exigentes né? esse farinheiro se desmatar ele não existe mais, tem aves que eles não, então tem aves que nós perdemos, porque quando desmatou elas não conseguem se locomover né? elas tem vôo curto ou tem dificuldade, então ali se perde, mas quando você deixa a natureza eles conseguem ir repovoando

[00:42:33] A: Depois de uma hora de conversa Bob leva a gente pra conhecer os arredores do sítio enquanto fala da relação dos pássaros com as lendas sertanejas.

[00:42:43] JB: Já ouviu falar na carimbamba?

[00:42:44] A: Não

[00:42:45] JB: Que puxou a menina pro rio... tem a música do Luiz Gonzaga, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, a carimbamba lá na taboa, num tem a música né?

[00:42:58] Música

[00:43:54] JB: A carimbamba é o bacurau, o amanhã eu vou...bacurau tem gente que chama de corujinha, é um bichim, chama bacurau, e o amanhã eu vou é o canto dele (imita o som) amanhã eu vou, e a filosofia do sertanejo é de, do homi até tinha um cara, Geraldinho, já é falecido, aí ele "Geraldim, e as asombrações?" ele "tem mais não, num tem mais mata"... não tem mais mata, num tem mais assobração não, que assobração era muito ligado aos pássaros da noite que cantava, rasga mortaia, aí tem o coisa do manhã eu vou, então uma que é muito conhecida, que é o saci... o saci aparece, o passarinho

[00:44:40] A: Não o saci o menino, né?

[00:44:41] JB: E o que é o, até onde eu sei o que é a lenda do saci né? ficava um assovio no mato, aí a pessoa ia, procurava, procurava, e não achava, aí a pessoa achou né, disse que viu um negrinho sem uma perna e tal, mas na verdade é um passarinho que faz (assovio) assoviava saci, aí tem dia que ele faz bem assim (assoviando) sa-ci pê-rê-rê

[00:45:12] A: Antes de nos despedirmos, Bob fala sobre sua forma de ver a passagem do tempo, que é bem diferente da nossa, que vive na cidade

[00:45:20] JB: O que eu acho muito legal aqui também nessa região que a gente vive é a transformação né, a caatinga, agora vai, alá, começou a secar, aí daqui a pouco fica tudo seco, aí dá aquela saudade do tempo verde, aí chega o tempo verde, aí tem um tempo que fica, abril, maio, aquele tempo verde, o pessoal saudade do tempo seco, é toda uma...caatinga tem isso né, de tá sempre mudando, e mudam as aves também, tem as aves que são as migratórias, só vem no período da chuva, aí a gente já espera, já diz para os clientes "ah, eu quero ver isso" "isso é melhor a partir de janeiro", "o soldadinho-do-araripe, é melhor quando?" "de novembro até março, que é o período da reprodução dele", sempre de novembro a março, que você entrar na mata, vai ter soldadinho cantando, os machos, em outro período ele canta, mas desse período ele canta muito, com muita frequência, a partir de dez horas da manhã ele canta muito, tem várias coisas que a gente vai observando, você vai convivendo com os bichos, vai aprendendo...

[00:46:16] Vinheta

[00:46:23] A: As aves da caatinga e as aeronaves que passavam no céu de Potengi, mudaram o destino dessa cidadezinha, se antes elas só era reconhecida pelos seus incansáveis ferreiros, hoje, com os trabalhos de Bob e mestre Françuli, Potengi é sinônimo de inventividade e preservação ambiental, e tudo isso graças à sabedoria sertaneja.

[00:46:46] Vinheta

[00:46:52] P: A série Mestres do Vale Encantado, Tesouros Vivos do Cariri, é uma produção do Budejo com a Pachorra Felitti Audios, Livros e Filmes. A concepção, o roteiro e edição são de Luan Alencar, a reportagem é Carol Aninha, Vamille Furtado, Luan Alencar e eu Pedro Philippe que também revisei o roteiro e narrei esse episódio junto com Carol Aninha. A produção executiva é de Chico Felitti, a trilha sonora é composta por músicas da banda Sol na Macambira e composições originais de Gabriel Falcão. A gente volta na semana que vem, um cheiro.

[00:47:28] Vinheta

